



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

RAISSA GONÇALVES DE ANDRADE MOREIRA

TIPO, ENTÃO E ONDE EM DADOS DE ORALIDADE EM PODCASTS
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (pt-BR)

JOÃO PESSOA
2024

RAISSA GONÇALVES DE ANDRADE MOREIRA

***TIPO, ENTÃO E ONDE EM DADOS DE ORALIDADE EM PODCASTS
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (pt-BR)***

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito para obtenção do título de doutora em Linguística.

Linha de Pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Denilson P. de Matos.

**JOÃO PESSOA
2024**

**Catálogo na publicação Seção de Catalogação e
Classificação**

M838t Moreira, Raissa Gonçalves de Andrade.

Tipo, então e onde em dados de oralidade em podcasts do português
brasileiro (pt-BR) / Raissa Gonçalves de Andrade Moreira. - João Pessoa, 2024.

261 f.

Orientação: Denilson Pereira de Matos. Tese
(Doutorado) - UFPB/CCHLA.

UFPB/BC

CDU 82-5(043)



ATA DE DEFESA DE TESE DE
RAISSA GONCALVES DE ANDRADE MOREIRA

Aos vinte e seis dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e quatro (26/02/2024), às dezessete horas, realizou-se, via Plataforma Zoom, a sessão pública de defesa de Tese intitulada “**Tipo, então e onde em dados de oralidade em podcasts do português brasileiro (pt-BR)**”, apresentada pelo(a) doutorando(a) **RAISSA GONCALVES DE ANDRADE MOREIRA**, Graduado(a) em Letras pelo(a) Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, orientando(a) do(a) Prof.(a). Dr(a) Denilson Pereira de Matos (PROLING-UFPB), que concluiu os créditos para obtenção do título de **DOUTOR(A) EM LINGÜÍSTICA**, área de concentração **Teoria e Análise Linguística**, segundo encaminhamento do(a) Prof(a). Dr(a). Jan Edson Rodrigues Leite, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O(A) Prof.(a). Dr(a). Denilson Pereira de Matos (PROLING - UFPB), na qualidade de Orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os(as) Professores(as) Doutores(as) Cléber Alves de Ataíde (Examinadora/UFRPE), Adílio Junior de Souza (Examinador/URCA), Rosana Costa Oliveira (Examinadora/PROLING-UFPB) e Henrique Miguel de Lima Silva (Examinador/PROLING-UFPB). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente, Denilson Pereira de Matos, convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao (à) Doutorando(a) para apresentar uma síntese de sua Tese, após o que foi arguido(a) pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Tese, à qual foi atribuído o conceito APROVADO. Proclamados os resultados pelo(a) Sr(a). Presidente, foram encerrados os trabalhos e, para constar foi lavrada a presente ata que será assinada juntamente com os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 26 de fevereiro de 2024.

Observações



Documento assinado digitalmente
CLÉBER ALVES DE ATAÍDE
Data: 08/03/2024 17:06:56-0300
Verifique em <https://validar.j5.gov.br>

Prof(a). Dr(a). Denilson Pereira de Matos
(Presidente da Banca Examinadora)

Prof(a). Dr(a). Cléber Alves de Ataíde
(Examinador)


Prof(a). Dr(a). Adílio Junior de Souza
(Examinador)

Prof(a). Dr(a). Rosana Costa Oliveira
(Examinadora)

Prof(a). Dr(a). Henrique Miguel de Lima Silva
(Examinador)

Emitido em 13/03/2024

ATA Nº 313/2024 - CCHLA - DLPL (11.00.53.05)
(Nº do Documento: 313)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 15/03/2024 14:41)
ROSANA COSTA DE OLIVEIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
1681711

(Assinado digitalmente em 13/03/2024 13:51)
DENILSON PEREIRA DE MATOS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
1736309

(Assinado digitalmente em 13/03/2024 18:48)
HENRIQUE MIGUEL DE LIMA SILVA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
1420051

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número: **313**, ano: **2024**, documento (espécie): **ATA**, data de emissão: **13/03/2024** e o código de verificação: **f8a4f8edb8**

À minha mãe Ana Maria por ouvir, incentivar e apoiar com toda atenção e compreensão. A todos que contribuíram de alguma forma e torceram por mim.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

A tese é como um vasto mar, onde a sensação persistente é de que o destino final está além do horizonte. Chegar até aqui, momento da defesa de tese, representa uma jornada de desenvolvimento acadêmico e pessoal. Durante essa trajetória, aprofundei o campo de estudo, expandi o conhecimento sobre a temática escolhida e desenvolveu as habilidades essenciais para a pesquisa científica, como a capacidade de análise crítica, a organização do pensamento e a escrita acadêmica. Além disso, a elaboração da tese proporcionou uma imersão profunda no universo da pesquisa, permitindo explorar diferentes abordagens, metodologias e teorias, ampliando visão e compreensão do mundo acadêmico. Ao enfrentar os desafios inerentes ao processo de pesquisa, também adquiriu resiliência, perseverança e autonomia intelectual.

Nesse sentido, essa tese representa não apenas o fim de um ciclo, mas também um marco de grande crescimento e amadurecimento pessoal. É a materialização de todo o esforço e dedicação investidos ao longo dos anos, resultando em um trabalho em conjunto (orientanda e orientador) que contribui para a expansão do conhecimento científico. Assim, expressar gratidão é mais do que simplesmente dar graças; é reconhecer e valorizar sinceramente as contribuições significativas que moldaram minha jornada nos últimos quatro anos. Quero expressar meu sincero agradecimento àqueles que deixaram uma marca em meu caminho, enriquecendo meu crescimento pessoal, afetivo e intelectual.

Aos meus pais, Ana Maria e Augusto Cesar (*in memoriam*), que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo suporte incondicional e compreensão em momentos desafiadores.

Às minhas tias Aldaci, Arly e Aparecida (*in memoriam*), que me apoiam e torcem por mim de maneira genuína para que eu trilhe no caminho do sucesso.

Aos primos Almir e Claufer, que são como irmãos, sinônimo de amor e parceria. A presença de vocês e apoio foram uma fonte constante de força e conforto ao longo dessa jornada.

Aos amigos de todos os momentos, Iandia, Livia, Valnikson, Marcos, Laryssa, Julia, Jamile e Rita: vocês tornaram os desafios mais leves e as conquistas mais significativas. Suas risadas, conselhos e companhia foram essenciais para manter o equilíbrio em meio às pressões acadêmicas. Agradeço sinceramente pela amizade e apoio constantes.

À Poliana e Ellen, pela troca constante, pelas risadas compartilhadas e pela comida do afeto que, em meio ao caos, trouxeram paz. A presença de vocês foi um conforto em momentos desafiadores, e agradeço por compartilharem esse espaço de amizade e compreensão.

À Daniela Sayuri, que detém um coração generoso e a quem tenho profunda admiração, expresso meu agradecimento pelo acolhimento, pela amizade e por ser a serenidade diante das tormentas da vida.

À Samyra, mesmo distante fisicamente, está sempre comigo, me contagiando com a sua alegria e bem querer. Sua amizade é fonte constante de ânimo e conforto.

À Liziane, meu ponto de paz, que é uma constante fonte de afeto e apoio ao longo da minha trajetória. Sua presença e encorajamento deixaram uma marca indelével em meu percurso, tornando-o mais leve. Agradeço por ser palavra, apoio, amor e parceria.

À Sueli e Oriel, família de Formiga, merecem meu profundo agradecimento pela receptividade gentil e carinhosa, que transcendeu as barreiras do lar, tornando cada momento especial e acolhedor.

Ao meu orientador Denilson Matos, que não apenas um orientador exemplar, mas uma figura inspiradora e fundamental em minha jornada acadêmica, que me abraçou e foi como um pai para mim, como falo sempre para ele: “é Deus no céu e Denilson na terra”. Eu só tenho a agradecer pela orientação valiosa e inspiração ao longo deste processo. Sua experiência, paciência e dedicação foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho e crescimento pessoal.

Aos Professores do PROLING em que cada um desempenhou um papel vital em minha jornada de aprendizado, oferecendo percepções valiosas, desafios enriquecedores e, acima de tudo, inspirando-me a alcançar meu melhor.

Ao grupo TLB e aos projetos de pesquisa FVNexA e PIBIC por todo conhecimento adquirido, foi crucial para o meu crescimento acadêmico, proporcionando uma base sólida para meu desenvolvimento.

Agradeço também aos membros da banca examinadora por dedicarem seu tempo para avaliar e contribuir para o aprimoramento deste estudo. Suas sugestões e *feedback* foram de grande importância.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela concessão de bolsa de doutorado durante três anos do curso.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a construção desta tese, meu mais profundo agradecimento e aquele abraço.

*“Há que ter alguma coragem.
Há que ter algum sonho correndo nas veias e
um grão de loucura faiscando na alma...”*

Lya Luft

RESUMO

A língua é um fenômeno em constante evolução, moldado pelas práticas linguísticas dos falantes que a utilizam. Eles constantemente ajustam e adaptam sua linguagem de acordo com o contexto em que se encontram e suas necessidades comunicativas específicas. Essa adaptação contínua reflete a natureza dinâmica e flexível da linguagem. A presente pesquisa, de cunho quanti-qualitativo é orientada teoricamente pela abordagem da linguística funcional clássica (LFC), proposta de vanguarda surgidas a partir da década de 70 e 80, com base nas propostas de Givón (1991), Hopper (1991), Hopper e Traugott (1997); e por contribuições de estudos nacionais, Furtado da Cunha (2020), Neves (2007), Castilho (2010) e Martelotta e Kenedy (2015), entre outros. O trabalho tem como objetivo descrever o comportamento dos itens linguísticos *onde*, *então* e *tipo* em contexto de oralidade do português brasileiro e se os itens em estudo sofreram mudanças em suas funções ao longo do tempo, ou se mantiveram as características já descritas na literatura. O *corpus* escolhido para coleta de dados diz respeito a uma amostra dos 25 *podcasts* mais ouvidos pela população brasileira no *Spotify*, dentro do espaço de tempo de 28 de novembro a 05 de dezembro de 2022. Para a análise, consideramos os aspectos morfossintáticos do comportamento dos itens em questão, revelados no exame da gramaticalização dos itens complexos presentes nos dados do *corpus*. A análise realizada, confirma nossa hipótese de que os itens *onde*, *então* e *tipo* passam por um processo de transformação, de mudança de categoria, quando utilizados na fala, especialmente porque as alterações e variações são mais comuns nessa modalidade. Além desses itens estarem sendo utilizados com funções inovadoras pelos falantes do português brasileiro, sendo multifuncional por exercerem tanto funções discursivas quanto funções textuais. A conclusão leva os itens *onde*, *então* e *tipo* estão sendo utilizados com funções inovadoras pelos falantes do português brasileiro, sendo multifuncional por exercerem tanto funções discursivas quanto funções textuais, e a frequência de uso e aceitação desses itens podem variar dependendo do contexto e da audiência-alvo dos *podcasts*.

Palavras-chave: podcasts; oralidade; Linguística Funcional

ABSTRACT

Language is a constantly evolving phenomenon, shaped by the linguistic practices of the speakers who use it. They continuously adjust and adapt their language according to the context in which they find themselves and their specific communicative needs. This ongoing adaptation reflects the dynamic and flexible nature of language. The present research, which is both quantitative and qualitative in nature, is theoretically guided by the classical functional linguistics approach (CFL), a cutting-edge proposal emerging from the 1970s and 1980s, based on the propositions of Givón (1991), Hopper (1991), Hopper and Traugott (1997); and by contributions from national studies, Furtado da Cunha (2020), Neves (2007), Castilho (2010), and Martelotta and Kenedy (2015), among others. The aim of this work is to describe the behavior of linguistic items such as 'onde', 'então', and 'tipo' in the context of Brazilian Portuguese orality, and whether these items have undergone changes in their functions over time, or if they have maintained the characteristics already described in the literature. The *corpus* chosen for data collection consists of a sample of the 25 most listened-to podcasts by the Brazilian population on Spotify, within the time frame of November 28 to December 5, 2022. For analysis, we consider the morphosyntactic aspects of the behavior of the items in question, as revealed in the examination of the grammaticalization of complex items present in the corpus data. The analysis confirms our hypothesis that the items 'onde', 'então', and 'tipo' undergo a process of transformation, a change of category, when used in speech, especially because changes and variations are more common in this modality. In addition to these items being used with innovative functions by Brazilian Portuguese speakers, they are multifunctional, serving both discursive and textual functions. The conclusion suggests that the items 'onde', 'então', and 'tipo' are being used with innovative functions by Brazilian Portuguese speakers, being multifunctional as they serve both discursive and textual functions, and the frequency of use and acceptance of these items may vary depending on the context and target audience of the podcasts.

Keywords: podcasts; orality; Functional Linguistics.

RESUMEN

El idioma es un fenómeno en constante evolución, moldeado por las prácticas lingüísticas de los hablantes que lo utilizan. Constantemente ajustan y adaptan su lenguaje según el contexto en el que se encuentran y sus necesidades comunicativas específicas. Esta adaptación continua refleja la naturaleza dinámica y flexible del lenguaje. La presente investigación, de carácter cuantitativo-cualitativo, está teóricamente orientada por el enfoque de la lingüística funcional clásica (LFC), una propuesta vanguardista surgida a partir de las décadas de los 70 y 80, basada en las propuestas de Givón (1991), Hopper (1991), Hopper y Traugott (1997); y por contribuciones de estudios nacionales, Furtado da Cunha (2020), Neves (2007), Castilho (2010) y Martelotta y Kenedy (2015), entre otros. El objetivo de este trabajo es describir el comportamiento de los elementos lingüísticos 'onde', 'então' y 'tipo' en el contexto de la oralidad del portugués brasileño y determinar si los elementos en estudio han sufrido cambios en sus funciones a lo largo del tiempo, o si han mantenido las características ya descritas en la literatura. El *corpus* elegido para la recolección de datos consiste en una muestra de los 25 podcasts más escuchados por la población brasileña en Spotify, dentro del período del 28 de noviembre al 5 de diciembre de 2022. Para el análisis, consideramos los aspectos morfosintácticos del comportamiento de los elementos en cuestión, revelados en el examen de la gramaticalización de los elementos complejos presentes en los datos del corpus. El análisis realizado confirma nuestra hipótesis de que los elementos 'onde', 'então' y 'tipo' experimentan un proceso de transformación, un cambio de categoría, cuando se utilizan en el habla, especialmente porque los cambios y variaciones son más comunes en esta modalidad. Además de que estos elementos se están utilizando con funciones innovadoras por parte de los hablantes del portugués brasileño, siendo multifuncionales al cumplir funciones tanto discursivas como textuales. La conclusión sugiere que los elementos 'onde', 'então' y 'tipo' se están utilizando con funciones innovadoras por parte de los hablantes del portugués brasileño, siendo multifuncionales ya que cumplen funciones tanto discursivas como textuales, y la frecuencia de uso y aceptación de estos elementos pueden variar según el contexto y el público objetivo de los podcasts.

Palabras clave: podcasts; oralidad; Lingüística Funcional

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Matriz de traços de <i>então</i>	47
Figura 02 - Trajeto do discurso para a gramática.....	75
Figura 03 - Trajetória de mudança semântica.....	77
Figura 04 - Equação da tipologia discursiva.....	101
Figura 05 - Produção e a concepção discursiva presente no <i>podcast</i>	104
Figura 06 - O contínuo de gêneros na comunicação tradicional escrita e falada.....	109
Figura 07 - Inserção do <i>podcast</i> no <i>continuo</i> de gêneros.....	109
Figura 08 - Página inicial do <i>Spotify</i>	112
Figura 09 - Tela de busca do <i>Spotify</i>	113
Figura 10 - Tela de busca <i>podcasts</i> por categorias.....	113
Figura 11 - Página inicial do <i>Chartable</i>	114
Figura 12 - Seleção dos <i>podcasts</i> para análise.....	115
Figura 13 - Top 10 episódios mais ouvidos do <i>Spotify</i>	116
Figura 14 - Critérios de duração para transcrição.....	119
Figura 15 - Página inicial do <i>oTranscribe</i>	125
Figura 16 - Interface do <i>oTranscribe</i> para transcrição.....	126
Figura 17 - Planilha para catalogação dos dados no <i>Excel</i>	127
Figura 18 - Escala gradual da frequência dos itens linguísticos.....	133

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Porcentagem de ouvintes de <i>podcasts</i> sobre educação.....	30
Tabela 02 - Percepção dos ouvintes de <i>podcasts</i> sobre temas educacionais.....	30
Tabela 03 - Quantificação das ocorrências dos itens linguísticos.....	132
Tabela 04 - Ocorrências do item <i>então</i> nas funções discursivas.....	137
Tabela 05 - Ocorrências do item <i>então</i> nas funções textuais.....	146
Tabela 06 - Ocorrências do item <i>tipo</i> nas funções discursivas.....	164
Tabela 07 - Ocorrências do item <i>tipo</i> nas funções textuais.....	176
Tabela 08 - Ocorrências do item <i>onde</i> nas funções textuais.....	198

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Publicações selecionadas para o estado da arte – <i>podcast</i>	24
Quadro 02 - Potencialidades educacionais de um podcast.....	31
Quadro 03 - Publicações selecionadas para o estado da arte – Itens linguísticos.....	34
Quadro 04 - Funções dos textos do português ducentista.....	38
Quadro 05 - Funções dos textos do contemporâneo imprensa.....	38
Quadro 06 - Funções dos textos do contemporâneo acadêmico.....	39
Quadro 07 - Funções dos textos do contemporâneo texto literário.....	39
Quadro 08 - Valores semânticos e sintáticos do <i>onde</i>	42
Quadro 09 - Traços [+ prototípicos] e [- prototípicos] de <i>agora</i> e <i>então</i>	46
Quadro 10 - Funções do <i>então</i> nas sincronias.....	47
Quadro 11 - Quadro resumitivo da posição dos gramáticos quanto à classificação do <i>então</i>	50
Quadro 12 - Quadro resumitivo das novas funções do <i>então</i>	50
Quadro 13 - Funções do <i>tipo</i>	62
Quadro 14 - Princípios funcionalistas.....	65
Quadro 15 - Passagem de item lexical para gramatical.....	90
Quadro 16 - Trajeto da gramaticalização.....	91
Quadro 17 - Processos de mudanças de itens lexicais a partir do processo de gramaticalização.....	91
Quadro 18 - Mudança a partir do maior grau de abstração.....	92
Quadro 19 - Unidirecionalidade vs. mecanismos de gramaticalização.....	93
Quadro 20 - Distribuição de cinco gêneros textuais de acordo com o meio de produção e a concepção discursiva.....	103
Quadro 21 - Taxonomia do <i>podcast</i>	103
Quadro 22 - <i>Podcast</i> como <i>corpus</i> linguístico.....	105
Quadro 23 - seleção dos episódios selecionados.....	118
Quadro 24 - Critérios de transcrição conversacional adotados pelo Projeto Nurc.....	124
Quadro 25 - Fatores de análise.....	127
Quadro 26 - Grupos de classificação do item <i>onde</i>	194
Quadro 27 - Episódios mais ouvidos de <i>podcasts</i> brasileiros.....	222

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Representação da oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva.....	102
Gráfico 02 – Tipos de <i>podcasts</i> mais ouvidos.....	117
Gráfico 03 – Categorias discursivas e textuais do <i>então</i>	135
Gráfico 04 – Categorias lexicais, discursivas e textuais do <i>tipo</i>	161
Gráfico 05 – Categorias lexicais e textuais do <i>onde</i>	193

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
 1 ENTRE O DITO E O NÃO DITO: O ESTADO DA ARTE	22
1.1 Podcast: pesquisas, usos e definições	23
1.1.1 O gênero podcast educacional: descrição do conteúdo temático, estilo e construção composicional (Uchôa, 2010).....	25
1.1.2 Podcast e educação: um estudo de caso (Jesus, 2014)	29
1.2 Os itens <i>onde</i> , <i>então</i> e <i>tipo</i>	33
1.2.1 O item <i>onde</i>	35
1.2.2 O item <i>então</i>	45
1.2.3 O item <i>tipo</i>	53
 2 FORMA E FUNÇÃO: A LINGÜÍSTICA FUNCIONAL CLÁSSICA.....	63
2.1 A perspectiva da linguística funcional clássica	63
2.2 A concepção de gramática para a perspectiva funcional	69
2.3 A mudança linguística dentro da perspectiva funcional	74
2.4 O fenômeno da gramaticalização	80
2.4.1 Princípios de gramaticalização.....	86
2.5 Princípio da Unidirecionalidade	90
 3 ENTRE A TÉCNICA E A PRÁTICA: OS ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	94
3.1 Caracterização da pesquisa.....	96
3.2 Local da pesquisa.....	98
3.3 A escolha do <i>corpus</i>	98
3.4 Seleção dos dados	115
3.5 Procedimentos de coleta e análise	120
3.5.1 O processo transcrição.....	121
 4 A TEORIA NA PRÁTICA: A ANÁLISE DE DADOS	130
4.1 As ocorrências dos itens linguísticos.....	131
4.2 Análise do item <i>então</i>	134
4.2.1 As funções discursivas do <i>então</i>	136

4.2.2 As funções textuais do então.....	145
4.2.3 A gramaticalização do então	155
4.3 Análise do item <i>tipo</i>	159
4.3.1 As funções lexicais do <i>tipo</i>	162
4.3.2 As funções discursivas do <i>tipo</i>	163
4.3.3 As funções textuais do <i>tipo</i>	175
4.3.4 A gramaticalização do <i>tipo</i>	185
4.4 Análise do item <i>onde</i>	191
4.4.1As funções lexicais do <i>onde</i>	194
4.4.2 As funções textuais do <i>onde</i>	196
4.4.3 A gramaticalização do <i>onde</i>	205
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	212
REFERÊNCIAS.....	216
ANEXOS.....	222

INTRODUÇÃO

Os usuários da língua adaptam sua linguagem de acordo com uma variedade de fatores, incluindo suas necessidades comunicativas, o contexto em que estão inseridos e os interlocutores com os quais estão se comunicando. Esse fenômeno pode ser compreendido dentro da perspectiva funcional da linguística, que enfatiza o papel da linguagem como uma ferramenta funcional para atender às necessidades específicas dos usuários em situações concretas de comunicação. Dentro dessa perspectiva, a linguagem é vista como algo dinâmico e flexível, que se adapta às demandas comunicativas dos indivíduos em diferentes contextos.

A partir disso, o *podcast* emerge como uma fonte rica de dados para estudar essas adaptações linguísticas devido à sua natureza oral e informal. Definido como uma ferramenta virtual que tem ganhado espaço significativo na internet, e deriva da junção das palavras “POD” (*public on demand*) e “CAST” (*broadcast*), definido como um programa de mídia que pode ser veiculado tanto em formato de áudio quanto em formato de vídeo. Segundo Richardson (2006), o surgimento do *podcast* ocorreu em meados de 2004, quando Adam Curry (VJ) e Dave Winer (programador) realizaram um programa de rádio via web. Neste contexto, em nossa abordagem, consideramos o *podcast* como um cenário expressivo da língua oral, no qual os fenômenos linguísticos se manifestam em situações fundamentais de comunicação.

Com isso, buscamos investigar os usos da língua, com ênfase nos itens *onde*, *então* e *tipo*, especialmente em contextos de oralidade presentes em *podcasts* do português brasileiro. Estes itens, apesar de sua frequência em textos contemporâneos, têm recebido atenção limitada do enfoque tradicional¹. A lacuna destaca a importância de compreender e contextualizar sua utilização dinâmica na comunicação contemporânea. Embora desempenhem funções gramaticais distintas, nesses contextos orais, esses termos podem atuar como conectivos ou advérbios, contribuindo para a coesão, fluidez e compreensão do discurso. A análise a partir de *podcasts* visa explorar as dinâmicas linguísticas, identificando possíveis mudanças e inovações no uso desses itens em estudo.

Portanto, a escolha recorrente desses itens linguísticos nos *podcasts* do português brasileiro (pt-BR) reflete a demanda por uma compreensão mais ampla e contextualizada de sua função e uso, à medida em que buscam se adaptar à dinâmica contemporânea da linguagem oral. Essa busca por novas configurações discursivas destes itens demonstra a relevância de

¹ O termo tradicional não pretende, em nenhuma passagem deste trabalho, soar como crítica negativa; é somente uma forma de distinguir trabalhos mais vinculados à fortuna histórica da tradição em estudos gramaticais daqueles que têm uma abordagem mais influenciada pela linguística, em especial, a chamada Linguística Funcionalista.

compreender seu papel na estruturação e no dinamismo do discurso em ambientes orais, como os *podcasts*.

Nossa pesquisa se fundamenta na linguística funcional clássica (LFC), proposta de vanguarda surgidas a partir da década de 70 e 80, com base nas propostas de Givón (1991), Hopper (1991), Hopper e Traugott (1997); e por contribuições de estudos nacionais, Furtado da Cunha (2020), Neves (2007), Castilho (2010) e Martelotta e Kenedy (2015). Essa abordagem teórica busca embasar-se em dados da língua oral, permitindo-nos analisar de forma mais contextualizada e realista os fenômenos linguísticos em estudo. Justifica-se que, embora haja um certo grau de controle, o texto oralizado é mais espontâneo do que o texto escrito, e se esses usos estiverem se manifestando, será por meio da própria lógica da oralidade. Dessa maneira, admitindo-se o *podcast* como *corpus* de análise permite-se investigar as dinâmicas linguísticas e identificar possíveis mudanças e inovações na língua portuguesa no espaço da virtualidade.

À vista disso, reconhecemos a capacidade da língua de ser flexível às influências do processo de interação entre os falantes, o que se reflete no uso frequente dos itens *onde*, *então* e *tipo*, nos contextos de comunicação da língua portuguesa no Brasil, conforme observado nos *podcasts* analisados. Para tanto, nossa pesquisa se propõe a explorar as seguintes problemáticas: Quais as motivações pragmático-discursivas que levam os falantes da língua a recategorizarem os itens *onde*, *então* e *tipo* a automatizarem novas funções para uma forma já existente? E quais comportamentos podem ser considerados inovadores na trajetória funcional dos itens em estudo?

Diante dessas questões, levantamos as seguintes hipóteses: Os termos *onde*, *então* e *tipo* passam por um processo de transformação, de mudança de categoria, quando utilizados na fala, especialmente porque as alterações e variações são mais comuns nessa modalidade. Além disso, os falantes da língua podem ser motivados por necessidades comunicativas e contextuais específicas que os levam a recategorizar os itens linguísticos, atribuindo-lhes novas funções dentro do contexto discursivo. E os itens *onde*, *então* e *tipo* estão sendo utilizados com funções inovadoras pelos falantes do português brasileiro, sendo multifuncional por exercerem tanto funções discursivas quanto funções textuais.

A partir dessas problemáticas e hipóteses de pesquisa, estabelecemos o objetivo geral de descrever o comportamento dos itens linguísticos *onde*, *então* e *tipo* em contexto de oralidade do português brasileiro e se os itens em estudo sofreram mudanças em suas funções ao longo do tempo, ou se mantiveram as características já descritas na literatura. Já de maneira específica, atestar a frequência dos usos dos itens *onde*, *então* e *tipo* em dados de oralidade coletados de *podcasts* do português brasileiro (pt-BR), através da quantificação desses itens;

identificar as motivações morfossintáticas, discursivas e semântico-pragmáticas que influenciam o uso das formas *onde*, *então* e *tipo* dentro do *podcast*; comparar os usos dos itens *onde*, *então* e *tipo* por meio de pesquisas já realizadas; identificar e analisar as multifunções dos itens *onde*, *então* e *tipo*, a partir do fenômeno de gramaticalização, em contextos orais de uso.

Julgamos profícua à discussão de trabalhar com o *podcast* no contexto do Português Brasileiro (pt-BR) em nossa tese, visto que o nosso interesse em analisar os itens *onde*, *então* e *tipo*, é devido que nós da linguística funcional, estamos preocupados com o uso e esse *corpus* oferece um conjunto valioso de dados que nos permite aprofundar nosso estudo sobre o uso da língua nesse contexto. Além disso, a natureza oral das produções de *podcast* possibilita analisar a variação de uso, como fenômenos morfossintáticos e discursivos, que ocorrem em um contexto menos formal e mais próximo do uso real da língua, embora que ainda monitorado. Dito isto, a partir das ocorrências coletadas de dados reais de oralidade, obtidos dos *podcasts* selecionados em nossa pesquisa, fornecem evidências empíricas relevantes para nossa investigação:

(1) As cenas vão se repetindo, Né? **Então** como que você rompe com o ciclo? Só sair não basta... (MAMILOS - MAMILOS CULTURA 85: FILME – PASSAGEM – REVISITANDO TRAUMAS, 2022).

(2) Mais um episódio do podcast os economistas ou melhor podcast economia do Brasil nesse formato tá, **tipo** tem outros podcast as vezes com mais audiência outros com menos, mas nesse formato... (OS ECONOMISTAS PODCAST – O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA (GUEPARDO INVESTIMENTOS, 2022)).

(3) A Iveco teve uma ação pontual pra Patrocinar só aquele jogo da Libertadores **onde** o Corinthians foi campeão quando saiu da fila e também... ou seja, é o perigo de você Patrocinar... (Pânico - 02/12/2022 – Apóstolo Arnaldo, 2022).

Os exemplos selecionados têm a finalidade de ilustrar os aspectos analisados em nossa pesquisa, demonstrando como o *podcast* contribui para o estudo da atualização da gramática do português brasileiro, levando em consideração os dados provenientes da oralidade. Através da análise dos *podcasts*, buscamos verificar se os itens em estudo sofreram mudanças em suas funções gramaticais ao longo do tempo, ou se mantiveram as características já descritas na literatura.

No tocante a organização da pesquisa, compreende, além da introdução, referências e anexos, cinco capítulos distintos que admitimos substanciais para a construção de nossa

proposta de tese. O primeiro capítulo, intitulado **Entre o dito e o não dito: o estado da arte**, consiste em um recorte de estudos sobre o *podcast* no contexto do Português Brasileiro (pt-BR) e sobre as pesquisas na perspectiva funcional dos itens *onde*, *então* e *tipo*. A inclusão deste capítulo inicial pretende integrar a primeira fase de nossa investigação, estabelecendo as bases conceituais e teóricas para o trabalho a ser desenvolvido.

O segundo capítulo da tese, intitulado **Forma e função: a linguística funcional clássica**, apresenta o suporte teórico adotado pela pesquisa, à luz da abordagem da linguística funcional clássica (LFC). Nessa perspectiva, a língua não é vista como algo estático, mas sim considerada em função dos usos que os falantes fazem dela em contextos de comunicação, com ênfase nos dados de oralidade presentes nos *podcasts*. Para fundamentar essa abordagem, alicerçamos nosso estudo em trabalhos desenvolvidos por teóricos como Givón (1991; 1995), Furtado da Cunha (2020), Hopper (1987; 1991), Bybee (2010) e outros que nos auxiliaram na construção desta pesquisa. Neste capítulo, discutimos conceitos e argumentos relacionados aos princípios fundamentais do funcionalismo que embasam nosso objeto de estudo. Entre esses princípios, destacamos a gramaticalização, que aborda a trajetória de mudanças linguísticas em direção à gramaticalidade; e a unidirecionalidade, que enfatiza a irreversibilidade dessas mudanças.

O terceiro capítulo, intitulado **Entre a técnica e a prática: os aspectos metodológicos**, descreve os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, apresentando as etapas estabelecidas para a realização da investigação. Com a intensão de alcançar nossos objetivos de pesquisa, delineamos um estudo que visa investigar situações reais de uso da língua. Ao utilizar o *podcast* como meio de coleta de dados, temos a oportunidade de confirmar o que já foi afirmado em estudos anteriores ou, ainda, contribuir com novas compreensões a partir da língua oral. Nesse sentido, o capítulo em questão apresenta a caracterização e o local da pesquisa, fornecendo informações sobre o contexto em que o estudo foi realizado. A escolha do *corpus* utilizado neste estudo foi delimitada levando em consideração que os dados são provenientes da modalidade oral, o que nos permite explorar usos linguísticos não convencionais e ocorrências dos itens *onde*, *então* e *tipo* nesse contexto comunicacional específico. Os *podcasts* selecionados como *corpus* de pesquisa foram obtidos da plataforma de *streaming* do *Spotify*, na versão web. Por fim, o capítulo abrange os procedimentos de coleta e análise dos dados.

No capítulo quatro, intitulado **A teoria na prática: a análise de dados**, realizamos análises dos itens linguísticos *onde*, *então* e *tipo*. Utilizando o *podcast* como coleta de dados, temos a oportunidade de confirmar afirmações anteriores ou até mesmo contribuir com novas abordagens a partir da língua falada. Assim, esses estudos são fundamentados no pressuposto

de que a língua não pode ser analisada isoladamente, sem levar em consideração o falante inserido em um contexto comunicativo.

Nesse sentido, através da perspectiva funcional buscamos compreender como os itens linguísticos selecionados são empregados e quais são as funções que desempenham nas interações comunicativas presentes nos *podcasts*. Observamos como os falantes utilizam esses itens de forma contextualizada, adaptando-se às demandas comunicativas e expressando suas intenções de maneira efetiva. Dessa forma, nossa análise visa explorar a relação entre a linguagem, o contexto comunicativo e a construção de significado.

Por fim, apresentamos nossas **considerações finais** com base nas constatações feitas em relação aos itens *onde*, *então* e *tipo* presentes nos dados orais extraídos dos *podcasts*. Podemos afirmar que encontramos evidências de que esses elementos são amplamente utilizados na nos *podcasts*, refletindo o uso cotidiano da língua. No entanto, também notamos que a frequência de uso e aceitação desses itens pode variar dependendo do contexto e da audiência-alvo dos *podcasts*.

1 ENTRE O DITO E O NÃO DITO: O ESTADO DA ARTE

Como já expusemos na introdução, temos a pretensão, nada ambiciosa, de levantar algumas particularidades de um gênero em que a oralidade se faz presente e associada ao processo da mudança linguística, pode contribuir, de certa maneira, para o processo de atualização da gramática do português brasileiro. É considerado atual, jovem e está presente em nossa sociedade nos mais diversos contextos interacionais, estamos falando do *podcast*.

O nosso *corpus* de análise é o *podcast* e de maneira breve, podemos dizer que ele surgiu em 2004 através da implementação do uso de tecnologia RSS (*Really Simple Syndication*) que visa a distribuição de mídias sonoras (Luiz; Assis, 2010). Entretanto apenas nos últimos anos passou a ser popularizado e hoje o *podcast* é conhecido principalmente por ser de fácil acesso e por possuir uma grande versatilidade na sua composição. A partir disso, inferimos que, por mais popular que o *podcast* seja, ainda existe pouca pesquisa acadêmica a respeito e suas potencialidades, sobretudo no que diz respeito aos usos linguísticos que nele estão circunscritos.

Nesses termos, para a construção deste capítulo, verificamos que as referências bibliográficas de compêndios sobre o assunto é quase que inexistente, ainda não tem uma literatura que aborde o *podcast* e suas reais características, e os usos da língua, certamente devido às necessidades comunicativas da sociedade, vivem em constante mudança e aperfeiçoamento. Dito isto, temos a intenção de averiguar como algumas pesquisas têm estudado o *podcast* na academia, sobretudo, no tocante a sua composicionalidade, tendo em vista que acreditamos que o *podcast* pode funcionar como um rico *corpus* linguístico.

Além disso, neste capítulo, também pretendemos explorar pesquisas sobre os elementos linguísticos *onde*, *então* e *tipo* - que servem como fundamentos para o nosso trabalho. Nossa intenção é obter suporte por meio desses estudos, já que utilizamos o *podcast* como *corpus* linguístico. Isso se alinha à nossa tese, a qual se alinha na Linguística Funcional Clássica (LFC), buscamos analisar esses itens específicos no contexto da língua em uso, em dados de oralidade.

Nesse sentido, este capítulo está dividido em 02 (duas) seções. A primeira delas tem como propósito explorar as pesquisas que têm o *podcast* como foco de estudo, e será subdividida em duas subseções. A primeira diz respeito ao trabalho de Uchôa (2010) que tem como tema principal o *podcast educacional* como sendo um novo gênero que emergiu e se materializou na oralidade; e a segunda subseção tem como foco o trabalho de Jesus (2014) que visa realizar um estudo de caso para discutir o potencial educativo do *Podcast* na escola, favorecendo para uma prática multidisciplinar.

Na segunda seção, examinamos as pesquisas que constituem a base de nosso estudo, subdividindo-a em quatro partes. A primeira delas destaca os estudos de Coelho (2001) e Silva (2008) em relação ao item *onde*. Na segunda subseção, são analisadas as pesquisas de Tavares (2003), Rodrigues (2009) e Cavalcante (2018), que se concentram no estudo do item *então*. Por fim, na terceira subseção, são abordados os trabalhos de Laurentino (2016) e Santos (2017) que investigam o item *tipo*. Esses estudos contribuem significativamente para compreender a função e a mudança semântica desses elementos linguísticos.

1.1 Podcast: pesquisas, usos e definições

Esta seção é de suma importância, pois visa realçar pesquisas que têm o *podcast* como seu principal objeto de estudo. Tal abordagem se torna crucial para legitimar e embasar o uso do *podcast* como um *corpus* linguístico válido. Em nossa pesquisa, sustentamos a ideia de que o *podcast* não apenas pode, mas efetivamente funciona como um *corpus* que abarca uma ampla variedade linguística. A inclusão desses estudos visa fortalecer nossa argumentação e validar o potencial do *podcast* como uma fonte rica e diversificada para análises linguísticas.

Para isso, a pesquisa *on-line* foi fundamental, pois por meio dela foram encontrados vários trabalhos acadêmicos sobre *podcast* nas mais diversas áreas, o que já demonstra sua versatilidade. O critério de inclusão dos trabalhos acadêmicos, no caso, dissertações, encontrados durante a pesquisa no estado do conhecimento foi a disponibilidade gratuita integral na internet do material publicado e a abordagem ou relação direta dos textos com o nosso objeto de estudo. Foram realizadas pesquisas em bancos de dados gratuitos e em português:

- Repositório Institucional da Universidade Federal do Acre
- Repositório Institucional da Universidade Estadual Paulista

A escolha desses critérios para a construção desta seção se deu por meio da pesquisa no *Google Acadêmico*² de maneira aleatória a partir do descritor “*podcast*” “dissertações sobre *podcast*” “*Podcast* e educação” e “*Podcast* e gênero textual”. O quadro 01 demonstra as publicações selecionadas:

² É uma ferramenta do Google que possibilita a localização de artigos, teses, dissertações e outras publicações úteis para pesquisadores.

Quadro 01 - Publicações selecionadas para o estado da arte - *podcast*

AUTOR (A)	TÍTULO	LOCAL	ANO
José Mauro Souza Uchôa	O gênero podcast educacional: descrição do conteúdo temático, estilo e construção composicional	Universidade Federal do Acre (UFAC)	2010
Wagner Brito De Jesus	Podcast e educação: um estudo de caso	Universidade Estadual Paulista (UNESP)	2014

Fonte: A pesquisadora.

A maioria das dissertações, com o *podcast* como tema, centram-se na positividade do uso do *podcast* na educação e na apresentação de práticas realizadas. Nessa linha, tentamos destacar quatro pesquisas que, por mais que tenham algum tipo de relação com a educação, possuem abordagens diferentes que nos dão suporte para entender como ele funciona.

A escolha pelos respectivos trabalhos deve-se ao fato de que estes demonstram os tipos de pesquisas realizadas sobre o *podcast* até o momento, chamando atenção para as circunstâncias que levam à variabilidade de tal uso; enquanto *corpus* de análise, contemplam pesquisas que procuram uma composição para o *podcast* e investigar quais os sujeitos que estão inseridos na sua construção, além disso, é de grande funcionalidade para o ensino. Diante destes fatores, julgamos que as pesquisas selecionadas colaboram com a nossa proposta, no sentido de encorpar os dados referentes ao que já se tem investigado sobre a composicionalidade do *podcast* enquanto gênero discursivo e digital, com destaque para o uso da oralidade, o que contribui uma análise funcional dos usos que estão circunscritos nesse gênero.

Julgamos profícua a discussão, primeiro, pois, ainda não há uma discussão que seja voltada para o *podcast* propriamente dito, principalmente no que diz respeito a natureza oralizada que o *podcast* possui como uma das suas principais características, tendo em vista ser um gênero que utiliza o áudio como o seu principal recurso de transmissão de informação. Assim, acreditamos que se introduz como um grande *corpus* para o estudo das manifestações da linguagem, sobretudo, no que se procura analisar nesta pesquisa, isto é, as ocorrências ou dos diferentes usos no que diz respeito aos itens *tipo*, *onde* e *então*.

Dessa maneira, os autores elencados, Uchôa (2010) e Jesus (2014) por meio de seus respectivos estudos, indicam que há uma versatilidade nos trabalhos que enfocam o *podcast* enquanto objeto de estudo, o que nos certifica que essa característica contribui para o seu crescimento em diversas áreas do conhecimento, por ser acessível ao público, você pode ouvir

o que você quiser e onde você quiser, além de encontrar uma diversidade de conteúdo, o que contribui para uma análise rica e multidisciplinar. Na sequência, vejamos as pesquisas selecionadas, começando com a de Uchôa (2010).

1.1.1 O gênero *podcast educacional*: descrição do conteúdo temático, estilo e construção composicional (Uchôa, 2010)

Uchôa (2010) realiza sua pesquisa trazendo o *podcast* dentro da perspectiva dos gêneros textuais, alegando que os gêneros são responsáveis pela estruturação das práticas discursivas dos sujeitos conforme o contexto em que estes estão inseridos e como organizam as práticas sociais. Essa forma de olhar o *podcast* na perspectiva de gênero, ajuda nosso trabalho, tendo em vista que também temos este mesmo olhar que o *podcast* não é apenas um ItemNet (Matos, 2020; 2022)³, mas ele possui uma composicionalidade que o faz pertencer a um gênero, discursivo ou digital, por exemplo.

O objetivo da pesquisa é fazer a descrição do gênero *podcast educacional*, a partir da perspectiva dialógica bakhtiniana, analisando os exemplares coletados na internet quanto ao conteúdo temático, o estilo da linguagem e a construção composicional. De maneira pontual, o pesquisador demonstra que a prática de *podcast* permite estimular a imersão em outras culturas, o que favorece a efetiva comunicação entre as comunidades de difícil acesso, como, por exemplo, as remotas aldeias situadas no extremo oeste da Amazônia Ocidental, lugares de pouca interação com os centros urbanos. A partir disso, já podemos perceber que o *podcast* é de alta acessibilidade, tendo em vista que pode quebrar barreiras e aproximar culturas.

É pertinente ressaltar que esta pesquisa visa analisar a utilização do *podcast* no âmbito das didáticas de língua, buscando descrever as características desse gênero para uma compreensão mais aprofundada de suas potencialidades pedagógicas. O pesquisador introduziu o termo *podcast educacional* para destacar a relevância desse meio no contexto atual da Web 2.0, onde o compartilhamento de informações é constante e novas abordagens para a operacionalização da linguagem estão sendo experimentadas. A internet se consolida como o suporte ideal para o surgimento de novos gêneros digitais, demandando, assim, novos estudos

³ Conforme Matos (2020; 2022), a proposta do termo ItemNet visa simplificar o trabalho dos profissionais que precisam conviver com a virtualidade em suas demandas de trabalho. Neste sentido, admite-se que quaisquer ferramentas disponibilizadas na virtualidade, em suas mais diversas formas e funções, é um ItemNet. Assim, eliminam-se, substancialmente, dúvidas e incoerências conceituais que, de fato, não alteram a ação daqueles que lidam com tais ferramentas, numa seara tecnológica que surgiu desde o advento do computador. Por isto, eleger tal termo em nossa pesquisa objetiva essencialmente eliminar dúvidas e questionamentos que não agregariam valor à discussão central deste trabalho.

que busquem compreender as transformações linguísticas inerentes ao ato comunicacional no espaço digital.

Nesse contexto, destaque-se que é uma proposta de estudo que considera o processo comunicativo dos falantes, enquanto possibilidade para a dinamicidade e flexibilidade no estudo de línguas, assim o autor abre uma discussão em torno do processo educativo que envolve o *podcast* e sua composição textual. É a partir dessa tratativa de gêneros que Uchôa (2010) desenvolve sua pesquisa, tendo como base as leituras de Bakhtin ([1952-53] 2006), ele conceitua o *podcast educacional* como um gênero digital que foi sócio historicamente constituído, que surgiu da demanda social, do uso situado da linguagem, e das práticas discursivas de cunho pedagógico.

Assim, os capítulos da sua dissertação fazem uma imersão no espaço digital, com base em Marcuschi (2004), Araújo (2005) e Crystal (2007), notou que o *podcast* como instrumento da comunicação alterou profundamente os modos de operacionalizar as linguagens e as novas atividades humanas são incorporadas ao uso da internet ao passo que novos gêneros do discurso vão emergindo. Já na tentativa de compreender a natureza dialógica como os discursos são disseminados em todos os campos da atividade humana, as ideias do Círculo de Bakhtin (Volochinov/Bakhtin, [1929] 1992) são o referencial teórico que norteia as reflexões sobre o *podcast*, demonstrando como estes exemplares se relacionam com enunciados de outrem na cadeia da comunicação verbal (Bakhtin, [1952-53] 2006).

Essa parte da fundamentação, principalmente no tocante a perspectiva dos gêneros textuais, é interessante para o nosso trabalho que estamos desenvolvendo, uma vez que não consideramos o *podcast* apenas como algo que podemos encontrar na internet, mas um gênero que possui suas características tanto formais, quanto funcionais, o que o enquadra dentro da perspectiva dos gêneros discursivos e digitais.

É interessante mencionar que, na parte destinada à análise dos dados, são tomadas como categorias de análises o *conteúdo temático*, o *estilo da linguagem* e a *construção composicional* tendo em vista as definições de (Bakhtin, [1952-53] 2006). Para Uchôa (2010) estes são elementos intrinsecamente relacionados, que na totalidade constituem todos os tipos de enunciados relativamente estáveis disseminados nos mais diversos campos da atividade humana. Desse modo, inferimos que para o pesquisador o *podcast* se enquadra dentro da perspectiva discursiva da linguagem, tendo em vista os diferentes propósitos comunicativos, e o discurso ser relativamente estável. Além disso, os gêneros não são estanques, considerando que a sua materialização acontece por meio das ações comunicativas, e, como consequência, tornam-se híbridos com a intensão de atingir o propósito comunicativo.

Dessa forma, ao selecionar o *podcast* como objeto de análise, o autor valida seu propósito de investigar as diversas funções que podem ser desempenhadas no estudo das línguas, considerando a concepção de gênero discursivo adotada na pesquisa. Em nosso estudo, fica evidente nossa intenção de contribuir para a reconciliação de análises que contemplam tanto o sistema quanto o uso, alinhando o que é estabelecido nos manuais linguísticos com o que pode ser observado nos usos linguísticos dos participantes dos *podcasts*. Portanto, abordar o *podcast* sob uma perspectiva textual, discursiva e digital nos ajudará, assim como na pesquisa de Uchôa (2010), a compreender o processo comunicativo e as regularidades que dele emergem. Esse enfoque é essencial para um estudo funcionalista, buscando compreender as razões e motivações que levam os falantes a empregar determinadas formas linguísticas em contextos específicos.

A partir disso, podemos asseverar que a composição do *podcast* pode mudar conforme as situações sociocomunicativas, atentando para a perspectiva dialógica da linguagem adotada por Uchôa (2010), o falante ao pronunciar o seu discurso, nunca é neutro, mas possui influências socioculturais das situações passadas vividas pelo enunciador.

Em relação à análise de dados, o pesquisador delimitou o tipo de *podcast* que usaria a partir da taxonomia elaborada por Carvalho *et al.* (2008) em que os autores têm como objetivo integrar o *podcast* na prática pedagógica, e assim, apresenta seis dimensões categóricas, a saber: o tipo, o formato, a duração, o autor, o estilo e a finalidade do *podcast*, categorias estas que serão detalhadas no próximo capítulo tendo em vista a intensão de criar uma taxonomia geral que seja própria do *podcast*.

Uchôa (2010) ainda acrescenta que a respeito dos tipos de *podcasts* selecionados, das quatro variações apresentadas (Informativo/expositivo, Feedback, Instruções/ recomendações e Materiais autênticos) por Carvalho *et al.* (2008) foram excluídos do processo de coleta aqueles relativos a *materiais autênticos*, voltadas para o público, e sem o propósito específico de ensinar. A partir dessa escolha, o estudioso procura, inicialmente, fazer uma inserção nas ambiências digitais, descobrindo o papel das Tecnologias de Informação e Comunicação – TDIC na constituição de novas práticas discursivas, e após isso, reflete sobre o *podcast educacional* como um gênero típico das ambiências digitais, especificando as características que o definem como tal, os efeitos comunicativos visados e o caráter fundamentalmente histórico e adaptativo inerentes a esse gênero.

De maneira interessante, na sua análise, Uchôa (2010) verificou que há uma variação de estilo de linguagem em um único episódio de *podcast*, essa constatação tornou mais evidente durante à análise do estilo da linguagem, conforme Bakhtin, o pesquisador atestou que a

taxonomia proposta por Carvalho *et al.* (2008) não difere da definição cunhada pelo teórico russo. Quanto à finalidade, para a seleção dos *podcasts educacionais* na Web 2.0, o autor utilizou a classificação de Carvalho *et al.* (2008) que afirma que os *podcasts* servem para informar, divulgar, motivar para a temática ou para fazer alguma atividade, orientar os alunos para questionarem sobre determinado assunto.

Já as categorias como tipo, formato, duração, autor, estilo e finalidade propostas por Carvalho *et al.* (2008) foram relevantes no processo metodológico de filtração dos exemplares a serem analisados. Durante a análise, Uchôa (2010) considerou como categorias o *conteúdo temático*, os elementos que compõem o *estilo verbal* e a *construção composicional* tendo em vista os preceitos de Bakhtin ([1952-53] 2006).

A partir dos apontamentos descritos anteriormente, percebemos a validade do levantamento da hipótese de Uchôa (2010), ao relacionar seu propósito investigativo à intenção de apontar outras possibilidades de uso não previstas, muitas vezes, pelos compêndios educacionais, ao passo que enxergou no *podcast* a possibilidade de trabalhar o estudo de línguas levando em consideração os diversos contextos comunicativos em que os falantes estavam inseridos.

Por fim, algo que julgamos como apreciável para a condução e reflexão de nossa investigação que merece ser exaltado nesta parte da pesquisa, trata-se da análise realizada quando a pesquisa de Uchôa (2010) objetivou descrever o gênero *podcast educacional* compreendendo o *conteúdo temático*, o *estilo da linguagem* e a *construção composicional*. Considerando os modos de produção e expansão dos nove exemplares de *podcast educacional* analisados na dissertação, o autor define como um gênero digital que se materializa na modalidade oral e que está sendo socialmente construído pela linguagem com padrões de organização identificáveis em um *continuum* de escrita e oralidade com configurações perceptíveis pelo embricamento de gêneros primários e secundários.

Além disso, ao cunhar essa definição, o pesquisador destaca que o *podcast educacional* é um gênero do discurso com tipos de enunciados que engendra atividades comunicativas capazes de abranger diversas composições temáticas, possui um estilo predominantemente informal típico das interações orais e uma estrutura composicional que segue uma sequência linear com princípio, desenvolvimento e conclusão, devido ao seu propósito pedagógico.

Terminadas as considerações da pesquisa de Uchôa (2010), a seguir, na próxima seção, apresentamos o trabalho de Jesus (2014) que estuda a relação do *podcast* e a educação por meio de um estudo de caso.

1.1.2 *Podcast e educação: um estudo de caso (Jesus, 2014)*

Na sua dissertação, Jesus (2014) investiga o uso do *Podcast* no âmbito educacional, chamando atenção que apesar de ser uma tecnologia relativamente nova, o *Podcast* está sendo utilizado nos mais variados contextos, sejam eles no âmbito dos negócios como forma de disponibilizar o conteúdo de reuniões, programas de telejornais e/ou entretenimento, programas de caráter científico e também na educação, onde esta nova mídia começa a ser utilizada com sucesso crescente para a difusão de informação e materiais didáticos a serem utilizados em aulas, em especial, na formação à distância em países da Europa. Assim, o autor objetiva realizar um estudo de caso para discutir o potencial educativo do *Podcast* na escola básica.

O pesquisador procura mostrar o modo como as tecnologias digitais se relacionam dentro da educação e como as linguagens aparecem dentro desse suporte digital, a partir dessa contextualização, o autor mostra como surgiu o *Podcast* e suas características. Em seguida, apresenta a lacuna existente na produção de *Podcasts* educacionais, tendo como base pesquisas realizadas com produtores de *Podcasts* brasileiros e ouvintes. Por fim, realiza uma taxonomia de algumas características que o *podcast* apresenta, vistas como um potencial educacional.

Embora seja uma dissertação curta, cumpre o seu propósito, na parte analítica, é apresentada o estudo de caso de um projeto envolvendo o ensino de música e alunos de uma escola pública em Portugal. O pesquisador justifica essa escolha pelo fato do projeto, além de ser uma experiência prática, possui reflexões teóricas dos resultados, por parte do autor. Acharmos interessante quando Jesus (2014) destaca que não foi apontada a existência de um modelo correto de uso do *Podcast*, mas sim como foi a experiência do estudo de caso e o seu impacto na Educação, tendo em vista que a intensão é apontar o grande campo educacional a ser explorado utilizando-se a linguagem e a tecnologia do *Podcast*.

Fica-nos perceptível que não há um posicionamento explícito em torno da definição do *podcast* enquanto gênero, todavia há marcas no texto de Jesus (2014) que colaboram para a compreensão favorável sobre tal abordagem, posto que considera como medida de análise, a língua em uso e os fatores sociocomunicativos, além dos elementos que o compõem para a construção do ensino de música.

Ainda contribuindo com o debate sobre o uso do *podcast* na educação, a análise de Jesus (2014), demonstra alguns dados no que diz respeito ao nível de preferência por *podcast* sobre educação em relação aos três anos de pesquisa, conforme tabela abaixo:

Tabela 01 - Porcentagem de ouvintes de *podcasts* sobre educação

ANO	%
2008	15,00%
2009	9,85%
2014	19,03%

Fonte: (Jesus, 2014, p. 32).

A partir dessa tabela, o autor verificou que a preferência por *Podcasts* sobre educação é baixa entre os ouvintes, mesmo tendo um pequeno aumento se comparar o ano de 2008 com o ano de 2014. Como a pesquisa aconteceu no ano de 2014, o *podcast* ainda era considerado um gênero relativamente novo, certamente, por isso a procura ainda era baixa. Jesus (2014) coloca que as porcentagens mais significativas foram aquelas que tinham como temas relacionados ao entretenimento. Além da pesquisa sobre os ouvintes de *podcast* de educação, o pesquisador também realizou uma pesquisa para saber a percepção dos ouvintes de *podcast* sobre temas educacionais, conforme tabela 02:

Tabela 02 - Percepção dos ouvintes de *podcasts* sobre temas educacionais

ANO	POUCO EXPLORADO	EXPLORADO EM EXCESSO
2008	93,80%	6,20%
2009	85,70%	14,30%
2014	97,43%	2,57%

Fonte: (Jesus, 2014, p. 33).

Analisando a tabela 02, o pesquisador constatou que em 2008 apenas 6,20% acham que temas educacionais são explorados em excesso. Em 2009 esse valor sobe para 14,30% e em 2014 cai para 2,57%. Os dados observados nas duas tabelas mostram que os próprios ouvintes perceberam que os *podcasts* com temas voltados para fins educacionais são pouco explorados no Brasil, o que é uma lástima, considerando, como já vimos, o *podcast* pode funcionar como potenciador do ensino. Ainda vale acrescentar que, certamente, se esta pesquisa fosse realizada na atualidade esses dados seriam diferentes, uma vez que o *podcast* acabou se tornando um grande auxílio na educação, justamente por ser acessível, por deixar o conteúdo dinâmico, além de tornar a prática docente multidisciplinar.

Sabe-se que ainda há um vasto território a se percorrer no que concerne às questões que se voltam ao uso de tecnologia no ensino, isto é, educação tecnológica tem suas vantagens de oferecer possibilidades aos professores e alunos, de ampliar repertórios, conectar as pessoas e motivar o aprendizado. Por outro lado, as limitações do uso da tecnologia na educação estão relacionadas à falta de acesso aos recursos existentes, as barreiras de convivência social, até mesmo a falta de conhecimento por parte dos professores.

Entretanto, o *podcast* é apresentado como capaz de auxiliar e contribuir positivamente para o ensino de música, para isso, em tom assertivo e consoante orientações teórico metodológicas no que se refere ao estudo de caso, Jesus (2014) sintetiza quatro características da potencialidade que o *podcast* pode ter para o meio educacional, conforme quadro 02:

Quadro 02 - Potencialidades educacionais de um *podcast*

CARACTERÍSTICAS	PROPRIEDADES
Interação	Intensa ou moderada
	Direta ou indireta
Linguagem	Formal
	Informal
Conteúdo	Tradicional
	Criativo
Temporalidade	Datado
	Não datado

Fonte: (Jesus, 2014, p. 45).

As características destacadas, além de contribuírem para ampliar a percepção de como o *Podcast* pode ser utilizado na Educação, também serão utilizadas como categorias de análise em uma experiência mais consolidada de uso de *Podcast* em atividades de ensino. Na experiência do autor em uma escola pública portuguesa, em trabalhar “Música na Web” usando o *podcast*, buscou analisar como a *interação*, a *linguagem*, o *conteúdo* e a *temporalidade* contribuíram para extrair as potencialidades da utilização do *Podcast* na Educação como recurso pedagógico dentro do ambiente escolar, sem que este desempenhe a função de substituir o professor, mas como linguagem enriquecedora de conteúdos utilizados em sala de aulas.

Além disso, trabalhar com o *podcast* em sala de aula contribui para que os alunos consigam apreender as características situacionais e suas relações com os contextos sociocomunicativos dos falantes, levando-os a refletir, frequentemente, sobre as escolhas linguísticas ali presentes em contraste com padrões linguísticos já consolidados. Assim, observamos que o *podcast* além de favorecer o entendimento dos contextos de usos (funcional), também permite estudar sua estrutura composicional (formal).

De maneira curiosa, Jesus (2014) esclarece o porquê de ter escolhido uma escola portuguesa em vez de uma escola brasileira, ele alega que foi a escassa existência de experiências brasileiras com o *Podcast* na educação. Para efeito de comparação no RepositoriUM, base de dados da Universidade do Minho (Portugal), foram encontradas 278 referências a *Podcast*, entre teses, artigos e apresentações de seminários. Comparando com as três grandes universidades públicas estaduais paulistas, foi possível perceber que essa base de dados, sozinha, apresentou maior número de referências do que a soma dos resultados de busca das três universidades brasileiras pesquisadas.

Por fim, o pesquisador assevera que o *podcast* possui características educacionais que, devidamente planejadas, podem influenciar positivamente a aprendizagem. O potencial de uso do *Podcast* nas aulas de Educação Musical foi demonstrado como mais uma estratégia didática, e foi visto pelos alunos como uma experiência positiva e estimulante. De maneira pontual, Jesus (2014) assevera que trabalhar com *podcast* na educação de música contribuiu para facilitar a circulação de informações entre professores e alunos, além de permitir que as produções sejam compartilhadas com a comunidade local e mundial. Assim, o *podcast* faz parte do conjunto de tecnologias que surgiram para auxiliar no processo de ensino, e a sua utilização permite quebrar barreiras entre a educação formal e a informal, pois os conteúdos trabalhados podem ser acessados dentro e fora da escola.

Concluído o recorte bibliográfico sobre investigações do uso do *podcast*, averiguamos a relevância da nossa temática para a compreensão e análise sobre os usos linguísticos que nele estão circunscritos. Portanto, o levantamento das referidas obras desta seção foi de fundamental relevância para o prosseguimento dos estudos da presente tese, no que se refere, em especial, ao *podcast* enquanto *corpus* para o tratamento dos usos linguísticos da atualidade do português brasileiro (pt-BR), fornecendo, assim, suporte para os demais desdobramentos da pesquisa. Nesse sentido, na próxima seção será destacada as pesquisas funcionalistas sobre os itens linguísticos, que são foco deste trabalho.

1.2 Os itens *onde*, *então* e *tipo*

O nosso trabalho busca analisar os itens *onde*, *então* e *tipo*, a partir de trabalhos que já existem e, ver através do *podcast*, se esses itens tiveram mudanças em suas funções, ou se manteve o que já foi dito pela literatura dos trabalhos selecionados. A escolha desses itens, como dito na introdução, se deu pela busca por novas configurações discursivas, no ambiente dos *podcasts*, nos quais a oralidade é a característica predominante. Esses elementos se revelam como recursos valiosos para conectar ideias e estruturar o texto oral, contribuindo para a coesão, a fluidez e a compreensão do discurso, no ambiente dos *podcasts*,

Sabendo disso, na linguística funcional, os itens podem sofrer alterações conforme usos. Logo, a língua não é mais vista apenas como um meio de comunicação social ou como uma forma de expressar o próprio pensamento. Em vez disso, a abordagem funcional da língua enfatiza seu uso para influenciar e agir sobre os outros. Nessa perspectiva, é crucial analisar não apenas a língua em si, mas também todos os elementos envolvidos no ato de enunciação.

Diante do exposto e como forma de delimitação, escolhemos trabalhos que estudam esses itens dentro da perspectiva funcional, assim, são pesquisas que consideram o uso efetivo da língua e as circunstâncias que levam à variabilidade de tal uso; além disso, julgamos que as pesquisas selecionadas colaboram com a nossa proposta, no sentido de encorpar os dados referentes ao que já se tem investigado sobre os usos dos itens *onde*, *então* e *tipo* em dados de oralidade presentes nos *podcasts* selecionados.

Dessa maneira, os critérios adotados para selecionar as pesquisas listadas incluíram a disponibilidade integral e gratuita do material publicado na internet, bem como a pertinência e a relação direta dos textos com os objetivos de nossa pesquisa. A busca foi conduzida em bancos de dados em língua portuguesa, que oferecessem acesso gratuito, visando assim garantir a acessibilidade dos recursos utilizados:

- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)
- Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
- Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
- Universidade Federal Fluminense (UFF)
- Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
- Universidade Federal do Rio Grande do norte (UFRN)

Os critérios adotados para compor esta seção foram estabelecidos através de pesquisas no Google Acadêmico usando os descritores "análise funcional dos itens *onde*, *então* e *tipo*",

"dissertações e teses sobre *onde*, *então* e *tipo*" e "os itens *onde*, *então* e *tipo* na língua em uso".

No quadro a seguir, podemos ver as pesquisas selecionadas:

Quadro 03 - Publicações selecionadas para o estado da arte – Itens linguísticos

ITEM LINGUÍSTICO	AUTOR (A)	TÍTULO	LOCAL	ANO
Onde	Sueli Maria Coelho	Uma análise funcional do onde no português contemporâneo: da sintaxe ao discurso	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)	2001
Onde	Fernanda Cunha Pinheiro da Silva	O percurso de mudança do item onde na perspectiva da gramaticalização	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	2008
Então	Maria Alice Tavares	A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-retroativo-propulsora de informações propulsora – um estudo sociofuncionalista	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	2003
Então	Fernanda Costa Demier Rodrigues	Padrões de uso e gramaticalização de agora e então	Universidade Federal Fluminense (UFF)	2009
Então	Daiane Aparecida Cavalcante	Diga-me com quem tu andas, então direi quem tu és: o processo de gramaticalização do então	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	2018
Tipo	Josele Julião Laurentino	Funções morfossintáticas do tipo na fala de jovens natalenses	Universidade Federal do Rio Grande do norte (UFRN)	2016
Tipo	Aymmé Silveira Santos	A gramaticalização dos itens tipo e feito em função de Conector comparativo	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	2017

Fonte: A pesquisadora.

Diante do exposto, os trabalhos elencados para compor esta seção reforçam e cooperam em nossa proposta no sentido de demonstrar que é possível verificar alguns usos que estão sendo flagrados na língua. Desse modo, tendo como base a teoria da linguística funcional clássica (LFC), nossa investigação baseia-se em dados da língua oral, sabendo que, embora seja um pouco controlado, o texto oralizado é mais espontâneo que o texto escrito, e se tiver que aparecer esses usos, será pela própria lógica da oralidade. Com isso, procuramos dar uma nova configuração para os estudos da língua, tendo o *podcast* como *corpus* vislumbrando a potencialidade de catalisar transformações linguísticas.

Dito isto, esta seção é dividida em 03 subseções, sendo cada uma destinada para um item que se pretende analisar.

1.2.1 O item *onde*

O primeiro trabalho sobre o item *onde* é a dissertação de mestrado de Sueli Maria Coelho (2001), **Uma análise funcional do onde no português contemporâneo: da sintaxe ao discurso**. O trabalho propõe um estudo descritivo das diversas ocorrências do item *onde* no português contemporâneo, mediante uma análise de ordem sintático-discursiva. A pesquisadora tem como hipótese central que o uso polissêmico desse item não constitui uma inovação e, sim, a efetivação de um processo de mudança linguística que se desencadeou há alguns séculos.

Ao analisar dados tanto da linguagem oral quanto da linguagem escrita contemporânea, Coelho (2001, p. 12) percebe que não se confirma o que é prescrito pela norma. No português atual, é bastante comum o uso da palavra *onde* em orações que não possuem valor locativo, como pode ser observado em textos produzidos por universitários da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas:

(04) O brasileiro, na maioria, não possui condições necessárias de higiene e hábitos que levem a ter um nível de saúde adequado, **onde** os micróbios infectocontagiosos encontram alvo fácil para sua proliferação.

(05) Com a violência urbana, as pessoas não têm um tranquilo lazer, atividades comunitárias entre outras coisas **onde** ficam presas em suas casas, apartamentos ou condomínios.

(06) Estamos entrando numa era **onde** a globalização, o acesso rápido e a tecnologia andam a passos largos.

Nesse sentido, a autora percebe uma polissemia do *onde*, isto é, uma forte tendência para à gramaticalização. Como dito anteriormente, este trabalho procura descrever um aspecto

do português contemporâneo que diz respeito à diversidade de usos do *onde*, cujo emprego vai além do valor meramente locativo. Além disso, busca-se comprovar que essa polissemia não representa uma inovação sintático-discursiva por parte dos usuários do sistema linguístico atual.

Consoante a pesquisa realizada por Coelho (2001), é possível constatar que, no português contemporâneo, a partícula *onde* tem ampliado seu campo de atuação, passando a desempenhar um papel no nível discursivo, bem como no nível textual, como um conectivo que estabelece relações coesivas entre as proposições, deixando de ser um elemento restrito a uma única frase, além disso:

na língua escrita padrão, definida aqui como a modalidade linguística empregada por jornais e revistas de circulação e respeitabilidade nacional e também por autores de textos acadêmicos e científicos, registra-se ainda uma ampliação no campo semântico-textual, uma vez que essa partícula passa a estabelecer relações que ultrapassam o mero valor locativo para expressar também um valor temporal e conclusivo. Em textos de escolares, essa ampliação semântica é bem maior e o ONDE passa a estabelecer uma relação de adição, de oposição, de proporcionalidade, de causa, de consequência, de tempo ou ainda de mero conector. Vê-se, pois, que na escrita contemporânea, a partícula ONDE passa a estabelecer entre as sentenças dos enunciados relações semânticas e pragmáticas até há pouco não documentadas na escrita padrão (Coelho, 2001, p. 42-43).

O *corpus* utilizado na pesquisa foi dividido em duas partes para representar períodos distintos da língua. Embora o presente estudo seja de natureza sincrônica, a escolha de recorrer à diacronia tem como objetivo confirmar a hipótese que motivou esta pesquisa: o uso polissêmico do item *onde* no português contemporâneo não é uma inovação linguística, mas sim a materialização de um processo de mudança que iniciou-se há vários séculos. Dessa forma, a primeira parte do *corpus* visa apresentar os diversos usos do item *onde* no português do século XIII, e é composta por poemas das Cantigas de Santa Maria, atribuídas a D. Afonso X, o Sábio. Esse cancioneiro é composto por 427 poemas escritos em galego-português.

A segunda parte do *corpus* visa comprovar a diversidade de usos do *onde* no português contemporâneo, que vai além do seu valor meramente locativo, conforme prescrito pela norma. Essa parte é composta por textos em língua padrão selecionados a partir de fontes como a imprensa, textos acadêmicos e literatura.

De acordo com Coelho (2001), em textos do português ducentista, foram encontradas 15 ocorrências da partícula “onde/u”, sendo que 26,7% delas representam o valor locativo e os outros 73,3% apresentam valores não locativos. No entanto, dentre as ocorrências atribuídas ao

valor locativo, há uma que tem como referente um nome de pessoa. A ocorrência em questão é a seguinte:

(07) Os crerigos café mui café son
cantando “Kyrieleyson”,
viron jazer aquel baron,
u fez Deus demostrança.
(Cantiga 24)

De acordo com Coelho (2001), o item *onde* nessa ocorrência faz referência ao termo “baron”. Isso indica que o pronome é relativo e não tem valor locativo. A autora reestruturou a sentença e propôs a seguinte paráfrase: “Deus fez uma demonstração naquele homem”, segundo ela, “o valor locativo é claro, embora o emprego do advérbio locativo onde para se referir a um antecedente pessoa não seja previsto pelos gramáticos normativistas” (Coelho, 2001, p. 47).

Com isso, Coelho (2001) encontrou os seguintes valores do *onde* não-locativo no *corpus* do português ducentista: ideia de procedência, regido pela preposição de; tempo; instrumento; explicação; causa; adição; partícula expletiva; finalidade; marcador conversacional – equivalente a E nisso; além de ter encontrado um uso que não atribuiu um nome específico, pois o *onde* foi usado como pronome relativo retomando a palavra morte:

(08) Vencer dev’a Madre daquel que deitou
Locifer do Ceo,
e depois britou o ifern’e os santos dele sacou,
e venceu a mort’u por nos foi morrer
(Cantiga 27)

Em relação ao *corpus* do português contemporâneo, foi composto por textos de imprensa, textos acadêmicos e textos literários. Nestes, a autora constatou que o uso não-locativo do *onde* não é tão abundante quanto no século XIII, uma vez que as ocorrências mais frequentes do item foram aquelas com valor locativo (embora ainda seja muito usado polissemicamente). Portanto, dentre as ocorrências não-locativas, Coelho (2001) encontrou os seguintes valores: instrumento; tempo; espaço nocional; articulador do plano textual – equivalente a uma expressão preposicionada com um pronome relativo (pelo qual, através do qual, em que, sobre o qual); posse – equivalendo a cujo; pronome demonstrativo; oposição; conclusão/consequência; causa; equivalente a então.

Como resultado da sua análise, de maneira geral, Coelho (2001) encontrou os seguintes resultados: no português ducentista, o valor não-locativo do item era predominante; no

contemporâneo, com exceção do texto acadêmico, predomina o valor locativo do *onde*. Segundo a pesquisadora, essa inversão deve-se à força da tradição gramatical, que não existia no século XIII. Para melhor visualização das funções que o *onde* assumiu, construímos os seguintes quadros com a intenção de resumir as funções encontrada pela pesquisadora:

Quadro 04 - Funções dos textos do português ducentista

VALOR LOCATIVO	VALOR NÃO-LOCATIVO
Substitui o sintagma que o precede	Anafórico e substitui o substantivo próprio
Adjunto adverbial de lugar	Ideia de procedência
Anafórico e locativo	Valor temporal
Antecedente de pessoa	Instrumental
Oração subordinada adverbial locativa	Explicação (Substitui “por isso”)
Registros da expressão em que	Introduzir estrofe
	Valor de causa
	Valor aditivo
	Partícula expletiva
	Marcador conversacional
	Pronome relativo
	Objeto direto interno

Fonte: A pesquisadora com base em Coelho (2001).

Quadro 05 - Funções dos textos do contemporâneo imprensa

VALOR LOCATIVO	VALOR NÃO-LOCATIVO
Advérbio relativo de lugar e substitui o sintagma antecedente	Valor instrumental
Adjunto adverbial de lugar	Antecedente temporal
Adjuntos adverbiais, sendo o segundo especificador do primeiro	Valor temporal
Valor de lugar virtual	Conexão textual
Advérbio interrogativo locativo	Função de conector de orações
Valor de lugar	Oração adjetiva
	Oração predicativa
	valor catafórico

Fonte: A pesquisadora com base em Coelho (2001).

Quadro 06 - Funções dos textos do contemporâneo acadêmico

VALOR LOCATIVO	VALOR NÃO-LOCATIVO
Conector textual de natureza anafórica	Valor aditivo
Adjunto adverbial de lugar, ainda que um lugar virtual.	Adjuntos adverbiais temporal
	Conector textual
	Coesão do plano textual
	Valor relativo
	Pronome relativo
	Valor de posse
	Valor anafórico
	Valor discursivo

Fonte: A pesquisadora com base em Coelho (2001).

Quadro 07 - Funções dos textos do contemporâneo texto literário

VALOR LOCATIVO	VALOR NÃO-LOCATIVO
Valor temporal	Conector
Adjunto adverbial de lugar	Valor anafórico
Advérbio interrogativo locativo	Valor temporal
	Valor instrumental
	Valor discursivo
	Pronome demonstrativo
	Valor adversativo
	Valor conclusão e consequência
	Elemento de transição textual
	Valor de causa
	Elemento de sequenciação textual
	Valor de marcador conversacional
	Valor de oposição
	Valor estilístico
	Deslizamento semântico do valor locativo para o temporal
	Oração subordinada substantiva objetiva direta
	Determinante
	Oração subordinada predicativa
	Valor estilístico

Fonte: A pesquisadora com base em Coelho (2001).

Diante disso, com base na pesquisa de Coelho (2001), pode-se afirmar que o uso do item *onde* está tão arraigado na língua que, em certas situações, pode ser difícil identificar sua função. O valor locativo de *onde* já está bastante desgastado, levando os falantes a utilizá-la em

diferentes contextos e cumprindo variados papéis. Assim como no século XIII, o português contemporâneo também apresenta uma polissemia no uso dessa partícula. Além disso, percebe-se que o *onde* já como vem ocorrendo na contemporaneidade, desempenhava os mais diversos papéis, atuando não somente no plano frástico, mas também no plano textual e discursivo. Portanto, constata-se que o *onde* vem sofrendo, por parte do falante, alterações de ordem semântica e gramatical, em virtude de fatores pragmáticos.

Ao final de sua pesquisa, Coelho (2001) observou que, com base nos dados coletados, no português ducentista, o uso da forma não-locativa do *onde* era muito mais comum do que o valor locativo, e sua semântica abrangia uma variedade significativa de sentidos, permitindo sua utilização para expressar diversas intenções. Atualmente, apesar das prescrições gramaticais tradicionais, a partícula *onde* vem expandindo seu campo de aplicação e, como ocorreu no século treze, adquirindo significados além do valor locativo. Devido a fatores discursivos e pragmáticos, o *onde* começa a desempenhar um papel mais amplo no plano textual e discursivo, deixando de ter uma função simplesmente anafórica e locativa.

Outro estudo que destacamos sobre o item *onde* é a dissertação de mestrado de Fernanda Cunha Pinheiro da Silva (2008), intitulada **O percurso de mudança do item onde na perspectiva da gramaticalização**. Este estudo se constitui de uma análise diacrônica do item *onde* no português arcaico, moderno e contemporâneo, para cada período foram eleitos quatro textos de gêneros diversos. Teve como objetivo descrever a trajetória do *onde* no português. Além disso, objetivou investigar se, ao se gramaticalizar, o item desempenha três funções distintas – adverbial, relativa e conectiva – ou se vem se especializando em alguma delas. No caso de o *onde* se especializar nas funções mais gramaticais, isto é, a relativa e a conectiva, teve-se como hipótese inicial que a forma *aonde* passaria a exercer a função adverbial (ou lexical) perdida pelo *onde*. A pesquisadora nos mostra que tradicionalmente, o item *onde* é classificado como pronome relativo e advérbio, como nos exemplos abaixo:

- (09) a. **Onde** você mora?
- b. Ele mora **onde** você nasceu.
- c. A cidade **onde** nasci mudou muito (Silva, 2008, p. 11)

A partir dos exemplos, Silva (2008) explica que em 09a e 09b, o item funciona como advérbio de lugar. Em 09c, *onde* funciona como pronome relativo, referindo-se ao termo ‘cidade’, assim por se referir a um lugar/espaco físico, é designado de locativo, o que é tradicionalmente prescrito pelas gramáticas normativas. Entretanto, em sua pesquisa, ela

abandona os rótulos tradicionais usados para esses usos do *onde* e utiliza outros, demonstrando que a língua muda, e que o uso do *onde* tem ampliando no português brasileiro contemporâneo:

- (10) Participar de uma banca **onde** havia quatro inscritos...
- (11) (...)...horário de pique **onde** há grande consumo de água já diminui bastante a vasão.
- (12) Eu acho que numa situação, por exemplo, **onde** ocorra uma agressão sem uma arma...
- (13) A linha básica é a linha da transparência, é a linha **onde** nós vamos buscar passar todos os trabalhos que o governo federal vem realizando...
- (14) Fiz uma classe **onde** os estudantes eram europeus ou asiáticos. (Silva, 2008, p. 12).

A partir desses exemplos, a autora justifica os diferentes usos do item *onde*, já demonstrando que ele é um item multifuncional na língua. Nos usos de (10) a (14), o *onde* foi utilizado com referência a um termo antecedente, embora esse termo não seja um lugar físico. Em (10), o *onde* é um relativo que retoma o termo ‘banca’, caracterizando-se numa referência a um espaço que não é físico ou territorial, mas apenas nocional, uma vez que existe uma noção de espaço inerente ao termo. Em (11), o elemento faz referência a um período específico, conhecido como horário de “pico”, e é utilizado como um termo temporal que poderia ser substituído por “quando”. Em (12), a expressão “situação” é vista como um evento não especificado. Neste caso, o elemento refere-se a um evento genérico. No entanto, em “Houve um assalto onde morreram três pessoas”, o termo *onde* se refere a uma situação específica. Em ambos os casos, o antecedente é um evento e *onde* funciona como um pronome relativo. Na sentença (13), *onde* faz referência a “linha da transparência”, que não é um lugar físico, territorial ou temporal, mas sim um instrumento ou conceito. Nesse caso, o termo pode ser substituído por “em que”, “pela qual”, “através da qual” ou “com a qual”, funcionando como um pronome relativo. Já em (14), *onde* funciona como o pronome relativo “cujo”, estabelecendo uma relação entre o contêiner (a classe) e seu conteúdo (os estudantes). Essa relação é chamada de “genitivo”, já que nem sempre implica posse, como na frase “Fiz uma classe cujos estudantes eram europeus ou asiáticos”. Embora na primeira frase haja uma relação de posse entre o dono e o carro, na segunda essa relação não é exatamente de posse, mas de outra natureza. Portanto, o rótulo “genitivo” é mais apropriado para descrever o uso de “onde” nesse contexto.

A partir da polissemia do item, o princípio funcionalista de análise é a gramaticalização, e são utilizados dois critérios para analisar o *onde*: o semântico e o sintático. No primeiro, verifica-se a natureza semântica do item através do seu antecedente, que nesses casos expressa lugar (físico ou nocional), tempo, evento, instrumento e relação genitiva. No segundo, é

possível determinar se o item funciona como um anafórico ou como um elemento coesivo de outra natureza na sentença. Para melhor visualização, Silva (2008) sintetiza essas informações no seguinte quadro:

Quadro 08 - Valores semânticos e sintáticos do *onde*

GRUPO	SENTENÇAS	SEMÂNTICA DO ITEM	SINTAXE DO ITEM
I	Ele mora onde você nasceu	Onde indicando ‘espaço fisicoterritorial’, sem referência a um termo anterior (Locativo)	[Advérbio] No lugar em que
	Onde você mora?	Onde indicando ‘espaço fisicoterritorial, sem retomada de termo anterior (Locativo)	[Advérbio] Em que lugar
II	Antes de viajar para o Rio de Janeiro, onde participa da Cúpula do Mercosul, o presidente Hugo Chávez anunciou na noite de quarta-feira ...	Onde retomando ‘espaço físico-territorial’ (Locativo)	[Pronome relativo] Em que
	Participar de uma banca onde havia quatro inscritos...	Onde retomando ‘espaço nocional’ (Nocional)	[Pronome relativo] Em que, na qual
	...horário de pique onde há grande consumo de água já diminui bastante a vasão.	Onde retomando ‘tempo’. (Temporal)	[Pronome relativo] Quando
	Fiz uma classe onde os estudantes eram europeus ou asiáticos	Onde estabelecendo uma relação de ‘continente’ e ‘conteúdo’ entre dois termos. (Genitivo)	[Pronome relativo] Cujos
III	O senhor está ouvindo os envolvidos onde aí tem uma série de situações...	Onde com valor consecutivo/explicativo	[Conectivo] Por isso, de forma que
	Com cinco anos estava brincando em minha casa e resolvi ser desmontador e tirei os parafusos da mesa de minha casa, onde engoli um parafuso de 4 cm	Onde com valor consecutivo/explicativo	[Conectivo] E, e então
	A televisão ocupou um espaço muito grande na família, onde nós somos ouvintes sem podermos discutir	Onde com valor consecutivo/conclusivo	[Conectivo] De forma que
	Em Medicina existem temas que são polêmicos, onde não se consegue um consenso que dure sequer uma década	Onde com valor explicativo/consecutivo.	[Conectivo] E dessa forma

Fonte: Silva, 2008, p. 16.

Segundo Silva (2008), podemos classificar os usos de *onde* nesses três grupos distintos. No primeiro grupo, encontramos aqueles que expressam um lugar físico sem fazer referência a nenhum termo mencionado anteriormente. No segundo grupo, temos os usos em que o termo se refere a um antecedente que denota um espaço físico ou conceitual, um período, um evento ou uma relação genitiva. Nessas situações, *onde* funciona como um pronome relativo em termos sintáticos. A diferença entre o primeiro e o segundo grupo é que, no primeiro, *onde* carrega a carga semântica de “lugar em que”, enquanto, no segundo, essa natureza locativa perde força. Já no terceiro grupo, *onde* parece funcionar como um conectivo, estabelecendo uma relação coesiva de conclusão, explicação ou consequência que exige uma classificação sintática e semântica diferente dos primeiros usos.

A partir desses dados, a pesquisadora traçou o seguinte percurso para os usos do *onde*: advérbio/locativo > Pronome relativo/espaço físico > Pronome relativo/espaço nocional/temporal/genitivo/evento, etc. > Conectivo/conclusivo, explicativo, consecutivo, causal, etc. (Silva, 2008, p. 19). Desses usos, a pesquisadora depreende-se com a seguinte trajetória de mudança para o item: Onde Adverbial > Onde Relativo [+concreto] > Onde Relativo [+abstrato] > Onde Conectivo (Silva, 2008, p. 19).

Para a análise, um fator de grande importância foi o critério de frequência. Para tanto, ele foi dividido em três etapas: (i) análise da frequência total do item, comparando-se os valores de cada período analisado; (ii) análise da frequência do item na função gramatical em relação ao total das ocorrências, comparando-se os resultados de cada período; (iii) análise da frequência do item na função lexical em relação ao total das ocorrências, comparando-se os resultados de cada período (Silva, 2008, p. 19).

Além disso, Silva (2008, p. 19) também destaca que a partir desses critérios, um processo prototípico de gramaticalização apresenta as seguintes características: (i) a frequência total do item aumenta; (ii) a frequência do item na função gramatical também aumenta; (iii) a frequência do item na função lexical diminui.

Com base em Vitral (2006), a autora estabelece o comportamento que se espera do *onde*, caso se enquadre em uma trajetória prototípica de gramaticalização: a) Aumento da frequência total do *onde*; b) Aumento da frequência do *onde* gramatical; c) Diminuição da frequência do *onde* lexical; d) Aumento da frequência do *onde* relativo [+abstrato]; e) Diminuição da frequência do *onde* relativo [+concreto]. A partir disso, Silva (2008) verifica o estágio de gramaticalização que se encontra o item *onde*, isto é, levando-se em conta a sua trajetória.

A partir da análise diacrônica, a pesquisadora demonstrou o percurso do *onde* do português arcaico ao contemporâneo e constatou que o *onde* não percorre um caminho

prototípico de um item em processo de gramaticalização, da forma como foi proposto por Vitral (2006). Os resultados do corpus escrito demonstraram que a produtividade do *onde* lexical, identificado com o rótulo F.Lex, aumentou, apesar de se esperar uma queda. No entanto, em relação aos seus usos gramaticais, a frequência diminuiu do início ao fim da sincronia para o caso do *onde* F.Gra1, enquanto para o *onde* F.Gra2, o item não apresentou produtividade.

Em relação à frequência dos usos do *onde* [+concreto] e [+abstrato], após quantificação, foi visto que ele apenas aparece na função relativa, para a qual Silva (2008) rotulou de F.Gra1. Assim, o *onde* percorreu o caminho esperado para um item em gramaticalização, ele transitou de uma categoria de referência locativa para referência não-locativa.

A análise do *onde* revelou que, em sua trajetória de mudança lexical para gramatical e, posteriormente, para um uso mais gramatical, é influenciado por outros elementos da língua. Isso foi constatado a partir da análise quantitativa do uso de *aonde* no português moderno, período em que o *onde* apresentou baixa frequência em comparação com o *aonde*, que foi altamente produtivo. Além disso, também foram observadas algumas considerações sobre palavras como “então”, o pronome relativo “que” e expressões conjuncionais que indicam relações de conclusão, explicação, causa, consequência e finalidade entre as sentenças.

Na modalidade escrita, diversas expressões conjuncionais como “sendo que”, “de forma que”, “uma vez que”, “já que”, “visto que”, “para que”, “porque”, “de/em guisa que” são concorrentes possíveis para o *Onde* F.Gra2, o que dificulta sua expansão. A função relativa, embora tenha apresentado uma queda no final da última sincronia, ainda é produtiva na contemporaneidade em sua acepção abstrata. Ao contrário das outras formas, os concorrentes do *Onde* F.Gra1, como “em que”, “no qual” e suas variantes, não parecem ter afetado significativamente sua produtividade na função relativa na escrita.

Por fim, em relação à modalidade da fala, Silva (2008) constatou que o uso do *onde* foi pouco produtivo, tanto na função relativa quanto na conectiva. Na função relativa, o pronome utilizado com maior frequência, apesar de haver muitas ocasiões em que o uso do *onde* F.Gra1 seria apropriado. Isso sugere que o *onde* encontra um concorrente mais robusto que o impede de se expandir na língua falada. Já na função conectiva, o *onde* F.Gra2 também enfrenta concorrência de outros conectivos, como o *então*, muitas vezes seguido de *aí* ou *assim*.

Terminadas as contribuições de Silva (2008) sobre o item *onde*, veremos na próxima subseção, o que dizem sobre o item *então* na perspectiva funcional.

1.2.2 O item *então*

Sobre o item *então* destacamos o trabalho de tese de doutorado de Maria Alice Tavares (2003), intitulada **A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo- retroativo-propulsora de informações propulsoras – um estudo sociofuncionalista**, tem como hipótese que os conectores *E*, *Aí*, *Daí* e *Então* chegaram à sequenciação através do processo de gramaticalização. Ela enfatiza que esses conectores convivem e competem entre si, e então, emergem camadas/variantes e estes estão arrolados na função gramatical de sequenciação retroativo-propulsora. Para esse estudo, a pesquisadora apoia-se em duas teorias linguísticas: o funcionalismo, no que diz respeito à gramaticalização, e à Sociolinguística Variacionista.

Vale ressaltar que o termo “sequenciação retroativo-propulsora” foi cunhado pela autora, a qual define como um domínio funcional responsável por marcar a introdução de informações no discurso, isto é, estabelece uma relação coesiva de sequenciação entre enunciados, de modo que o primeiro serve de base para o que será dito posteriormente no segundo. Com isso, Tavares (2003) explica que a sequenciação exibe uma dupla ação de anáfora e catáfora, impulsionando assim o fluxo do discurso em ambas as direções. Por um lado, ela se refere ao enunciado anterior como uma fonte de informação para o discurso seguinte, e, por outro lado, direciona a atenção para um enunciado futuro que está sendo preparado.

Em sua tese, Tavares (2003) demonstra que os termos *E*, *Aí*, *Daí* e *Então* são variantes funcionais e competitivas na sequenciação retroativa-propulsora. Essas formas ocorrem juntas e competem entre si em diferentes nuances discursivo-pragmáticas. Ela destaca que a sequenciação retroativa-propulsora é um domínio funcional graduado, que pode ser visto como um elo de um fenômeno superordenado que segue uma escala unidirecional: conjunção geral > sequenciação retroativo-propulsora > subfunções de sequenciação > possíveis subtipos de subfunções.

Outro trabalho sobre o item *então* que merece destaque, é a tese de doutorado de Fernanda Costa Demier Rodrigues (2009), intitulada **Padrões de uso e gramaticalização de agora e então**. Neste trabalho é destacado as possibilidades funcionais de dos itens *agora* e *então* desde o latim até o século XX de forma panorâmica. No tocante à análise, os dados, a autora oferece um panorama de usos prototípicos e principalmente não prototípicos dos itens, analisados em quatro sincronias: a latina, arcaica, clássica e moderna. Além disso, compara quais dados foram mais recorrentes ou não quanto às sincronias trabalhadas, quanto ao gênero

textual e quanto às sequências tipológicas, elucidando o *continuum* unidirecional da gramaticalização tempo > texto de *agora* e *então*.

De acordo com os resultados da pesquisa, não houve diferença significativa entre o uso [+prototípico] e [-prototípico] dos itens. Embora esta pesquisa seja relevante para estudos linguísticos, a abordagem utilizada controlou apenas elementos discursivos relacionados às funções dos itens, mas limitou-se a controlar apenas os gêneros e tipos textuais. É importante ressaltar também que os corpora utilizados não permitiram a análise de outros fatores interacionais e extralinguísticos, deixando lacunas para questionar outros fatores que possam influenciar o comportamento funcional dos itens estudados.

No entanto, Rodrigues (2009) demonstra os traços [+ prototípicos] e [- prototípicos] dos itens *agora* e *então*. Vale dizer que ela dividiu em dois grupos, o primeiro grupo de traços condiz com a visão dos termos presente na gramática tradicional; já o segundo grupo apresenta traços que reflete a gramaticalização dos mesmos, conforme quadro:

Quadro 09 - Traços [+ prototípicos] e [- prototípicos] de *agora* e *então*

TRAÇOS	AGORA	ENTÃO
[+prototípicos]	[+escopo verbal] [+mobilidade] [+referência temporal presente] [+ circunstanciação]	[+escopo verbal] [+mobilidade] [+referência temporal] [+ circunstanciação]
[-prototípicos]	[+escopo clausal] [+ fixidez] [+referência temporal passada] [+referência temporal futura] [+conexão] [+marcação discursiva]	[+escopo clausal] [+ fixidez] [+conexão] [+marcação discursiva]

Fonte: Rodrigues, 2009, p. 41.

A pesquisadora explica que o quadro foi construído da seguinte maneira: os traços [+ prototípicos] foram determinados a partir da classificação dos itens nos compêndios de gramática tradicional, e representam as características canônicas dos termos. Esses traços são os mais frequentes e “naturais”, ou seja, são dados não marcados. Já os traços considerados [- prototípicos] foram identificados através da análise funcional dos itens nos textos que compõem os corpora. Durante a observação dos dados, foram considerados traços [- prototípicos] aqueles que não representavam usos canônicos, pois eram considerados dados marcados.

A partir das análises realizadas nos corpora, a autora conseguiu verificar algumas funções nas sincronias, que foram:

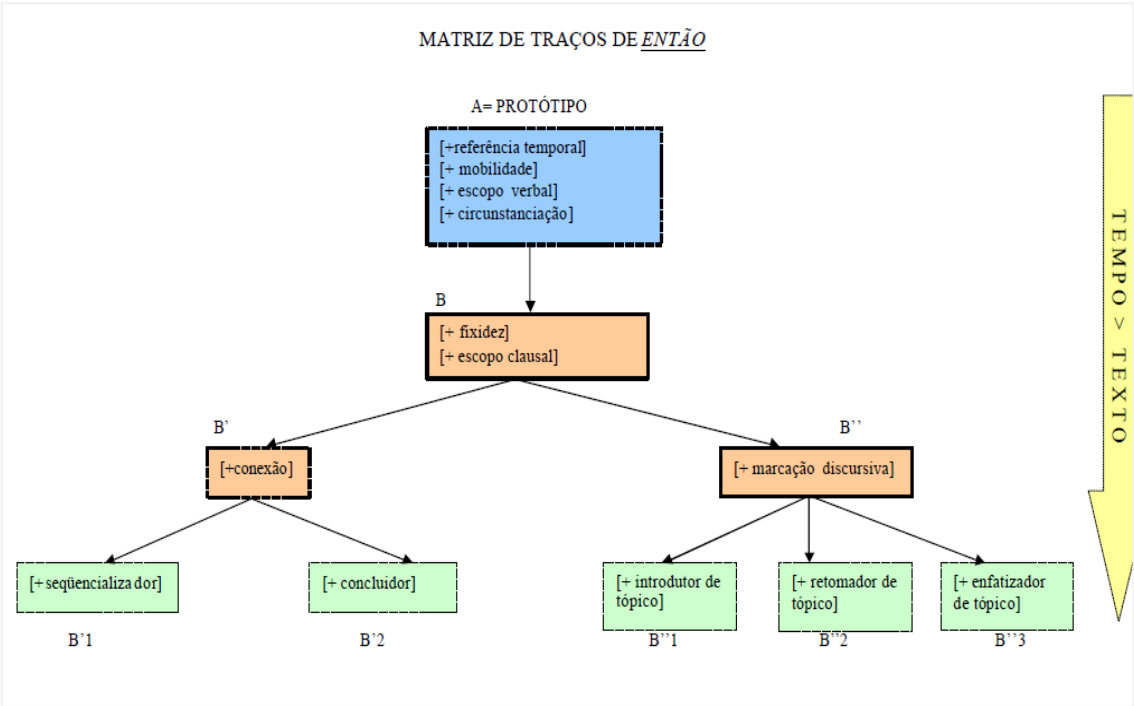
Quadro 10 - Funções do *então* nas sincronias

FUNÇÕES	
Tempo	Presente
	Passado
	Futuro
Conexão	Conclusão
	Sequenciador
	Opositor
Marcação Discursiva	Introdutor
	Enfatizador
	Retomador

Fonte: Rodrigues, 2009, p. 97.

Além das funções, um ponto interessante da pesquisa de Rodrigues (2009) é quando ela mostrar, em forma de matriz, o conjunto de traços prototípicos e não prototípicos de *agora* e *então*. A partir disso, a autora traça a trajetória de gramaticalização tempo > texto que os termos realizam em cada sincronia levantada nesta pesquisa, ao longo da história da língua portuguesa, desde a sua origem latina até o português moderno:

Figura 01 - Matriz de traços de *então*



Fonte: Rodrigues, 2009, p. 138.

Nesse sentido, Rodrigues (2009) explica que o item *então* referencia as noções temporais presente, passado e futuro como parte do protótipo categorial. As outras três características levantadas como atributos da classe dos advérbios [+ mobilidade], [+ escopo verbal] e [+ circunstanciação] apresentam-se como traços definidores dos dois termos.

A pesquisadora constata que os itens *agora* e *então* passaram da classe de advérbios para conjunções, o que leva a uma opacização de seus traços prototípicos e aquisição de características da nova classe. Eles passam a apresentar traços como [+ fixidez] e [+ escopo clausal], uma vez que agora têm uma posição mais precisa na frase e se vinculam a todo o enunciado, em vez de apenas ao verbo. Outro dado importante nessa mudança de categoria é a diminuição do traço [+ circunstanciação] e o ganho dos traços [+ conexão] ou [+ marcação discursiva]. Esses usos são mais discursivos e marcam a última etapa da trajetória de gramaticalização. Nesse contexto, como [+ conexão], *agora* e *então* podem desempenhar funções como [+ sequencializador] e [+ concluidor].

Por fim, Rodrigues (2009) a partir de sua análise, conclui que na etapa final do processo de gramaticalização, em que *agora* e *então* assumem funções mais discursivas, eles passam a competir com outros itens já presentes nos grupos de conectores e marcadores discursivos, como *mas*, *depois* e *assim*. Além disso, competem entre si ao desempenharem funções de conexão, como elementos de conclusão ou sequencialização, e funções de marcação discursiva, como introdutores, enfatizadores ou retomadores de tópicos.

Para somar aos estudos sobre o item *então*, chamamos atenção para o trabalho de dissertação de mestrado de Daiane Aparecida Cavalcante (2018), intitulado **Diga-me com quem tu andas, então direi quem tu és: o processo de gramaticalização do então**, que possui como objeto de estudo o item *então*, que tem natureza polissêmica, ora atua em sua função-fonte de advérbio, ora em funções-alvo, como a de conector, ativando relações anafóricas no plano da textualidade, ou ainda, na esteira pragmática, atuando como um marcador discursivo, voltado à interação.

O trabalho é alicerçado nos pressupostos teóricos da linguística funcional, no qual estão inseridos os estudos sobre gramática e discurso, para servir de base na análise do item *então* em dados de língua falada. A autora, além de descrever o funcionamento do item em situação real de uso, aplica na análise os princípios de gramaticalização formulados por Hopper (1991) e os mecanismos motivadores da gramaticalização postulados por Bybee (1994). O *corpus* é constituído por informantes paraibanos, da zona urbana e da zona rural, das cidades de Cajazeiras, Catingueira, Catolé do Rocha, Conceição, Itaporanga, Patos, Pombal, Sousa e

Princesa Isabel. Para exemplificar a atuação do item *então* em situações reais de uso, vejamos o dado a seguir:

(15) Inf.:O Grupo de Cultura Abolição, ele tem como uma característica forte, é uma acentuada tendência de resgate à cultura que está sucumbindo. Tá tanto a nordestina, quanto a brasileira, nós dançamos até danças... ..apenas uma dança estrangeira, que é o retumbão, que é uma espécie de lundum, sabe. Menos requebrado, que os homens com o seu requebrado tentam conquistar suas damas. E **então**, ahn, há um tempo atrás, acho que mil novecentos e vinte e oito... ..tem um sítio aqui próximo que pertence à nossa região, a Princesa Isabel, ahn, que é... ..o sítio Guaribas, mais conhecido como Serra do Gavião. Lá existiu um camponês simples, ahn, Sebastião Pastoro, foi ele quem criou o reisado. Isso em mil novecentos e vinte oito, o gri/ o grupo surgiu em mil novec/ mil novecentos e, e alguma coisa. Em mil novecentos e setenta e cinco, por aí. E **então**, esse reisado, ele era único. Você pode ver que o reisado aí dançado d/ j/ de dez/ de dezembro a f/ a janeiro, ao dia de Reis, tudo mais. E todos, exclusivamente, são idênticos, parecidos os passos, tudo mais. As pessoas começaram a migrar, por dificuldades financeiras. E também, brigas familiares que constuí/ constituía mais a, essa dança com a família. **Então**, seu João Mandu, que é o fundador do Grupo de Cultura Abolição... ..isso depois, ahn, era vereador na época, era político. Ele foi convidado a assistir a apresentação desse grupo, **então** ele foi. Chegando lá, depois assistir, gostou muito, e naquela época a única cultura que nós tínhamos, porque pra uma cidade pouco desenvolvida como a nossa, ahn, era somente aquilo. **Então**, ele disse, ‘não, está acabando, vai sucumbir’, pra que não deixe de existir como os ba/ os bacamarteiros, os... ..a festa do Rosário, que era feita pelos negros, isso tudo acabou. Ahn, o pastoril, que é pouco dançado aqui, mas ainda é dançado. Então, ele, naquele tempo, os vestes, como eles tinham dif/ dif/ ahn, dificuldades financeiras, eram feitos de que/ de crepom, papel crepom. **Então**, seu João começou por aí. Ele disse, ‘não, vamos’, ele se prontificou com os, as pessoas do grupo, e com a comunidade, ‘vamos melhorar isso’.(Informante de Princesa Isabel Zona urbana) (Cavalcante,2018, p. 16).

Cavalcante (2018) explica que o dado mencionado acima pertence ao gênero entrevista e faz parte do conjunto de dados conhecido como Linguajar do Sertão Paraibano (2011-2012). Esse dado demonstra que o item em questão tem um papel importante na organização do texto, agindo como um conectivo que conecta o que foi dito anteriormente com o que será dito a seguir, isto é, atua na função de sequenciador-retroativo-propulsor. Ele ajuda a retroceder para informações mencionadas anteriormente e estabelecer conexões anafóricas, enquanto também impulsiona o fluxo da conversa e permite que novas informações sejam adicionadas à discussão.

Vale mencionar que a pesquisadora considera os diferentes usos do *então* e ao estudar este item verificou que ele tem uma origem espacial ou temporal e podem ser explicados por um processo de gramaticalização que segue uma trajetória de mudança semântica proposta por Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991). Esse processo ocorre quando um elemento linguístico passa por uma série de transformações até alcançar o *status* de conectivo. A partir dessa

mudança, o elemento passa a desempenhar funções pragmáticas e discursivas em vez de apenas ter um significado lexical. Com base nas gramáticas tradicionais, Cavalcante (2018) apresenta um quadro resumitivo de como os gramáticos classificam o *então*:

Quadro 11 - Quadro resumitivo da posição dos gramáticos quanto à classificação do *Então*

FONTES	CATEGORIAS DE OCORRÊNCIA DO ENTÃO
Oiticica (1952)	Palavra denotativa de situação
Melo (1978)	Advérbio de tempo
Faraco & Moura (1987)	Palavra denotativa de situação
Sacconi (1994)	Palavra denotativa de situação
Saviolli(1994)	Palavra denotativa de situação
Infante (1995)	Advérbio de tempo
Rocha Lima (1999)	Advérbio de tempo
Terra (2002)	Palavra denotativa de situação
Cegalla (2008)	Advérbio de tempo
Bechara (2009)	Advérbio de tempo
Castilho (2010)	Advérbio de tempo
Azeredo (2011)	Advérbio de tempo

Fonte: Cavalcante, 2018, p. 43.

Conforme o quadro, a pesquisadora chegou à conclusão que 07 gramáticos que situam e classificam o *então* como advérbio de tempo, e 06 o consideram uma palavra denotativa de situação, portanto, observa-se que não há entre eles um consenso quanto à classificação do *então*, implicando numa questão de ponto de vista, por parte de cada gramático e de quais critérios – mórfico, sintático, semântico – ele será analisado. Em contrapartida, numa perspectiva mais funcional, a autora construiu um quadro resumitivo em relação às novas funções do *então*:

Quadro 12 - Quadro resumitivo das novas funções do *então*

AUTORES	FUNÇÕES DO ENTÃO
Martelotta (1994)	Operador argumentativo
Neves (2000)	Juntor
Pezatti (2001)	Conector/juntor
Bechara (2009)	Operador argumentativo (marcador das relações interoracionais e intertextuais)

Fonte: Cavalcante, 2018, p. 49.

Com o quadro, a autora demonstra que os linguistas consideram que o *então* tem a função de atuar como um marcador de relações interoracionais ou intertextuais, operando como um juntor e operador argumentativo. Todas essas categorizações indicam que o termo é

importante para a arquitetura e a articulação textual, pois ele une, encadeia e sequência diferentes partes do texto.

Assim, de acordo com Cavalcante (2018, p. 50), o *então* está desbotando-se semanticamente, “perdendo traços prototípicos espaciais e ganhando traços textuais, traços mais voltados para a articulação textual e para a argumentatividade, desempenhando como operadores argumentativos as seguintes subfunções: sequenciador, retomador (anafórico) e resumitivo”. Além disso, ela coloca que o item *então* “no domínio funcional textual está experimentando o cline unidirecional advérbio > conjunção > operador argumentativo > juntor > conector > sequenciador. E, no domínio discursivo, segue o cline: advérbio > conjunção > operador argumentativo > marcador discursivo” (Cavalcante, 2018, p. 50).

Para a análise, a autora dividiu em dois segmentos: o textual e o discursivo, uma vez que se considera a importância das formulações em que o valor funcional destaca a contextualização da produção e circulação do texto. Dessa forma, enfatiza-se o significado dos termos utilizados e o propósito comunicativo do usuário parece ter mais relevância do que as demais subfunções. Ou seja, trata-se de uma questão de ênfase e não de exclusividade.

No domínio textual, conforme descrito por Cavalcante (2018), os elementos linguísticos atuam na organização do texto, conectando informações e, ao mesmo tempo, ativando relações semânticas que influenciam a interpretação. Por exemplo, ao conectar orações, esses elementos ajudam a sequenciar as informações e, ao mesmo tempo, estabelecem relações de sentido. Neste domínio, algumas das funções mais relevantes do *então* no *corpus* são: sequenciador retroativo-propulsor, retomador, conclusivo e resumitivo.

A pesquisadora ao verificar as ocorrências do *então* na amostra de dados, constata que o item, ao exercer a função conectiva, aparece conjugado com outros conectores, como, por exemplo, o alternativo *ou*, o aditivo *e*, e o adversativo *mas*. Portanto, que o *então* tem se difundido em diferentes contextos, assumindo valores de alternância quando utilizado em conjunto com os termos “ou” e “mas”, expressando um sentido adversativo. Sendo assim, neste domínio,

destacam-se os valores alternativos e aditivos, nos quais o item *então* parece se acomodar, realçando seu papel sequenciador. Compreendemos que é o conector alternativo ou que denota valor semântico de alternância, e, nesses contextos, se poderia conjecturar que o *então* teria valor semântico vazio, sendo assim, desnecessário. No entanto, o fato linguístico real é que o falante fez uso do *então*, que bem se conjuga ao *ou*, em uma forma de combinação produtiva nesse tipo de elocução (Cavalcante, 2018, p. 74).

Já em relação ao domínio discursivo, a pesquisadora elencou as funções para o *então* segundo a amostra de dados: introdutor do turno, perspectivador, organizador de turno e finalizador. De início, ela já assevera que o *então* introdutor de turno conversacional funciona como um marcador discursivo, considerando que ele é utilizado pelos falantes como uma estratégia comunicativa, atuando como um instaurador do contato do interlocutor com a audiência. Portanto, o *então* na função de introdutor de turno “é uma estratégia discursiva de planejamento do falante, faz parte dos frames cognitivos do discurso, visto que, para ser compreendido, o falante precisa articular as informações, elaborá-las, organizá-las de forma coesa e coerente para que a comunicação seja estabelecida” (Cavalcante, 2018, p. 78).

Outra função encontrada pela pesquisadora, diz respeito ao *então* demarcando a perspectiva, isto é, o ponto de vista do falante acerca do conteúdo temático desenvolvido no tópico discursivo, e explica que o item, nesse caso, vem conjugado a verbos modalizadores epistêmicos, a exemplo de *eu acho*, *eu acredito*, como também, pode ocorrer em sequências argumentativas, em relatos de opinião do informante sobre determinado assunto. Assim, “a atitude do falante é marcada pela subjetividade e modalização. Isso implica que o falante irá trazer marcas argumentativas, modalizadoras e subjetivas na trama discursiva” (Cavalcante, 2018, p. 79).

A função de organizador de turno, de acordo com a autora, reconhece que a interação verbal é realizada em tempo real e que, para gerenciar o fluxo de informações, o falante faz pausas estratégicas para elaborar e organizar o conteúdo discursivo subsequente. Quando o *então* é utilizado nessa função, é comum que ele seja acompanhado de hesitações, indicando a pausa intencional do falante. Nesta função, o falante ao optar pelo *então* pode retomar a fala e apresentar novas informações no turno conversacional.

Por fim, a última função encontrada dentro do domínio discursivo do *então* diz respeito a ele na função finalizadora. Cavalcante (2018) coloca que o item aponta para o fechamento do tópico discursivo, indicando a ideia de conclusão do fluxo temático do turno, isto é:

o *então* nessa função geralmente vem conjugado com elementos anafóricos, como o pronome demonstrativo *isso*, como também, pode vir acompanhado dos itens conclusivos, *portanto*, *assim* e *por isso*, *que*, a partir do efeito da contiguidade, reforçam a ideia de desfecho da sequência do turno conversacional. O *então* na função de finalizador atua no fechamento do subtópico discursivo, o item por apresentar natureza fluída, apresenta mobilidade, aloca-se em diferentes posições no turno conversacional (Cavalcante, 2018, p. 82, grifos da autora).

Dito isso, Cavalcante (2018, p. 83) acrescenta que o *então* desempenha um papel importante no encerramento de uma sequência temática, permitindo que o falante possa introduzir novas informações e gerenciar o fluxo do discurso. Como um marcador discursivo e organizador de tópicos, esse item ajuda a finalizar uma parte do discurso e iniciar uma nova seção do mesmo tópico “assim, os falantes usam esse marcador para sinalizar o fechamento de uma parcela subtópica e iniciar outro conteúdo a ser desenvolvido no mesmo turno discursivo”.

Por fim, Cavalcante (2018) constatou que o *então* está sendo utilizado em contextos diferentes daqueles em que originalmente atuava como referência de tempo e espaço, ou como conector conclusivo, pois é usado em contextos de ideia alternativa, adversativa e aditiva. Observou-se que o *então* está em um estágio intermediário de gramaticalização, o que significa que ele não perdeu completamente as características prototípicas de sua função original. Embora haja uma perda parcial da transparência semântica, novas funções emergem sem que a função original seja apagada ou anulada. Finalizados os estudos sobre o item *então*, veremos na sequência o que dizem sobre o item *tipo*.

1.2.3 O item *tipo*

Josele Julião Laurentino (2016) em sua dissertação de mestrado **Funções morfossintáticas do tipo na fala de jovens natalenses** investiga os usos do item linguístico *tipo* em diferentes domínios funcionais na fala de jovens da cidade de Natal/RN, tomando como fundamentação teórica os estudos do funcionalismo linguístico norte-americano (Givón, 1981, 1995, 2001; Hopper, 1991) e como *corpus* quatro entrevistas sociolinguísticas, integrantes do banco de Dados FALA-Natal (Tavares; Martins; 2014), realizadas com falantes de idade entre 15 a 21 anos, das quais foram coletadas 194 dados de ocorrência do item em questão.

A pesquisadora assevera que o elemento *tipo*, no português brasileiro (pt-BR), em seu sentido original, exerce a função lexical comum à categoria substantiva, ora referenciando “um indivíduo esquisito”, ora “a letra impressa da máquina de tipografia”, ora “um modelo, espécie, ou exemplar” de alguma coisa, ou seja, denotando conceitos mais concretos. No entanto, ela coloca que ao longo do tempo, o item *tipo* passou por mudanças semânticas e pragmáticas, através das quais perdeu traços lexicais e ganhou traços mais gramaticais, deixando, assim, de atuar, em muitos contextos, como uma palavra plena de significado e tornando-se um elemento funcional:

Nos contextos gramaticais, consideramos que o elemento em questão pode exercer funções típicas de preposição, de conjunção ou de marcador discursivo. Sendo assim, quando ele aparece nos dois primeiros tipos de função, classificamos a função desempenhada como morfossintática. Já quando ele aparece no último tipo de função, a classificação é de função discursiva. Embora enxerguemos o discurso como objeto indissociável de todas as realizações da língua, o termo “discursivo” aqui especifica os casos em que o item sob análise exerce função mais subjetiva/interacional (Laurentino, 2016, p. 16).

A partir disso, a autora declara que em funções morfossintáticas, *tipo* atua em contextos preposicionais e de organização textual, enquanto em funções discursivas, atua em contextos que marcam aspectos interpessoais. Nesse sentido, Laurentino (2016) destaca que as funções morfossintáticas em que *tipo* atua respectivamente na exemplificação podem ser de comparação, explicação e conclusão; e as funções discursivas, em que ele atua respectivamente na introdução fática, introdução de diálogo interno, marcação de imprecisão informacional, marcação de elaboração, marcação de reelaboração, marcação de ênfase, marcação de sequenciação e delimitação aproximativa. Vejamos os exemplos colocados pela pesquisadora da página 17, 18 e 22:

a) No domínio funcional morfossintático da exemplificação: *tipo* introduz exemplo(s) e pode substituir a construção prepositiva, por exemplo:

(16) Em relação a mim, são legais comigo. Eles faz de tudo que eu peço, assim, faz algumas coisas. **Tipo**, se eu pedir alguma coisa, mesmo se eles não tiver dinheiro naquele dia, mas tentam comprar alguma coisa. (Natal/RN)

b) No domínio funcional morfossintático da comparação: *tipo* estabelece relação de similaridade entre dois elementos e pode substituir formas a exemplo de como, feito e igual:

(17) E.: Conta pra mim, assim esse filme, né, que você disse que achou legal... Assim, a história, né, porque eu não conheço.

I.: É, **tipo**... tipo a guerra no Iraque. Alguns cara vão pra lá, são dois exércitos americanos, eles têm que ajudar esse povo, e nesse lugar onde eles estão está tendo muitas guerras civis tal... E bombas... Alguns do grupo morre também. Poucos sobrevivem. (Natal/RN)

c) No domínio funcional morfossintático da explicação: *tipo* serve para introduzir uma justificativa, explanação ou esclarecimento em relação ao que foi dito antes e parece ser, em muitos casos, substituível pelo conector porque explicativo:

(18) E.: E como é que ela é assim? Personalidade... I.: Legal, **tipo** conta todos os segredo pra mim, eu conto tudo pra ela... desde pequeno nós é amigo, desde que nós estudamos aqui de manhã tal. (Natal/RN)

d) No domínio funcional morfossintático da conclusão: *tipo* serve para concluir uma ideia, podendo indicar traços semânticos de consequência e de resumo (exerce, neste caso, função similar ao conector enfim):

(19) Do respeito entre os professores, os amigos, respeito em casa, na rua, assim, *tipo* foi bem legal essa oficina. (Natal/RN)

e) No domínio funcional discursivo da introdução fática: *tipo* opera como uma espécie de gatilho que aciona um novo turno de fala na conversação e pode substituir expressões como É,..., Bem..., Bom..., etc.:

(20) E.: Cê sabe fazer pipa... alguma coisa...? I.: Sei, sei. E.: Como é que faz? Me- me diz como é que é?

I.: **Tipo**, você pega cinco ou seis palitos de coqueiro, linha... aí, papel de seda e algumas sacolas, aí depois que cobre ela toda, faz o- bota as cordas e... só ir pra algum lugar que não tenha muito fio e... e soltar lá. (Natal/RN)

f) Na função de Introdução de diálogo interno: *tipo* introduz um discurso direto de diálogo interno, ou seja, um pensamento não verbalizado, que pode ser hipotético, como no exemplo:

(21) E.: E quando você arrumar um namorado como você acha que vai ser a relação do seu pai? I.: Acho que, quando eu tiver um namorado, meu pai vai primeiro dizer: “Tudo bem, vamos ter senso... é uma relação normal”. Mas, depois, acho que vai ficar se roendo, **TIPO**: “Meu Deus, por quê? Isso tá acontecendo mesmo?”.

g) No domínio funcional discursivo da marcação de imprecisão informacional: *tipo* indica traços de incerteza ou falta de convicção e imprecisão em relação ao que está sendo dito, ocorrendo em contextos em que aparecem expressões como eu acho:

(22) As salas eram grandes, mas eram- tinha muita gente numa sala só assim, **tipo**, uma sala do tamanho de agora, tipo... acho que era umas quarenta e poucas pessoas numa sala. Acho que hoje é umas trinta, umas quarenta... Não tem nenhuma sala hoje que ti- quarenta alunos. (Natal/RN)

h) No domínio funcional discursivo da marcação de elaboração: *tipo* é usado como um recurso para a manutenção do discurso à medida que o falante planeja e elabora seu texto:

(23) Tem que planejar tudo... até agora, novo prefeito... vai ter que fazer alguma coisa, porque a antiga prefeita assim não fez nada pra, **tipo**... melhoras pra Natal mesmo. (Natal/RN)

i) No domínio funcional discursivo da marcação de reelaboração: *tipo* tem o papel de retificar a ideia anterior:

(24) Tentaria... mudar o Brasil, tipo corrupção que tá muito... **Tipo**, não tentar mudar tudo, que eu sei que num vai tentar mudar tudo. Mas, tipo, tirar... deixar pelo menos alguns políticos Ficha Limpa. (Natal/RN)

j) No domínio funcional discursivo da marcação de ênfase: *tipo* sinaliza e dá realce ao que se diz em seguida; nesse caso, o material que se segue ao TIPO geralmente apresenta uma entoação enfática:

(25) Só se fosse **tipo** crime cruéis mesmo, assim. (Natal/RN)

k) No domínio funcional discursivo da sequenciação: *tipo* indica a continuidade do discurso, sequenciando partes do texto e mantendo um elo entre elas, e pode substituir conectores como *e* e *aí*.

(26) Mas nós teve que levar ele pro canil. **Tipo**, se ele morreu, nós num sabe. (Natal/RN)

l) No domínio funcional da delimitação aproximativa: *tipo* aponta para inexatidão daquilo que se diz, geralmente diante de expressões numerais, podendo ser substituído por termos como “aproximadamente” e “cerca de”:

(27) E.: Conte algum momento que marcou a sua vida, em que você tenha sentido medo ou tenha se sentido feliz.

I.: ... E quando eu me perdi da minha tia no Via Direta! ...Aí, eu encontrei minha vizinha, me agarrei nas pernas dela e eu fiz: “Me salva!”. E ela fez: “Calma.”. Aí, minha tia apareceu logo em seguida. Eu acho que na minha cabeça passou horas, mas passou **tipo** cinco minutos. Mas foi um desespero. (Natal/RN)

A partir desses exemplos, Laurentino (2016) explica que quando *tipo* desempenha papéis morfossintáticos, suas utilizações passam frequentemente despercebidas em situações formais de comunicação e não são tão estigmatizadas como quando ocorrem em funções discursivas. Além disso, a pesquisadora analisou as posições sintáticas do *tipo*, conforme exemplos na página 85 de seu trabalho:

a) Inicial em orações independentes:

(28) **Tipo**, ele botou cinco jogadores na frente, dois no meio e quatro atrás...

b) Inicial em orações matrizes:

(29) **Tipo**, eu num esperava não ganhar, mas, sei lá, tinha muitos textos...

c) Inicial em orações subordinadas/encaixadas, imediatamente antes de uma conjunção subordinativa:

(30) [**Tipo**, quando lança um filme assim]... vou quase direto pro MidWay assistir.

d) Inicial em orações subordinadas/encaixadas, imediatamente após uma conjunção subordinativa:

(31) Ela chegou explicou que **Tipo**... não tinha muita coisa pra fazer.

e) Interna anterior a um sintagma nominal:

(32) A gente fazia **Tipo** um forninho assim...

f) Interna anterior a um sintagma verbal:

(33) Ele **Tipo** levou como deboche

g) Interna anterior a um verbo

(34) Ele ficou se bate- **tipo** se batendo...

h) Interna anterior a um sintagma adjetival:

(35) O melhor amigo fazer poemas pra a mulher do seu melhor amigo,
Tipo... meio engraçado.

i) Interna anterior a um sintagma preposicional:

(36) As história **tipo** das- das origens daqui de Natal.

j) Precedendo uma ideia abandonada:

(37) Tipo, num tô muito esperando muito sobre o ensino médio, **tipo**... mas eu quero logo estudar assim algumas coisas.

Além dessas posições, Laurentino (2017) também verificou algumas posições não previstas nos compêndios gramaticais, retirados do *corpus*, a saber:

k) Inicial em orações coordenadas imediatamente antes de uma conjunção coordenativa:

(38) ...Mas, com o passar do tempo ele começou a gostar dela. **Tipo** e ela fez ele mudar isso.

l) Inicial em orações coordenadas imediatamente após uma conjunção coordenativa:

(39) Existe essa lei, mas **Tipo** não adianta de nada.

m) Inicial em orações reduzidas de infinitivo:

(40) **Tipo** deixar mais de violência e querer mais a paz

n) Inicial anterior a discurso direto de diálogo interno:

(41) Mas depois, acho que vai ficar se roendo, **tipo**: “Meu Deus, por quê? Isso tá acontecendo mesmo?”.

o) Em estruturas interrompidas

(42) **Tipo**, que ele foi pra uma... Tipo, ele tava na faculdade...

Em resumo, as várias funções morfossintáticas e discursivas que *tipo* tem cumprido na fala dos jovens de Natal e mostrado a sua expansão funcional, transformando-se em um elemento multifacetado, especialmente em contextos mais interativos, o qual pode atuar como um marcador discursivo. Nesse sentido, Laurentino (2016) com base nesses resultados, destaca que não é possível opormos funções morfossintáticas e discursivas do item *tipo* tomando como base seu comportamento estrutural, a não ser perceber que o item em foco apresentou tendência a ocorrer em posições iniciais e, na maioria das funções, sejam morfossintáticas, sejam discursivas, revelou mobilidade estrutural, ocupando tanto posição(ões) inicial(ais) quanto interna(s), exceto quando desempenhava a “função de comparação (com o total de dez ocorrências na posição IntSN (interna anterior a um sintagma nominal)) e naquelas em que houve somente uma ocorrência (introdução de diálogo interno e delimitação aproximativa), em todas as outras funções o item apareceu em posições variadas” (Laurentino, 2016, p. 95).

Outro trabalho que realiza o estudo sobre o item *tipo*, é a dissertação de mestrado de Aymmé Silveira Santos (2017), intitulado **A gramaticalização dos itens *tipo* e *feito* em função de Conector comparativo**. A pesquisa teve como objetivo descrever o comportamento dos elementos linguísticos *tipo* e *feito* em um contexto oral relativamente monitorado, destacando seu papel como conectores comparativos. Para isso, foram observadas a frequência de uso, a prototipicidade dos conectores comparativos e a gramaticalização desses itens. Nesse sentido, considerando o fenômeno da gramaticalização, os elementos linguísticos *tipo* e *feito*, que eram tradicionalmente utilizados em estruturas comparativas, sofreram mudanças em relação aos valores que lhes eram atribuídos. A gramaticalização desses itens foi comprovada através de seu enquadramento aos princípios elencados por Hopper (1991), funcionando de modo eficiente na atividade comunicacional.

Vale destacar que na pesquisa de Santos (2017) iremos dar ênfase no que ela falou sobre o item *tipo* tendo em vista nossos objetivos de estudo. A autora ressalta que estudos anteriores na área de linguística funcional já mostraram que certas formas de falar, como o próprio termo

“tipo”, que antes eram estigmatizadas, foram incorporadas à comunicação dos falantes da língua portuguesa em contextos informais, independentemente de fatores como classe social e escolaridade. No entanto, parece que esses elementos estão sendo utilizados de forma ainda mais versátil, indo além dos contextos extremamente informais em que as falas são mais espontâneas e menos monitoradas, como ilustrado pelos exemplos apresentados acima.

Como hipótese, Santos (2017) destaca que os falantes do português brasileiro estão usando os itens linguísticos *tipo* e *feito* de maneiras inovadoras, desempenhando tanto funções [+lexicais] quanto [+gramaticais]. Logo, esses itens estão sendo usados como conectores em contextos de comunicação oral, embora de forma menos frequente do que conjunções comparativas reconhecidas pela gramática tradicional, como, como se, não só...como, entre outras. No entanto, acredita-se que os itens estão em um processo avançado de gramaticalização, apresentando usos cada vez mais discursivos

Um ponto que vale destacar na pesquisa de Santos (2017), é que além do princípio de gramaticalização, ela também utilizou o princípio da prototipicidade, visando examinar como os conectores *tipo* e *feito* se comportam em entrevistas coletadas nos corpora VALPB e D&G, verificando se atendem aos critérios que definem a categoria de conectores comparativos. Para isso, a pesquisadora estabeleceu critérios que levem em conta a relação de comparação entre as orações sintaticamente dependentes, bem como outros aspectos relevantes para a classificação desses conectores. Os critérios definidos foram os seguintes:

1. **Posição fixa na cadeia sintagmática:** quanto maior a rigidez do elemento na cadeia sintagmática, maior será sua inserção na categoria conector gramatical. Assim, se o elemento comparativo possuir maior mobilidade, será menos prototípico em relação ao mais fixo.
2. **Presença de elemento comum a dois membros comparados:** o elemento deve ter a função de conectar dois membros que estarão sendo comparados. Esse critério define a função da categoria dos conectores comparativos
3. **Possibilidade de substituição ou ocultação do conector/ expressão conectiva:** o fato de haver a possibilidade de o falante inserir outro termo que não aquele típico do conector/ expressão conectiva, mas que concorre com os demais conectivos, ou poder ocultar um dos termos do conector/expressão, poderá definir a prototipicidade.
4. **Termo mais utilizado na substituição/ocultação do conector/expressão conectiva:** diretamente relacionado ao critério 3, caso haja substituição ou ocultação de conector ou de um dos membros da expressão conectiva, o elemento comparativo mais utilizado durante esse processo servirá como indício de prototipicidade (Santos, 2017, p. 56, grifos da autora).

Com base nesses critérios, Santos (2017) realizou a análise, destacando que quanto mais características estiverem presentes em cada elemento, mais prototípico será o item de sua classe. Um fator importante para sua análise de prototipicidade, é o de frequência de uso, pois foi considerada como um critério de desempate relevante, e justifica que a partir da contagem dos itens, a frequência servirá como um importante indicador de mudanças e do estabelecimento e manutenção de novos usos linguísticos na gramática, pois a sociedade utiliza a língua com base em práticas discursivas e sociais entre os falantes. Dessa forma, se houver empate entre itens nos critérios listados, quanto maior for a frequência das ocorrências, maior será a possibilidade de prototipicidade do elemento.

Dito isto, a análise de *tipo* e *feito*, foi realizada de acordo com a sua distribuição em categorias lexicais e gramaticais, tendo em vista que a autora considerou importante analisar a proporção de uso de *tipo* em sua categoria original e em categorias mais inovadoras, portanto, gramaticalizadas. Ademais, é importante destacar que, Santos (2017) embora tenha escolhido a função de *tipo* e *feito* como conectores para uma análise mais detalhada, os itens não se limitaram a essa função nos dados analisados, mas também foram utilizados em outras funções gramaticais. Por exemplo, o item *tipo* foi encontrado com a função de substantivo, que é sua categoria original, conforme definições dos dicionários que a pesquisadora demonstra:

Embora o item *tipo* tenha passado por mudanças de uso, exercendo funções que não somente as próprias de substantivo, o *tipo*- substantivo ainda prevalece nos dados analisados, talvez porque seja mais aceito na língua portuguesa culta do que suas funções gramaticais e também pela não possibilidade de substituição do *tipo*-substantivo devido a sua cristalização no português brasileiro (Santos, 2017, p. 65).

Dessa forma, de acordo os corpora, Santos (2017) verificou a prevalência de ocorrências das subfunções de *tipo* na categoria lexical em relação à categoria gramatical, ou seja, a categoria original dos itens se sobrepõe ao uso de categorias mais recentes. No quadro a seguir, podemos visualizar as funções que a pesquisadora encontrou do item *tipo* nos corpora de análise:

Quadro 13 - Funções do *tipo*

CATEGORIA LEXICAL	CATEGORIA GRAMATICAL:
Substantivo	Exemplificador
Caracterizador	Conector comparativo
	Marcador discursivo

Fonte: A pesquisadora conforme Santos (2017).

Em suma, o estudo de Santos (2017) comprovou que os usuários do português brasileiro (pt-BR) fazem uso de *tipo* e *feito* com outras funções morfossintáticas, além das conectivas comparativas, como as exemplificativas e de marcadores discursivos, além da permanência de uso com suas funções lexicais de origem em relação aos dois itens.

Ao examinar as pesquisas existentes que se debruçam sobre itens linguísticos como *tipo*, *onde* e *então*, bem como seus desdobramentos, é evidente o valor desses estudos para a compreensão da linguagem como instrumento de interação social. No entanto, é crucial reconhecer que esses estudos são apenas um ponto de partida, e há um vasto território a ser explorado.

Apesar de suas contribuições significativas, as pesquisas existentes muitas vezes se baseiam em corpora limitados, que podem não refletir adequadamente a diversidade e a complexidade da linguagem em contextos reais de uso. É aqui que os *podcasts* emergem como uma fonte promissora de dados linguísticos. Ao capturar interações linguísticas autênticas e variadas em contextos naturais, os *podcasts* oferecem uma janela única para a linguagem em ação, proporcionando um terreno fértil para uma investigação mais aprofundada. Nesse sentido, este texto propõe uma abordagem inovadora para a pesquisa linguística, que incorpora o uso de *podcasts* como um novo *corpus*. Ao fazer isso, buscamos não apenas ampliar nosso entendimento dos fenômenos linguísticos estudados nas pesquisas funcionalistas, mas também enriquecer e aprimorar as teorias e metodologias que orientam nosso trabalho.

No próximo capítulo, iremos explorar a base teórica que fundamenta esta abordagem, destacando os princípios da linguística funcional clássica (LFC) e examinando como esses princípios podem ser aplicados de maneira inovadora no contexto do estudo de *podcasts* como *corpus* linguístico. Ao fazê-lo, esperamos abrir novas perspectivas de pesquisa e promover uma compreensão mais profunda e abrangente da linguagem humana em sua riqueza e diversidade.

2 FORMA E FUNÇÃO: A LINGUÍSTICA FUNCIONAL CLÁSSICA

O capítulo II tem como objetivo principal os fundamentos teóricos da linguística funcional, uma vez que esta tese ancora-se em pressupostos desta teoria, usando como combustível aparatos teóricos fígados, especialmente, dos estudos de mudança linguística, gramaticalização, prototipicidade, entre outros, aqui elevados à condição de guias da análise proposta. Vale destacar que a pesquisa está orientada nos embasamentos da linguística funcional clássica (LFC). Aqui, a língua não é vista como estática, mas leva em consideração os usos que os falantes fazem dela dentro de contextos de comunicação.

Assim, este capítulo será destinado a apresentar conceitos e contribuições da linguística funcional clássica para pesquisas atuais, a fim de auxiliar o desdobramento e a análise desta pesquisa. Sendo assim, este capítulo está dividido em sete seções.

Na primeira seção, apresentamos as noções básicas que constituem a abordagem da linguística funcional clássica. Na segunda seção, delineamos a concepção de gramática para essa corrente teórica. Na terceira, discorremos sobre mudança linguística. Na quarta seção, tratamos do fenômeno da gramaticalização, apresentando suas características e conceitos. Por fim, na quinta seção, destacamos o princípio da unidirecionalidade, tendo em vista que processo de gramaticalização é visto como unidirecional.

2.1 A perspectiva da linguística funcional clássica

O século XX foi marcado por muitas mudanças em relação aos estudos dos fenômenos da linguagem, uma vez que houve o deslocamento do historicismo para o descritivismo, configurando uma nova tendência de analisar as línguas naturais, denominada linguística estrutural ou estruturalismo. Além disso, surge outra proposta, a qual enfatiza que as línguas não podem ser estudadas apenas como estruturas autônomas, dissociadas do uso, tendo em vista que elas existem para estabelecer relações comunicativas entre falantes e ouvintes. Obviamente, estamos nos referindo à perspectiva funcionalista de estudos da linguagem.

Os estudos linguísticos demonstram que a noção de sistema se deve a Saussure, já que, com ele, se inicia a visão da língua como sistema, defendendo uma prioridade do todo em relação aos elementos que o compõem. Martelotta e Kenedy (2015, p. 11) explicam que: “o termo sistema mais tarde foi substituído pelo termo estrutura: uma vez aceita a visão de que a língua constitui um sistema – um conjunto cujos elementos agrupam-se num todo organizado – cumpre analisar-lhe a estrutura”.

Assim, podemos dizer que os estudos estavam voltados em analisar sincronicamente a estrutura, logo a análise linguística focava as relações internas que estruturavam os elementos da língua. Em contraponto a essa visão, o funcionalismo defende que a língua deve ser entendida como um sistema funcional, no sentido de que ela não é usada para si mesma, mas sim para um determinado fim. Nas palavras de Martelotta e Kenedy (2015, p. 13) no funcionalismo “a função que a forma linguística desempenha no ato comunicativo tem papel predominante”.

Diferentemente da perspectiva Saussuriana, que concebe a língua como sistema abstrato, o funcionalismo linguístico caracteriza-se pela concepção de língua como instrumento de comunicação ao defender que a língua deve ser entendida como um sistema funcional, no sentido de que ela é usada para um determinado fim. Ademais, é concebida como uma estrutura que está sujeita à mudança, devido às pressões de usos nas diferentes situações comunicativas, uma vez que está a serviço da interação social.

A perspectiva funcional possui, assim, ligação com a Escola Linguística de Praga, já que foi nesse período que começou a ter a preocupação com a função sendo o centro condutor para as reflexões linguísticas, neste caso, a função deixa de ser apenas uma entidade sintática e passa a ser analisada a partir da união estrutural com a funcional. Ainda mais, o funcionalismo ligado a Escola Linguística de Praga observava a língua como sendo dinâmica, em que estrutura e função são vistas como instáveis, em relação à força dinâmica e mutável da língua.

A propósito, no que diz respeito à linguística funcional clássica, também conhecida como a abordagem norte-americana, ganha destaque a partir da década de 1970. Suas pesquisas se destacavam pela característica principal de analisar a língua a partir do contexto linguístico e das situações extralinguísticas, logo “a proposta é que o estudo do discurso e da gramática seja simultâneo, para que se possa entender como a língua se configura” (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013, p. 14).

Nesse contexto, lembramos de Givón (1991) quando ele coloca que é preciso conceber a universalidade da *função* ponderada como uma questão de grau, uma vez que as diferentes línguas podem combinar, de maneiras distintas, os mesmos traços universais. O estudioso também destaca que alguns traços, sejam eles semânticos, funções pragmáticas ou a combinação entre ambos, podem ocorrer em algumas línguas, ou até mesmo em uma única língua isolada, e complementa arguindo as funções codificadas pela gramática revelam uma maior universalidade do que a semântica lexical, que se prende a restrições culturais.

No Quadro 14, já podemos visualizar alguns princípios que caracterizam o funcionalismo, indicados por Givón (1995):

Quadro 14 - Princípios funcionalistas

CARACTERÍSTICAS DA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA
A linguagem é uma atividade sociocultural;
A estrutura serve a uma função cognitiva ou comunicativa;
A estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica;
A mudança e a variação estão sempre presentes;
O significado é dependente de contexto e não atômico;
As categorias não são discretas;
A estrutura é maleável, não rígida;
As gramáticas são emergentes;
As regras da gramática permitem alguns desvios.

Fonte: Givón (1995, p. 9, tradução nossa.)⁴.

A partir desse quadro, a explicação para a realização de uma análise linguística com esses princípios, institui que o funcionalismo realize o estudo da língua com base nas situações de uso, considerando a inter-relação que se instaura entre gramática e discurso, isto é a gramática empresta formas ao discurso, ao tempo em que é por ele atualizada. Esse tipo de estudo dos fenômenos da linguagem atesta que existe forças externas à língua que influenciam diretamente na sua atualização e, que as forças internas, são encaradas como motivações dinâmicas e não como estruturas fixas.

A proposta de Givón (1995), assim, procura analisar a língua com base no que é externo e interno, ou seja, quando o pesquisador analisa a língua observa o funcionamento do sistema cognitivo humano em relação ao uso da língua. Portanto, o funcionamento da mente advém do comportamento da língua, já que ela não pode ser analisada sozinha, o externo e o interno se atrelam numa relação indissociável.

Tendo como base essa pequena explicação sobre o funcionalismo, nossa pesquisa se fundamenta nesta teoria para corroborar com nossa proposta que visualiza um posicionamento

⁴ Texto original: Language is a socio-cultural activity; structure serves cognitive or communicative function; structure is non-arbitrary, motivated, iconic; change and variation are ever-present; meaning is context-dependent and non-atomic; the categories are less-than-discrete; structure is malleable, not rigid; grammars are emergent; rules of grammar allow some leakage.

em relação ao *podcast* enquanto gênero discursivo/digital como ferramenta de interação e, consequentemente, atualização da gramática. Para tanto, acreditamos que em uma análise que concebe a língua enquanto instrumento de comunicação, sendo dinâmica e suscetível às pressões do próprio sistema, bem como às influências que estão no domínio extralinguístico.

Assim, acreditamos que aparados por esta teoria, será possível criar subsídios para uma análise e discussão rica, já que o uso de *onde*, *então* e *tipo* tratam-se de um comportamento particular, que vem sendo usado “regularmente” em contextos específicos do uso da língua, tanto oral, quanto escrita.

Para tanto, o ponto de partida para a linguística funcional clássica é o uso da língua, onde podemos verificar se o uso dos itens *onde*, *então* e *tipo* sendo de fato regularizado por meio da frequência de uso dos usuários dentro do sistema linguístico ou se esse uso está acontecendo apenas em determinados contextos, não tendo força suficiente para favorecer uma mudança linguística. Dito isso, averiguamos que a língua não é um sistema fechado em si, já que só podemos explicar os usos desses itens presente no *podcast*, quando cogitamos os participantes da interação, os contextos de uso, e o discurso, que são fatores que estão relacionados ao domínio linguístico e que influenciam, de maneira direta, a forma da língua. À vista disso, identificamos que esses fatores estão em consonância com os construtos teóricos de Givón (1995), que prevê as condições de ordem social, histórica, cultural, comunicativa, discursiva e cognitiva são propícios para induzir a codificação gramatical.

À fase do exposto, a linguística funcional clássica caracteriza-se pela concepção de língua como instrumento de comunicação, que não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura que está sujeita à mudança, devido às pressões de usos nas diferentes situações comunicativas, uma vez que está a serviço da interação social. De acordo com Furtado da Cunha (2020, p. 163), a sintaxe para essa perspectiva:

A sintaxe é compreendida como uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso, ao qual se molda. Ou seja, há uma forte vinculação entre discurso e gramática: a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento na interação discursiva.

Posto isto, na linguística funcional clássica não confere autonomia à sintaxe em relação à semântica, já que o discurso e a semântica são considerados como componentes centrais para o estudo da sintaxe. O falante reorganiza a gramática em função do uso e da sua necessidade comunicativa, logo a gramática é afetada pelas experiências dos usuários com a língua. Deste

modo, “[...] a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa” (Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2015, p. 21).

Na análise funcionalista da linguagem, além dos níveis fonológico, morfológico e sintático, também são basilares outros níveis como a semântica e a pragmática, que servem para explicar toda a organização no sistema linguístico, que para essa corrente, como já falamos, a língua não é estanque, mas dinâmica e suscetível a pressões de uso. Desse modo, em uma análise funcional a frase não é vista isolada, mas em um contexto comunicativo, que leva em consideração os aspectos que constituem a interação, como: quem são os (inter)locutores, para quem se está falando, qual a situação e intenção que se pretende.

Logo, percebemos que é nas necessidades comunicativas que os falantes utilizam a língua para alcançarem seus propósitos de comunicação, assim podemos dizer que a gramática de uma língua depende da situação interativa a partir da relação entre os (inter)locutores e o contexto comunicativo.

A linguística funcional clássica se caracteriza pela concepção de língua como instrumento de comunicação ao defender que a língua deve ser entendida como um sistema funcional, no sentido de que ela é usada para um determinado fim. Ademais, é concebida como uma estrutura que está sujeita à mudança devido às pressões de usos nas diferentes situações comunicativas, uma vez que está a serviço da interação social. Nesse sentido, Neves (2007) explica que a noção de função passa a ser entendida não apenas como entidade sintática, mas como a união do estrutural (sistêmico) com o funcional. Logo, a noção de função:

rejeita uma preocupação com a pura competência para a organização gramatical de frases, a reflexão se dirige para a multifuncionalidade dos itens, ou seja, para uma consideração das estruturas linguísticas exatamente pelo que elas representam de organização dos meios linguísticos de expressão das funções a que serve a linguagem, que por natureza é funcional. (Neves, 2007, p. 18).

Neves (2007, p. 18) complementa essa afirmação afirmando que as estruturas linguísticas são configurações de funções, pois “as diferentes funções são os diferentes modos de significação no enunciado, que conduzem à eficiência da comunicação entre os usuários de uma língua”. Funcional é a comunicação, e funcional é a própria organização interna da língua. De maneira geral, o Funcionalismo busca entender para que servem as unidades linguísticas, o que é o mesmo que dizer que o funcionalismo se ocupa, exatamente, das funções dos meios linguísticos de expressão (Neves, 2007). A autora explica que:

Na tradição desse modelo de ver a linguagem destaca-se um centro condutor de reflexão que é a noção de ‘função’, entendida não apenas como entidade sintática, mas como a união do estrutural (sistêmico) como o funcional. Rejeitando uma preocupação com a pura competência para a organização gramatical de frases, a reflexão se dirige para a multifuncionalidade dos itens, ou seja, para uma consideração das estruturas de expressão das funções a que serve a linguagem, que por natureza é funcional (Neves, 2007, p.18).

À vista disso, Neves (2007), ao constituir esse pensamento, observa que as estruturas linguísticas recebem a configuração de função, e as suas diferentes funções são os diferentes modos de significação do enunciado, o que ajuda na comunicação entre usuários de uma língua. Prova disso são as manifestações de uso dos itens *onde*, *então* e *tipo* que vem sendo utilizado com maior frequência, nos âmbitos de fala, observando as diferentes significações na comunicação entre os usuários.

Nessa perspectiva, vale lembrar que Martelotta e Kenedy (2015, p. 19) asseguram que, na perspectiva funcionalista, “a função que a forma linguística desempenha no ato comunicativo tem papel predominante”. Assim, o funcionalismo contextualiza a língua como instrumento de interação social:

cujo correlato psicológico é a competência comunicativa, isto é, a capacidade de manter a interação por meio da linguagem. Segue-se que as descrições das expressões linguísticas devem proporcionar pontos de contacto com seu funcionamento em dadas situações. O discurso é um marco globalizador, dentro do qual se deve estudar a Semântica e a Sintaxe (Castilho, 2012, p. 19).

Desse modo, o funcionalismo contextualiza a língua na situação social em que acontece a interação verbal, concentrando a sua pesquisa no “estabelecimento das relações entre forma e função, especificando aquelas funções que parecem exercer influência na estrutura gramatical” (Castilho, 2012, p. 21). Posto isto, chamamos atenção para a definição de sintaxe na linguística funcionalista, compreendida como:

uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso, ao qual se molda. Ou seja, há uma forte vinculação entre discurso e gramática: a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento na interação discursiva (Furtado da Cunha, 2020, p. 163).

Nesse sentido, o objeto teórico para a abordagem funcionalista é o uso da língua, ou seja, “investiga o fenômeno função da estrutura deste sistema e defende a sua não autonomia, advogando que a língua depende diretamente do meio e das pessoas que empregam” (Souza;

Matos, 2017, p. 283). Portanto, a abordagem funcionalista está preocupada não apenas com a estrutura, mas também com a função, o que nos faz lembrar de Castilho (2012, p. 22) quando assevera que “a teoria funcionalista considera que a gramática das línguas naturais é um conjunto de escolhas formuladas pelos falantes. Essa gramática não é estática” e complementa que os postulados funcionalistas coincidem com:

- (i) a língua é uma competência comunicativa;
- (ii) as estruturas linguísticas não são objetos autônomos;
- (iii) a explicação linguística deve ser preocupada nos usos linguísticos e numa percepção pancrônica da língua (Castilho, 2012, p. 22).

Em suma, percebemos que, na teoria funcionalista da linguagem, a gramática é organizada por um conjunto de regras observadas nos usos dos componentes linguísticos, as quais assomam do discurso. Situado o campo de estudo ao qual nos filiamos neste trabalho, serão apresentadas, a seguir, algumas considerações sobre o princípio de marcação, tema de grande relevância para o estudo da linguagem.

Dito isto, ao estudarmos e apresentarmos a linguística funcional clássica, os itens *onde*, *então* e *tipo* dentro do *podcast*, demonstra não somente suas características formais, como também, sua regularidade de uso, e é através desta investigação que vamos apurando os usos regulares ou não que podem ser identificados na ação do falante sobre a proposta de neutralização da língua, e as possibilidades de usos dessas estruturas.

Vale destacar também que essa regularização só acontece se a mudança, no caso da linguagem neutra, estiver presente não apenas em um contexto discursivo específico, mas acessível para toda a comunidade. Diante disso, outro ponto de destaque dentro da perspectiva funcionalista da linguagem, diz respeito a sua gramática, uma vez que ela é “construída” pelo uso. A próxima seção focará essa temática.

2.2 A concepção de gramática para a perspectiva funcional

Umas das observações feitas nos estudos propostos pela perspectiva funcionalista refere-se ao fato de que uma gramática funcional se aplica às diversas línguas e aos diversos tipos de línguas, pois nelas se equilibram o geral e o particular. Nesse sentido, a gramática, para essa teoria, deve ser olhada como o produto instável ou ainda como um sistema de regularidades decorrentes das pressões de uso, que estão ligadas a diversos interesses e

necessidades comunicativas e pragmáticas. A partir disso, se manifesta a chamada *gramática emergente*.

Esse termo foi concebido por Hopper (1987), para referir-se a uma gramática que está em constante evolução, uma vez que, conforme o uso, novas estruturas gramaticais se desenvolvem. Em vista disso, ou seja, em decorrência da frequência de uso, a regularidade da gramática é instável, e nunca completa. Nesse caso, Tavares (2012, p. 33) explica que:

[...] a gramática é um repertório de construções linguísticas que, outrora, representavam estratégias retóricas criativas expressivas para a constituição do discurso, mas que, devido à alta frequência de uso, acabam se tornando rotinizadas, convencionizadas, passando assim, a fazer parte da gramática.

Para tanto, a gramática redefinida por Hopper (1987) é amparada nos usos discursivos e corresponde a uma organização cognitiva que está relacionada com as experiências passadas individuais de ativação discursiva do sujeito falante. O linguista explica que, quando o sujeito fala, aciona cognitivamente um conjunto de experiências passadas de uso de certas construções. Diante disso, podemos afirmar que a gramática, para Hopper (1987), se opõe à perspectiva de uma gramática como sistema abstrato e unificado de regras e princípios.

Nesse seguimento, a gramática é vista como um produto social, assim como o discurso. Hopper (1987) expõe que a noção de frequência, regularidade ou rotinização é uma noção-chave na defesa teórica de uma gramática a emergir do discurso. Logo, é a união da difusão sistemática da frequência com certas distribuições de formas. Tavares (2012, p. 34) esclarece que o discurso:

Pode ser definido como um mosaico sempre provisório, que é composto pela organização em andamento de construções lexicais e gramaticais concatenadas e encaixadas umas nas outras, sob influência de uma gama de fatores que condicionam cada situação discursiva (fatores cognitivos, comunicativos, sociais, estilísticos, etc.)

Portanto, na constituição do discurso, temos, de um lado, a repetição de construções gramaticais que já estão rotinizadas, sendo intensificada cada vez mais sua regularização. De outro lado, temos a gramática que pode emergir diferente cada vez que for usada, uma vez que “as construções gramaticais são suscetíveis ao rearranjo e à remodelação a cada situação comunicativa” (Tavares, 2012, p. 34). No caso da nossa pesquisa, os itens *onde*, *então* e *tipo*, só constituirão a gramática da língua se ocorrer frequência, rotinização e regularidade, por parte dos usuários da língua, já que a gramática emerge do discurso.

Vale ressaltar que as adaptações e negociações se dão a partir de experiências anteriores de cada interlocutor com o uso das construções gramaticais em situações de interação variadas. Assim, as experiências do falante e do ouvinte com a língua são particulares, tendo em vista que: “podem ser distintas em diversos graus, eles têm de se esforçar para se fazer entender e para tentar entender, negociando e adaptando funções e formas para levar sua interação linguística adiante, o que instiga a mudança” (Tavares, 2012, p. 35).

Dessa maneira, é interessante mencionar a importância da frequência de uso, tendo em vista que é um fator que age no estabelecimento e na manutenção da gramática, pois possibilita a criação de novas construções. Sendo assim, a gramática é adaptada para o uso diário da língua e é por ele constantemente reconfigurada. Para somar esse pensamento, arguimos que como o discurso está relacionado com as estratégias criativas do falante, ele organiza do seu texto de maneira funcional para determinado ouvinte em uma situação comunicativa. Como sabemos, na medida que o discurso é o ponto de partida para gramática, é também o seu ponto de chegada.

Em decorrência da frequência de uso um item linguístico passa a acontecer de maneira previsível e estável, assim ele sai do discurso e passa a atuar na gramática. É relevante chamar atenção para que a gramática, na perspectiva emergente, não abriga apenas construções tradicionalmente consideradas pertinentes ao âmbito gramatical, já que:

quaisquer porções linguísticas recorrentes como expressões, idiomáticas, provérbios, clichês, fórmulas, sintagmas especializados, transições, aberturas, fechamentos. Tais elementos tendem à rotinização e à fixação, e são sujeitas às pressões contextuais como todas as construções gramaticais Hopper (1987 *Apud* Tavares, 2012, p. 144).

Logo, podemos dizer que esses fatores fazem com que a gramática não seja vista como fechada, autocontida, mas sim aberta, vigorosamente passível à mudança e afetada pelos usos reais de interação. Ainda mais, a partir da frequência de uso que uma determinada estrutura leva a sua fixação no repertório do falante e faz dela uma unidade de processamento, o que acarreta que o falante explora recursos gramaticais que estão disponíveis para atingir seus propósitos comunicativos.

Não obstante, o discurso expõe padrões que são recorrentes e podem extrapolar o que é previsível pelas regras gramaticais, sendo a língua um sistema adaptativo, uma estrutura fluída e constituída por padrões regulares e outras que mudam a depender das necessidades sociocomunicativas. Nessa conjuntura, Hopper (1987) assegura que o processo de constituição da gramática é constante, gradual e sempre dirigido pelo discurso.

A partir de algumas definições sobre *Gramática Emergente*, concluímos que a gramática para o Funcionalismo é organizada por um conjunto de regras observadas nos usos dos componentes linguísticos, as quais assomam do discurso. Assim, adota-se, nesse paradigma, um modelo de gramática dinâmico, cujo “estatuto vai sendo constantemente negociado na fala, não podendo, em princípio, ser separada das estratégias de construção do discurso” (Hopper, 1988, p. 118 *Apud* Castilho, 2010, p. 138).

Neves (1994, p. 112) corrobora que a gramática funcional é “uma teoria geral da organização gramatical de línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global de interação social” e complementa seu pensamento através das contribuições de Mackenzie (1992) que a gramática funcional tem o objetivo de explicar as regularidades nas línguas, das circunstâncias sob as quais as pessoas usam a língua. A gramática nessa perspectiva ocupa, assim, uma posição intermediária em relação:

às abordagens que dão conta apenas da sistematicidade da estrutura da língua ou apenas da instrumentalidade do uso da língua. Isso não equivale a dizer que gramática funcional é uma espécie de guarda-chuva protegendo todos os tipos de trabalho, tanto gramaticais quanto pragmáticos; ao contrário, afirma Mackenzie, há uma tradição coerente da gramática funcional ligando explicitamente construções linguísticas a constelações pragmáticas (Neves, 1994, p. 112-113).

Nesses termos, com base no pensamento da autora, podemos dizer que a gramática funcional pode ser igualmente aplicável a todos os tipos de língua, isto é, nos estudos de descrição uma língua não deve ter características tão específicas que não possam ser transferidas para outras línguas e nem podem ser tão gerais que as especificidades das línguas individuais desapareçam, assim “essa busca de adequação tipológica foi operacionalizada em uma interdição de transformações e de filtros, o que, em princípio, opõe as gramáticas funcionais às gramáticas formais” (Neves, 1994, p. 113).

Neves (1997) defende que a gramática funcional é uma teoria geral da organização gramatical de línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global de interação social. Nessa teoria, se aceita que as relações entre as unidades e as funções têm prioridades sobre seus limites e sua posição, entendendo-se a gramática como acessível às pressões do uso. Dessa forma, Neves (1997, p.15) explica que:

Quando se diz que a gramática funcional considera a competência comunicativa, diz-se exatamente que o que ela considera é a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas

também de usar, interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória.

Em outras palavras, a gramática funcional para Neves (1997) visa explicar que os falantes, além de codificar e decodificar as expressões, usam a língua conforme as suas necessidades comunicativas.

Outro ponto relacionado à gramática é sua relação com a cognição, podendo haver diversos modelos, realçando diferenças no seio dessa relação. Givón (1995) fixa-se particularmente no postulado da não autonomia do sistema linguístico, na concepção da estruturação interna da gramática como organismo que unifica sintaxe, semântica e pragmática e no exame dos aspectos icônicos da gramática.

Assim, para Givón (1995), a língua não pode ser descrita como um sistema autônomo porque a gramática só pode ser entendida por referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução. Para o pesquisador, os padrões colocados perante à construção do discurso são abastecidos pela gramática, por ser considerada emergente, ela varia e muda consoante as necessidades comunicativas, portanto, novas funções são criadas, por formas que continuam se ajustando, inovando ou abrangendo seus significados.

Givón (1995) considera a existência de uma correlação icônica entre o ‘empacotamento’ cognitivo e o ‘empacotamento’ gramatical. Entretanto, reconhece a possibilidade de que, sem que isso implique diferenças profundas na cognição do evento, as diversas línguas apresentam diferenças na codificação estrutural de um mesmo evento ou na codificação de semelhantes tarefas do processamento de fala. Isso se deve ao fato de haver diferentes recursos à disposição do falante nas diferentes línguas.

De acordo com Neves (1997), em um modelo cognitivista da gramática, a estruturação das categorias linguísticas se faz dentro dos mesmos princípios que orientam a estruturação de todas as categorias humanas, por exemplo, as perceptuais. Para tanto, supõe-se que a teoria gramatical deve ser capaz de dar conta das relações entre as categorias linguísticas e as categorias cognitivas, considerando uma relação icônica entre os sistemas.

Diante desse contexto, como estamos falando de mudança linguística, na abordagem funcional, na próxima seção será desenvolvida de maneira mais contextualizada sobre esse tema dentro dessa teoria base para nossa pesquisa.

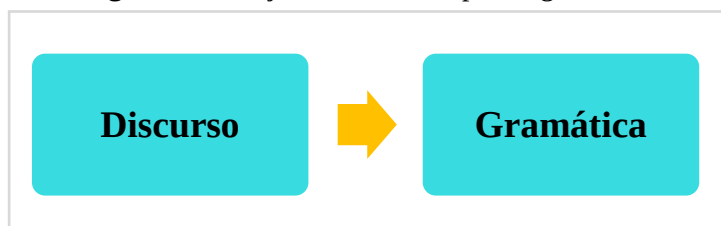
2.3 A mudança linguística dentro da perspectiva funcional

Um dos aspectos que a abordagem funcionalista da linguagem destaca é a dinamicidade das línguas, considerando que as línguas mudam, tendo em conta elementos externos ligados não apenas a razões cognitivas, mas também a fatores sociocomunicativos. Nessa direção, existe a possibilidade de novas estruturas assumirem novos papéis no sistema linguístico, pois elas se recriam, se especializam e reanalisam, alicerçado nas escolhas linguísticas nos usos interativos em um determinado contexto.

Assim, uma mesma forma, a partir de situações ou épocas diferentes, pode assumir diversos significados para diferentes indivíduos, já que as línguas são mutáveis e estão associadas a cultura relacionadas com o modo de vida, apresentando variações de ordem individual, como social, regional, sexual, entre outras, como também de mudanças que se manifestam com o passar do tempo. Então, para demarcamos a mudança linguística na perspectiva funcional, Martelotta e Kenedy (2015) destaca dois princípios elencados por Hopper (1991), e estão intrinsecamente ligados ao processo de mudança, são eles, o princípio de camadas e o princípio de divergência. O autor os conceitua informando que:

O princípio de *camadas* refere-se ao fato de as línguas frequentemente possuírem mais de uma forma para desempenhar funções idênticas, sendo, nesse caso, importante registrar que a nova forma não implica o desaparecimento da forma existente. No caso da *divergência*, tem-se um conjunto de formas com a mesma etimologia, desempenhando funções diferentes, e, novamente, a existência do novo uso não implica o desaparecimento do uso original (Martelotta; Kenedy, 2015, p. 50, grifos o autor).

Percebemos que pesquisas sobre mudança linguística dentro dessa perspectiva possuem relação com a teoria da gramaticalização (veremos na próxima seção de maneira mais contextualizada), de maneira sucinta, o seu desenvolvimento aconteceu na linguística funcional norte-americana, por volta dos anos de 1970, e então, criou-se a concepção de que o uso das línguas nas situações reais de comunicação motiva as transformações sofridas pelos elementos linguísticos ao longo do tempo por meio de uma unidirecionalidade, pois caminham da direção do discurso para a gramática, conforme figura:

Figura 02 - Trajeto do discurso para a gramática

Fonte: A pesquisadora com base em Martelotta (2015).

Logo, na reprodução do discurso, temos de um lado a criatividade dos usuários ao usar a língua, e do outro lado temos a repetição de estruturas gramaticais que, de alguma maneira, já estão rotinizadas, e intensificam cada vez mais sua fixação e regularização, uma vez que, como vimos na seção anterior, a gramática não é vista como fechada, mas aberta, e passível à mudança e afetada pelos usos reais de interação. Assim, a ideia de unidirecionalidade “leva à hipótese de que existem fatores de ordem cognitiva, sociocultural, e comunicativa norteando a mudança” (Martelotta; Kenedy, 2015, p. 51).

Segundo este autor, na linguística funcional, a mudança linguística tende a compartilhar com os pressupostos de Labov (1994), quando formula a hipótese da neogramática de mudança, e defendem que os mesmos tipos de mudança ocorreram em todas as fases da história das línguas, e tende a continuar mudando, assim, neste modelo, não cabe a oposição sincronia x diacronia, já que às características e peculiaridades dessas mudanças são pancrônicas. Com isso, averiguamos que pesquisas sobre mudança linguística não são recentes, pois desde as primeiras reflexões sobre as estruturas das línguas, é possível identificar diversas abordagens, como Saussure (2012) que já se preocupava com esse aspecto, considerando que:

A primeira coisa que surpreende quando se estudam os fatos da língua é que, para o indivíduo falante, a sucessão deles no tempo não existe: ele se acha diante de um estado. Também o linguista que queira compreender esse estado deve fazer tabula rasa de tudo quanto produziu e ignorar a diacronia. [...] A intervenção da História apenas lhe falsearia o julgamento (Saussure, 2012, p. 123).

A partir dessa prerrogativa, é visto que a diacronia e a sincronia não seria elementos intercambiáveis, tendo em vista os critérios de imanência, para atender as demandas de investigação metodológica, assim, a análise pancrônica também seria válida, só que a mudança linguística é considerada “conforme o arbítrio dos interessados” (Saussure, 2012, p. 118). Realizando uma breve definição desses caminhos, na análise sincrônica, o processo verifica a

trajetória de um item lexical, em determinados contextos, observando as origens das formas gramaticais e os clines de mudanças que os afetam.

Na análise diacrônica, o fenômeno sintático é examinado por meio de uma perspectiva discursivo-pragmática, implicando a consideração de padrões fluídos no uso linguístico. Em relação à pancronia, conforme delineado por Saussure (2012), é abordada a partir de aspectos contínuos na análise gramatical, em que as ocorrências diacrônicas formam um conjunto de sincronias, no qual as línguas não são analisadas de forma isolada ou estanque. Esse pensamento é defendido por muitos estudiosos como Coseriu (1967), Labov, (1995), Furtado da Cunha, Oliveira e Votre (1999), entre outros, que observam a importância de uma visão pancrônica nos estudos das línguas.

Ainda nesse viés estruturalista, vale destacar a importância do conceito de estaticidade, Lucchesi (2004) explica que esse conceito fundamental do espectro da mudança, pois:

O estabelecimento da noção de estado da língua – ou projeção sincrônica – constitui uma operação crucial na construção de língua como um sistema homogêneo e unitário, porque toda a dinamicidade inerente à relação entre língua e sociedade se efetiva através do tempo, na dimensão sócio-histórica do fenômeno linguístico, através do binômio variação e mudança (Lucchesi, 2004, p. 54).

Nessa perspectiva, com base no excerto, na medida que a variação é um atualizador a cada momento dos processos de mudanças admissíveis na língua, a mudança é o resultado dos processos de variação linguística. Para tanto, as abordagens pós-estruturalistas no tocante a mudança histórica de uma língua, rompem com a concepção de que são representadas a partir de uma sucessão de sistemas homogêneos e autônomos, e passam a considerar que o processo de variação e mudança ocorre em um *contínuo* dentro do sistema, representado como heterogêneo, são levados em consideração o contexto sócio-histórico e cultural da comunidade, superando-se assim:

a dicotomia sincronia e diacronia, no sentido que esta havia adquirido no estruturalismo, pois a análise sincrônica da língua, fora do devir histórico, não encontra mais fundamentação empírica. Em todo momento em que se considere a língua no presente, o sistema linguístico deve ser concebido como um sistema de regras e unidades variáveis, como a atualização do contínuo processo de variação e mudança que se opera ao nível da estrutura linguística (Lucchesi, 2004, p. 181).

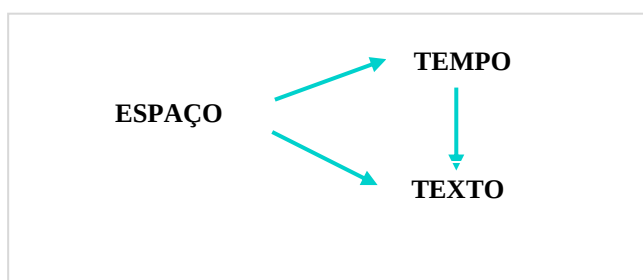
Portanto, é comum encontrar uma forma possuindo vários significados, que são atualizadas devido às necessidades no contexto de interação, em termos funcionais, assim, dizem-se que as línguas possuem um dinamismo que é inerente, e a sua natureza é heterogênea devido as constantes atualizações que a gramática sofre.

Diante desse contexto, chamamos atenção para evidências que o processo de mudança, desenvolveu-se no tempo, de modo que estruturas antigas passaram a assumir novos significados, logo o fator tempo “não deve ser descartado das análises referentes ao fenômeno da mudança linguística” (Martelotta; Kenedy, 2015, p. 52). Um contraponto que podemos fazer em relação ao fator tempo, é em relação ao surgimento dos prefixos no português, que são considerados formações recentes, que envolvem itens lexicais novos, e não transformações progressivas de formações já existentes:

A questão já não é mais puramente diacrônica, na medida em que casos como esses não refletem a evolução de uma formação na base da proposta da trajetória unidirecional. Deve haver tendências comunicativas, cognitivas e até estruturais que incentivam essas formações, tornando esses elementos – hoje ou ontem, em português ou em latim – potencialmente perfeitos para assumir funções de prefixo em contextos específicos (Martelotta; Kenedy, 2015, p. 52-53).

A partir disso, lembramos de Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991) quando eles propuseram a trajetória da mudança semântica que um item linguístico tenderia a cumprir até se fixar dentro da categoria, isto é a mudança pode se efetivar de uma origem espacial, passando ou não pela função temporal até chegar numa atuação textual.

Figura 03 - Trajetória de mudança semântica



Fonte: Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991)

Na figura 03, verificamos a trajetória unidirecional de mudança comum nas línguas, que leva itens gramaticais que pertenciam a uma categoria a pertencer a novas, tendo ou não apresentado intermediariamente de valor temporal. Tais fatos nos fazem entender que a

mudança linguística não acontece de maneira linear, ou seja, a partir de transformações decorrentes da evolução temporal. Na abordagem funcionalista:

O fator tempo, embora ajude, em alguns casos, na avaliação objetiva da hipótese da unidirecionalidade, não é primordial para a compreensão da mudança linguística, tornando a análise diacrônica apenas uma das estratégias possíveis para atestar as tendências pancrônicas (Saussure, 1916/1973), que parecem estar mais associadas à capacidade humana de interpretar o mundo e expressá-lo a outros indivíduos (Martelotta; Kenedy, 2015. p. 59).

Diante disso, podemos arguir que as transformações que as línguas sofrem não são apenas uma questão de tempo, mas fatores de ordem cultural, social, e principalmente, do dispositivo criativo que nós falantes possuímos ao usar a língua para atender nossas necessidades comunicativas no ato da interação. À face do exposto, a mudança linguística, para esse autor, deve ser entendida como um fenômeno tridimensional, posto que a trajetória de um elemento linguístico é um reflexo de, pelo menos, três aspectos diferentes: *tempo* e, sobretudo, *cognição* e *uso*, e explica:

Se *tempo* é fator necessário para os processos de mudança se fazerem sentir, *cognição* e *uso* são de fundamental importância para uma teoria que interpreta as línguas humanas como o reflexo do comportamento, no ato concreto da comunicação, das restrições cognitivas associadas à captação dos dados da experiência, à sua compreensão e ao seu armazenamento na memória, assim como a capacidade de organização, acesso, utilização e transmissão adequada desses dados (Martelotta; Kenedy, 2015, p. 60).

Em função disso, inferimos que a mudança linguística ocorre pelas diferentes necessidades da atuação desses fatores cognitivos dadas nos diversos contextos de cada interação, assim é na situação comunicativa que o falante inova os usos das estruturas linguísticas que estão disponíveis, criando novos significados que dependem do curso e propósito da interação.

Em resumo, para o pesquisador, as mudanças de uma língua devem ser compreendidas como movimentos que se iniciam a partir da reprodução do discurso em uma determinada situação comunicativa, portanto, Martelotta e Kenedy (2015, p. 62) reforça que de um lado “a produção discursiva é limitada pelas restrições já consagradas na gramática da língua”, por outro lado “constitui um processo criativo no qual o falante recria formas e entende sentidos segundo as limitações cognitivas e as necessidades comunicativas impostas contextualmente”.

O estudo da variação e uso da língua é considerado heterogêneo, assim como a homogeneidade não é aleatória, mas regulada, isto é, conduzida por um conjunto de regras. Embora essas regras sejam enquadradas até então numa perspectiva sistemática, destaca-se a inserção de outros aspectos, no interior dos sistemas linguísticos, que contrariam a precisão unívoca da homogeneidade.

Para tanto, os parâmetros que contextualizam a variação e/ou mudança linguística constituem um complexo estrutural que compõem origens e níveis diversos em variáveis que podem ser internas e externas à língua. Em relação à variação, podemos listar fatores fonológicos, morfológicas, sintáticos, discursivos e lexicais que condicional para o nível do significado e do significante, tal como os diversos subsistemas da língua. Já à noção de mudança, também são acatados aspectos que estão relacionados com a fluidez de categorias gramaticais, tendo em conta os critérios semânticos e pragmáticos para as análises sintáticas. Sendo o discurso de fundamental importância, uma vez que contribui para que a noção de mudança seja considerada funcional, assim:

O que parece impulsionar o movimento de mudança são os mecanismos interacionais associados aos usos dessas estruturas. Em termos mais específicos, a mudança tende a refletir o modo mais eficaz de negociações de sentido que o falante e ouvinte promovem no ato da comunicação (Martelotta, 2011, p. 53).

Assim, para a perspectiva funcional, não basta estudar apenas as variações, é necessário estudar também as questões de ordem cognitivas e interacionistas que estão envolvidas no processo de mudança linguística. Isso reflete que componente criativo da linguagem humana possui um papel essencial para o desenvolvimento e o uso da linguagem, já que atuam em determinados processos mentais que são inerentes à nossa espécie (Martelotta, 2011). O pesquisador afirma que a mudança é “um fator inerente às línguas naturais que se desenvolvem para veicular a comunicação entre os seres humanos” (Martelotta, 2011, p. 32).

Segundo essas reflexões, fica evidente que os processos naturais relacionados ao dinamismo das línguas, o processo de mudança ocorre por gramaticalização, como trataremos a seguir. Vale salientar que Martelotta (2011) considera a natureza das línguas como dinâmica, tendo em vista seu funcionamento nos eventos de comunicação, sendo este um fator responsável pela dinamicidade que é inerente aos sistemas linguísticos.

Diante desse contexto, como estamos falando de mudança linguística, na abordagem funcional, se abrigam alguns temas de grande relevância para o estudo da linguagem, dentre

eles, o estudo da gramaticalização e seus desdobramentos, os quais serão tratados na próxima seção.

2.4 O fenômeno da gramaticalização

A concepção de língua como sendo algo homogêneo e estático foi, de há muito, rompida, uma vez que o avanço dos estudos da linguística vem ao encontro de uma visão de língua como um sistema heterogêneo e mutável. Assim sendo, dentre os vários processos de mudança linguística, a gramaticalização é considerada um dos mais comuns que se tem observado nas línguas.

O estudo do fenômeno da gramaticalização desenvolveu-se, na linguística funcional norte-americana, a partir dos anos de 1970, quando houve um resgate do papel das transformações que sofreram os elementos linguísticos. Entretanto, Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão e Carvalho (2007) expõem que as primeiras considerações sobre o fenômeno da gramaticalização devem-se ao francês Antoine Meillet, figura central nos estudos sobre o tema, uma vez que foi o primeiro a usar o termo *gramaticalização* para se referir ao processo em que uma palavra autônoma passa a ter uma função gramatical, embora as noções de gramaticalização já existissem no século X.

Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991, p. 3) formulam um dos conceitos clássicos de gramaticalização: “A gramaticalização consiste no aumento do percurso de um morfema que avança do léxico para a gramática ou de um estado menos gramatical para um estado mais gramatical⁵.”

Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão e Carvalho (2007) explicam que nos estudos realizados por Meillet tinha-se, primeiramente, a ideia de gramaticalização como uma ferramenta da linguística histórica, que buscava dar conta das origens e mudanças que envolviam os morfemas gramaticais, assim complementando o campo da etimologia e da evolução das palavras. Entretanto, estudos realizados pelo autor comprovaram a possibilidade de a gramaticalização ser concebida também como processo sincrônico.

Para Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) a gramaticalização designa fenômenos de variação e mudança linguística e pode ocorrer tanto de maneira sincrônica, quanto de maneira diacrônica, contemplando conteúdos do plano do conteúdo e do plano da forma, sendo esses conteúdos explicados da seguinte maneira:

⁵ Texto original: The grammaticalization consists of increasing the path of a morpheme that moves from the lexicon to the grammar or from a less grammatical state to a more grammatical state.

No plano do conteúdo, fatores discursivo-pragmáticos e semânticos-cognitivos funcionam como gatilho para a emergência de padrões gramaticais, de modo de satisfazer demandas comunicativas. Esses padrões tendem a caminhar da eventualidade discursiva para a regularização estrutural mais previsível. [...] No plano da forma, situam-se os processos de mudança relacional entre os signos e o consequente remodelamento da construção na qual eles interagem. Enquadra-se aí o desgaste da substância fônica por que passam os itens linguísticos em muitos casos, o que, em geral, relaciona-se aos processos de perda de transparência semântica e de amalgamação morfossintática (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013, p. 20).

Neves (1997) abraça a definição clássica ao afirmar que a gramaticalização é um processo dinâmico, histórico (mas também sincrônico) e unidirecional, no qual se parte de uma unidade menos gramatical para uma mais gramatical. A pesquisadora explica algumas consequências da gramaticalização: o caráter regularizador do processo, o aumento da previsibilidade e a maior sujeição do falante às regras do sistema:

Trata-se da passagem de menor para maior regularidade, e de menor para a maior previsibilidade; e, afinal, no percurso de uma regularização, trata-se de uma passagem que torna o falante, num determinado ponto enunciado, mais sujeito a determinações do sistema, e menos livre para escolhas nas quais possa exercitar sua criatividade (Neves, 1997, p. 129).

Sendo assim, o processo de gramaticalização implica na codificação dos usos econômicos da língua para aquelas funções da linguagem que os falantes mais utilizam, portanto, a gramaticalização está relacionada com as necessidades comunicativas do contexto em que o falante está inserido.

De acordo com Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão e Carvalho (2007, p. 16), a gramaticalização pode ser considerada paradigma ou processo. Ela é paradigma se “observada num estudo de língua que se preocupe em focalizar a maneira como formas gramaticais e construções surgem e como são usadas.” Além disso, é processo se “se detiver na identificação e análise de itens que se tornam mais gramaticais”.

Ainda conforme Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão e Carvalho (2007, p. 16), a gramaticalização pode ser entendida tanto sob a perspectiva sincrônica quanto diacrônica. Para os autores, será diacrônica se “a preocupação do estudo estiver voltada para a explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua” e será sincrônica se o enfoque for a “identificação de graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua, portanto, sob um enfoque discursivo-pragmático”.

Esse pensamento de Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão e Carvalho (2007) se encaixa em nossa pesquisa quando eles informam que para estudar como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua, tendo em vista os itens que serão analisados *onde, tipo e então*.

Givón (1995) assevera que o processo de gramaticalização pode ser verificado tanto diacronicamente quanto sincronicamente. Ele justifica que isso pode ocorrer pelo fato de que uma construção linguística pode ampliar-se gradativamente no tempo, passando por estágios diversos até chegar a uma gramaticalização plena, resultando, assim, em um processo diacrônico.

Em contrapartida, do ponto de vista cognitivo, a gramaticalização é um processo instantâneo, envolvendo um ato mental pelo qual uma relação de similaridade é reconhecida, ou seja, um item lexical, em determinado contexto, pode ter um uso gramatical. Visto sob essa ótica, constitui-se em um processo sincrônico.

Hopper e Traugott (1997, p. 15) denominam a gramaticalização como um tipo de mudança linguística e a define “o processo pelo qual itens lexicais e construções gramaticais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais⁶”.

Segundo os autores, esse modo de entender a gramaticalização possui relação que ela faz parte de um processo que se estabelece em um *continuum*, por meio de unidades que são independentes, identificadas como itens autônomos menos ligados, como também através de unidades dependentes, a exemplo dos clíticos e partículas, auxiliares.

Dessa maneira, uma estrutura em processo de gramaticalização segue um *cline* de mudança, ou seja, percorre uma linha de evolução: vai de um “item de conteúdo”, passando pelas categorias “palavra gramatical” e “clítico”, chegando, por fim, à categoria “afixo flexional” (Hopper; Traugott, 1997).

Esses autores também mostram que os estudos sobre a gramaticalização podem ser observados tanto sob uma perspectiva diacrônica quanto sincrônica. E evidenciam que, em uma abordagem sincrônica, a gramaticalização é entendida como um fenômeno morfossintático discursivo. Já por uma perspectiva diacrônica, podemos observar em que estágios da língua itens lexicais tornaram-se gramaticais e quais itens gramaticais tornaram-se mais gramaticais ainda. Ou seja:

⁶ Texto original: The process by which lexical items and grammatical constructions come, in given linguistic contexts, to serve grammatical functions, and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions (Hopper; Traugott, 1997, p. 15).

A perspectiva diacrônica (ou histórica) investiga as fontes das formas gramaticais e os tipos de caminhos de mudança que os afetam. A partir dessa perspectiva, a gramaticalização é conhecida como um conjunto de mudanças linguísticas através das quais um item lexical, em certos usos, torna-se mais gramatical. A perspectiva sincrônica, por sua vez, vê a gramaticalização como primariamente um fenômeno sintático, discursivo-pragmático, a ser estudado do ponto de vista de modelos fluidos de uso linguístico. Hopper; Traugott, (1993, *apud* Rosário, 2014, p. 39).

Pelo exposto, percebemos que a gramaticalização ocorre na linha diacrônica quando um item lexical restringe-se em autonomia semântica e, em certos usos, torna-se gramatical, enquanto o modelo sincrônico de gramaticalização é visto como um fenômeno sintático, discursivo-pragmático, considerando-se que ele é instantâneo e já ocorre no interior da própria gramática.

Lehmann (1995[1982]) entende a gramaticalização como um processo de morfologização. A gramaticalização tanto pode levar um item de uma categoria lexical a uma gramatical, quanto de uma categoria menos gramatical para uma mais gramatical. Na mesma linha, contribuíram Heine *et al.* (1991 *apud* Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão e Carvalho, 2007, p 23) ao afirmarem que a gramaticalização é:

[...] um processo que pode ser encontrado em todas as línguas conhecidas e que pode envolver qualquer tipo de função gramatical, quando uma unidade lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função ainda mais gramatical.

Completando esse pensamento, Furtado da Cunha (2020, p. 173) já asseverava que a tendência é que esse processo ocorra com itens ou expressões muito frequentes, “o que faz com que o termo normalmente sofra desgaste fonético, perdendo, assim, expressividade”.

Desde que a gramaticalização se difundiu como paradigma, manifestou-se a ideia de que o discurso motiva as transformações que os elementos linguísticos sofrem e que essas transformações apresentam uma unidirecionalidade. Nesse contexto, de acordo com Martelotta (2011, p. 92), a gramaticalização é definida como:

Um processo de mudança linguística unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Em síntese, existem diversos mecanismos de renovação das línguas. A gramaticalização é um desses processos de mudança do sistema linguístico. Por meio desse mecanismo, o falante molda a gramática de sua língua, motivado pela sua necessidade de expressão. É a partir desse critério que vai dizer se os usos dos itens *onde*, *então* e *tipo* vão ou não suprir as necessidades comunicativas que vão depender do contexto em que os usuários estão inseridos.

Outra definição de gramaticalização que achamos pertinente, é a de Castilho (1997, p. 31), quando ele delibera que esse processo consiste no trajeto que um item lexical empreende, “ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, [e] deixa de ser uma forma livre.” O autor completa sua definição informando que quando um item lexical ao atingir o estágio de gramaticalização, após abstratizar-se, o item se cristaliza, e pode acontecer dele ocultar qualquer característica de motivação em relação ao seu trajeto anterior, tornando-se passível de extinção.

Interessante complementar essa afirmação de Castilho (1997) com Silva (2005) quando ele destaca que existem dois tipos de pressões que ajudam no processo de gramaticalização, e consequentemente, favorece para a formação de um conjunto de regularidades:

- (a) pressões cognitivas – em decorrência da interpretação realizada pelo usuário, a mente organiza as informações, predominando o aspecto regularizador das estruturas;
- (b) pressões de uso – responsáveis pela geração das irregularidades, consequência do aspecto criativo do discurso, o que possibilita a variação no sistema (Silva, 2005, p. 67-68).

A partir desses dois tipos de pressões, Silva (2005) alega que são os responsáveis por alimentar a dinamicidade que caracteriza a gramática, com isso, a partir desse dinamismo, é alimentado a tenacidade das mudanças que afetam a gramática e as línguas em geral. Complementando essa proposta, recorremos a Martelotta, Votre e Cazário (1996) quando corroboram que a gramaticalização tende a ser processada numa gradação de abstraticidade e que pode envolver quatro níveis:

- a) Nível Cognitivo** – A gramaticalização (pelo menos no que se refere ao nível morfológico) segue, como parece ocorrer com os processos de mudança metafórica em geral, a tendência de usar elementos do mundo concreto para o mundo abstrato. O elemento do léxico é mais concreto que o da gramática: é mais fácil conceptualizar substantivos do que relações textuais.
- b) Nível Pragmático** – A gramaticalização envolve uma intenção genérica do falante de usar algo conhecido pelo ouvinte para fazê-lo compreender melhor o sentido novo que ele quer expressar. Pode-se também ver nessa

passagem concreto > abstrato uma intenção comunicativa de facilitar a compreensão do ouvinte a partir da utilização de conceitos mais concretos e mais conhecidos para a expressão de ideias novas que surgem no decorrer do processo comunicativo.

c) Nível Semântico – A gramaticalização, como processo de mudança ocorrida no léxico, envolve o conhecimento por parte dos interlocutores dos significados de origem das palavras envolvidas; caso contrário, o sentido novo corre o risco de não ser detectado pelo ouvinte.

d) Nível Sintático – A gramaticalização ocorre basicamente em contextos que a estimulem, o que significa que, não só existem aspectos sintáticos que propiciam a gramaticalização, mas, principalmente, que esses aspectos são responsáveis pelo fato de a mudança tomar efetivamente este e não aquele caminho (Martelotta; Votre; Cazário, 1996, p. 29).

Com base nessas considerações podemos dizer que a gramaticalização pode ocorrer a partir desses três níveis, desde que leve em consideração a experiência humana, dato o contexto sociocomunicativo em que os falantes estão inseridos para realizarem a mudança das estruturas linguísticas a favor das suas necessidades comunicativas, e assim, alcançar suas reais intenções. Para fechar essa fundamentação e complementar essa argumentação em relação aos níveis de realização da gramaticalização, lembramos de Martelotta (2010) quando resume que o processo de mudança no momento que é associada a gramaticalização segue cinco passos em relação ao uso da língua, a saber:

1. O item usado com alta frequência em um determinado contexto (forma não marcada) e, tornando-se altamente previsível nesse contexto, passa a apresentar baixo nível de Informatividade.
2. Com isso o item tende a perder em complexidade estrutural, o que implica na fusão de formas e erosão.
3. Por outro lado, seu uso passa a requerer menor esforço em termos de atenção demandada e tempo de processamento (forma não marcada). Isso leva ao desgaste semântico dos itens e o sentido das construções como um todo tende a se afastar cada vez mais, do sentido consequente da soma dos significados das unidades que apresenta.
4. O item desenvolve sentidos menos representacionais, passando a funcionar no nível interpessoal.
5. Os usuários buscam novas formas para expressar a ideia indicada pelo item que cumpre o processo de mudança, concretizando o fenômeno de renovação (Hopper e Traugott, 2003). Essas novas formas tendem a ser provenientes de elementos da mesma natureza e cumprem as mesmas trajetórias de mudança dos itens ou expressões que substituem (Martelotta, 2010, p. 150).

O pesquisador explica que esses passos enumerados caracterizam o uso da língua de maneira regular e descrevem o mecanismo de mudança motivada a partir do uso de maneira gradual.

Após termos explorado alguns conceitos relacionados à gramaticalização, podemos argumentar que a transição de um estágio para outro na gramaticalização ocorre quando certos princípios e mecanismos reveladores de regularidade são cumpridos. Na próxima seção, abordaremos esses princípios e mecanismos em detalhes.

2.4.1 Princípios de gramaticalização

Segundo Hopper (1991), a gramática de uma língua está em constante evolução, uma vez que novas funções, valores e usos estão constantemente surgindo para formas linguísticas já existentes. Nesse processo emergente, evidenciado por padrões fluidos da linguagem, é possível identificar diferentes graus de gramaticalização que uma forma assume ao desempenhar novas funções. De acordo com essa perspectiva, as formas linguísticas podem se transformar e adquirir novos significados e usos ao longo do tempo, expandindo sua funcionalidade original. Essa capacidade de adaptação e reutilização das formas existentes é fundamental para a dinâmica e evolução das línguas naturais.

Ainda de acordo com Hopper (1991), o processo de mudança linguística envolve uma gradação de abstração que está intrinsecamente ligada às relações entre aspectos sincrônicos e diacrônicos, bem como aos processos pragmático-discursivos. O autor argumenta que a produção da fala é influenciada pelos propósitos comunicativos do falante, buscando expressar ideias novas para representar conceitos concretos e conhecidos, visando facilitar a compreensão do ouvinte. Nesse sentido, o linguista propõe cinco princípios que conduzem a gramaticalização e que são aplicáveis a qualquer processo de mudança linguística: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização.

O princípio da *estratificação* é observado devido à geração de novos itens decorrente da gramaticalização, os quais desempenham funções que coexistem e competem com as formas antigas. Ao longo do tempo, formas que exercem a mesma função em um mesmo contexto tende a eliminar concorrentes, embora essa não seja uma regra categórica. De acordo com Vitral *et al.* (2010, p. 206), na relação de estratificação ocorrem fenômenos de variação estável no sentido laboviano, pois as formas:

Podem persistir por tempo indeterminado ou, a partir de certo momento, começar a se desenvolver na direção de eliminar uma das formas equivalentes. Talvez ilustre esta última opção o caso da forma composta do pretérito mais-que-perfeito, com o auxiliar *ter*, fruto de gramaticalização, que parece tender a substituir de maneira completa a forma simples.

Sendo assim, a frequência de uso dos itens linguísticos está intimamente ligada ao processo de gramaticalização e pode desempenhar um papel determinante na competição entre itens coexistentes. Um exemplo desse princípio pode ser observado na variação entre *nós* e *a gente* ou entre *tu* e *você*, que evidenciam essa coexistência.

A frequência de uso de determinados itens linguísticos pode influenciar a escolha dos falantes, levando ao estabelecimento de preferências e padrões de uso. Aqueles itens que são mais frequentemente utilizados tendem a se tornar mais consolidados e difundidos na comunidade linguística, enquanto os menos frequentes podem enfrentar um declínio gradual. Assim, a frequência de uso é um fator importante a ser considerado ao analisar a concorrência entre itens linguísticos em processo de gramaticalização.

No caso da variação entre *nós* e *a gente* ou entre *tu* e *você*, a frequência de uso desses pronomes pode variar dependendo do contexto sociolinguístico, regional ou estilístico. A preferência por um ou outro pode refletir diferentes graus de gramaticalização e padrões de uso na comunidade falante. A observação da frequência de uso desses itens é essencial para compreender como ocorre a coexistência e competição entre eles ao longo do tempo.

O princípio da *divergência* diz respeito à coexistência autônoma do item lexical original ao lado da forma gramaticalizada, mesmo que essas formas divirjam funcionalmente. Um exemplo desse princípio pode ser observado na relação entre o substantivo *mente* (ex.: *a mente do adolescente*) e o sufixo *-mente* formador de advérbios (ex.: *ele foi felizmente aprovado*).

No caso mencionado, a palavra *mente* desempenha a função de substantivo, referindo-se à parte cognitiva de uma pessoa, enquanto o sufixo *-mente* é usado para formar advérbios indicando a maneira ou modo de uma ação. Embora essas formas possuam a mesma origem lexical, elas se diferenciam funcionalmente em termos de categoria gramatical e uso.

A persistência do item lexical *mente* ao lado do sufixo *-mente* é um exemplo da divergência. Ambos coexistem na língua, cada um com sua função específica, mesmo que compartilhem uma origem comum. Esse fenômeno demonstra a complexidade e a flexibilidade da gramaticalização, permitindo que diferentes funções sejam desempenhadas por elementos linguísticos relacionados.

O princípio da *especialização* está relacionado à frequência de uso de elementos linguísticos. À medida que um elemento se torna mais recorrente em um determinado contexto, ele tende a se especializar e assumir a função desempenhada por outro elemento. Por exemplo, considerando o uso da forma pronominal *a gente*, podemos observar que o processo de gramaticalização pelo qual ela passou levou-a a se especializar como pronome de primeira pessoa do plural, suplantando o pronome *nós*. Nesse sentido, novamente, uma das formas tende

a desaparecer, pelo menos em um contexto específico da língua, devido à concorrência com a outra.

O processo de especialização ocorre quando uma forma linguística se torna mais frequente em um contexto específico, adquirindo características funcionais distintas e substituindo outras formas que desempenhavam a mesma função. No caso do exemplo mencionado, o uso mais frequente de *a gente* como pronome de primeira pessoa do plural leva à especialização dessa forma, o que pode levar à diminuição do uso do pronome *nós* nesse contexto.

É importante ressaltar que a especialização não implica necessariamente no desaparecimento completo da forma substituída. Em outros contextos ou registros linguísticos, a forma substituída ainda pode ser amplamente utilizada. No entanto, no contexto específico em que ocorre a concorrência, a especialização pode resultar em um processo de substituição gradativa.

Consoante o princípio da *persistência*, podemos observar que alguns traços da palavra-fonte são mantidos em seu novo uso na língua. Nas palavras de Gonçalves e Carvalho (2007, p. 83), é o princípio que “prevê a manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada”. Tomando como exemplo o item lexical *gente*, que originalmente implica um número plural na função de substantivo coletivo, quando é gramaticalizado como pronome na forma *a gente*, ainda mantém esse traço, ou seja, continua fazendo referência a vários seres. Mesmo após a mudança de categoria gramatical, o sentido de coletividade associado à palavra-fonte persiste na forma gramaticalizada.

Essa persistência de traços semânticos da palavra-fonte na forma gramaticalizada é uma característica comum durante o processo de gramaticalização. Mesmo que ocorram transformações na estrutura e função da palavra, certos elementos semânticos essenciais são preservados, contribuindo para a compreensão e interpretação do novo uso linguístico.

É importante ressaltar que a persistência dos traços não significa que todos os aspectos semânticos da palavra-fonte sejam necessariamente mantidos na forma gramaticalizada. Ao longo do processo de gramaticalização, podem ocorrer mudanças e simplificações semânticas, resultando em um novo sentido ou nuance na forma gramaticalizada. No entanto, certos traços essenciais ainda podem ser identificados, evidenciando a conexão entre a forma-fonte e a forma gramaticalizada.

O princípio da *descategorização* está relacionado à perda dos traços da categoria em que os itens eram originalmente reconhecidos. Durante o processo de gramaticalização, formas plenas, como substantivos e verbos, perdem sua flexibilidade formal e sintática, passando a

desempenhar funções mais gramaticalizadas. Um exemplo desse princípio pode ser observado na forma *a gente*. Ao ser gramaticalizada, ela perde sua natureza de substantivo e passa a se correlacionar a adjetivos no masculino ou feminino em estruturas predicativas, dependendo do gênero do referente. Por exemplo, *a gente está bonita* tem uma referência exclusiva a mulheres, enquanto *a gente está bonito* pode ter uma referência genérica ou mista, abrangendo tanto homens quanto mulheres.

Nesse processo de descategorização, a forma *a gente* deixa de ser um substantivo flexionado de acordo com a concordância gramatical tradicional. Ela adquire uma função mais gramaticalizada, sendo usada como um pronome pessoal que se correlaciona com adjetivos na concordância de gênero, mas sem manter a flexibilidade formal e sintática que era característica do substantivo original.

Essa descategorização é uma das transformações centrais durante o processo de gramaticalização, em que os itens linguísticos perdem suas propriedades morfossintáticas específicas e passam a desempenhar funções mais gramaticalizadas e restritas. A descategorização é uma das formas pelas quais ocorre a simplificação e redução estrutural ao longo do processo de gramaticalização.

Ao considerarmos os cinco princípios propostos por Hopper (1991), podemos enfatizar o caráter gradual da gramaticalização, uma vez que atribuem aos elementos analisados um grau [+] ou [-] de gramaticalização. Esses princípios permitem avaliar se esses elementos pertencem ou não à gramática, sem discriminar os processos de mudança que levam à gramaticalização dos que não levam.

Esses princípios oferecem critérios para identificar e avaliar o processo de gramaticalização em uma língua. Eles não estabelecem uma distinção rígida entre processos que resultam em gramaticalização e aqueles que não resultam. Em vez disso, eles permitem analisar a progressão gradual de uma forma linguística ao longo do tempo, avaliando seu grau de gramaticalização.

Ao aplicar esses princípios, é possível identificar elementos que demonstram características mais gramaticalizadas, ou seja, elementos que assumiram funções mais estruturais e gramaticais na língua. Por outro lado, também é possível reconhecer elementos que mantêm características menos gramaticalizadas, preservando traços semânticos e sintáticos mais proeminentes.

Portanto, os princípios de Hopper (1991) proporcionam uma abordagem flexível para compreender o processo de gramaticalização, reconhecendo que as mudanças linguísticas

ocorrem em um continuum, em que os elementos linguísticos podem se deslocar ao longo do espectro de maior ou menor gramaticalização.

Após essa explanação sobre os princípios e parâmetros relevantes para os critérios de gramaticalização, avançaremos para a próxima seção, na qual abordaremos algumas considerações sobre o princípio da unidirecionalidade. Esse princípio identifica o percurso funcional de um item, teoricamente sempre avançando de um estágio mais concreto para um mais abstrato.

2.5 Princípio da Unidirecionalidade

O processo de gramaticalização é normalmente caracterizado como unidirecional no sentido de que os elementos representacionais se tornam gramaticais e não o contrário. Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão e Carvalho. (2007) definem o princípio da Unidirecionalidade como uma regra geral que identifica um fenômeno. Os autores reconhecem esse princípio fundamental da gramaticalização, observável por meio dos mecanismos atuantes no processo.

Hopper e Traugott (1997) definem o princípio da unidirecionalidade destacando as especificidades dos contextos discursivos que motivam a gramaticalização, e afirmam que a passagem de [lexical] > [gramatical] não é direta, pois, itens lexicais que se tornam gramaticalizados cumprem primeiramente as funções discursivas, e em seguida, tornam-se sintaticamente fixos, para posteriormente constituir um morfema, conforme pode-se ver no esquema:

Quadro 15 - Passagem de item lexical para gramatical

[item lexical usado em contextos específicos] > [sintaxe] > [morfologia]
--

Fonte: Hopper e Traugott (1997).

Assim, a unidirecionalidade da gramaticalização pode ser julgada como uma característica básica deste princípio, tendo em vista que as mudanças, realizam-se numa direção única, impossibilitada de reversão. Hopper e Traugott (1997) acrescentam que no processo de gramaticalização os estágios são ordenados sempre de *A* para *B*, por exemplo, isto é, um item lexical, durante o processo de gramaticalização, passa da etapa *A* para a etapa *A-B* e, então, para

a etapa *B*, logo, a partir dessa sequenciação, observamos que a inversão não é permitida. Os autores delineiam o trajeto da gramaticalização da seguinte forma:

Quadro 16 - Trajeto da gramaticalização

Item lexical pleno > palavra gramatical > clítico > afixo derivacional

Fonte: Hopper e Traugott (1997).

Confirmando esse pensamento, Hopper e Traugott (1997) explicam que nessa linha de categorias, as transformações ocorrem em uma única direção: das categorias cognitivas mais próximas do indivíduo para as mais distantes. As mudanças ocorrem de um estágio *A* para um estágio *B*, jamais de *B* para *A*. Sendo assim, existe uma relação entre os estágios *A* e *B*, em que *A* ocorre antes de *B*, mas não o inverso.

Dessa maneira, para Traugott (1988), o conceito importante para a unidirecionalidade é a noção de *continuum*, que pode ser usada para mostrar a transição entre as classes de palavras, como, por exemplo, a passagem de advérbios a conectivos oracionais. Esse *continuum* também foi observado por Traugott e König (1991 *apud* Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão e Carvalho, 2007, p. 39) na passagem entre categorias semânticas, como o deslizamento de um valor temporal a causal.

Muitos trabalhos estudam as categorias cognitivas a fim de explicar as transformações funcionais das palavras, a exemplo da ordenação proposta por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), em que a unidirecionalidade acontece a partir do grau ascendente de abstração semântica dos itens lexicais. Com isso, os pesquisadores sugerem um esquema para descrever os processos de mudanças sofridas pelos itens lexicais a partir do processo de gramaticalização:

Quadro 17 - Processos de mudanças de itens lexicais a partir do processo de gramaticalização

Pessoa > Objeto > Processo > Espaço > Tempo > Qualidade

Fonte: Heine, Claudi e Hünemeyer (1991).

A partir desse esquema, podemos dizer que essa sequência acarreta que as mudanças são operadas da esquerda para a direita e, nesse caso, de categorias cognitivas mais próximas do indivíduo [+concretas], para categorias mais distantes dos indivíduos [-concretas].

Um ponto que podemos destacar desse esquema, é em relação ao plano da fonologia, uma vez que o princípio da unidirecionalidade pode ser verificado em estágios mais avançados de gramaticalização de um item-fonte, já que muitos estudos abalizam “para a redução ou apagamento de segmentos fônicos dos itens. Muitas vezes, durante o processo de gramaticalização, a perda de material fônico manifesta-se pela dependência mais acentuada de outra forma presente na cadeia sintagmática” (Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão e Carvalho, 2007, p. 39).

Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) ainda explicam que na medida que um item vai adquirindo maior grau de abstração, ocorre perda de transparência semântica em relação ao significado original, uma vez que os itens vão se associando a significados que são mais abstratos, que partem da noção de espaço, e que pode ou não passar pela noção de tempo e tornar-se a categoria mais abstrata de texto. Para tanto, podemos sintetizar esse pensamento via um percurso universal, que pode ser aplicado para o processo de mudança em relação aos usos dos itens *onde*, *então* e *tipo*, a partir do seguinte esquema:

Quadro 18 - Mudança a partir do maior grau de abstração

Espaço > (Tempo) > Texto

Fonte: Heine, Claudi e Hünemeyer (1991).

Diante disso, averiguamos que a mudança semântica que ocorre é de caráter progressivo, o que indica um deslocamento dos sentidos dos itens linguísticos que passam de categorias mais concretas para menos concretas, assim, dizemos que no sistema linguístico coexistem formas/funções inovadoras com formas/funções já existentes, sem que as antigas necessariamente tenham que desaparecer.

Martelotta (2010, p. 141) argumenta que a unidirecionalidade se deve principalmente a forças dinâmicas que atuam no processo comunicativo, e alerta que isso não impede que outros mecanismos de natureza “eminentemente sintática” sejam ativados. Para o autor, a linguagem constitui um dispositivo que ajuda na construção do conhecimento, através de um instrumento cognitivo que é acionado a partir de um conjunto de princípios relativamente limitados, que operam sobre os conhecimentos que estão armazenados na memória ou presente na interação.

Assim, para Martelotta (2010), as motivações de mudança estão associando a unidirecionalidade da gramaticalização, uma vez que é no uso da língua e na atuação de

princípios de ordem cognitiva considerados relativamente estáveis que propicia a atualização a cada situação de comunicação.

A partir de Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão e Carvalho (2007) podemos resumir os mecanismos atuantes na gramaticalização, sob o enfoque da unidirecionalidade, através das seguintes mudanças nos diferentes níveis de análise:

Quadro 19 - Unidirecionalidade vs. mecanismos de gramaticalização

NÍVEL	MUDANÇA UNIDIRECIONAL	PROCESSO
Fonologia	Mais material fonológico > menos material fonológico	Redução fonológica
Morfologia	Lexical > gramatical > mais gramatical (forma livre > forma presa)	Recategorização (morfologização)
Sintaxe	Menor coesão > maior coesão	Reanálise (alteração da fronteira de constituintes)
Semântica	Concreto > abstrato	Dessematização, processos metafóricos
Pragmática	Estruturas pragmáticas > estruturas sintáticas	Sintaticização

Fonte: Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão e Carvalho (2007, p. 37).

Com base nesse quadro, as mudanças que acontecem através da gramaticalização, partem de um estágio para outro instanciada pelo atendimento a um princípio e a alguns mecanismos reveladores da regularidade do item na evolução. Isto posto, a percepção de ocorrência do princípio da unidirecionalidade corrobora a noção de que os itens, ao se gramaticalizarem, passam de um estágio mais concreto para outro estágio mais abstrato.

Com base nos parâmetros teóricos mencionados, argumentamos que a oralidade dos *podcasts* proporciona um contexto propício para a observação da mudança linguística em ação, permitindo-nos identificar como os falantes redefinem e recontextualizam itens linguísticos de acordo com suas necessidades comunicativas e contextuais. A multifuncionalidade dos itens *onde*, *então* e *tipo* reflete não apenas a complexidade da linguagem, mas também a adaptabilidade dos falantes em utilizar recursos linguísticos de maneira criativa e inovadora. Dito isto, finalizada essa explanação sobre o princípio da unidirecionalidade, seguimos para o próximo capítulo que diz respeito aos nossos aspectos metodológicos.

3 ENTRE A TÉCNICA E A PRÁTICA: OS ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesse capítulo procuramos detalhar os dados de análise e os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Por se tratar de um capítulo que destaca os caminhos que o pesquisador irá aplicar na sua análise, entendemos que “o pesquisador não é um relator passivo, e sim um agente ativo na construção do mundo. Sua ação investigativa tem influência no objeto de investigação e é, por sua vez, influenciada por este” (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 59).

Antes de começarmos, é válido retornar para nosso *corpus*, o *podcast*, e definir como um ItemNet (Matos, 2020; 2022) que vem se popularizando desde 2010, que possui alto potencial para atrair a atenção do público e proporcionar acesso ao conhecimento, sem exigir grande esforço do ouvinte. É um arquivo digital de áudio e vídeo transmitido por meio de internet, seguindo um padrão de *feed* RSS. Podemos destacar algumas das suas benesses como são arquivos leves para baixar ou ouvir por *streaming*; possibilita a mobilidade do ouvinte; é possível pausar e escutar o programa quando e onde puder; além de muitos dos programas fazer com que a informação seja mais clara e informal.

Além disso, no tocante a distribuição de arquivos de áudio, no ano de 2010 foram criadas as plataformas de *streaming*, como o *Spotify*, *Deezer*, *SoundCloud*, *Castbox*, *Google Podcasts*. Neste ano as plataformas de *streaming* eram utilizadas apenas para compartilhamento de vídeos, e com a introdução dos *podcasts* nos *streaming* facilitou o acesso aos arquivos de áudio, já que não era mais necessário acessar um navegador específico para ouvi-los, e, consequentemente, resultou no crescimento de sua popularidade. De acordo com Santos (2020), uma pesquisa realizada no *Google Trends*, no período de 2017 a 2019, as plataformas de maior alcance e popularidade entre os usuários do Brasil são *Spotify*, *Deezer*, *iTunes/Apple Podcasts* e *Google Podcasts*.

Em relação a usar o *podcast* como *corpus linguístico*, acreditamos que ele vem se mostrando um poderoso ItemNet (Matos, 2020; 2022) para as pesquisas de divulgação científica, no nosso caso, contribui para o estudo da atualização da gramática do português brasileiro, tendo em vista os dados da oralidade. Cabe destacar que o *podcast* vem crescendo no campo dos estudos divulgação científica, uma vez que além de enfatizar o papel de promover ações que vão além da transmissão de informação, nos auxilia para um tratamento que leve em consideração um modelo contextual de gramática, que privilegia o diálogo forma-função dos usos da língua dentro dos episódios dos *podcasts*. Logo, podemos dizer que os *podcasts* que

aqui foram selecionados se caracterizam por ter um conteúdo que contribui para a pesquisa científica, sobretudo, para pesquisa linguística do Brasil.

Além disso, a facilidade ao acesso e ao uso, que pode combinar entretenimento e discussões teóricas, permite que pesquisadores possam se apropriar e analisar o conteúdo com a intensão de contribuir para o meio científico, sendo o *podcast*, assim, um ItemNet (Matos, 2020; 2022) de grande potencial para os estudos que aqui buscamos. Dito isto, tendo essa breve contextualização sobre nosso *corpus* de análise, e como vimos expondo ao longo do trabalho, vale relembrar que nossa intensão é trazer o *podcast* enquanto gênero discursivo/digital na intenção de identificar as motivações morfofossintáticas, discursivas e semântico-pragmáticas, que influenciam o uso das formas *onde*, *então* e *tipo* dentro deste ItemNet (Matos, 2020; 2022).

A fim de alcançar nossos objetivos, delineamos uma pesquisa com vistas à investigação em situações de uso da língua. Além disso, almejamos, ao final da averiguação dos dados, contribuir com a descrição do português contemporâneo, por meio da análise de dados na modalidade falada, tendo como suporte *podcasts* brasileiros. A escolha dos itens linguísticos justifica-se devido a pesquisas funcionalistas já existentes, e com ajuda do *podcast* temos a chance de confirmar o que já foi dito, ou até mesmo contribuir com novos usos a partir da língua oral.

Vale dizer que, optou-se por utilizar *podcasts* do contexto brasileiro, razão pela qual procuramos trabalhar com dados da língua em uso do português brasileiro (pt-BR). Tal escolha relaciona-se tanto aos aspectos metodológicos quanto ao entendimento da impossibilidade de dissociar o uso linguístico de seu entorno social. Sendo assim, além de colaborar para limitar um universo – tornando-o apto a ser observado com devido aperfeiçoamento, o delineamento ao contexto brasileiro colabora para a adequação das reflexões e proposições aqui expostas aos estudos funcionais da linguagem deste país. Em razão disso, trabalhou-se com um cenário permeado pelos modos de agir da população brasileira por meio da oralidade, já que o texto oralizado é mais espontâneo que o texto escrito, além de contribuir para os potenciais usos da língua a partir do ItemNet (Matos, 2020; 2022) aqui em estudo.

Necessita-se esclarecer, ainda, que os *podcasts* foram escolhidos a partir de um conjunto de 250 *podcasts*, isto é, os 250 *podcasts* mais ouvidos pela população brasileira no período de 28 de novembro a 05 de dezembro de 2022, que veremos mais adiante, justamente por acharmos que se relaciona às demandas do contexto linguístico estudado. Com isso, percebe-se que existe uma carência de reflexões mais detidas voltadas para o desenvolvimento de bases teóricas sobre o uso *podcast* e os estudos sobre a língua em uso, almejado por este texto. Em igual medida, a bibliografia da área, marcada pela falta desses estudos conduzidos no Brasil sobre esta temática,

aponta para a necessidade do amadurecimento de discussões elementares do campo que abordam.

Diante disso, optamos por uma análise pautada na Linguística Funcional clássica (LFC), por acharmos que essa abordagem analisa de maneira mais adequada os fenômenos que ocorrem na língua em uso, pois considera a variação e a mudança como inerentes à dinâmica da língua. Em relação ao suporte teórico dado pelo Funcionalismo Linguístico, muitos autores têm apresentado novas propostas de identificação e classificação dos itens linguísticos que se pretende analisar dentro do *podcast*. Entre essas propostas funcionalistas, destacamos Tavares (2003), com o trabalho sobre o *então*, Silva (2008), com a análise do item *onde*, e Santos (2017) com o estudo sobre o *tipo*.

Ao considerarem que os usos da língua não podem ser descritos de maneira estática, o viés homogêneo é modificado, tendo em vista que agora as atenções teóricas passam a ser estabelecidas a partir de uma relação entre língua e sociedade. Desse modo, tais estudos são baseados nos pressupostos de que a língua não pode ser analisada sem considerar o falante inserido em um contexto comunicacional, isto é, uma abordagem funcional da linguagem se preocupa em explicar as regularidades observadas nos usos realizados pelos falantes, analisando não apenas a forma, mas também as condições discursivas em que se verifica esse uso.

Diante dessa contextualização, para alcançarmos os objetivos desta pesquisa, dividimos o capítulo da apresentação dos procedimentos metodológicos aqui adotados em cinco seções. Na seção 3.1, apresentamos a caracterização da pesquisa; na seção 3.2, destacamos o local da pesquisa; na seção 3.3, delimitamos a escolha do *corpus*; na seção 3.4, compõe a seleção dos dados e por fim, na seção 3.5, abrangemos os procedimentos de coleta e análise.

3.1 Caracterização da pesquisa

Nesta seção se faz necessário caracterizar um pouco a nossa pesquisa, logo a fim de atender aos objetivos, esta pesquisa se configura como sendo qualitativa. Segundo Minayo (2001, p. 21-22):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Nesse sentido, a pesquisa deste estudo envolveu a obtenção de dados da modalidade oral em que os itens linguísticos investigados é analisado em diferentes contextos, além de mapear os *podcasts* no contexto brasileiro, classificar esses canais, analisar os formatos mais comuns entre os mais escutados pela comunidade de assinantes. Vale pontuar também que, ao passo que a pesquisa é qualitativa, ela também considera dados de natureza quantitativa, uma vez que são apresentados resultados numéricos das ocorrências dos itens analisados através de tabelas. De acordo com Minayo (2001, p. 22), não há oposição entre dados quantitativos e qualitativos, ao contrário, são complementares entre si, “pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”.

Assim, podemos afirmar que esta pesquisa assume, portanto, um caráter qualitativo-quantitativo, visto que, além de apresentar o *podcast* como *corpus* de análise, analisamos os usos linguísticos que acontecem nos variados contextos sociais dos episódios que foram selecionados para análise. Ademais, trata-se de uma abordagem reflexiva, que considera as possibilidades de usos das formas *onde*, *então* e *tipo*.

Vale destacar que não há intenção de estudar comportamentos e hábitos de indivíduos nem de comunidades específicas na internet, tendo em vista que o que nos interessa é o contexto linguístico que esses itens estão se manifestando, porém, a pesquisa traz esses dados de forma subjetiva, como consequência da manifestação do interesse por um formato ou outro de programa.

Além da natureza da pesquisa, vale destacar o tipo: é de caráter descritivo-interpretativista, pois não só descreve o fenômeno linguístico em estudo, como também busca interpretá-lo a partir dos contextos evidenciados. Andrade (2002) destaca que a pesquisa descritiva preocupa-se em observar os fatos, registrá-los, analisá-los, classificá-los e interpretá-los. Esteban e Afonso (2010) complementam que o interpretativismo é uma perspectiva teórica que desenvolve interpretações da vida através do viés social, além de analisar aspectos culturais e históricos no mundo.

Esse tipo de pesquisa se acomoda bem à perspectiva teórica de cunho funcionalista, uma vez que não busca um só contexto, uma interpretação estanque, isolada dos fatos, mas sim a leitura de um fenômeno linguístico levando em conta uma determinada situação comunicacional. Dito isto, na próxima seção, justificamos o local da pesquisa que escolhemos.

3.2 Local da pesquisa

O local da pesquisa consistiu em buscar diretamente nos navegadores de internet e nos agregadores de *podcasts* que se encaixavam no critério da pesquisa proposta. Foi definido que, no universo de *podcasts*, o estudo se concentra apenas nas produções brasileiras e os programas que foram selecionados seguiu os critérios dos mais ouvidos dentro do espaço de tempo que estabelecemos. Em relação se o *podcast* pertence a um ambiente digital, online ou virtual, veremos a seguinte definição:

DIGITAL: Informações representadas como valores numéricos discretos, por exemplo, em formato binário (zeros ou uns), em oposição a informações em forma contínua ou analógica. Dígitos binários (bits) são normalmente agrupados em “palavras” de vários comprimentos – palavras de 8 bits são chamadas de bytes.

ONLINE: 1- Acessível via computador. 2- Relacionado ou envolvendo o uso da Internet ou da World Wide Web.

VIRTUAL: 1- Tal qual em força e efeito, embora não o seja, expressa ou realmente. 2- Imagens e mensagens de texto que só aparecem em uma tela e são vivenciadas como reais graças à tecnologia avançada. 3- Simulado; desempenhando as funções de algo que não está ali presente realmente. Por exemplo, ‘espaço de sala de aula virtual’ refere-se a um espaço de sala de aula eletrônico, simulado, criado em um site, ao invés de um espaço localizado fisicamente. 4- A simulação tridimensional e multimodal ou abstração de uma situação compreensível que tem algum grau de interatividade percebida. 5- Sem lugar físico. 6- Ser ou agir conforme descrito, mas não aceito como tal no nome ou oficialmente (Khosrow-Pour, 2007, s/p).

Diante dessas definições, evidencia-se que nossa investigação se deu no âmbito virtual, tendo em vista que envolve a utilização da internet (os programas de transmissões dos *podcasts* ficam armazenados em agregadores de sites eletrônicos). Assim, ter o *podcast* como *corpus* linguístico, mostra que é possível gerar dados da língua que se distanciam dos usos que já conhecemos, por ser um ItemNet (Matos, 2020; 2022) que tem como umas das principais características a oralidade, os novos usos, ou não, devem aparecer de maneira espontânea.

A partir dessa escolha de trabalhar com um *corpus* que pertence ao meio virtual, na próxima seção abordaremos como foi realizada a sua escolha.

3.3 A escolha do *corpus*

A escolha do *corpus* não foi aleatória, posto que a presente pesquisa busca analisar os usos linguísticos que estão circunscritos dentro do *podcast*. Nesse sentido, trabalhar com a

modalidade oral presente nos episódios selecionadas, em situações reais de comunicação, nos faz refletir sobre os apontamentos de Cezário e Furtado da Cunha (2013, p. 15), quando mencionam a importância de adotar uma metodologia que leve em conta não apenas a forma, mas sua atuação contextualmente diferenciada:

Como estamos interessados no uso da língua em situações reais de interação comunicativa, a aferição da frequência de ocorrência de um dado fenômeno linguístico é importante, já que assinala aquilo que o uso consagra como estratégia de comunicação em um determinado contexto (Cezario; Furtado da Cunha, 2013, p. 21).

Sendo assim, optamos por trabalhar com episódios de *podcasts* do português brasileiro (pt-Br) que foram retirados de um site que os agrega. Assim, dentre esses gêneros da modalidade oral, destacamos nosso *corpus*, por ele favorecer analisar a língua em sua manifestação espontânea, embora que ainda monitorado, é mais fácil que a modalidade escrita, com a intensão de verificar os usos que estão neles circunscritos e que, de certa maneira, contribuem para atualização da gramática do português brasileiro.

Convém ressaltar que a escolha do *corpus* seguiu-se tendo em vista dados da modalidade oral, o que permiti-nos estar convencidos de que trabalhar com *podcast* nos auxilia a ter um banco de dados propício a usos não previstos nos cânones linguísticos, como também, às ocorrências dos itens *onde*, *então* e *tipo* nesse contexto comunicacional. Assim, podemos dizer que tal *corpus* visa reforçar a existência, por meio da frequência de usos, de que há uma prototipicidade na escolha por parte dos usuários dentro do universo do *podcast*. Como também, indicar que esses usos podem desempenhar diferentes funções, ao passo que consideramos os aspectos sintáticos e discursivos.

Nos anos 2000, houve de maneira natural a invasão dos *audioblogs*⁷, cujo formato original era o MP3⁸, isto é, as gravações relativas aos temas das postagens dos *blogs*⁹ eram em áudio, entretanto o sistema RSS era restrito apenas aos materiais em texto, deixando impossibilitado a assinatura dos *audioblogs*, e forçando os usuários dessas páginas a acessarem as páginas dos *blogs* para realização dos *downloads* das produções que desejassem ouvir.

⁷ É um blog de áudio gravado individualmente com uma variedade de técnicas e pode cobrir qualquer tópico imaginável (Luiz, 2010).

⁸ O formato “mp3” é um arquivo de áudio com uma compressão forçada sobre a onda final de uma música. Essa compressão é o que faz o arquivo ter um tamanho reduzido, e é esse tamanho reduzido que faz o formato ser popular e ser compartilhado (Araújo; Fediczko, 2011).

⁹ São páginas on-line, atualizadas com frequência, que podem ser diários pessoais, periódicos ou empresariais (Luiz, 2010).

Dessa maneira, a criação do RSS serviu como porta de entrada, pois vários outros agregadores começaram a fazer o *download* automatizado de arquivos em formato de áudio. Luiz (2014) explica que o sistema ficou conhecido como RSStoiPOD e foi compartilhado para que outros programadores também pudessem utilizar e realizar vários *downloads* automáticos de áudio, com isso:

essa forma de transmitir dados passou a ser chamada de *podcasting* (junção do prefixo “pod”, oriundo do iPod, com o sufixo “casting”, originado da expressão “broadcasting”, transmissão pública e massiva de informações). O nome fora sugerido em fevereiro de 2004 por Bem Hammersley, no jornal *The Guardian*, para definir a forma de transmissão de entrevistas de Lyndon e acabou sendo adotado posteriormente para esse novo sistema de transmissão de dados (Luiz, 2014, p. 10 – Grifos do autor).

Medeiros (2006) complementa essa informação alegando que a raiz do termo *podcast*, concerne ao nome do tocador da *Apple*, que em seu modelo usual, utiliza da junção do pronome “I” (em inglês, Eu) como a designação do produto em questão. Essa designação pode ser notada nos mais diversos tipos de produtos, mundialmente conhecidos como o *iPad*, *iPhone* e *iMac*. O autor coloca que devido a isso, tem-se dúvida em relação ao significado da palavra Pod, sufixo do nome do tocador de áudio que cunhou o *podcast*, e complementa que a *Apple* não deu uma resposta que esclarecesse essa questão, assim Medeiros (2006) informa que possíveis explicações para esse termo não passam de hipóteses. Dentre algumas dessas especulações, em relação ao sentido de pod:

[...] seria um acrônimo da expressão “Print On Demand”, que faz parte do vocabulário de artes gráficas, ou também “Publishing On Demand”. Uma outra possibilidade, que deriva das outras duas citadas anteriormente, seria a expressão “Production On Demand” [...]. Fica evidente que as três expressões são mais adequadas ao campo sonoro, já que podemos relacionar as palavras “Publicação” e “Produção” com a ação de “produzir” programas de rádio personalizados com conteúdo sonoro e “publicá-los” na internet, disponibilizando para *download* a partir da demanda (on demand) da rede, sem compromissos ou obrigações corporativas (Medeiros, 2006, p. 3).

Diante desse embasamento fica claro que não se tem uma definição concreta em relação ao significado de “Pod”, apenas que ele possui ligação com conteúdos sonoros publicados na internet e disponibilizados para *download* a partir de uma determinada demanda. Vale dizer, também, que o sistema não ficou limitado ao iPod, já que serviu de referência para outros agregadores, tendo em vista que o nome viralizou e os programas de transmissão de áudio que

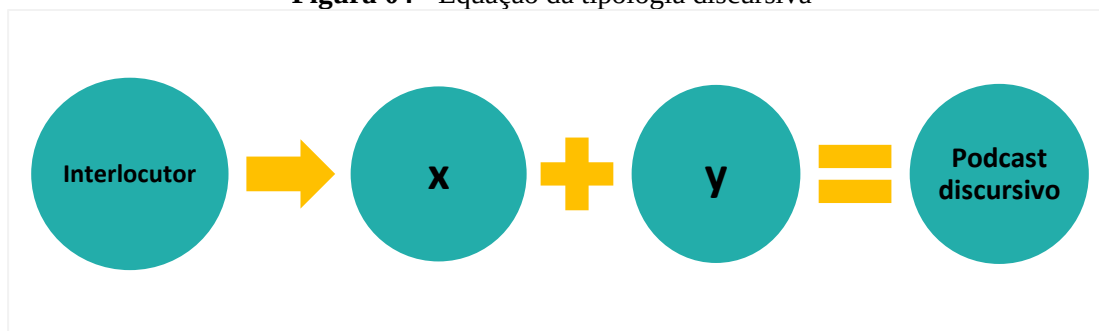
começaram a ser compartilhados via *podcasting* passaram a ser chamados de *podcasts*, conforme Luiz (2014)

O *podcast* possibilita ao usuário a introdução dos mais diversos temas, seja conteúdos disciplinares ou interdisciplinares, Luiz (2014) explica que no ano de 2004 os chamados “programas de áudio” já não eram novidades, tendo em vista que eles seguiam de natureza igual aos programas de transmissão de rádio, entretanto eram disseminados na internet como arquivos de MP3 ou similares.

Em relação ao seu formato, Uchôa (2010) reforça que pode reunir músicas, notícias, entrevistas ou até mesmo informações sobre qualquer assunto. Esse ItemNet (Matos, 2020; 2022) possibilita o uso das diferentes linguagens, sobretudo na atualidade, em que além dos *podcasts* em áudio, existem os *podcasts* que fazem o uso do verbo-visual, que podem ter estilos diversos, seja do formal ao informal, abarcando temas transmitidos pelo autor ao destinatário que demonstra interesse na informação compartilhada. Devido à sua natureza diversificada em termos de conteúdo, estilo de linguagem e tendo a oralidade como uma de suas principais características, os *podcasts* se tornaram um *corpus* valioso para a coleta de dados linguísticos e o estudo da língua em uso.

Além disso, a circulação desses discursos nos respectivos domínios é o lugar específico da concretização dos textos em gêneros, uma vez que o *podcast* possui um aspecto contextual e extralinguístico bastante evidente, que depende principalmente de quem vier dizer, isto é, o interlocutor em potencial, que em um contexto discursivo pode levar em consideração aspectos sociais, de gênero, de cor, de temáticas, entre outros que irão determinar o aspecto discursivo que acontece dentro do *podcast*. De tal modo que, a tipologia discursiva acontece tendo como ponto de saída uma pessoa X, mas é a pessoa Y que irá determinar esse aspecto discursivo, conforme figura:

Figura 04 - Equação da tipologia discursiva



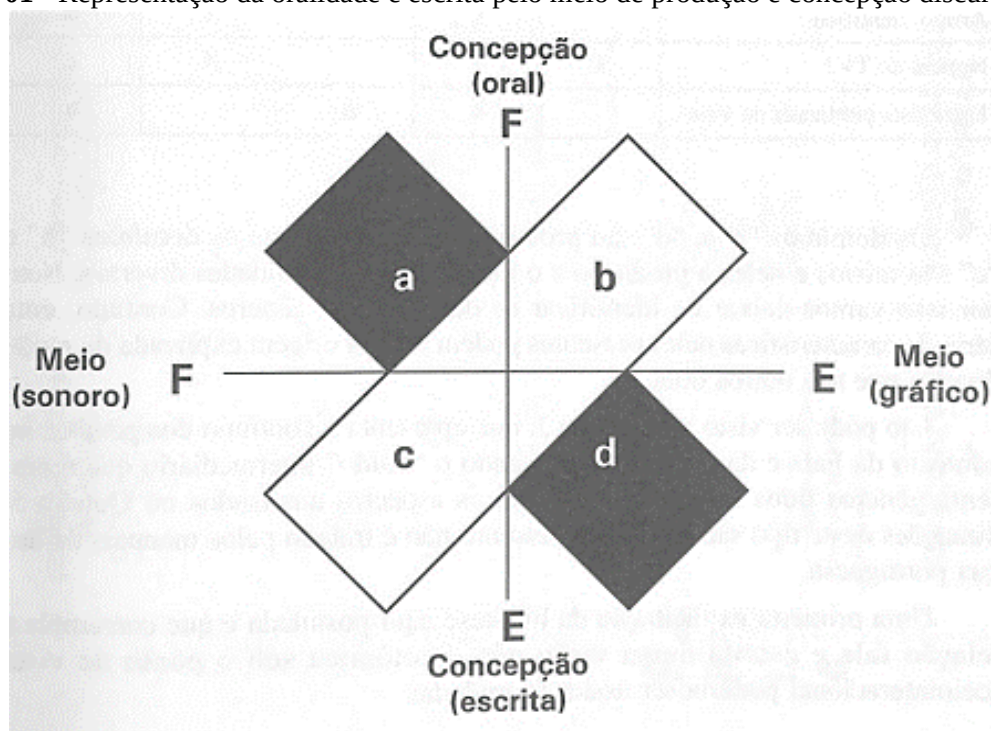
Fonte: A pesquisadora

Com a figura, confirmamos que o gênero que nasce ou acontece dentro do *podcast* possui características que são inerentes a própria coisa, ou seja, o seu suporte, uma vez que para sua constituição existe um interlocutor, e ele por sua vez pode ser um homem, uma mulher, uma pessoa, um grupo, enfim, ele espera uma pessoa X, e esse fator discursivo da pessoa X, quem ditará é a pessoa Y, logo, por meio dessa equação, damos forma a uma tipologia discursiva que se encontra dentro do *podcast*.

É válido chamar atenção ainda na escolha do *corpus* quando consideramos o *podcast* não apenas um ItemNet (Matos, 2020; 2022), mas um gênero que pertence ao discurso e ao digital e sofre modificações conforme as necessidades comunicativas que vão surgindo na sociedade. Assim, atestamos que os gêneros do discurso podem abarcar textos diversos que foram apreendidos no decorrer de nossas vidas como membros de alguma esfera social, estabelecendo-se a partir das práticas sociais procedentes das distintas situações comunicativas. Em função disso, a oralidade é considerada multiforme, tendo em vista os diferentes campos da atividade humana, que emergem em função das novas tecnologias de uma sociedade.

Esse pensamento nos faz lembrar de Marcuschi (2010) quando ele destaca a concepção de gêneros mistos a partir de alguns postulados como o *meio* e *concepção*, dado que a fala é de concepção oral e meio sonoro, ao passo que a escrita é de concepção escrita e meio gráfico. Para ilustrar esse pensamento, o pesquisador constrói o seguinte gráfico:

Gráfico 01 - Representação da oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva



Fonte: Marcuschi, 2010, p. 39.

Com base no gráfico, o autor informa que “a” representa o domínio tipicamente falado (oralidade), seja quanto ao meio e quanto à concepção. Já em relação a sua contraparte, Marcuschi (2010) informa que o domínio “d” corresponde ao domínio tipicamente escrito, por outro lado, tanto “b” como “c” constituem os domínios mistos em que podem ocorrer as mesclagens das modalidades, assim, ele destaca que podem ocorrer duas formas de realizações: a) meio de produção: sonoro *versus* gráfico; b) concepção discursiva: oral *versus* escrita, conforme ilustrado no gráfico. De maneira geral, Marcuschi (2010) explica que os domínios “a” e “d” são considerados prototípicos, enquanto os domínios “b” e “c” são classificados como mistos e neles a produção e o meio podem ocorrer a partir de modalidades diversas.

Como exemplo de gêneros diversos, o pesquisador destaca a conversação espontânea, o artigo científico, a notícia de TV, e a entrevista publicada na Revista Veja. Além desses gêneros, consideramos o *podcast* como um gênero discursivo e digital, conforme vimos no capítulo II, com isso, alicerçado por Marcuschi (2010), consideramos os aspectos elencados no gráfico 1, verificamos que esses gêneros situam em pontos bastante diferentes, conforme quadro a seguir, já que eles não possuem a mesma relação com esses parâmetros:

Quadro 20 - Distribuição de cinco gêneros textuais de acordo com o meio de produção e a concepção discursiva

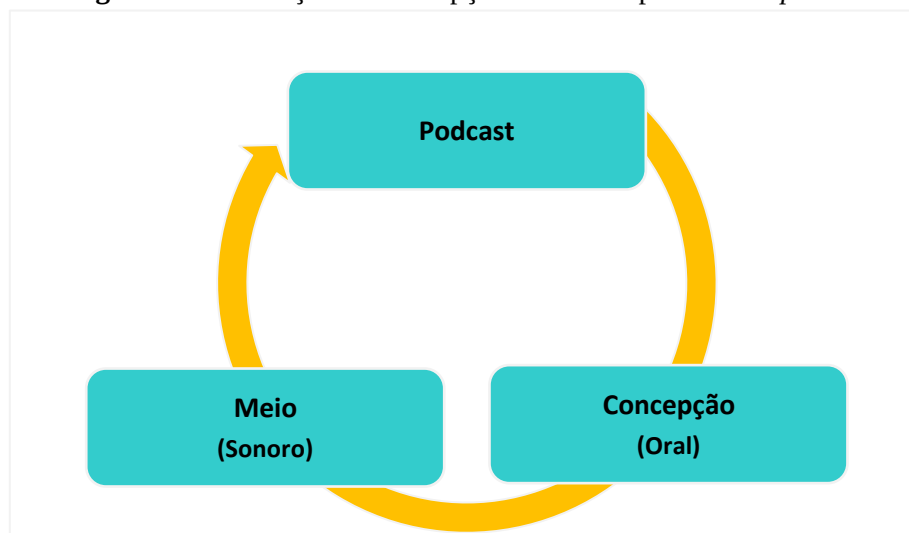
GÊNERO TEXTUAL	MEIO DE PRODUÇÃO		CONCEPÇÃO DISCURSIVA		DOMÍNIO
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrita	
Conversação espontânea	X		X		a
Artigo científico		X		X	d
Notícias de TV				X	c
Entrevista publicada na veja	X	X	X		b
<i>Podcast</i>	X		X		a

Fonte: A pesquisadora adaptado de Marcuschi, 2010, p. 40.

De acordo com o quadro, damos foco a nossa escolha de trabalhar com o *podcast* enquanto *corpus* linguístico, tendo em vista que se constitui como meio de produção sonoro, em que a fala é de concepção oral, constituindo a concepção discursiva, com isso, levando em conta o meio (sonoro) e a concepção (oral) o domínio tipicamente do *podcast* é falado, isto é,

oralizado, sendo a característica predominante deste gênero. A figura a seguir, ilustra o meio de produção e a concepção discursiva presente no *podcast*:

Figura 05 - Produção e a concepção discursiva presente no *podcast*



Fonte: A pesquisadora.

Na figura ilustramos o meio (sonoro) e a concepção (oral) que estão presente na caracterização do gênero discursivo e digital do *podcast*. A partir disso, observamos que tanto nos *podcasts* de áudio, quanto nos de vídeo, apenas sua configuração sonora não basta para defini-los, tendo em vista que no caso do ItemNet (Matos, 2020; 2022) em questão, implica atentar não apenas para a modalidade oral, mas também para as mediações que se constroem a sua volta, por meio de condições naturais e espontâneas nos mais diversos domínios discursivos da modalidade oral. Um exemplo dessas mediações, é que embora o *podcast*, em alguns modelos, pareça ser uma conversa informal, face-a-face, o *podcast* é planejado, segue um roteiro, além de apresentar a possibilidade de defasagem temporal entre o ato de elocução e o ato de leitura/escuta, o que costuma ser mais característico da modalidade escrita.

A partir da pluralidade das características presentes no *podcast*, em função da necessidade de delimitação do nosso *corpus*, baseada em Carvalho, Aguiar e Marciel (2009), em que os autores objetivam integrar o *podcast* na prática pedagógica, entretanto, a partir das categorias elencadas por eles, destacamos doze dimensões para uma taxonomia geral dos *podcasts*, a saber: o tipo, o formato, o modelo, a duração, a estrutura, o autor, a interação, o público-alvo, o estilo, a temática, a plataforma, e o objetivo. Assim, no que diz respeito a escolha dos programas de transmissão dos *podcasts* que serão usados em nossa análise de dados, ela segue a taxonomia que criamos conforme os critérios:

Quadro 21 - Taxonomia do *podcast*

CATEGORIA	DESCRIÇÃO
Tipo	Informativo: apresenta conceitos, análise, síntese, descrição de ferramentas ou equipamentos, leitura de excertos/ poemas, etc.; Feedback/ comentários; Diretrizes: (para o trabalho de campo e para o trabalho prático; recomendações de estudo, dinâmica de grupo, aprendizagem reflexiva etc.); Notícias / Informação: Eles costumam ser diários devido à alta velocidade dos acontecimentos ao redor do mundo, sejam relacionados à política, economia, tecnologia ou esportes. Funcional: São aqueles que escutamos com um objetivo claro – e que nos ajudam a alcançar esse objetivo ou realizar alguma tarefa ex: meditação guiada e autoajuda. Programa: Um programa é um podcast baseado em programas de rádio. Ou seja, ele tem uma estrutura clara, quadros, e pode até mesmo tocar música entre eles. Histórias: Podcasts voltados para contação de histórias, sejam elas de terror, contos, etc. Educacional: Focam em ensinar algo, lembram uma aula sobre algum assunto. Entretenimento: proporcionar um momento tranquilo para o ouvinte. Nessa categoria podemos encontrar programas de bate-papo, de humor, de esportes, de viagem, de histórias, etc.
Formato	Informativo: Transmitem alguma informação ao ouvinte sobre algum tema. Entrevista: Geralmente um entrevistador conversa com alguém relevante dentro de um mercado. Esse é um estilo que vem direto dos programas de entrevista da TV. Programas de rádio: Trechos de programas de rádio distribuídos como podcast ou podcasts que parecem ser programas de rádio. Discussão/bate-papo: Duas (ou mais) pessoas discutem sobre um tema e trazendo diferentes pontos de vista. Educacional: Pode ser tanto um complemento de aula ou aulas e cursos inteiros ou palestras inteiras. Show multi-Host: Variadas vozes e opiniões participam ao mesmo tempo do programa. Mesa redonda: Um único host apresenta três ou mais convidados para discutir um tópico. Revista de áudio: Mistura eclética de notícias, entrevistas, discussões e algumas piadas. Pode ter um único host ou vários hosts. Comentários e perguntas e respostas: Leitura durante o programa de comentários e respostas aos e-mails enviados por ouvintes. Tutorial: Ensina o passo a passo do funcionamento de algo. Drops/pílulas: Pequenos informes com dicas sobre determinado tema. Monólogo: O podcaster compartilha o seu conhecimento e experiência a respeito de um tema.

Modelo	Áudio ou vídeo (<i>audiocast</i> , <i>podcast</i> aprimorado, <i>vodcast</i> e <i>screencast</i>). O <i>podcast</i> de áudio é o mais comum, e o <i>podcast</i> aprimorado está ganhando popularidade, combinando imagens e áudio. O <i>podcast</i> de vídeo também é mencionado como <i>vodcast</i> e, se for uma tela capturada com áudio, é denominado <i>screencast</i> (Edirisingha et al., 2008).
Duração	Curta (1–5 minutos); Moderada (6–15 minutos); Longa (> 15 minutos). Os podcasts não devem demorar mais de 30 minutos se transmitindo detalhes e fatos [...] Cebeci e Tekdal (2006) propuseram podcasts com duração não superior a 15 minutos, porque podcasts longos geralmente causam uma perda de atenção e uma diminuição subsequente na compreensão. [...] A regra também deve ser que a finalidade e o conteúdo dos podcasts determinem a duração do podcast.
Estrutura	O podcast deve ter um início (introdução: saudações, apresentação dos hosts, convidados e exposição breve da temática que norteará o programa); um meio (desenvolvimento: comunicação de forma mais ampla da temática. Essa comunicação é realizada a partir de perguntas, cada item pode ter uma ou mais perguntas); e um fim (conclusão: apresentação de um resumo do que foi dialogado no programa e solicita-se do convidado suas considerações finais).
Autor	Conferencista, Aluno, personalidades, jornalistas e outros (especialistas, comunidade local e representantes).
Interação	A interação de um <i>podcast</i> pode acontecer por meio de apenas uma pessoa (o locutor fala diretamente para o público, como é o exemplo dos monólogos); duas pessoas uma é o entrevistador e o outro o entrevistado; e três pessoas (a primeira pessoa realiza a entrevista, a segunda pessoa é o entrevistado, e a terceira pessoa, que além do papo de quem pergunta e responde, existe essa interatividade com essa pessoa).
Público-alvo	O processo de definir a sua persona irá apoiar na definição do formato do conteúdo, seleção de temas, convidados e principalmente, o tom do seu programa, ex: faixa etária, hábitos cotidianos do público, interesses.
Estilo	Formal ou Informal: o estilo está relacionado com o grau de formalidade adotado. Edirisingha et al. (2008) mencionaram que para tornar os podcasts mais interessantes, eles podem incorporar conteúdo de aprendizagem informal, como experiências, opiniões das pessoas e assim por diante. Um podcast deve ter um começo, meio e fim.
Temática	É a escolha de uma ou mais temáticas, que podem ser baseadas em variáveis, desenvolvimento a partir do roteiro.
Plataforma	Escolha precisa do serviço de hospedagem (plataforma) online que permite a publicação de um conteúdo e sua aplicação na internet.
Finalidade	O objetivo, descrito como um verbo de ação (informar, analisar, desenvolver, motivar, mediar para a aprendizagem reflexiva, etc.).

Fonte: (Os pesquisadores, adaptado de Carvalho; Aguiar; Marciel, 2009, p. 132).

A partir desses operadores retirados da taxonomia serão utilizados para coletarmos esses tipos de *podcasts*, por acreditarmos que são exemplares que estão ligados à nossa pesquisa, o que nos ajudará a alcançar os nossos objetivos. Vale destacar que o recorte obedeceu principalmente à categoria duração, nas modalidades moderada e longa, conforme a taxonomia. O limite do tempo se justifica, pois, na atualidade quase não existem mais *podcasts* de curta duração, sendo eles cada dia mais extensos, pensando nisso, os exemplares selecionados estão

classificados como *moderados* ou *longos*: na primeira categoria se enquadram os que variam de 6 a 15, e na última os que oscilam entre 15 minutos ou mais.

Outro ponto, é em relação ao estilo empregado, que em um mesmo episódio pode acontecer de variar entre o estilo *formal* e o estilo *informal*, em Carvalho, Aguiar e Marciel (2009). Nesses termos, quanto a diferença de estilo do *podcast* em ser formal e informal:

formal ou **informal** depende muito da relação que o professor mantém com os alunos, da sua maneira de ser. Uma outra variável é o tipo de podcast. É compreensível que um podcast do tipo feedback/ comentário seja mais informal do que um expositivo/informativo, dado o primeiro ser criado para um grupo específico e para uma situação particular, enquanto que o segundo pode vir a ser reutilizado em diferentes turmas ou contextos (Carvalho; Aguiar; Marciel, 2009, p. 08).

Quanto à finalidade, como a seleção dos episódios que serão analisados foi de maneira aleatória, eles podem servir para *informar*, *divulgar*, *motivar*, entre outras finalidades que dependem do objetivo que o produtor deseja passar para seu ouvinte. Categorias como tipo, formato, duração, autor, estilo e finalidade foram relevantes no processo metodológico de filtração dos exemplares a serem analisados. As categorias mencionadas na taxonomia para classificação de exemplares, foram acentuadas na delimitação do *corpus* desta pesquisa. Com isso, a partir desses operadores, criamos as seguintes etapas para a execução da pesquisa:

- a) Escolha do agregador, isto é, lugar de hospedagem em que se encontram os *podcasts*;
- b) Definição da amostra da pesquisa;
- c) Pesquisa na amostra;
- d) Identificação dos *podcasts* brasileiros com maior número de escuta em um espaço de tempo;
- e) Observação sistemática exploratória do *corpus* de análise: ouvimos diferentes episódios, de forma aleatória, buscando identificar algumas características de cada *podcasts* além dos usos linguísticos neles circunscritos .
- f) Seleção dos episódios para a composição do *corpus* e transcrição dos dados.
- g) Análise de dados: sistematização e interpretação dos resultados

Isto posto, podemos assegurar que, embora o *podcast* possua uma tipologia versátil, dinâmica e proativa, conseguimos traçar uma tipologia que faz o *podcast* ser o que conhecemos hoje, logo ele não é construído de maneira aleatória, ou simplesmente só porque utilizou o áudio

como principal canal, seja considerado um *podcast*. Para ser um *podcast*, como vimos em nossa taxonomia, é necessário seguir padrões e estes são os responsáveis por sua materialização.

Nesse cenário, verificamos que podemos explorar o *podcast* como fonte de dados, investigar se há variações ou inovações no uso dos itens linguísticos, bem como compreender se eles desempenham papéis distintos na comunicação oral contemporânea. Dessa forma, o *podcast* pode contribuir para a compreensão da dinâmica da gramática do português brasileiro (pt-BR), considerando os aspectos de mudança e atualização presentes na oralidade, em consonância com os dados obtidos por meio da análise dos *podcasts*.

Nesse contexto, é importante destacar a natureza predominantemente oral dos *podcasts*, o que os torna um objeto de estudo significativo no que diz respeito à manifestação da linguagem em uso. Isso se aplica especialmente aos elementos linguísticos que são objetos de estudo desta pesquisa.

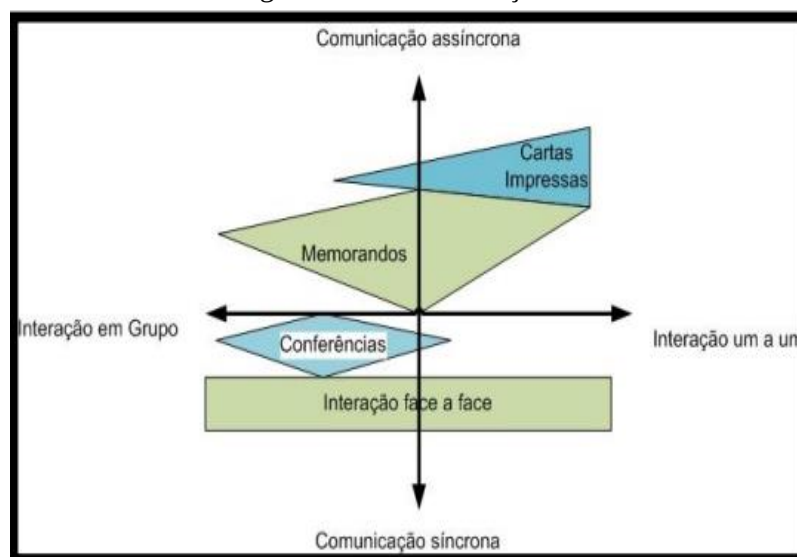
Por mais que a oralidade presente no *podcast* sofra influências da escrita, ainda assim, o texto oralizado presente nos *podcasts* é mais espontâneo que o texto escrito, e os usos linguísticos que lá aparecerem, será pela logicidade da oralidade. A partir de então, o uso dos *audioblogs* relaciona-se com a oralidade, contribuindo assim, para a caracterização do *podcast* que pode ser definida como uma tecnologia de oralidade:

Nesse entendimento, o termo “tecnologias de oralidade” pode ser aplicado àquelas tecnologias que permitem a sofisticação do manejo da oralidade em suas instâncias de produção e distribuição, como o *podcast* e o rádio. No campo produtivo, essas tecnologias permitem, por exemplo, a modificação das dinâmicas vocais pelo uso de edição, bem como pela inserção de sonoplastias, além de disporem, para a oralidade, da possibilidade de revisão expressiva, tida como típica da escrita (Freire, 2013, p. 42).

Curiosamente, mesmo sabendo que o *podcast* tem como sua característica principal o áudio, o autor sugere sua classificação como uma tecnologia de oralidade, e justifica seu pensamento afirmando que é possível realizar uma sofisticação ao manusear a oralidade quando em reprodução, por meio de edições, por exemplo.

Uchôa (2010) corrobora com o pensamento que a oralidade e a escrita contribuem para a constituição do gênero *podcast*, e recorre a Marcuschi (2008) com a intenção de desmitificar a dicotomia escrita *versus* oralidade, enfatizando que existe um contínuo entre essas modalidades, assim, fundadas no gênero. Na figura a seguir é possível ver esse contínuo entre os gêneros na comunicação tradicional, escrita e falada:

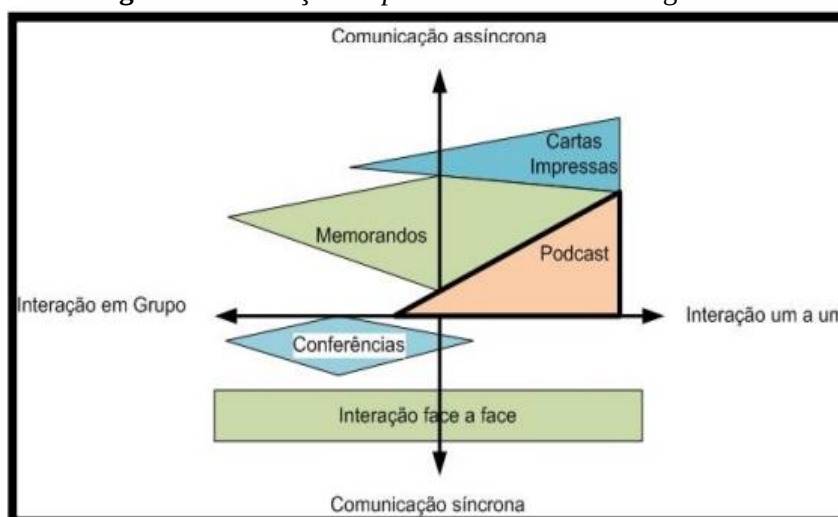
Figura 06 - O contínuo de gêneros na comunicação tradicional escrita e falada



Fonte: Marcuschi (2008)

Uchôa (2010) verifica que existem dois vetores que estão em oposição, um representa a comunicação assíncrona em oposição à comunicação síncrona, já o outro vetor representa as diferenças que aparecem entre a interação em grupo e a interação um a um. O autor explica que “a comunicação síncrona é aquela imediata, que permite uma interação simultânea com o ouvinte. A assíncrona comunica em qualquer tempo” (Uchôa, 2010, p. 66). A partir disso, o estudioso constrói um novo esquema, agora, com a inserção do *podcast* no contínuo de gêneros:

Figura 07 - Inserção do *podcast* no contínuo de gêneros



Fonte: Uchôa, 2010, p. 66.

Achamos pertinente esse esquema de Uchôa (2010), uma vez que assim como ele, também consideramos o *podcast* como pertencente a categoria de gênero discursivo e digital.

Nesse sentido, após essa contextualização que caracteriza o *podcast* como um ItemNet (Matos, 2020; 2022) que possui a oralidade como principal canal de transmissão de informações, e permite o uso espontâneo da língua em diversos contextos, verificamos que os *podcasts* se tornem um valioso *corpus* linguístico, isto é, um conjunto de dados linguísticos representativos para análise, devido à sua natureza rica e diversificada em termos de conteúdo, estilo de fala e gênero. Eles oferecem uma fonte valiosa de dados para pesquisadores, sobretudo da linguística funcional. No quadro 22, destacamos alguns pontos de como os *podcasts* podem ser usados como *corpus* linguístico, ilustrando a diversidade de dados linguísticos que deles podem ser extraídos:

Quadro 22 - *Podcast* como *corpus* linguístico

FATORES	EXPLICAÇÃO
Transcrições de Áudio	Os episódios de <i>podcasts</i> podem ser transcritos, convertendo a fala em texto escrito. Isso permite uma análise mais detalhada da linguagem usada nos <i>podcasts</i> , proporcionando uma ampla variedade de estilos e dialetos linguísticos.
Acessibilidade dos Dados	A maioria dos <i>podcasts</i> está disponível online e é facilmente acessível ao público.
Naturalidade da Linguagem	A linguagem usada nessas conversas é autêntica e natural, refletindo o uso linguístico no contexto da comunicação cotidiana.
Gramática e Sintaxe	Os <i>podcasts</i> fornecem exemplos autênticos de gramática e sintaxe em uso. Pesquisadores podem examinar como os falantes constroem sentenças, expressam relações gramaticais e utilizam estruturas complexas em contextos de conversação.
Mudanças na Língua	Ao coletar episódios de <i>podcasts</i> ao longo do tempo, por exemplo, é possível rastrear mudanças na língua, como evoluções vocabulares, gramaticais ou de pronúncia.
Pragmática e Interação	A análise dos <i>podcasts</i> pode revelar como os participantes gerenciam a interação, incluindo a organização de turnos de fala, o uso de estratégias conversacionais e a realização de atos de fala, como perguntas, respostas, pedidos, etc.
Entonação e Prosódia	Os <i>podcasts</i> fornecem informações sobre entonação, ritmo e entoação da fala, aspectos cruciais da comunicação oral.
Variação Linguística	Os <i>podcasts</i> refletem a diversidade linguística, incluindo variações regionais, sociais e culturais.

Fonte: A pesquisadora.

Em resumo, a análise de dados linguísticos obtidos por meio de *podcasts* oferece uma oportunidade única para compreender a gramática do português brasileiro (pt-BR) em sua

dinâmica atual, considerando os aspectos de mudança e atualização presentes na oralidade contemporânea. É um ItemNet (Matos, 2020; 2022) valioso para linguistas interessados na pesquisa da língua em uso e nas transformações que ela sofre ao longo do tempo.

Em relação à amostra pesquisada, ela corresponde a *podcasts* que se encontram armazenados na plataforma de *streaming* do *Spotify*, versão web. O serviço é gratuito e está disponível online no seguinte endereço (<https://open.spotify.com/>). A escolha desse agregador se deve ao fato de a possibilidade de acesso ser fácil e, principalmente, por ser considerado um dos maiores *streamings* populares do Brasil, que possui maior base de dados quando a referência é podcasts (Loureiro, 2022). Além disso, essa base indexa o conteúdo de *podcasts* de forma multidisciplinar e de diversos tipos e formatos, o que nos ajudou, certamente, na confecção da taxonomia que criamos.

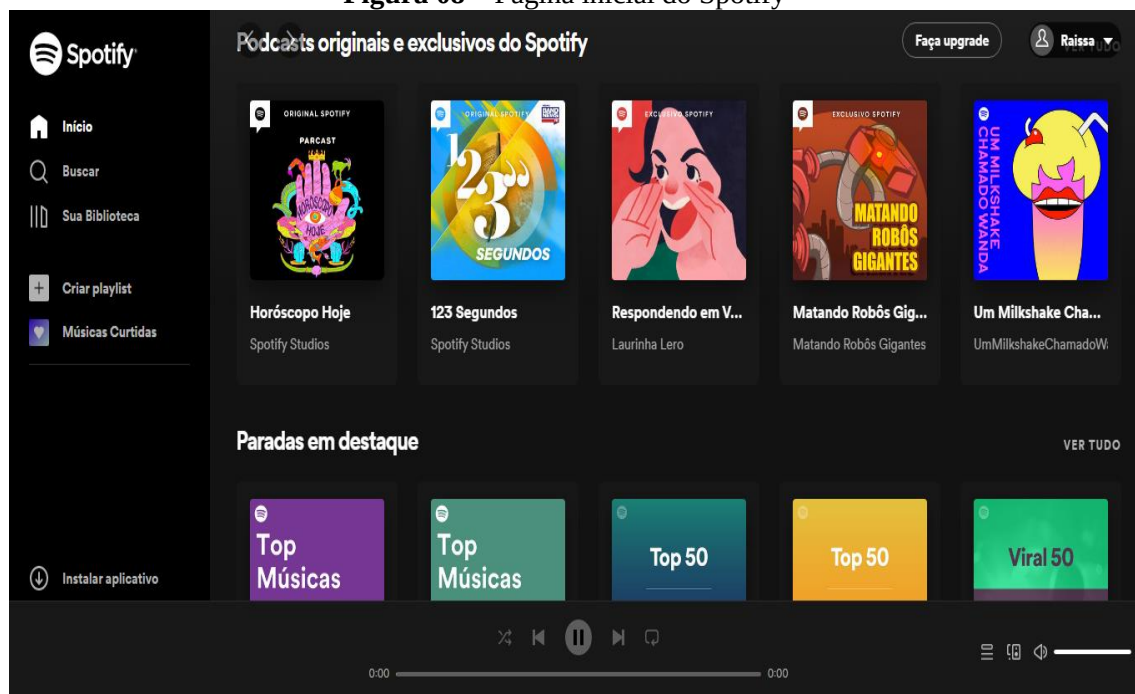
Para conhecer melhor o nosso agregador que servirá para a escuta, realização de *downloads*¹⁰, transcrição e análise de dados, se faz necessário conhecermos um pouco da história desse *streaming*. O *Spotify* foi criado na Suécia em 2008 e está presente em mais de 61 países, inicialmente tratava-se de um serviço de *streaming* de música. A plataforma disponibiliza conteúdos em áudio que podem ser ouvidos quando o ouvinte desejar. Podendo ser usado a partir de celulares (Android e iOS), computadores e até nas *smart TVs*, o *streaming* conta com planos gratuitos e pagos. O *Spotify* chegou no Brasil oficialmente em 2014, e, em 2019, anunciou seu interesse em investir nos *podcasts*. Um dado importante sobre *podcasts* no Brasil, que nos dias 1 e 2 de novembro de 2019 ocorreu o evento *Spotify for Podcasters Summit18*, na Cinemateca em São Paulo, visando trazer debates e conversas sobre o processo de criação, produção e monetização de podcasts. Consoante a plataforma, cerca de mil pessoas, incluindo marcas, *podcasters* e público em geral, participaram do evento e puderam trocar experiências e se inspirar com *insights* e informações sobre o atual cenário de podcast (Spotify, 2022).

Diante disso, compreendemos que a interface do *Spotify* não é complexa, o que possibilita o acesso e trabalho com os variados formatos de *podcasts*, fazendo com que a pesquisa tenha acesso aos mais diversos contextos comunicacionais em um único lugar, contribuindo, assim, para uma análise de dados variada e com dados reais da língua, sendo o caso deste trabalho. Desse modo, para ter acesso à plataforma, é necessário criar uma conta dentro da ferramenta, porém o usuário pode utilizar uma conta *Google*, ou utilizar o *login* do *Facebook*, portanto, para efetuar o login no *Spotify Web Player*, é necessário que o usuário

¹⁰ Iremos realizar os *downloads* dos episódios com a intenção de facilitar na transcrição dos dados.

acesse o site oficial do streaming (open.spotify.com). Ao acessar o endereço eletrônico aqui informado, o usuário visualizará a tela apresentada abaixo na Figura 08:

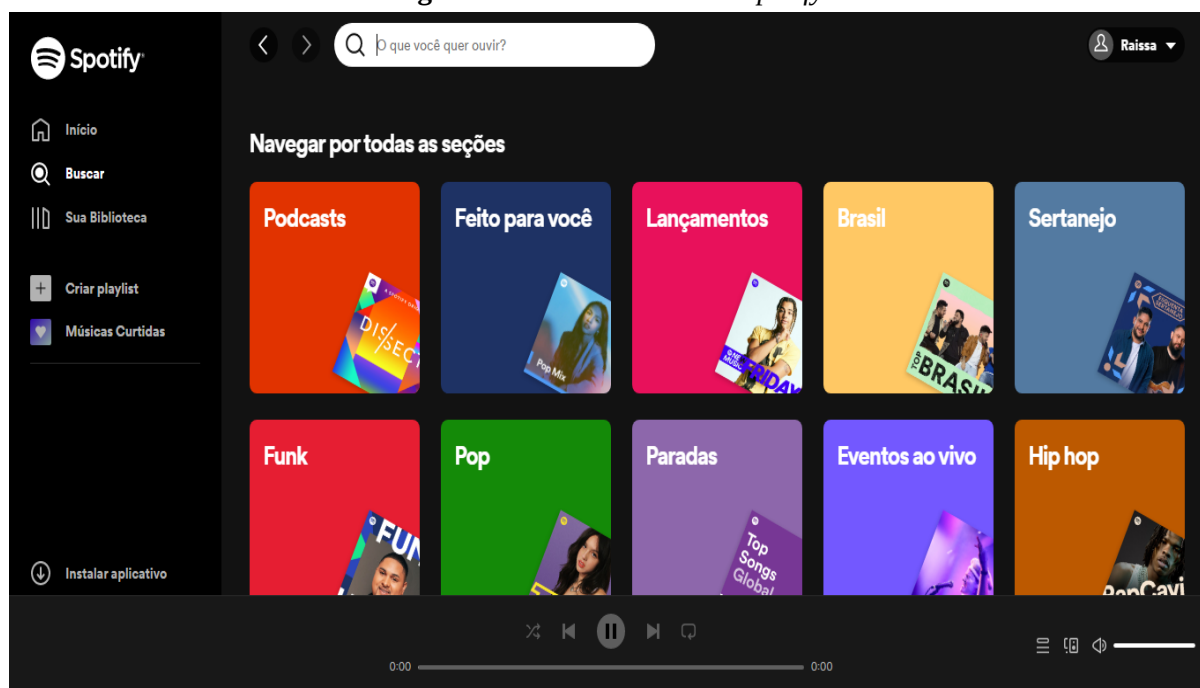
Figura 08 – Página inicial do Spotify



Fonte: A pesquisadora (captura de tela retirada do *Spotify Web Player*)

A figura demonstra um pouco do que o *streaming* possui agregado em sua plataforma, como os *podcasts* que são exclusivos do *Spotify*, como também as “paradas de sucesso” das músicas do momento. Um facilitador que deixa a plataforma acessível, como falado anteriormente, é a possibilidade do acesso gratuito, embora seja necessário em alguns momentos ouvir algumas propagandas, mas isso não interfere em nada na qualidade da audição do que se pretende ouvir. Além dessa tela inicial que mostra as músicas, os *podcasts* e os álbuns favoritos em destaque, também é possível que o ouvinte busque o conteúdo que deseja, no nosso caso, para encontrar os *podcasts*, é necessário clicar em “Buscar”, e assim abrirá a seguinte página:

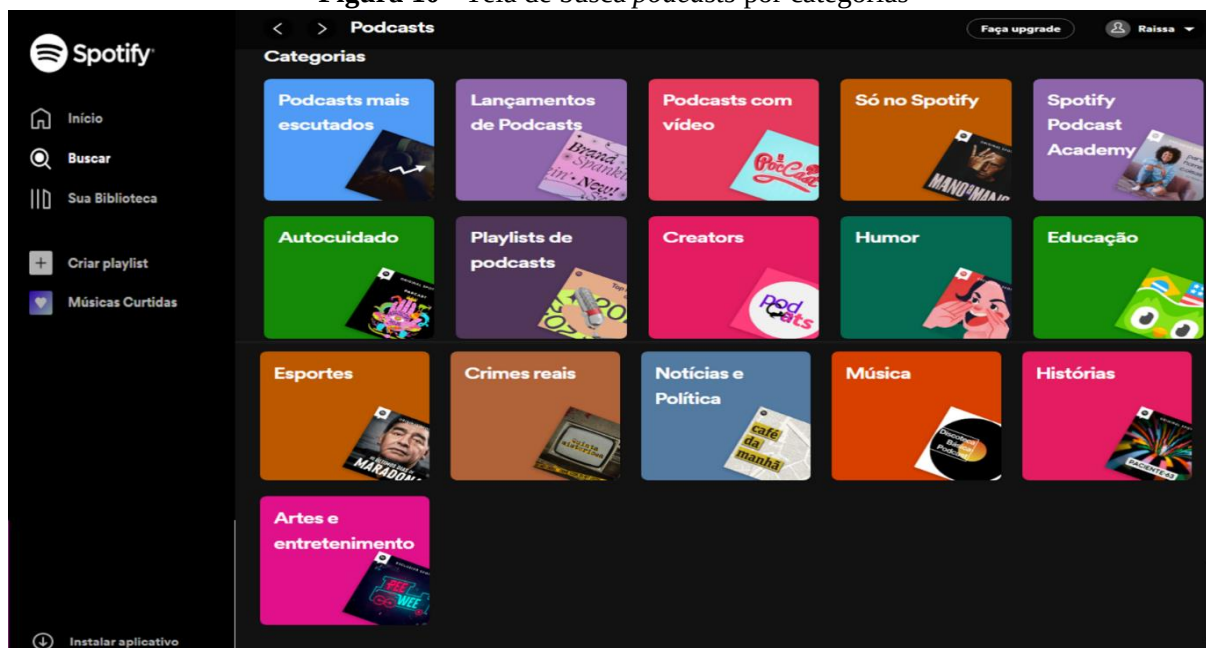
Figura 09 - Tela de busca do *Spotify*



Fonte: A pesquisadora (captura de tela retirada do *Spotify Web Player*)

Como podemos ver, o *Spotify* possui uma grande variedade de estilos, que possuem as mais diversas funcionalidades. Você pode pesquisar por músicas, *playlists* ou artistas específicos, ouvir músicas por gêneros, escutar *podcasts*, verificar alguns eventos que estão acontecendo ao vivo, enfim, como o nosso foco são os *podcasts*, quando clicamos na opção “*podcasts*” aparece a seguinte tela:

Figura 10 - Tela de busca *podcasts* por categorias



Fonte: A pesquisadora (captura de tela retirada do *Spotify Web Player*)

Como podemos ver, dentro do *Spotify* existe uma grande variedade de tipos de *podcasts*, o que torna a plataforma bastante requisitada mundialmente por parte de seus ouvintes. Assim, com o serviço de *streaming* fica fácil encontrar os *podcasts* das mais variadas modalidades, inclusive os que trazem temas sobre educação, esportes, jornalísticos, entre muitos outros, e o podcast como é um serviço sob demanda, os usuários podem ouvir onde e quando quiser, basta apenas está conectado à internet, sem a necessidade de realizar o *download*.

Além do *Spotify*, outra ferramenta que nos auxiliou na escolha do *corpus* e de fundamental importância para esta pesquisa é o site de análise e distribuição de *podcast*: *Chartable*, disponível no seguinte endereço eletrônico (<https://chartable.com/charts>). Definindo-o de maneira breve, podemos dizer que o *Chartable* é uma plataforma de análise de *podcast* que permite aos editores conhecer e aumentar seu público por meio de atribuição promocional e ferramentas de *insights* de audiência, além de ter sido comprado pelo *Spotify*. É através deste site que vamos utilizar para monitoramos quais são os episódios de *podcasts* mais ouvidos no *Spotify*, uma vez que o site dispõe de um “top 250” dos episódios dos *podcasts* brasileiros mais escutados do *Spotify*.

Figura 11 - Página inicial do *Chartable*



Fonte: A pesquisadora (captura de tela retirada do *Chartable*)

De acordo com a figura, observamos que o site cumpre bem o objetivo para a análise dos *podcasts*, e logo encontramos na página inicial *Top Podcast Chartes & Rankings: Principais podcasts das paradas e players de podcast em todo o mundo* (Tradução livre), além disso, é possível verificar três destaques: Gráficos de *podcast* para gráficos (Gráficos da

indústria de *podcasts*), tabelas de *podcasts* da *Apple* (Principais *podcasts* no *Apple oPodcasts*) e Gráficos de *podcast* do *Spotify* (Principais *podcasts* no *Spotify*), os dois últimos sendo, certamente, os agregadores de áudio mais procurados pelos ouvintes. Vale dizer que entre essas duas plataformas, a escolha pelo *Spotify* também se deu devido que na *Apple podcast* não possui o serviço gratuito.

Justificadas de como aconteceu a escolha do *corpus*, na próxima seção iremos demonstrar como ocorreu o processo para a seleção de dados.

3.4 Seleção dos dados

Nesta etapa da pesquisa vamos apresentar a composição do nosso *corpus*. Inicialmente para o recorte dos dados, realizamos algumas exclusões para chegar em nossos dados, e para isso, a figura 12 representa a visão macro, saindo da base do triângulo, para uma visão micro, topo do triângulo. Para melhor exemplificação de como se deu o processo da seleção dos *podcasts*, vejamos a figura:

Figura 12 - Seleção dos *podcasts* para análise



Fonte: A pesquisadora.

A figura serve para demonstrar o recorte realizado em relação aos *podcasts* selecionados para a nossa análise. Assim, partimos de uma visão macro para uma visão micro, isto é, delimitamos inicialmente que iríamos trabalhar com dados do português brasileiro (pt-BR), e a

partir daí, definimos a plataforma que usaremos para a escuta e colheita de dados, como vimos, a escolhida foi o *Spotify*. Depois disso, com base na nossa taxonomia (quadro 21), elegemos o tipo, tendo em vista a maior quantidade de *podcasts* dentre os mais populares do Top 250, e o modelo, que é o áudio, tendo em vista o nosso objetivo, trabalhar com a oralidade.

Em relação ao top 250, como vimos na seção anterior, nossa base de dados foi escolhida via um *ranking* do site *Chartable* dos episódios dos *podcasts* diários mais escutados durante oito dias, ele dispõe de uma lista que destaca o “Top 250 episódios mais ouvidos pelos brasileiros”. Para a observação dos episódios, delimitamos um recorte temporal, assim, o monitoramento do site iniciou em 28 de novembro de 2022 e terminou em 05 de dezembro de 2022. A coleta dos dados foi feita durante todos os dias sempre por volta das 16h, por meio de captura de tela do site *Chartable*. Após os oito dias de observação e coleta, selecionamos os episódios dos *podcasts* que usaremos para a nossa pesquisa. A figura a seguir demonstra uma parte de como o *ranking* é apresentado pelo site, no caso, temos o “top 10”.

Figura 13 - Top 10 episódios mais ouvidos do *Spotify*

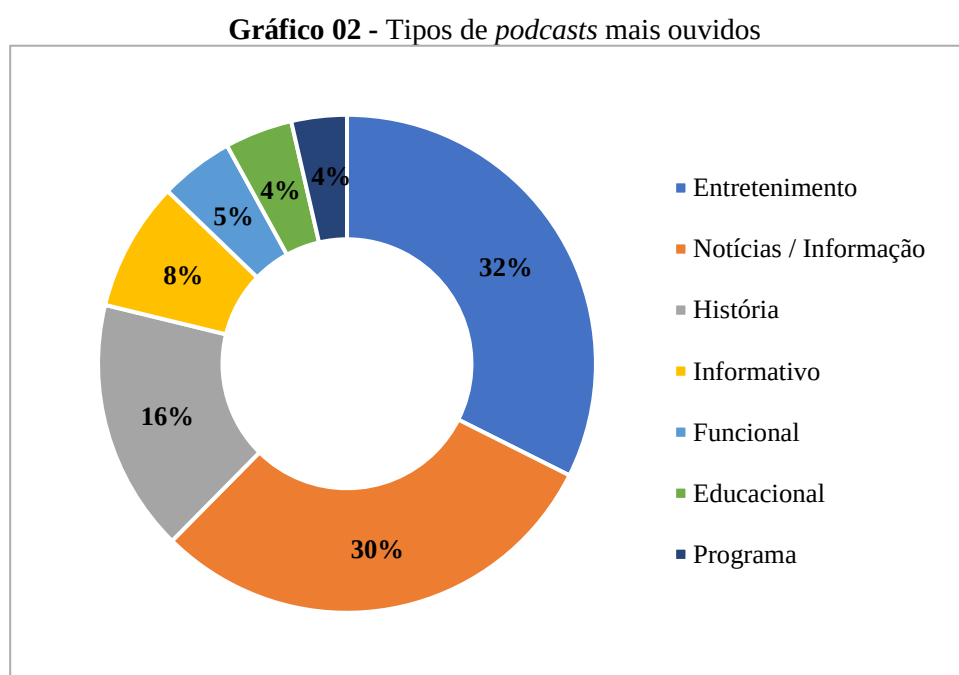
Spotify — Brazil — All Podcasts — Episodes

1 NEW		O Assunto O Brasil de volta à agenda climática
2 NEW		Medo e Delírio em Brasília Dias 1.416 e 1.417 Malditos Milicos & Malditos Cíveis ...
3 ▲32		Foro de Teresina EP.06 - Vai se Qatar O Sequestro da Amarelinha
4 ▲7		O Assunto A mais nova onda de Covid
5 ▼3		Medo e Delírio em Brasília Dias 1.413, 1.414 e 1.415 Sobre curupiras, mulas sem ca...
6 ▲2		Petit Journal BP 394 - Polônia atingida
7 ▼2		NerdCast Vai te Catar 01 - Você acredita no hexa?
8 ▲3		Não Inviabilize CASQUINHA
9 NEW		Projeto Humanos 19 - A Testemunha de Defesa [S05E19]
10 ▼6		Xadrez Verbal Xadrez Verbal #316 Midterms

Fonte: <https://chartable.com/charts/spotify/brazil-top-podcasts>, acesso em 20 de novembro de 2022.

Baseando-se no fato de que os *podcasts* escolhidos para essas pesquisas possuem frequência regular de criação e distribuição, vale ainda justificar a escolha pelo site do *Chartable*, levamos em consideração tal fator, dois motivos para nós foram essenciais: primeiramente, por ser um site comprado recentemente pelo *Spotify*, e, em segundo lugar, pela organização do site, ao criar *ranking* dos *podcasts* e episódios mais ouvidos pela população brasileira. Assim, encontramos um *ranking* de 250 episódios.

Diante do grande volume de episódios, decidimos selecionar os 10% dos episódios encontrados no *ranking*, e segue a nossa taxonomia proposta, visto que consideramos esses 10% de exemplares como um *corpus* suficiente e adequado para proceder à análise. Assim, classificamos os 250 episódios mais ouvidos dos *podcasts* em relação ao tipo, isto é, entretenimento, notícia/informação, funcional, história, informativo, programa, diretrizes e educacional, e obtemos o seguinte resultado:



Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com o gráfico, podemos dizer que no período da coleta os ouvintes brasileiros tiveram como preferência do tipo entretenimento (32%), conforme vimos em nossa taxonomia, quadro 21, são aqueles que proporcionam um momento tranquilo, e podem abarcar programas de bate-papo, de humor, de esportes, de viagem, de histórias, etc. Assim, acreditamos que esse fator foi determinando para a escolha do tipo de *podcasts* que serviria para nossa colheita de

dados. Dito isso, o quadro a seguir destaca os episódios de *podcasts* que foram selecionados,¹¹ correspondente a 10%:

Quadro 23 - Seleção dos episódios selecionados

Nº	TÍTULO DO CANAL	NOME DO EPISÓDIO	TIPO	LINK
1	NerdCast	NerdCast 858 – Star Wars: Andor – Enfrentem o Império!	Entretenimento	1nq.com/lfqsf
2	Os Sócios Podcast	Os Sócios 108 – O PODER DA LEITURA	Entretenimento	1nq.com/NF44M
3	Que História É Essa, Porchat?	Bruna Gonçalves, Maurício Manfrini e Thaissa Carvalho	Entretenimento	1nq.com/5mp06
4	Ilustríssima Conversa	Denise Ferreira da Silva: Não há modernidade sem violência racial	Entretenimento	1nq.com/FQrRb
5	Caixa Preta	Ep. 287 – Bombachas Cintilantes, herança da Hebe e JAPÃO	Entretenimento	1nq.com/81RJ5
6	Pretinho Básico	Pretinho Básico 02/12/2022 18h ★ Neto Fagundes ★ Gio Lisboa	Entretenimento	1nq.com/TEMnZ
7	Podcast Para Tudo	#112 – Retrospectiva ouvintes, Inteligência Artificial e Natal	Entretenimento	1nq.com/ianCy
8	Mamilos	Mamilos Cultura 85: Filme – Passagem – revisitando traumas	Entretenimento	1nq.com/X21g0
9	Os Economistas Podcast	O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA (Guepardo Investimentos)...	Entretenimento	1nq.com/kf77h
10	Os Pingos nos Is	Os Pingos nos Is – 02/12/2022 – Lula quer Maduro/ Mourão a toalha/ Índios contra Moraes	Entretenimento	1nq.com/JZvFB
11	Pânico	PÂNICO – 02/12/2022 – Apóstolo Arnaldo	Entretenimento	1nq.com/FLr6Q
12	Empiricus Puro Malte	#119 – Poligamia, medo de envelhecer e tempo, tempo, tempo	Entretenimento	1nq.com/EtdBA
13	PODDELAS	PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD	Entretenimento	1nq.com/9gi6G
14	RapaduraCast – Podcast de Cinema e Streaming	RapaduraCast 744 – Os Primeiros no Cinema	Entretenimento	1nq.com/2CcoH
15	Me conte uma fofoca	#50: A trend dos desenhos, a nova Gisele e caos em grupo de K-pop	Entretenimento	1nq.com/4UlJ4
16	Astrológicas	Previsões 2023	Entretenimento	1nq.com/IyHcG

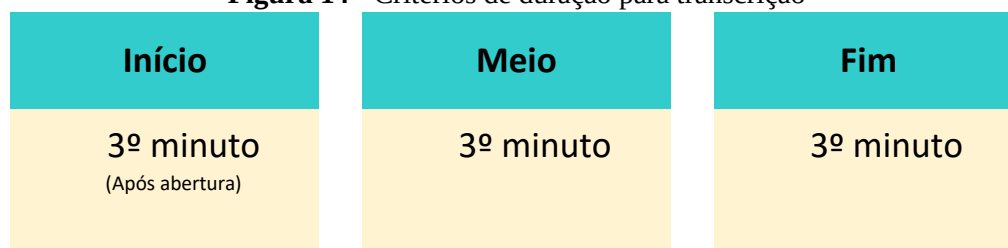
¹¹ No anexo segue a lista completa do TOP 250 episódios dos *podcasts* mais ouvidos pela população brasileira, dentro do recorte de tempo que delimitamos.

17	Café Brasil	Café Brasil 850 – Vida caótica	Entretenimento	l1nq.com/9Y9bu
18	MIDCast Política	S05E40 – Pen Drive, Tinder e Corte na Educação MIDCast...	Entretenimento	l1nq.com/hUSTu
19	PoupeCast	Fundos Imobiliários	Entretenimento	l1nq.com/w0G4k
20	O Antagonista	CD Talks #09: Alcione Pereira	Entretenimento	l1nq.com/CQEyG
21	Donos da Razão	RECORDES MAIS ALEATÓRIOS DO GUINNESS BOOK Lista da Razão #09	Entretenimento	l1nq.com/l83R2
22	Choque de Cultura – Ambiente de Música	T2 EP 13 – Música de Beija-Flor	Entretenimento	l1nq.com/fBq5F
23	CARACATICAST	EP 211 – ZÉ LEZIN	Entretenimento	l1nq.com/Odvir
24	DIÁRIO DE BORDO	#447 – Jeska fazendo exercícios da fono e o karma veio aí	Entretenimento	l1nq.com/P4KRJ
25	RESUMIDO	#189 — Criaturas digitalizadas	Entretenimento	l1nq.com/DctG9

Fonte: A pesquisadora.

Consideramos que selecionar os 10% dos mais populares quanto ao tipo nos traria uma dimensão satisfatória, uma vez que estes seriam os mais reproduzidos pelos usuários do site do *Spotify*. A partir dessa delimitação, devido aos tamanhos dos episódios, foi necessário também delimitar os critérios usados para realizar a transcrição:

Figura 14 - Critérios de duração para transcrição



Fonte: A pesquisadora

A partir desses critérios, podemos observar os usos dos itens *então*, *tipo* e *onde* que estão circunscritos dentro do *podcast*. Vale dizer que esses procedimentos que se deram durante a seleção dos dados nos oferece uma base útil para outros tipos de estudos qualitativos e

possibilita a criatividade do pesquisador para enfoques diferenciados durante a pesquisa. Portanto, esse tipo de pesquisa permite o estudo de pessoas a que não temos acesso físico, sendo, assim, apropriada para o estudo em questão. Terminada a seleção de dados, na próxima seção demonstraremos como foi o procedimento de coleta para a nossa análise.

3.5 Procedimentos de coleta e análise

Após a seleção dos dados que compõe o *corpus*, nos dedicamos à elaboração de nosso instrumento de pesquisa. Como vimos na seção anterior, colocamos os episódios selecionados em uma tabela construída no *Microsoft Office Word* contendo as seguintes categorias: título do canal, nome do episódio, tipo do *podcast*, e link do episódio para ouvir. Para o processo de seleção foram realizadas audições exploratórias de cada episódio dos *podcasts* escolhidos. Podemos dizer que se tratou de um processo até simples, tendo em vista que a taxonomia do *podcast* que construímos nos ajudou a escolher os episódios.

No levantamento dos dados, levamos em conta, principalmente, os conceitos teóricos sobre a perspectiva funcional da linguagem, tendo em vista o objetivo da nossa pesquisa. Assim, além de proporcionar uma análise com dados reais da língua, também podemos sistematizar quais são os tipos mais recorrentes dos *podcasts* mais ouvidos pelos brasileiros, procurando compreender o fenômeno e sistematizando as características mais frequentes nos *podcasts* diários mais ouvidos no *Spotify*. Feita a seleção dos episódios que serão analisados, para a organização da colheita de dados, estabelecemos algumas etapas, tais como:

- a) Equipamento *wireless* de alta qualidade para ser possível acessar a plataforma do *Spotify*;
- b) Escuta atenta dos episódios para verificar os usos que estão circunscritos nos episódios dos *podcasts*;
- c) Transcrição dos itens linguísticos dentro do seu contexto comunicacional seguindo os critérios de duração para transcrição que estabelecemos, e com base em critérios não sempre ortográficos, com o intuito de preservar fenômenos da fala que possam estar em curso de prototipicidade e/ou gramaticalização;
- d) Revisão das transcrições;
- e) Com relação ao tratamento dos dados, registramos todos os dados que foram quantificados e analisados neste estudo, em planilha *Excel*.

A partir disso, como em nosso trabalho iremos realizar as transcrições dos programas selecionados de *podcasts*, se faz necessário realizar uma breve contextualização como o processo de transcrição ajuda na compreensão e organização do texto que é reproduzido oralmente, e como o nosso *corpus* parte do texto oralizado, é um processo que irá nos ajudar no momento em que estivermos passando o texto para o escrito.

3.5.1 O processo transcrição

Nas últimas décadas houve uma intensificação nas pesquisas sobre a relação entre língua falada e língua escrita. Como forma de evitar repetir o que já foi exposto sobre as várias relações dessas duas modalidades da língua, recorreremos a Marcuschi (2010, p. 45-46), quando ele resume essa problemática em oito tópicos:

- 1) as semelhanças são maiores que as diferenças tanto nos aspectos estritamente linguísticos quanto nos sociocomunicativos;
- 2) as relações de semelhanças e diferenças não são estanques nem dicotômicas, mas contínuas ou, pelo menos, graduais;
- 3) as relações podem ser mais bem compreendidas quando observadas no contínuo dos gêneros textuais – gêneros similares nas duas modalidades;
- 4) muitas das características anteriormente atribuídas a uma das modalidades são, de certa forma, propriedades da língua, como contextualização/descontextualização; envolvimento/distanciamento etc.;
- 5) não há qualquer diferença notável que perpassasse o contínuo das produções falada e escrita – as características não são categóricas ou exclusivas;
- 6) tanto a fala como a escrita são normatizadas em todas as formas de produção textual – não se pode afirmar, por exemplo, que a fala tenha enunciados incompletos por apresentarem muitas hesitações, repetições ou marcadores não lexicalizados;
- 7) tanto a fala como a escrita são multissistêmicas, assim como a fala se serve de gestualidade, mímicas, prosódia etc., a escrita se serve de tamanho da letra, cor, símbolos, elementos icônicos, logográficos etc.;
- 8) a escrita se relaciona com a fala numa ordem ideológica e sociopolítica, impondo uma relação de poder, mas nem por isso deve ser tomada como intrinsecamente “libertária”.

A partir dessas prerrogativas, como é sabido, as diferenças salientadas entre fala e escrita não são dicotômicas, mas complementares entre si, tendo em vista suas particularidades, que vão desde a sua definição até a sua função. Assim, fica claro que a escrita não é uma representação da fala, justamente por conta que podemos relacionar e comparar essas duas modalidades, mas jamais em termos de superioridade ou inferioridade.

Os estudos realizados, demonstram que transcrever um texto oralizado consiste em passar de sua realização sonora para a forma gráfica (escrita) “com base numa série de

procedimentos convencionalizados” (Marcuschi, 2010, p. 49). Ao realizar a transcrição de um texto que foi oralizado, existem algumas operações que não podem ser desconsiderados por serem fundamentais para a transcrição, como, por exemplo, as transcrições de marcadores conversacionais. Todavia, vale deixar claro, que na transcrição não devem conter interferência na originalidade do texto falado, não apenas da linguagem, mas também do conteúdo.

Marcuschi (2010, p. 51) defende que a transcrição é uma espécie de transcodificação que designa uma operação complexa em grafemologia: “é o que designamos simplificadaamente como transcrição ou passagem de um código para outro – por exemplo, do som para a grafia; da fala para a escrita”. Contudo, não se pode assegurar que transcrever seja apenas uma realização de metalinguagem, ou apenas a interpretação gráfica do significante sonoro. A transcrição vai muito além, e representa uma passagem, uma transcodificação, nos termos do autor, que já se caracteriza como uma primeira transformação:

Deixando de lado por um momento a parte técnica da questão, podemos imaginar o que é que fazemos quando transcrevemos um texto falado. Basicamente, passamos as palavras pronunciadas para uma formatação escrita num sistema gráfico que segue, no normal dos casos, a grafia padrão, variando apenas em casos especiais quando queremos evidenciar certas questões específicas de um ou outro falante (Marcuschi, 2010, p. 51).

Com base na citação, afirmar-se que a transcrição ocorre quando transcrevemos um texto falado e o colocamos em uma forma escrita, que segue os padrões de grafias e elas podem ou não evidenciar características que são próprias do falante, com a ajuda, como já dito, dos marcadores conversacionais. Assim, o texto oral, quando transcrito, perde sua característica original e pessoal, e passa por uma neutralização, que acontece devido ao processo de transcodificação.

O autor ainda contribui para os estudos de transcrição no que diz respeito aos estudos que buscam analisar as transcrições da fala, e para isso, ele acrescenta que se usa um sistema de notação próprio da transcrição (maiúsculas para tom mais alto; silabação para fala pausada; comentários para indicação de aspectos circunstanciais, entre outros). Portanto, às transcrições de um texto falado, deve-se procurar manter um mínimo de fidelidade à qualidade da produção oral, fugindo inclusive ao padrão ortográfico, embora sabemos que a transcrição seja uma espécie de adaptação, uma vez que no seu processo, alguma coisa pode escapar ou ser modificada do original.

Marcuschi (2010, p. 52) ainda acrescenta que existem transcrições que em seu primeiro formato já são formas de retextualização, e exemplifica colocando aquelas que introduzem

pontuação e eliminam as hesitações, como as entrevistas publicadas, além da publicação de contos que possuem uma forte tradição oral vistas como transcrição, porém não passa de edições de textos com muitas mudanças. Logo, não são meras transcrições, já que apresentam forte interferência da língua escrita, por acreditarem, certamente, que não se escreve como se pronuncia. Por fim, o pesquisador resume que o processo de transcrição não é algo simples ou natural:

Trata-se de uma atividade que atinge de modo bastante acentuado a fala original e pode ir de um patamar elementar até uma interferência muito grande. Não existe uma fórmula ideal para a transcrição “neutra” ou pura, pois toda a transcrição já é uma primeira interpretação na perspectiva da escrita. Há também questões éticas envolvidas, já que a transcrição pode reproduzir preconceitos na medida em que discrimina os falantes, deixando, para uns, evidências socio letais em marcas gráficas, anulando essas evidências, para outros. Veja-se que em geral os transcritores dão para a fala dos entrevistadores um status diferente do que para os informantes, no caso de pesquisas linguísticas. Esta distinção faz supor que o entrevistador tem uma “fala culta” ao passo que seu informante, não. Alerto, portanto, para este perigo sempre iminente em todos os trabalhos de transcrição (Marcuschi, 2010, p. 53).

Dito isto, podemos dizer que os estudos que envolve a língua falada, sobretudo quando se faz a transcrição dela para a língua escrita, não é uma tarefa fácil, uma vez que não possui uma fórmula perfeita que faça a transcrição ser fiel totalmente ao texto original, considerando que a transcrição já é uma interpretação inicial da perspectiva da escrita. Além desses aspectos formais, a transcrição também relaciona-se com as questões de níveis social, como mencionada pelo autor, ela pode reproduzir preconceitos a partir de marcas gráficas, em que pode ocorrer a discriminação uns, enquanto outros são colocados em evidências.

Castilho (2010) com base nos estudos de Blanche-Benveniste *et al.* (1979) informa que a transcrição da oralidade já representa uma pré-análise, constituindo a língua falada como um objeto científico, e complementa que a cada pergunta sobre os materiais corresponderá um tipo de transcrição, logo “perguntas sobre como se desenrola uma conversação requerem uma transcrição para a obtenção das respostas. Perguntas sobre como se organiza um texto ao longo de uma conversação requerem uma transcrição textual” (Castilho, 2010, p. 226). Nesse sentido, o pesquisador destaca um quadro adotado pelo Projeto Nurc com critérios levados em consideração na transcrição:

Quadro 24 - Critérios de transcrição conversacional adotados pelo Projeto Nurc

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	<i>...do nível de renda... () nível renda nominal..</i>
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	<i>(estou) meio preocupado (com o gravador)</i>
Truncamento	/	<i>e comé/ e reinicia</i>
Entoação enfática	maiúsculas	<i>porque as pessoas retêm moeda</i>
Alongamento de vogal ou das consoantes [r], [s]	:: ou :::	<i>ao emprestarem os... éh:: o dinheiro</i>
Silabação	-	<i>por motivo tran-café-ção</i>
Interrogação	?	<i>o Banco central... central?</i>
Qualquer pausa	...	<i>são três motivos... ou três razões</i>
Comentários descritivos	((minúsculas))	<i>((tossiu))</i>
Comentários do locutor que quebram a sequência temática	--	<i>a demanda da moeda – vamos dar essa conotação – demanda de moeda por motivo</i>
Suposição, simultaneidade de vozes	[ligando linhas	128. <i>na casa da sua irmã?</i> [<i>Sexta feira?</i>
Citações literais, reprodução de discurso direto ou leitura de textos	“ ”	<i>Pedro Lima... as escreve na ocasião “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”...</i>

Fonte: Castilho, 2010, p. 226.

Castilho (2021) complementa que essas normas que foram estabelecidas indicam como realizar o registro de todas as marcas ouvidas, e que são passíveis de resposta. E salienta que uma mera leitura da transcrição, não é o suficiente. Vale dizer que esses critérios elencados por Castilho (2010, 2021) servirão de base para realizar a transcrição dos programas de *podcasts*

selecionados para analisar os usos dos itens *então*, *tipo* e *onde* que nele estão circunscritos e contribuem para a atualização da gramática.

Diante desse contexto, vale destacar que para a transcrição dos dados escolhemos um site que ajuda neste processo, ele se chama *oTranscribe*. Escolhemos por se tratar de um site de fácil acesso além de ser gratuito. Assim, para acessá-lo, não é necessário realizar *downloads*: basta acessar o site diretamente do navegador (<https://otranscribe.com/>) e iniciar os procedimentos. A plataforma permite que se faça tanto o *upload* do arquivo de áudio ou vídeo quanto a colagem de *link* para vídeos disponibilizados no *YouTube*. A partir daí, a página dá acesso ao player, que além das funções básicas disponíveis nos programas padrão (como o *Windows Media Player* ou o *Quicktime*), também permite que se ajuste a velocidade de reprodução para trechos menos compreensíveis enquanto vai escrevendo o texto, quando terminar a transcrição, é só exportar o texto para o formato que for mais conveniente.

Além disso, a página reúne na mesma interface o *player* de áudio/vídeo e o editor de texto. Isso facilita um pouco o nosso trabalho, uma vez que possibilita com que se trabalhe com menos programas abertos e evita o esforço de minimizar e maximizar janelas diferentes enquanto a transcrição é realizada. Um ponto interessante da plataforma é que caso seja necessário interromper a escrita, o *oTranscribe* permite que se salve um arquivo que pode ser recuperado posteriormente para reiniciar o texto na etapa em que foi encerrado. Importante ressaltar que *oTranscribe* não está focado ainda em “*speech to text*” (fala para texto – tradução livre) mas dá uma ajuda importante quando é preciso pegar numa gravação de voz e passar a texto. Abaixo segue a figura da página inicial da plataforma:

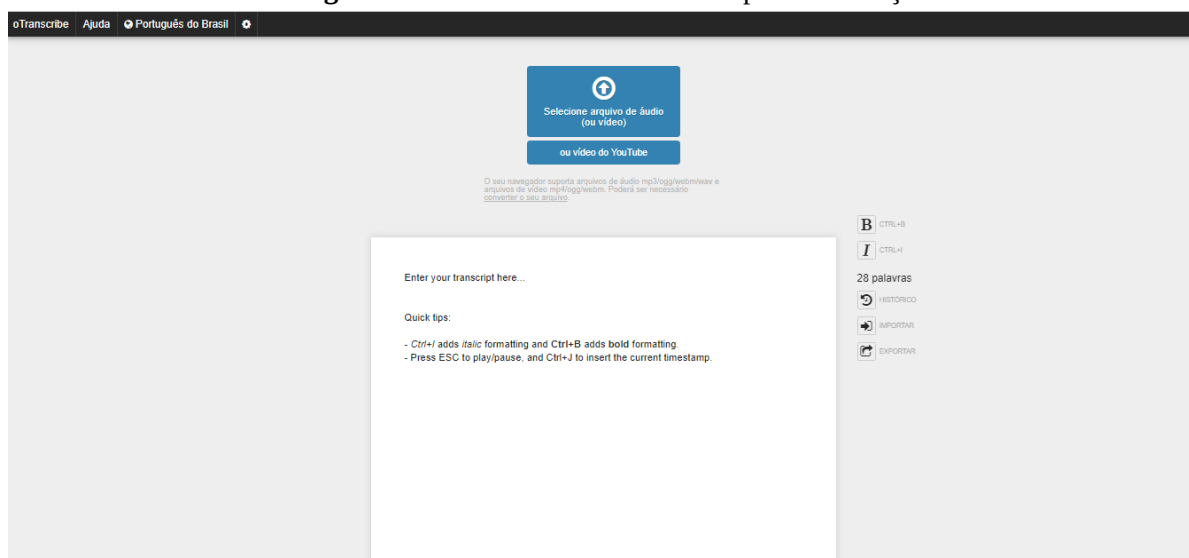
Figura 15 - Página inicial do *oTranscribe*



Fonte: A pesquisadora (captura de tela retirada do *oTranscribe*)

Após iniciar a transcrição, o usuário se deparará com a interface que é dividida em duas partes: player na parte superior e área de texto logo abaixo. Para começar, basta carregar o arquivo de som desejado, ele suporta os formatos MP3, MP4 e WAV, como falamos anteriormente. Para melhor visualização, segue a figura:

Figura 16 - Interface do *oTranscribe* para transcrição



Fonte: A pesquisadora (captura de tela retirada do *oTranscribe*)

Após transcrição, os dados passaram por um processo de tratamento de organização textual e formatação para, assim, haver a separação e organização das ocorrências. Diante do material apresentado, realizou-se a análise de cada uma das amostras selecionadas, a fim de analisar o comportamento dos itens *então*, *tipo* e *onde* nos *podcasts* nos quesitos que foram baseados em Wcosta, Matos e Furtado da Cunha (2021, p. 44) que realizam um estudo sobre o item “coisa” nos diferentes níveis gramaticais, a saber: sintático, semântico e discursivo-pragmático:

No nível sintático, analisamos a função – sujeito, objeto direto, predicativo, aposto etc. – que o item desempenha nos textos em que ocorre. No nível semântico, verificamos os sentidos para o qual o item lexical aponta no contexto em que ocorre. E, por fim, no nível discursivo-pragmático, identificamos a(s) função(ões) que “coisa” exerce na organização textual (Wcosta; Matos; Furtado Da Cunha, 2021, p. 44).

Assim, com base nos estudiosos, procuramos analisar os dados a partir de um grupo de fatores que assim estão configurados no quadro a seguir:

Quadro 25 - Fatores de análise

ITEM LINGUÍSTICO	FATORES	FUNÇÕES
Onde	Função textual	a) Pronome relativo b) Consecutivo c) Causal d) Temporal e) Conclusivo f) Explicativo
	Função lexical	a) advérbio de lugar
Tipo	Função textual	a) Exemplificação b) Comparação c) Explicação d) Conclusão e) Adição
	Função discursiva	a) Marcador de sequenciação b) Marcador de reelaboração c) Introdutor fático d) Marcador de elaboração e) Marcador de imprecisão informacional f) Introdução de diálogo interno g) Delimitação aproximativa h) Marcador de ênfase
Então	Função textual	a) Sequenciador retroativo-propulsor b) Conclusivo c) Resumitivo d) Retomador e) Aditivo f) Adversativo g) Alternativo
	Função discursiva	a) Introdutor de turno b) Finalizador c) Organizador de turno d) Perspectivador

Fonte: A pesquisadora adaptado de Wcosta, Matos e Furtado da Cunha (2021, p. 44).

Nesse sentido, com base nesse quadro, pretendemos verificar esses critérios em nossos dados de análise. As funções são categorizadas em função textual, referindo-se à sua contribuição na estruturação do texto, e função discursiva, relacionada ao papel que desempenham na organização e desenvolvimento do discurso como um todo. Essa diferenciação nos permite entender não apenas como os itens contribuem para a coesão e coerência textual, mas também como influenciam a forma como o discurso é apresentado e compreendido pelos interlocutores. Com base nesse quadro, pretendemos verificar esses

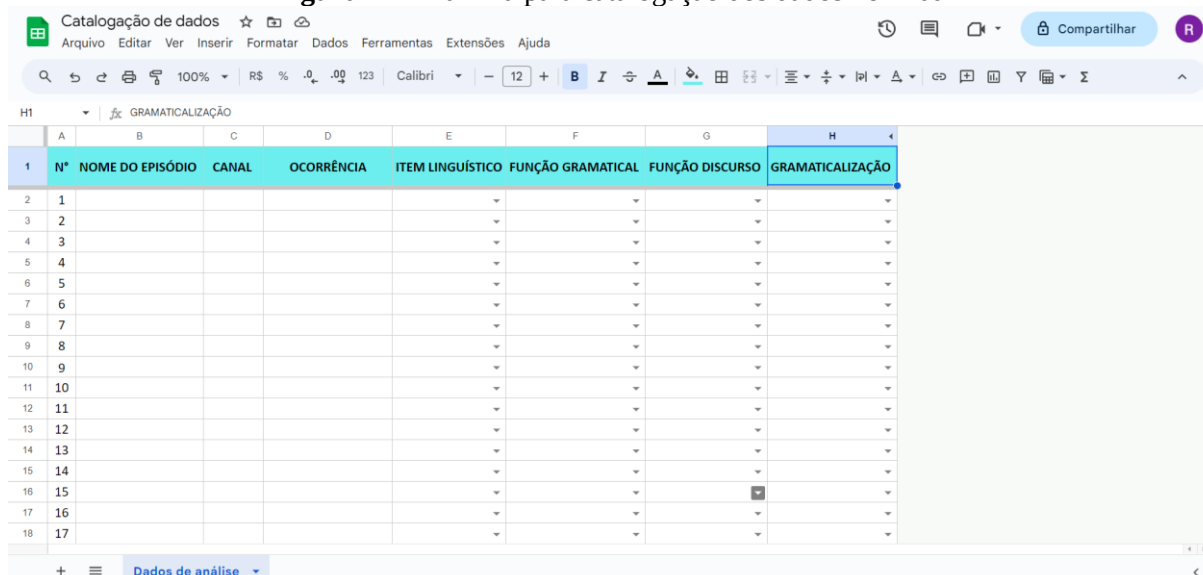
critérios em nossos dados de análise, enriquecendo nossa compreensão sobre a funcionalidade desses itens linguísticos em diferentes contextos discursivos.

Além disso, utilizaremos os critérios de gramaticalização para examinarmos em qual estágio de mudança linguística um item se encontra, seguindo os princípios propostos por Hopper (1991). Esses estágios podem incluir estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização. Com base nessas categorias, procuramos identificar o nível de gramaticalização de cada item analisado.

Ao considerar esses aspectos, buscamos uma análise mais abrangente e detalhada dos itens *então*, *tipo* e *onde*, levando em conta sua frequência, sua capacidade de desempenhar múltiplas funções, seu estágio de gramaticalização e sua relação com a estruturação do discurso.

Com relação ao tratamento dos dados, registramos todos os dados que foram quantificados e analisados neste estudo, em planilha *Excel*, devidamente descritos, por número, levando em consideração o nome do episódio, nome do canal que faz parte o episódio, a ocorrência e o item linguístico. Além disso, cada ocorrência foi catalogada em função dos critérios e parâmetros estabelecidos para análise como vistos no quadro 25. Ressalte-se que cada ocorrência transcrita se apresenta contextualizada em excertos, conforme quadro de catalogação dos dados em anexo. Para ilustrar, observe a figura a seguir.

Figura 17 - Planilha para catalogação dos dados no Excel



	A	B	C	D	E	F	G	H
1	N°	NOME DO EPISÓDIO	CANAL	OCORRÊNCIA	ITEM LINGÜÍSTICO	FUNÇÃO GRAMATICAL	FUNÇÃO DISCURSO	GRAMATICALIZAÇÃO
2	1							
3	2							
4	3							
5	4							
6	5							
7	6							
8	7							
9	8							
10	9							
11	10							
12	11							
13	12							
14	13							
15	14							
16	15							
17	16							
18	17							

Fonte: A pesquisadora

A escolha de armazenar os dados em planilha *Excel* se deu também por contribuir por uma organização melhor dos dados, além de nos permitir uma maior visibilidade do tratamento do suporte teórico. Com relação à transcrição de exemplos no corpo do texto para análise,

excertos, frases ou períodos exemplificados foram apresentados em negrito, em sequência na ordem crescente, em numeração arábica, em todo o corpo do trabalho, com a intenção de analisar as funções sintáticas, semânticas, discursivo-pragmáticas, e suas influências nos usos encontrados dentro dos *podcasts*.

No decorrer deste capítulo, exploramos minuciosamente as rotas que nos conduzem à análise, buscando um aprofundamento nos procedimentos metodológicos que sustentam nossa investigação e são essenciais para alcançarmos os objetivos propostos nesta pesquisa. Vale ressaltar que para este estudo, escolhemos utilizar o *podcast* como nosso *corpus* linguístico. Nosso foco recai sobre a análise do comportamento dos itens *onde*, *então* e *tipo* dentro deste *corpus*, visando compreender suas funções e usos específicos.

4 A TEORIA NA PRÁTICA: A ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo nos proporciona um enriquecimento significativo, pois nos permite compreender a língua em seu uso real, ou seja, como é falada no dia a dia. Os *podcasts* desempenham um papel fundamental nesse processo, ajudando-nos a entender como os falantes fazem suas escolhas linguísticas, levando em consideração não apenas o contexto comunicativo em que estão inseridos, mas também o público-alvo a quem se destinam.

Nesse ponto, temos como objetivo analisar os dados coletados de acordo com os procedimentos estabelecidos na metodologia. Aqui, iremos explorar minuciosamente os resultados obtidos, buscando extrair *insights* valiosos que nos auxiliarão na compreensão mais profunda da língua e no aprimoramento das nossas habilidades linguísticas.

É importante ressaltar que o uso de *podcasts* como *corpus* linguístico tem se mostrado uma ferramenta poderosa para pesquisas de divulgação científica, especialmente para aquelas que envolvem a análise da língua em uso. Além disso, a facilidade de acesso e uso desses recursos, que combinam entretenimento e discussões teóricas, permite que os pesquisadores se apropriem e analisem o conteúdo com a intenção de contribuir para o meio científico. Portanto, o *podcast* apresenta um imenso potencial para os estudos que estamos realizando aqui.

Além disso, a seleção dos elementos linguísticos para esta pesquisa se justifica com base em pesquisas funcionalistas pré-existentes. Com o auxílio do *podcast*, temos a oportunidade de confirmar o que já foi afirmado anteriormente ou até mesmo contribuir com novas abordagens a partir da língua falada. Dessa maneira, tais estudos são fundamentados no pressuposto de que a língua não pode ser analisada isoladamente, sem levar em consideração o falante inserido em um contexto comunicativo. Nesse sentido, a análise dos dados obtidos por meio de *podcasts* nos permite compreender como os falantes fazem suas escolhas linguísticas com base nas demandas comunicativas e nas intenções discursivas. Essa perspectiva funcional enriquece nossa compreensão da língua como uma ferramenta socialmente construída, em constante interação com seu contexto de uso.

É importante destacar que nossa análise se concentrou em examinar tanto as funções textuais quanto as discursivas dos itens em estudo. Esta abordagem permite uma compreensão mais abrangente e profunda das características linguísticas e comunicativas dos elementos analisados. Além disso, ao considerar as funções textuais, buscamos compreender como os itens se organizam internamente, identificando elementos como estrutura, coesão e coerência textual. Por outro lado, ao examinar as funções discursivas, exploramos como esses itens se inserem em um contexto comunicativo mais amplo, considerando seu propósito comunicativo, seu

público-alvo e as estratégias discursivas empregadas para alcançar determinados objetivos comunicativos. Ao combinar essas duas perspectivas analíticas, podemos obter uma visão mais completa e detalhada das características linguísticas e comunicativas dos itens em estudo.

Considerando essa contextualização, nossa análise está estruturada em cinco seções distintas para alcançar os objetivos propostos. Na seção 4.1, apresentaremos a quantificação das ocorrências dos itens linguísticos estudados. A seção 4.2 será dedicada à análise do item *então*. Em seguida, na seção 4.3, examinaremos o item *tipo*. E por fim, a análise do *onde* na seção 4.4.

Essas seções abordarão peculiaridades dos itens linguísticos analisados nos *podcasts* brasileiros, nos quais a oralidade se destaca como uma das principais características. Por meio dessa divisão, buscamos explorar cada item em detalhes, identificando suas frequências de uso, contextos de emprego e possíveis variações observadas nas amostras coletadas.

4.1 As ocorrências dos itens linguísticos

Nesta seção, iremos examinar a quantificação das ocorrências dos itens linguísticos obtidos a partir da análise dos *podcasts*. Uma análise preliminar do nosso *corpus* revelou uma variedade de usos desses itens linguísticos em nosso estudo. Como mencionado anteriormente, nosso objetivo é investigar os usos desses itens com base em abordagens funcionais propostas por pesquisadores como Coelho (2001), Silva (2008), Tavares (2003), Rodrigues (2009), Cavalcante (2018), Laurentino (2016) e Santos (2017).

Nesse sentido, o estudo dos *podcasts*, que consiste em uma forma de comunicação oral, nos oferece uma oportunidade produtiva para analisar como esses itens linguísticos se manifestam no português brasileiro (pt-BR). Sob uma perspectiva funcional da linguagem, a análise dos itens linguísticos leva em consideração não apenas sua frequência, mas também sua função comunicativa e o papel que desempenham na interação entre os falantes. A tabela a seguir apresenta a quantificação dos resultados obtidos a partir das transcrições dos *podcasts* brasileiros:

Tabela 03 - Quantificação das ocorrências dos itens linguísticos

ITEM LINGUÍSTICO	Nº DE OCORRÊNCIA
Então	96
Tipo	67
Onde	27
TOTAL	190

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir dos dados da tabela, foi possível analisar as ocorrências dos itens linguísticos em *podcasts* brasileiros. Foram registradas 190 ocorrências no total, referentes aos itens de interesse desta pesquisa. O item mais frequente foi, *então*, com 96 ocorrências, sugerindo que ele é amplamente utilizado pelos locutores durante os *podcasts*. Esse item desempenha a função de sequenciador, sendo empregado como uma partícula de transição e organização discursiva. Pode marcar o início de um novo tópico, indicar uma conclusão, introduzir explicações ou solicitar a atenção do ouvinte.

Em segundo lugar, temos o item *tipo* com 67 ocorrências, o que ainda indica um valor considerável. Essa palavra de preenchimento é utilizada para dar um tempo de reflexão, indicar a formulação de ideias ou a busca por uma forma adequada de expressão. Além disso, ela pode funcionar como um marcador de hesitação, auxiliando os falantes na elaboração de seus discursos e na introdução de exemplos ou comparações.

O item *onde* foi encontrado em 27 ocorrências, indicando um uso moderado nos *podcasts*. Esse termo é utilizado para indicar referências a lugares específicos ou situações espaciais, podendo também funcionar como uma conjunção comparativa.

A seguir, para ilustrar melhor as ocorrências, os exemplos (43) a (45) demonstram cada item de análise na ordem de sua frequência:

(43) O Nerdcast tá gigante, **então**, ó, e-mail vai ficar para semana que vem (NERDCAST 858 – STAR WARS: ANDOR – ENFRENTEM O IMPÉRIO, 2022).

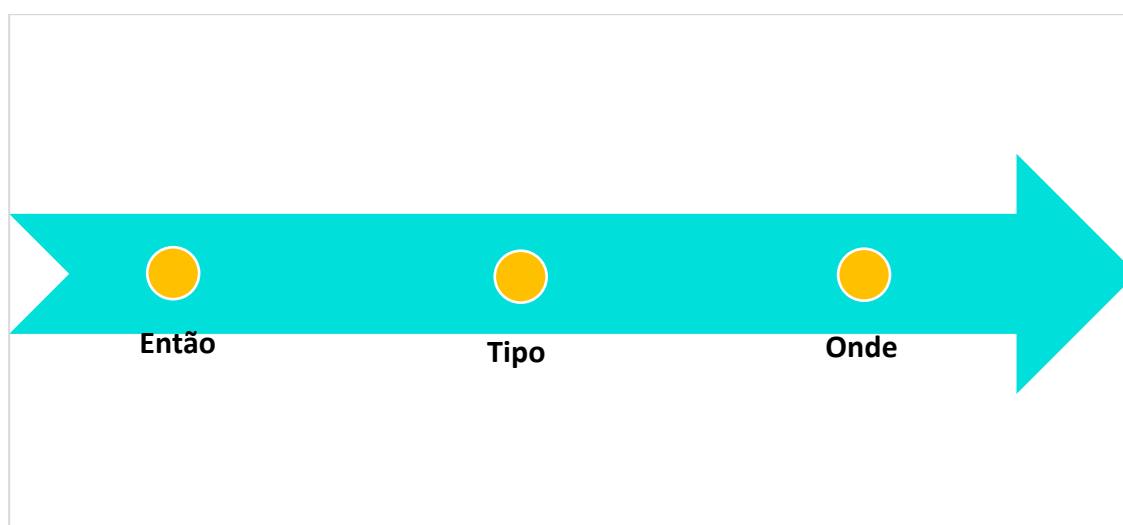
(44) ...na verdade, meus pais, eles... eles... tinham muitos livros em casa, mas eram livros de teologia, **tipo**, meus pais... eles... minha mãe se converteu para a assembleia o reteté, né, o fogo do manto e meu pai também foi com ela... (OS SÓCIOS 108 – O PODER DA LEITURA, 2022).

(45) Olha aí, água com gelo, então, aqui ó, a gente tá no Encore e o Encore é a plataforma oficial do Spotify que distribui, né, o nosso conteúdo para o Spotify para outras plataformas também, mas a gente gosta mais do Spotify, porque **onde** a gente entrega uma experiência mais agradável para o ouvinte ele pode tanto ouvir como... (CAIXA PRETA 287 – BOMBACHAS CINTILANTES, HERANÇA DA HEBE E JAPÃO).

Dito isto, essa análise quantitativa oferece uma visão geral sobre a frequência de uso dos itens linguísticos nos *podcasts* brasileiros analisados. No entanto, é importante levar em consideração que o uso desses itens pode variar dependendo do estilo de cada *podcast* e das preferências individuais dos locutores. Ao considerar esses itens linguísticos, é possível perceber que cada item desempenha um papel específico na comunicação, refletindo as escolhas linguísticas dos locutores e as demandas da interação comunicativa.

A partir da análise, podemos traçar a frequência dos itens encontrados nos *podcasts* brasileiros. Nesse sentido, consideramos a frequência como um fator importante, pois como já dito por Bybee (2010), a frequência com que um item linguístico ocorre pode ter um impacto significativo na categorização linguística, assim, podemos dizer que a frequência de ocorrência desempenha um papel crucial na categorização e na formação de significados em linguagem. Ela molda nossas expectativas e influencia nossa compreensão e produção de expressões linguísticas, refletindo a dinâmica da interação comunicativa e o uso efetivo da linguagem na comunidade falante. Assim, traçamos a seguinte escala gradual de frequência de uso, com base em Costa (2016), dos itens encontrados nos *podcasts* brasileiros:

Figura 18 - Escala gradual da frequência dos itens linguísticos



Fonte: A pesquisadora

Através do *continuum*, a figura ilustra a variação dos itens linguísticos nos *podcasts* brasileiros. Nesse sentido, é possível identificar os itens mais frequentes, como o item *então*, que possui uma alta frequência. Em seguida, temos o item *tipo* que apresenta uma frequência moderada. E o item *onde* sendo o menos frequente.

Após a quantificação dos dados, as próximas seções desta pesquisa consistirão em análises de cada item linguístico que buscamos estudar. Nesse sentido, daremos início às nossas investigações na próxima seção, concentrando-nos especificamente no estudo do item *então*. Nessa análise, exploraremos em detalhes o uso, a função comunicativa e as características desse item nos *podcasts* brasileiros analisados.

4.2 Análise do item *então*

Nesta seção, vamos abordar o uso do item *então* e discutir suas funções textuais e discursivas. Além disso, vamos destacar as categorias mais inovadoras do uso do item *então*, a partir do princípio da gramaticalização. Embora saibamos que originalmente *então* possui valor de advérbio, é importante notar que os usuários de *podcasts* brasileiros têm utilizado esse termo de maneiras diversas para se adaptarem ao contexto comunicativo em que estão inseridos. Vamos explorar essas variações e os diferentes usos de *então* com base nos dados e exemplos analisados.

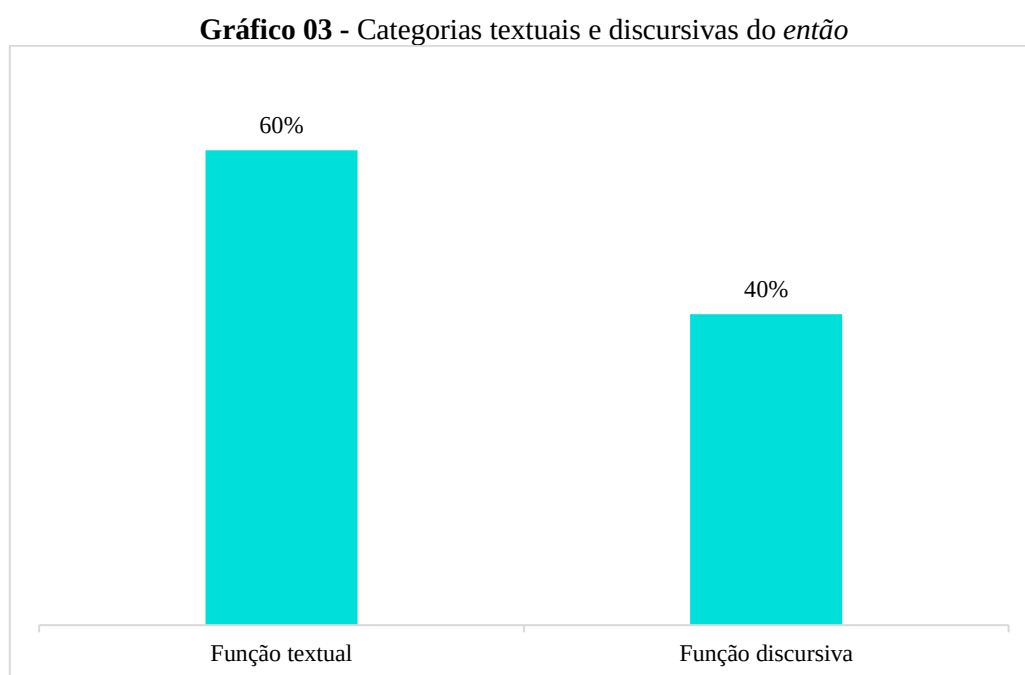
É relevante mencionar que os estudos sobre esse item são fundamentados nas obras de Tavares (2003), Rodrigues (2009) e Cavalcante (2018), visando confirmar ou contestar os resultados de acordo com nossos próprios objetivos. É importante ressaltar que essas pesquisas servem como complemento umas às outras. Enquanto Tavares (2003) analisa o *então* como um sequenciador retroativo-propulsor, Rodrigues (2009) procura não abordar fatores interacionais e extralinguísticos, o que deixa lacunas para questionar outros elementos que possam influenciar o comportamento funcional do item estudado. Por sua vez, Cavalcante (2018) descreve o funcionamento do item em situações reais de uso e aplica os princípios de gramaticalização na análise. Ao considerarmos essas diferentes perspectivas, podemos ampliar nosso entendimento sobre o uso e a função do *então*.

O item *então*, de acordo com as pesquisas elencadas, está passando por um processo de desbotamento semântico, no qual está perdendo características prototípicas espaciais e adquirindo traços gramaticais, mais direcionados para a articulação textual e a argumentação. Nesse sentido, com base nas pesquisas anteriores, ele pode desempenhar as seguintes subfunções como operador argumentativo: sequenciador, retomador (anafórico) e resumitivo.

Para realizar a análise, dividimos os dados em dois domínios: *discursivo e textual*. O conceito de domínio foi proposto por Givón (1995) e é frequentemente utilizado em estudos funcionalistas da linguagem. Nesse contexto, entendemos o domínio como o âmbito em que uma determinada função é desempenhada por uma forma linguística em uma língua específica. Defendemos a existência de um componente mais abrangente, no qual o uso das estruturas linguísticas está voltado para um conteúdo específico. Isso significa que, em todas as atividades linguísticas, o valor semântico está presente e permeia todos os outros domínios funcionais, uma vez que é moldado pelo plano do sentido, da significação e da categorização conceitual.

Ao realizar a análise dos dados orais dos *podcasts* brasileiros, é importante considerar os domínios textual e discursivo, levando em conta as formulações em que o valor funcional destaca a contextualização da produção e circulação do texto. Nesse caso, ressalta-se o sentido dos termos e o propósito comunicativo do usuário, que parece prevalecer sobre as outras subfunções. É importante ressaltar que nessa ênfase o valor funcional dos termos está em evidência, mas outras subfunções também podem estar presentes.

Assim, apresentamos a seguir um gráfico que ilustra as categorias discursivas e gramaticais identificadas em nossa análise dos dados. Essa representação visual nos permite ter uma visão abrangente das categorias em estudo, proporcionando descobertas significativas sobre sua distribuição e importância no contexto da pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao analisarmos o gráfico, verificamos que a categoria textual representa 60% (58 ocorrências). Isso indica que o item *então* é frequentemente utilizado dentro de estruturas textual, desempenhando um papel relevante na articulação textual e na argumentação. Por outro lado, a categoria discursiva corresponde a 40% (38 ocorrências). Isso sugere que o item *então* desempenha uma variedade de papéis e funções no contexto comunicativo, levando em consideração fatores como o propósito da comunicação. No entanto, é necessária uma investigação mais detalhada dessas ocorrências para compreender as nuances e contextos em que elas surgem, como será explorado posteriormente em nossa análise.

Esses resultados ressaltam a relevância de adotar uma abordagem abrangente ao analisar o uso do item *então*, considerando suas diferentes categorias (textual e discursiva). Essa perspectiva mais ampla nos permite compreender como o termo é utilizado em diversos contextos linguísticos e discursivos. Além disso, é importante destacar que essa análise se baseia em dados de oralidade provenientes de *podcasts*, o que contribui para uma compreensão mais autêntica e contextualizada do uso do item. Nas próximas subseções, abordaremos em detalhes a análise discursiva e textual do item *então*, bem como o processo de mudança linguística associado a ele.

4.2.1 As funções discursivas do *então*

Nesta subseção, analisamos as funções discursivas do item *então* nos dados orais dos *podcasts* brasileiros selecionados. Ao examinar o contexto comunicativo desses dados, investigaremos como o item *então* é utilizado, considerando os propósitos e as interações discursivas envolvidas. Essa análise nos permitirá compreender as diversas maneiras pelas quais o item contribui para a organização e expressão das informações, bem como para a construção de significado nos discursos analisados. É importante ressaltar que este estudo se baseia nas pesquisas de Tavares (2003), Rodrigues (2009) e Cavalcante (2018), que fornecem fundamentos teóricos relevantes para nossa investigação. Dessa forma, o domínio discursivo será abordado dentro do arcabouço teórico do discurso, conforme destacado por Castilho (2010, p.133):

O conjunto de negociações em que se envolvem o locutor e o interlocutor, através das quais (i) se instanciam as pessoas de uma interação e se constroem suas imagens; (ii) se organiza a conversação através da elaboração do tópico discursivo, dos procedimentos de ação sobre o outro ou de exteriorização de sentimentos; (iii) se reorganiza essa interação através do subsistema de

correção sociopragmática; ou (iv) se abandona o ritmo em curso através de digressões e parênteses, que passam a gerar outros centros de interesse.

Portanto, ao considerarmos o domínio discursivo, entendemos que ele vai além do aspecto linguístico, abrangendo o evento comunicativo e todos os elementos relacionados a ele, como o tema, os interlocutores e as estratégias argumentativas. Essa abordagem nos permite compreender que um item pode desempenhar simultaneamente funções gramaticais, textuais e discursivas. Nesse sentido, a classificação que realizamos aqui é baseada na relevância da função desempenhada pelo item, e não na exclusividade de sua utilização.

Nas diferentes funções discursivas, o item *então* desempenha o papel de operador argumentativo, exercendo funções pragmáticas e interacionais, além de sinalizar relações cognitivas no processamento das informações. Por meio dessa análise, nosso objetivo é compreender como o item *então* desempenha essas funções discursivas nos dados que foram analisados, a fim de enriquecer nossa compreensão sobre seu papel na construção do discurso.

Assim, ao examinar as funções discursivas do termo *então*, é essencial levar em conta a natureza fluída e imprecisa das fronteiras funcionais, reconhecendo que as diferentes funções podem interagir e se sobrepor, influenciadas por fatores pragmáticos compartilhados. Essa abordagem mais abrangente nos permite capturar a complexidade e a diversidade do uso do item no contexto discursivo. Para ilustrar isso, a tabela a seguir apresenta as diferentes funções e a frequência de ocorrências encontradas em nossa análise de dados:

Tabela 04 - Ocorrências do item *então* nas funções discursivas

FUNÇÕES DISCURSIVAS	OCORRÊNCIAS
Introdutor de turno	18
Finalizador	10
Organizador de turno	5
Perspectivador	5
TOTAL	38

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao analisar as funções discursivas do item *então* em nossos dados, observamos que ele desempenha diferentes papéis no discurso. A função mais frequente é a de *introdutor de turno*,

com 18 ocorrências, indicando que o termo é frequentemente utilizado para iniciar uma nova fala ou segmento de conversa. Em seguida, temos a função de *finalizador*, com 10 ocorrências, sugerindo que o *então* é utilizado para encerrar um tópico ou uma sequência de ideias. Além disso, o termo também atua como *organizador de turno* em 5 ocorrências, contribuindo para a organização e estruturação do discurso. Por fim, temos a função de *perspectivador* em 5 ocorrências, indicando que o *então* é utilizado para sinalizar uma mudança de perspectiva ou abordagem no discurso.

Essa análise nos fornece uma visão mais detalhada das diferentes maneiras pelas quais o item *então* é empregado no contexto discursivo, destacando seu papel na introdução, finalização, organização e expressão de perspectivas. Esses resultados contribuem para uma compreensão mais aprofundada de como o item contribui para a estruturação e o significado dos discursos analisados.

Ao compararmos nossos resultados com as pesquisas anteriores de Rodrigues (2009) e Cavalcante (2018), podemos observar algumas diferenças nas funções discursivas atribuídas ao item *então*. Rodrigues (2009), em sua análise nas sincronias, identificou a função de *introdutor de turno* como a mais frequente, com 11 ocorrências. Em seguida, destacou a função de *retomador* com 4 ocorrências e a função de *ênfator* com 3 ocorrências. Por sua vez, Cavalcante (2018) encontrou resultados diferentes, onde a função de *organizador de turno* foi a mais comum, com 27 ocorrências. Em seguida, identificou a função de *perspectivador* com 21 ocorrências, a função de *finalizador* com 20 ocorrências e a função de *introdutor de turno* com apenas 2 ocorrências.

Essas divergências nos resultados podem ser atribuídas a diferenças nos corpora analisados, bem como às particularidades dos contextos e gêneros discursivos abordados em cada pesquisa. É importante ressaltar que nossa análise também considerou dados de *podcasts* brasileiros, que podem apresentar características específicas de oralidade e interação. Essa comparação com pesquisas anteriores enriquece nosso estudo, pois nos permite verificar as variações nas funções discursivas atribuídas ao item *então* em diferentes contextos e situações comunicativas. A seguir, apresentaremos a análise de cada função discursiva identificada para o item *então* em nossos dados, juntamente com exemplos ilustrativos.

a) Introdutor do turno

Conforme observado, a função mais recorrente do termo *então* foi a de introdutor de turno. Nessa função, ele desempenha o papel de um marcador discursivo, sendo utilizado pelos

falantes como uma estratégia comunicativa para estabelecer o contato entre o interlocutor e a audiência. Nesse contexto, é relevante mencionar a classificação dos marcadores verbais realizada por Fávero, Andrade e Aquino (2003), que classificam o *então* como um marcador simples, uma vez que consiste em apenas uma palavra.

Assim, sob essa perspectiva, podemos afirmar que o *então* como introdutor do turno desempenha a função de estruturar o texto falado, para alcançar a organização na conversação. Para melhor entendimento, o exemplo a seguir ilustra o *então* desempenhando essa função:

(46) **Então**, eles tem que fazer o medo, porque eles sabem que a galera... a galera perder o medo, é muito mais gente... (NERDCAST – 858 – STAR WARS: ANDOR – ENFRENTEM O IMPÉRIO!, 2022).

No exemplo, podemos observar o uso do item *então* como introdutor do turno. Nesse recorte, o item é utilizado para iniciar uma nova parte da fala, indicando a transição entre ideias ou tópicos. Ao empregar *então* como introdutor do turno, o falante está sinalizando uma mudança no discurso e direcionando a atenção dos ouvintes para uma nova informação ou argumento. Essa função do item contribui para a organização e estruturação do texto falado, permitindo uma melhor compreensão das ideias apresentadas.

No exemplo específico, o uso de *então* como introdutor do turno marca o início de uma explicação sobre a importância de enfrentar o medo, pois isso possibilita que mais pessoas se envolvam em determinada situação. O termo estabelece uma introdução lógica entre a ação de enfrentar o medo e o aumento do número de pessoas envolvidas. Essa análise ilustra como o item *então*, quando utilizado como introdutor do turno, desempenha um papel fundamental na estruturação e organização do discurso oral, facilitando a comunicação e a transmissão de informações de forma coesa. Vejamos outro exemplo do *então* com essa função discursiva:

(47) **Então** se o cara vendeu para a gente, já falou de estoque livrou, se livrou, e na época o mercado ainda ficou com preconceito... (Os Economistas Podcast – O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA, 2022).

Na ocorrência, o *então* é utilizado para iniciar uma nova parte da fala, marcando uma mudança de foco ou uma nova informação a ser apresentada. Ao empregar *então* como introdutor do turno, o falante sinaliza uma transição no discurso, direcionando a atenção dos ouvintes para uma nova ideia ou ponto a ser abordado. No exemplo, o uso de *então* como introdutor do turno marca o início de uma explicação sobre as consequências de uma determinada ação. O falante introduz a situação em que alguém vendeu algo para eles e, em

seguida, afirma que isso resultou na liberação do estoque e causou preconceito no mercado na época. O termo *então* conecta a ação de venda com as consequências que ocorreram em sequência.

Portanto, o uso do introdutor de turno é uma estratégia conversacional empregada pelo falante. O introdutor de turno, como o item *então* nesse caso, desempenha um papel crucial nessa estratégia. Ele funciona como um sinalizador para indicar o início de uma nova contribuição verbal, permitindo uma transição suave entre os turnos de fala dos participantes. Conforme apontado por Preti (2003, p. 151), as estratégias conversacionais são recursos utilizados durante a interação verbal para facilitar a comunicação e garantir a fluidez do diálogo:

São formas que os falantes planejam no início ou durante o andamento do diálogo para expressar ou não o que realmente pensam; para se fazerem compreender de uma maneira que lhes interessa; para ocultarem intenções não explícitas em seus atos; para revelarem sua aproximação ou afastamento do interlocutor; para buscarem compreensão ou entendimento.

Essas estratégias conversacionais são essenciais dentro dos *podcasts* para evitar interrupções ou sobreposições no discurso, garantindo que cada interlocutor tenha sua oportunidade de se expressar. O introdutor de turno, ao ser utilizado de forma adequada, contribui para uma interação mais fluida e harmoniosa entre os participantes da conversa. Nesse sentido, podemos afirmar que o introdutor de turno, como o item *então*, desempenha um papel relevante na organização e no desenvolvimento das interações verbais, promovendo a continuidade do diálogo e possibilitando uma comunicação eficiente. Na sequência, vejamos outra função discursiva desempenhada pelo *então*.

b) Finalizador

Encontramos a segunda função do item *então* como finalizador, que desempenha o papel de encerrar o tópico discursivo, indicando a conclusão do assunto abordado no turno de fala. Nessa função, o *então* geralmente está acompanhado de elementos anafóricos, como o pronome demonstrativo *isso*, ou pode ser seguido por expressões conclusivas, como, *portanto*, *assim* e *por isso*. Esses elementos, por meio do efeito de contiguidade, reforçam a ideia de encerramento da sequência do diálogo, fornecendo uma sensação de fechamento e conclusão ao discurso. Vejamos o exemplo que ilustra essa função:

(48) Obrigada, Eduardo, obrigada por me convidar e obrigada pelas perguntas. Foram fantásticas, ótimas, me deixaram positiva, **então**. (ILUSTRÍSSIMA

CONVERSA – DENISE FERREIRA DA SILVA: NÃO HÁ MODERNIDADE SEM VIOLÊNCIA RACIAL, 2022).

Na passagem analisada, o item *então* é utilizado como finalizador, marcando o encerramento do discurso. A locutora expressa sua gratidão ao entrevistador e agradece por tê-la convidado e pelas perguntas feitas. Ao usar o *então* nesse contexto, ela indica que concluiu sua fala e deseja finalizar o tópico de forma positiva. O uso do *então* como finalizador é reforçado pelo contexto, em que a locutora destaca que as perguntas foram fantásticas e a deixaram com uma sensação positiva. Portanto, o *então* funciona como um marcador discursivo que indica o fechamento do turno e a conclusão do discurso com uma nota positiva.

Essa função do *então* como finalizador é comum em interações conversacionais, em que os participantes desejam encerrar o assunto de forma cordial e expressar gratidão ou satisfação. O uso do item juntamente com expressões de agradecimento reforça o sentido de fechamento e finalização da interação verbal. Na sequência, podemos verificar outro exemplo do item com a função de finalizador:

(49) Cara, eu tô até triste, porque é muito trabalho, né? **Então assim**, hoje eu levantei às 6:30 da manhã, já fui fazer um job e já voltei, já tô aqui. (PODDELAS – PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD, 2022).

Na passagem analisada, o item *então* vem acompanhado por uma expressão conclusiva, *assim*, e é utilizado como finalizador, marcando o encerramento do discurso. O falante expressa sua tristeza em relação à quantidade de trabalho que precisa realizar. Ao usar *então assim* nesse contexto, ele indica que concluiu sua explicação sobre o motivo de sua tristeza e deseja encerrar o tópico. O uso de *então assim* como finalizador é reforçado pelo contexto, em que o falante relata sua rotina matinal, desde o momento em que acordou cedo e realizou um trabalho até o momento presente. O uso do *então assim* indica que ele concluiu a descrição dessa sequência de eventos e deseja encerrar o assunto.

Dito isso, o uso do item juntamente com uma explicação detalhada reforça o sentido de conclusão e finalização do discurso. Portanto, podemos concluir que o item *então*, nos exemplos analisados, desempenha a função de finalizador, indicando o encerramento do discurso. Na sequência vejamos outra função encontrada em nossos dados do *então*.

c) Organizador de turno

A terceira função identificada para o item *então* na análise discursiva é a de organizador de turno. Essa função, conforme descrita por Cavalcante (2018), refere-se à pausa intencional realizada pelo falante para organizar o fluxo das informações no discurso. Quando utilizado como organizador de turno, o item *então* é acompanhado de hesitações, indicando uma pausa deliberada do falante. Essa pausa permite que o falante elabore e organize as porções textuais discursivas seguintes, além de introduzir novas informações no decorrer do turno conversacional. Logo, essa função do item *então* tem como objetivo facilitar a negociação interativa na comunicação oral, proporcionando um momento de reflexão e planejamento do discurso. Vejamos o exemplo a seguir:

(50) Ele pode assistir dentro do Spotify, a gente tá em vídeo, **então**:::... tu tira o telefone do bolso, dá uma olhada por ali, e o Spotify todo ano no final do ano ele entrega as pessoas. (CAIXA PRETA – EP. 287 – BOMBACHAS CINTILANTES, HERANÇA DA HEBE E JAPÃO, 2022).

No exemplo, o item *então* é utilizado como um organizador de turno, proporcionando uma pausa intencional no discurso. Essa pausa é marcada pela repetição prolongada do item, indicada pela sequência de dois pontos (::) após o termo *então*. Essa pausa serve como uma estratégia conversacional para o falante elaborar e organizar as porções textuais discursivas posteriores. No exemplo dado, o falante interrompe momentaneamente o fluxo da fala para mencionar a plataforma *Spotify* e explicar que o conteúdo está disponível tanto em áudio quanto em vídeo.

Com isso, ao utilizar o item *então* como organizador de turno, o falante introduz uma nova informação no discurso, sendo a possibilidade de assistir o conteúdo dentro do *Spotify*. A pausa intencional seguida pela repetição do termo *então* indica a importância atribuída a essa informação e sinaliza a transição para o próximo aspecto a ser abordado na conversa. Para melhor visualização do *então* com essa função, vejamos outro exemplo:

(51) Gente, todo mundo esqueceu do principal armadura é uma criatura do Lula... **Então**... É... não precisa de muita outra explicação para isso quer dizer... (OS PINGOS NOS IS - 02/12/2022 – LULA QUER MADURO/ MOURÃO A TOALHA/ ÍNDIOS CONTRA MORAES, 2022).

Na ocorrência, verificamos que a pausa é marcada pela repetição prolongada do item, seguida por uma expressão de hesitação *É...* e uma reafirmação com *não precisa de muita outra*

explicação para isso quer dizer... O uso do item *então* nessa função tem o objetivo de organizar o fluxo do discurso e permitir que o falante elabore e estruture suas ideias antes de introduzir uma nova informação. No exemplo dado, o falante faz uma observação sobre o principal ponto que as pessoas esqueceram, que é a armadura como uma criatura do Lula.

A pausa intencional marcada pelo *então* seguido de hesitação e reafirmação cria um efeito de enfatizar a importância dessa informação. O falante indica que essa informação é relevante e não requer muitas explicações adicionais, pois seu significado é claro. Assim, o uso do item *então* como organizador de turno contribui para a organização do discurso, permitindo que o falante pause, reflita e apresente informações importantes de forma coerente e fluida. Para tanto, seguimos para a análise da próxima função encontrada.

d) Perspectivador

Por último, identificamos a função de perspectivador para o item *então* dentro da categoria discursiva. Segundo Cavalcante (2018), nessa função, o item *então* é utilizado para demarcar a perspectiva ou ponto de vista do falante em relação ao conteúdo temático abordado no tópico discursivo. Nesse contexto, o item é conjugado com verbos modalizadores epistêmicos, como *eu acho* e *eu acredito*. Além disso, ele também ocorre em sequências argumentativas e em relatos de opinião do informante sobre determinado assunto.

Essa função do item *então* revela a postura subjetiva do falante em relação ao tema em discussão. Ao utilizar o item conjugado a verbos modalizadores epistêmicos, o falante expressa sua opinião, crença ou avaliação pessoal sobre o assunto em questão. Essa perspectiva influencia como o discurso é apresentado, transmitindo ao ouvinte a visão particular do falante. Para melhor entendimento, vejamos o exemplo:

(52) É interessante o filme que ela está sempre procurando uma passagem, **então eu acho...** o que eu penso sobre esse primeiro ponto que você levantou, eu fico na dúvida, onde foi a guerra... (MAMILOS – MAMILOS CULTURA 85: FILME – PASSAGEM – REVISITANDO TRAUMAS, 2022).

Nesse exemplo, o falante expressa sua opinião ou crença pessoal sobre o filme mencionado. Ao utilizar a expressão *eu acho*, o falante introduz sua perspectiva subjetiva em relação ao conteúdo discutido. O item *então* funciona como um marcador que indica a transição para a expressão de opinião do falante. Ele demarca o início da fala em que o falante compartilha suas reflexões e considerações sobre o primeiro ponto abordado.

Essa função de perspectivador permite que o falante apresente sua visão particular, proporcionando ao discurso uma dimensão subjetiva e contribuindo para a construção do significado. Ao utilizar o item *então* conjugado com verbos modalizadores epistêmicos, como *eu acho*, o falante está enfatizando sua perspectiva e indicando que o que será expresso a seguir é baseado em sua opinião. Vejamos outra ocorrência:

(53) Como... como espécie, você vai morrer antes e talvez a espécie evolucionária que::: que o gene me parece dominante de gostar da vida, né, **então eu acredito** que o ato de envelhecer me aproximava da Morte. (EMPIRICUS PURO MALTE - #119 – POLIGAMIA, MEDO DE ENVELHECER E TEMPO, TEMPO, TEMPO, 2022).

Nessa ocorrência, o falante expressa sua crença pessoal sobre o ato de envelhecer e sua relação com a morte. Ao utilizar a expressão *eu acredito*, o falante introduz sua visão pessoal e subjetiva em relação ao envelhecimento e sua associação com a morte. O item *então*, conjugado com o verbo modalizador epistêmico *eu acredito*, enfatiza a perspectiva do falante e indica que o que será expresso a seguir é baseado em sua crença pessoal.

Com isso, assim como no exemplo anterior, o *então* ao desempenhar a função de perspectivador, possibilita que o falante expresse sua visão singular e subjetiva em relação ao tema em discussão, o que contribui para a elaboração do sentido no discurso. Dessa forma, o uso do item *então* como perspectivador, nesse exemplo, enriquece o discurso ao apresentar a visão pessoal do falante sobre a relação entre envelhecimento e morte, proporcionando uma perspectiva individualizada e subjetiva ao tema abordado.

Após a análise das funções discursivas encontradas do item *então*, podemos dizer que o *então* desempenham um papel essencial na clareza, expressividade e compreensão da comunicação entre os participantes. Elas representam ferramentas linguísticas que auxiliam na organização do discurso e estabelecem uma conexão entre os diferentes elementos textuais, promovendo uma interação mais fluida e coesa. Logo, o *então* exerce um papel crucial na construção e articulação do discurso oral, possibilitando uma comunicação mais efetiva e eficiente entre os falantes.

Com base nisso, é relevante examinarmos também as funções textuais que esse item pode desempenhar. Sendo assim, na próxima subseção, procederemos com uma análise dessas funções identificadas em nossos dados.

4.2.2 As funções textuais do *então*

Nesta seção, analisaremos as funções textuais do *então* nos dados orais dos *podcasts* brasileiros selecionados. Assim como fizemos com as funções discursivas, observamos que o uso de *então* apresenta diferentes funções textuais. Inicialmente, contabilizamos o número de ocorrências para cada função e, em seguida, descrevemos essas funções com base em exemplos encontrados nos dados. De antemão, já podemos dizer que as subfunções identificadas corroboram a proposta de classificação de Tavares (2003), Rodrigues (2009) e Cavalcante (2018).

Ao analisarmos as funções textuais do termo *então*, observamos que ele atua como um elemento textual significativo. Os elementos linguísticos desempenham um papel importante na textualidade, conectando informações e ativando relações semânticas que direcionam a interpretação. Por exemplo, na conexão de orações, esses termos contribuem para a sequencialidade do fluxo informacional, ao mesmo tempo, em que estabelecem relações de sentido. Através dessa análise, buscamos compreender como o termo *então* desempenha essas funções textuais nos dados analisados, ampliando nossa compreensão sobre o seu papel nesse processo.

Ao analisar as funções textuais do termo *então*, identificamos as seguintes funções no *corpus*: *sequenciador retroativo-propulsor*, *retomador*, *conclusivo*, *resumitivo*, *aditivo*, *consecutivo* e *alternativo*. Essas funções destacam a importância do *então* como elemento de coesão textual, impulsionando a fluidez do discurso. A tabela a seguir apresenta as funções identificadas juntamente com a quantidade de ocorrências encontradas em nossos dados:

Tabela 05 - Ocorrências do item *então* nas funções textuais

FUNÇÕES TEXTUAIS	OCORRÊNCIAS
Sequenciador retroativo-propulsor	20
Conclusivo	12
Resumitivo	12
Retomador	9
Aditivo	2
Adversativo	2
Alternativo	1
TOTAL	58

Fonte: Dados da pesquisa.

Essa análise permite uma compreensão mais aprofundada das diversas funções que o *então* desempenha, evidenciando sua contribuição para a construção da coesão textual e a progressão do conteúdo. Assim, ao analisar a tabela, podemos observar a distribuição das ocorrências do item *então* nas diferentes funções textuais. As funções que apresentaram maior número de ocorrências foram o *sequenciador retroativo-propulsor*, o *conclusivo* e o *resumitivo*, com 20, 12 e 12 ocorrências, respectivamente. Essas funções indicam o papel do *então* na progressão do discurso, fornecendo uma conexão lógica entre as informações apresentadas.

A função de *retomador* também teve um número significativo de ocorrências, com 9 casos identificados. Isso demonstra que o *então* é utilizado para retomar informações previamente mencionadas, contribuindo para a coesão textual. Além disso, foram encontradas algumas ocorrências do *então* nas funções *aditiva*, *adversativa*, com 2 ocorrências cada, enquanto a função de *alternativo* apresentou apenas 1 ocorrência. Essas funções indicam a capacidade do *então* de adicionar informações, contrastar ideias ou apresentar alternativas no discurso.

No total, foram identificadas 58 ocorrências do item *então* nas funções textuais analisadas. Essa distribuição mostra a variedade de papéis que o item desempenha na gramática do discurso, contribuindo para a coesão e progressão do texto oral. No entanto, é importante ressaltar que essas frequências são baseadas nos dados analisados e podem variar em diferentes contextos linguísticos.

Ao compararmos os resultados da nossa pesquisa com os estudos de Rodrigues (2009) e Cavalcante (2018), podemos observar semelhanças e diferenças nas frequências de uso do item *então* nas funções gramaticais. No estudo de Rodrigues (2009), foi constatada uma frequência expressiva de usos do *então* como sequenciador retroativo-propulsor, com 436 ocorrências, indicando sua função de estabelecer relações temporais ou causais entre eventos no discurso. Além disso, a função conclusivo também foi identificada com 211 ocorrências, mostrando que o *então* é utilizado para marcar uma conclusão no discurso.

Por sua vez, o estudo de Cavalcante (2018) revelou resultados um pouco diferentes. A função sequenciador retroativo-propulsor apresentou 117 ocorrências, demonstrando uma frequência menor em comparação ao estudo de Rodrigues (2009). A função alternativo teve 24 ocorrências, retomador e conclusivo foram encontrados em 20 ocorrências cada, resumitivo em 12 ocorrências, aditivo em 4 ocorrências e adversativo em 2 ocorrências.

Essas diferenças podem ser atribuídas às particularidades dos dados analisados em cada estudo, bem como às variações na amostra e nos contextos linguísticos investigados. Apesar das divergências, é importante destacar que os resultados de nossa pesquisa estão em consonância com as tendências identificadas nos estudos anteriores, corroborando a preponderância do uso do *então* como sequenciador retroativo-propulsor e conclusivo. Isso evidência a relevância do *então* como elemento de coesão e progressão do discurso nas amostras analisadas.

Com base nos resultados obtidos em nossa pesquisa, realizamos uma análise minuciosa de cada função textual identificada para o item *então* em nossos dados, acompanhada de exemplos ilustrativos. A seguir, apresentamos essa análise detalhada das funções encontradas.

a) Sequenciador retroativo-propulsor

A função mais frequente do *então* em nossos dados é como sequenciador retroativo-propulsor. Nessa função, o item atua como um conector que une porções textuais, indicando a existência de uma relação lógica e uma sequência linear dos eventos discutidos no tópico. Isso evidencia a interdependência semântica das informações no fluxo da conversa. Além disso, o *então* impulsiona o avanço e a progressão do texto, sequenciando as informações e estabelecendo uma conexão entre um enunciado passado e um futuro.

O item *então* desempenhando essa função pode ser substituído por expressões como *logo depois* e *em seguida*, ou pelos advérbios de tempo *depois* e *após*, transmitindo a ideia de uma sucessão lógica e cronológica dos eventos, funcionando como um sequenciador temporal que indica a ordem em que os fatos ocorrem. Para ilustrar, vejamos o exemplo a seguir:

(54) As mensagens que eles mandam para você, que mandam para mim, **então** ela que dava uma olhada, né, e eu tranquilo completamente. (QUE HISTÓRIA É ESSA, PORCHAT? – BRUNA GONÇALVES, MAURÍCIO MANFRINI E THAISSA CARVALHO, 2022).

No exemplo citado, o item *então* desempenha a função de sequenciador retroativo-propulsor. Ele conecta a ideia anterior sobre as mensagens enviadas entre as pessoas mencionadas, indicando uma relação lógica e uma sequência linear de eventos. O *então* também impulsiona o avanço do discurso, introduzindo uma nova informação relacionada ao fato mencionado anteriormente, isto é, funciona com um movimento duplo, anafórico e catafórico. Podemos observar que o *então* está ligado ao pronome relativo *que*, que introduz uma oração subordinada. Essa construção sugere que a pessoa mencionada anteriormente dava uma olhada nas mensagens, e essa ação é apresentada como um encadeamento natural de eventos. O *então* aqui indica a progressão temporal e lógica dos acontecimentos, conectando as informações e enfatizando a dependência semântica entre elas.

Além disso, para confirmar a sua função como sequenciador retroativo-propulsor, ele pode ser substituído pela expressão *logo em seguida*:

(54a) As mensagens que eles mandam para você, que mandam para mim, **logo em seguida** ela que dava uma olhada, né, e eu tranquilo completamente. (QUE HISTÓRIA É ESSA, PORCHAT? – BRUNA GONÇALVES, MAURÍCIO MANFRINI E THAISSA CARVALHO, 2022).

Na reescritura do exemplo, percebemos que a substituição do *então* pelo *logo em seguida* mantém o sentido de sucessão lógica e temporal dos acontecimentos, indicando que algo acontece imediatamente após o que foi mencionado anteriormente. Essa substituição confirma a função do item *então* como um sequenciador retroativo-propulsor no contexto em questão.

Vale ressaltar que o termo *sequenciação retroativo-propulsora* foi proposto por Tavares (2003) e se refere a um domínio funcional que marca a introdução de informações no discurso. Essa função estabelece uma relação coesiva de sequenciação entre enunciados, em que o primeiro enunciado serve como base para o que será dito posteriormente no segundo. Nesse sentido, a sequenciação retroativo-propulsora envolve uma ação dupla de anáfora e catáfora, impulsionando o fluxo do discurso em ambas as direções. Para ilustrar essa função, apresentamos outro exemplo:

(55) Mas, você vai ter que engolir, você vai ter que conviver com isso, **então** o que nos resta é a perspectiva de futuro e a perspectiva de futuro é que você só terá condição de reconstituir o mínimo das proteções dos direitos individuais dos cidadãos. (OS PINGOS NOS IS – 02/12/2022 – LULA QUER MADURO/ MOURÃO A TOALHA/ ÍNDIOS CONTRA MORAES, 2022)

No exemplo, ele estabelece uma relação de sequência lógica entre os enunciados, em que o primeiro enunciado serve como base para o que será afirmado posteriormente no segundo. Nesse contexto, o *então* é utilizado para conectar o raciocínio anterior (a necessidade de aceitar e conviver com algo) com a conclusão de que a perspectiva de futuro é a única opção restante. Além disso, o item *então* impulsiona o avanço do discurso, promovendo a progressão temática. O uso do *então* nesse exemplo enfatiza a consequência inevitável da situação discutida, transmitindo a ideia de que as proteções dos direitos individuais dos cidadãos serão limitadas no futuro.

Para demonstrar que o *então* atua como um sequenciador retroativo-propulsor, podemos substituí-lo pelo advérbio de tempo *depois* e verificar se a estrutura do discurso permanece coerente:

(55a) Mas, você vai ter que engolir, você vai ter que conviver com isso, **depois** o que nos resta é a perspectiva de futuro e a perspectiva de futuro é que você só terá condição de reconstituir o mínimo das proteções dos direitos individuais dos cidadãos. (OS PINGOS NOS IS – 02/12/2022 – LULA QUER MADURO/ MOURÃO A TOALHA/ ÍNDIOS CONTRA MORAES, 2022)

Conforme exemplo, verificamos que o item *então* pode ser substituído por *depois* sem alterar o significado geral da sentença. Isso evidencia o papel do *então* como um sequenciador retroativo-propulsor, responsável por conectar os enunciados e garantir a coerência e a progressão do discurso, no movimento da ação dupla de anáfora e catáfora. Na sequência vemos outra função textual desempenhada pelo *então*.

b) Conclusivo

De acordo com Cavalcante (2018), o item *então* desempenha a função de conclusivo ao iniciar sentenças que expressam uma consequência em relação ao que foi mencionado anteriormente. Esse uso do *então* é resultado de um processo de gramaticalização impulsionado pela necessidade de transmitir informações relevantes. O valor conclusivo do termo é uma variante do seu uso sequencial, que surge a partir de um contexto anafórico. Segue abaixo um exemplo que ilustra essa função:

(56) As coisas funcionam de maneira orgânica, né? **Então**, as partes do corpo humano funcionam de forma a manter esse corpo vivo. (ILUSTRÍSSIMA CONVERSA – DENISE FERREIRA DA SILVA: NÃO HÁ MODERNIDADE SEM VIOLÊNCIA RACIAL, 2022).

Analisando o exemplo dado, podemos identificar o uso do *então* como conclusivo, uma vez que nesse contexto, indica uma relação conclusiva entre as duas partes da sentença. A primeira parte apresenta uma afirmação sobre o funcionamento orgânico das coisas, e a segunda parte estabelece a relação lógica de que as partes do corpo humano funcionam de forma a manter o corpo vivo.

O uso do *então* como conclusivo nesse exemplo reforça a ideia de que a segunda parte é uma conclusão lógica ou uma inferência baseada na primeira parte. Vejamos outro exemplo dessa função:

(57) ...para redução do desperdício de alimentos no Brasil, **então** eu criei o servido aqui no Brasil junto com parceiro da Embrapa... (O Antagonista – CD Talks #09: Alcione Pereira, 2022).

No exemplo, o termo *então* é utilizado como um conclusivo, introduzindo uma frase que expressa uma conclusão em relação ao que foi mencionado anteriormente. Nesse contexto, o falante afirma ter criado um serviço no Brasil em parceria com a Embrapa como uma ação para reduzir o desperdício de alimentos no país. O uso do *então* nessa posição indica que a criação do serviço é uma conclusão direta da motivação para reduzir o desperdício de alimentos. Ele estabelece uma relação de causa e efeito entre a intenção e a ação realizada pelo falante. Ele contribui, então, para a clareza e a coerência do discurso, sinalizando que a criação do serviço é uma resposta direta à necessidade de reduzir o desperdício de alimentos no Brasil.

Nesse sentido, de acordo com os exemplos analisados, verificamos que o item *então* desempenha sua função conclusiva ao fornecer uma conexão lógica entre a motivação e a ação tomada. Passamos para outra função textual que encontramos do item *então*.

c) Resumitivo

Conforme apontado por Cavalcante (2018), o item *então* também pode desempenhar a função de resumidor. Nessa função, o falante resume todo o conteúdo em uma sentença, com o objetivo de encerrar o assunto do turno conversacional. Esse uso do *então* é denominado como “então conclusivo”, pois vai além de apenas conectar orações, fornecendo uma orientação

argumentativa. Ele atua como um elemento organizador do texto, concluindo uma fala por meio de uma frase que abrange e resume tudo o que foi dito anteriormente. Vejamos o exemplo:

(58) Você deu sorte menina, porque eu tenho uma reunião e eu tenho um tempinho até minha reunião, **então** até minha reunião você pode falar comigo. (QUE HISTÓRIA É ESSA, PORCHAT? – BRUNA GONÇALVES, MAURÍCIO MANFRINI E THAISSA CARVALHO, 2022).

No exemplo apresentado, o item *então* desempenha a função de resumitivo, tendo em visto que essa função ocorre quando o falante resume o que foi dito anteriormente e estabelece uma transição para uma nova informação. No contexto do diálogo, o falante menciona que tem uma reunião, mas também afirma que tem um tempo disponível antes da reunião. Ao usar o *então*, ele resume essa situação e indica que, até o momento da sua reunião, a interlocutora pode falar com ele. O *então* nesse caso funciona como um elemento de transição que encapsula a ideia anterior e introduz a informação subsequente, tornando o discurso mais organizado e coeso. Outro exemplo que exemplifica essa função:

(59) Os fundos imobiliários são do tipo fechados, o que é isso, um pedacinho dele você vai comprar e vender para outra pessoa, **então** você vai negociar entre investidores... (POUPECAST – FUNDOS IMOBILIÁRIOS, 2022).

Nesse exemplo, o falante está explicando o conceito de fundos imobiliários, e após mencionar que eles são do tipo fechado, ele resume essa informação com o uso do *então*. O *então* indica um resumo lógico do que foi dito anteriormente, resumindo a ideia de que ao adquirir um pedacinho do fundo imobiliário, a pessoa poderá negociá-lo com outros investidores.

d) Retomador

O item *então* na função de retomador recupera o assunto discutido anteriormente. É comumente usado em conjunto com os termos *isso* e *aí*. Ao desempenhar essa função, o *então* mantém o traço de recuperação, mas não necessariamente em relação à porção textual imediatamente anterior. Pode retroagir um pouco mais para recuperar um tópico discursivo anterior. Conforme explicado por Cavalcante (2018), o *então* na função retomadora reintroduz o tópico discursivo e atua como um elemento de continuidade no discurso. Vejamos o exemplo:

(60) Esse é o e-mail para você contratar já a agenda aberta para o ano que vem, tá certo, **então** aí você pode mandar o seu e-mail para levar para sua cidade contato. (PÂNICO 02/12/2022 – APÓSTOLO ARNALDO, 2022).

No exemplo dado, o item *então* atua como um retomador, reintroduzindo o tópico discursivo e permitindo a continuidade da conversa. Ele está sendo usado em conjunto com o termo *aí* para retomar o assunto da contratação da agenda aberta para o ano seguinte. O uso do *então* indica que a informação sobre o e-mail para contratação já foi mencionada anteriormente e agora está sendo retomada para dar continuidade à discussão. Essa função de retomador do *então* permite que o falante reafirme a informação e estabeleça uma conexão entre as partes do discurso.

Nesse contexto, é relevante mencionar as observações feitas por Tavares (2003) sobre a função retomador do *então*. Segundo ela, quando o *então* atua como retomador, ele recupera o assunto que foi interrompido anteriormente, permitindo sua continuação. Durante o processo de retomada, a informação pode reaparecer de forma literal, com pequenas alterações nos vocábulos, ou simplesmente ser realçada pelo apontamento para trás feito pelo conector, sem que haja uma repetição textual exata. Para ilustrar essa função, consideremos o seguinte exemplo:

(61) Quer chegar sempre numa boa? Aí **então** não se esqueça, peça ao seu mecânico de confiança uma revisão ou quando precisar daquele reparo... (CAFÉ BRASIL – VIDA CAÓTICA, 2022).

No exemplo, o item *então* desempenha a função de retomador, permitindo a continuidade do assunto que foi interrompido anteriormente. Ele reintroduz o tópico discursivo, retomando a ideia de *chegar sempre numa boa* e estabelecendo uma conexão entre essa ideia e a recomendação de pedir uma revisão ou reparo ao mecânico de confiança. Nesse caso, o *então* funciona como um elemento continuador do discurso, resgatando o assunto mencionado previamente e enfatizando a importância da ação sugerida.

Sob essa perspectiva, com base nos exemplos ilustrados, o item *então*, na função de retomador, desempenha um papel fundamental no texto, unindo de forma sintática e semântica duas porções textuais separadas por uma inserção. Tanto do ponto de vista sintático quanto do ponto de vista semântico, essa junção revela um caso de continuação, proporcionando a continuidade dos segmentos textuais e do assunto abordado no tópico discursivo. A seguir, exploraremos outra função desempenhada pelo *então*, que apresenta certa inovação.

e) Função conectiva de Aditivo

Ao analisarmos os dados coletados, identificamos o uso do item *então* desempenhando a função de conector aditivo. Nesse contexto, ele assume o papel de um sequenciador, atuando em conjunto com a conjunção aditiva *e*. Isso significa que o *então* contribui para a adição de informações, acrescentando novos elementos ao texto. A seguir, apresentamos um exemplo ilustrativo:

(62) A maior marca do Brasil a número um de tênis da marca Nike em volume de pares... **e então** se você somasse três marcas dela em tênis ela vende... (OS ECONOMISTAS PODCAST – O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA, 2022).

Na frase ocorrência, o item *então* desempenha a função de conector aditivo. Ele é utilizado em conjunto com a conjunção *e* para acrescentar informações e estabelecer uma relação de adição entre as ideias expressas. Essa função permite ao falante incluir novos elementos na sequência do discurso, contribuindo para a progressão do texto. Percebemos que o item em estudo vem ganhando novos contextos de uso, saindo de uma categoria [-] gramatical, para uma categoria [+] gramatical que é o caso dos conectores. Dessa maneira, também encontramos o *então* funcionando como conector adversativo, vejamos na sequência.

f) Função conectiva de Adversativo

O *então* pode desempenhar a função de conector adversativo, estabelecendo um contraste entre duas ideias presentes na sentença. Nesse contexto, ele indica uma oposição ou uma diferença entre as informações apresentadas. Vejamos um exemplo ilustrativo:

(63) Ia dar essa dica também, **mas então** eu vou dar a farmácia de um livrinho curto que resume a sintetiza as ideias que é uma filósofa americana. (EMPIRICUS PURO MALTE - #119 – POLIGAMIA, MEDO DE ENVELHECER E TEMPO, TEMPO, TEMPO, 2022)

No exemplo apresentado, o *então* exerce a função de conector adversativo, estabelecendo um contraste ou oposição entre duas ideias presentes na sentença. Nesse contexto, o uso do *então* indica uma relação adversativa entre as duas ideias apresentadas, quando acompanhado da conjunção *mas*. O termo *mas* também reforça essa ideia de oposição. Assim, o *então* é utilizado para contrastar a ação de *dar essa dica também* com a ação seguinte de *dar a farmácia de um livrinho curto*. Ele indica uma mudança de direção ou uma alternativa

contrária à ação inicialmente mencionada. O *então* atua como um conector adversativo ao introduzir essa nova informação em contraposição à primeira opção.

É importante destacar que o uso do *então* como conector adversativo nesse exemplo é um tanto atípico, pois geralmente ele é mais comumente utilizado como conector conclusivo. No contexto apresentado, a palavra *então* pode ter sido usada de forma coloquial ou enfática para marcar a mudança de ideia ou a oposição entre as ações mencionadas. Portanto, vale dizer que, em outros contextos, o *então* pode desempenhar diferentes funções, que depende sempre do contexto específico em que ele é empregado. Vejamos outra função encontrada deste item.

g) Função conectiva de Alternativo

Da mesma forma que na função anterior, o *então* também pode desempenhar o papel de conector alternativo, quando utilizado em conjunto com a conjunção *ou*. Nessa função, ele indica uma escolha entre duas ou mais opções apresentadas. Vejamos um exemplo ilustrativo:

(64) Ou você entra no lugar de energia baixa, **ou então** com o espírito você começa a abrir a boca, **ou então** quando você tá com sono, né? (PODDELAS – PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD, 2022).

No exemplo fornecido, o *então* é utilizado como um conector alternativo, juntamente com a conjunção *ou*, para apresentar opções ou alternativas. Nesse contexto, o *então* é utilizado para apresentar uma segunda opção ou alternativa após a primeira opção indicada pela conjunção, *ou*. Ele sugere que há diferentes possibilidades a serem consideradas. Assim, ele introduz as três possibilidades: *ou você entra no lugar de energia baixa*, *ou então com o espírito você começa a abrir a boca* ou ainda *ou então quando você tá com sono*. O conector *ou* também reforça essa ideia de escolha entre as opções mencionadas. Assim, o *então* atua como um conector alternativo, fornecendo uma estrutura na qual o falante apresenta diferentes opções ou cenários possíveis.

Em conclusão sobre o item *então* e as funções textuais, ele possui uma variedade de funções e usos na língua, ele desempenha um papel importante na organização do discurso, fornecendo uma estrutura lógica e coesa ao texto. Sua presença contribui para a progressão do pensamento e a conexão entre as partes do discurso. Além disso, é importante considerar o contexto específico em que o *então* é utilizado, uma vez que seu significado pode variar de acordo com a situação comunicativa e o estilo de linguagem empregado. No geral, o *então* é

um item versátil que desempenha múltiplas funções na língua, enriquecendo a expressão e a coesão textual.

Observamos que o *então* tem encontrado novos contextos semânticos, além de sua função original de referenciar espaço e tempo e de atuar como conector conclusivo. Agora, ele também é utilizado em situações que introduzem ideias alternativas, aditivas e adversativas. Embora não possamos afirmar que ele esteja passando por um processo de gramaticalização nessas funções, o fato de se adaptar a esses contextos indica que mudanças futuras podem estar se delineando.

Sugerimos, portanto, que, devido ao fato de o *então* estar sendo empregado em contextos diversos de seu uso habitual, ele está seguindo um caminho de mudança que amplia seu valor polissêmico. Diante disso, é fundamental analisar as transformações pelas quais esse item tem passado ao longo do tempo. Na próxima subseção, exploraremos a gramaticalização do *então*.

4.2.3 A gramaticalização do *então*

Conforme discutido na seção anterior, o *então* assumiu diversas funções, o que aponta para um processo de gramaticalização em curso. Para realizar uma análise mais aprofundada, investigaremos o comportamento desse item à luz dos princípios propostos por Hopper (1991) e das discussões conduzidas por linguistas funcionalistas mencionados anteriormente em nosso estudo. Dessa maneira, poderemos compreender melhor a evolução e as mudanças que o *então* tem experimentado em sua gramaticalização.

De acordo com Hopper e Traugott (1997), a gramaticalização é um tipo de mudança linguística em que itens lexicais e construções gramaticais passam a desempenhar funções gramaticais em contextos linguísticos específicos e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Segundo os autores, essa perspectiva da gramaticalização está relacionada a um processo contínuo, no qual unidades independentes, como itens autônomos com menor conexão, estão envolvidas nesse processo. Assim, a gramaticalização envolve uma trajetória que abrange tanto itens lexicais quanto elementos gramaticais, estabelecendo uma relação complexa e contínua entre eles. Dito isso, na sequência vejamos a análise das categorias resultantes nos usos inovadores do item *então*:

(65) E **então**, essa explicação além de não ser suficiente ela é fundamentalmente violenta, né? (ILUSTRÍSSIMA CONVERSA – DENISE FERREIRA DA SILVA: NÃO HÁ MODERNIDADE SEM VIOLENCIA RACIAL, 2022).

No exemplo (65) observamos que o *e* *então* serve para introduzir uma nova informação, acrescentando-a à explicação anteriormente mencionada. Ele age como um conectivo aditivo, reforçando a continuidade das ideias. O uso de *então* também denota uma relação temporal entre as duas proposições, indicando que a segunda proposição segue a primeira.

Desse modo, a partir do exemplo, fica clara a transformação pela qual o item *então* passa, deixando de ser uma categoria autônoma para se tornar uma categoria gramatical que depende dos outros elementos da sentença. Essa mudança implica em uma maior expressividade discursiva. Anteriormente utilizado como um advérbio, o item *então* agora desempenha um papel mais interdependente, contribuindo de forma mais marcante para a construção do sentido no contexto comunicativo.

A função do *então* como conector aditivo fica ainda mais clara quando removemos o *então* e deixamos apenas a conjunção tradicionalmente reconhecida como aditiva. Nesse caso específico, podemos substituir o *então* pelo item conjuncional *e*, resultando na seguinte estrutura da sentença:

(65a) E, essa explicação além de não ser suficiente ela é fundamentalmente violenta, né? (ILUSTRÍSSIMA CONVERSA – DENISE FERREIRA DA SILVA: NÃO HÁ MODERNIDADE SEM VIOLÊNCIA RACIAL, 2022).

No exemplo, podemos observar que o item *então* foi suprimido e substituído pelo conector *e*. Essa substituição mantém a coerência do discurso e expressa a adição de informações. O contexto indica que a explicação mencionada não é suficiente e, além disso, é fundamentalmente violenta. O conector *e* desempenha a função de ligar as duas ideias em sequência, adicionando a informação sobre a violência da explicação. Essa substituição contribui para a fluidez e coesão do discurso, permitindo a continuidade do raciocínio de forma clara e conectada.

Com isso, podemos afirmar que desde que a gramaticalização se tornou um paradigma difundido, surgiu a ideia de que o discurso desempenha um papel motivador nas transformações que os elementos linguísticos sofrem, e essas transformações apresentam uma direção única. Nesse contexto, o processo de gramaticalização é geralmente caracterizado como unidirecional, de acordo com Hopper e Traugott (1997), esse princípio enfatiza as particularidades dos contextos discursivos que impulsionam a gramaticalização, e a mudança de [lexical] > [gramatical] não ocorre de forma direta. Os itens lexicais que se tornam gramaticalizados

primeiro desempenham funções discursivas e, em seguida, tornam-se sintaticamente fixos para, posteriormente, constituírem um morfema.

Nesse sentido, no exemplo, verificamos a presença do princípio de *estratificação* proposto por Hopper (1991), o qual sugere que elementos gramaticais podem se desenvolver a partir de elementos lexicais em um processo de gramaticalização. No exemplo dado, o termo *e então* é utilizado como uma expressão de ligação entre duas proposições, indicando uma sequência de eventos ou pensamentos. Nesse caso, funciona como uma conjunção aditiva, introduzindo uma ideia adicional, marcando a sequência temporal entre as duas proposições.

O item *então*, com esse novo significado, passa a rivalizar com itens que já existiam associados a esses significados. Nessa situação, também podemos observar a adequação do *então* ao princípio de estratificação, relacionando-se com a função de adição (conector aditivo). Isso ocorre devido à sua capacidade de ser substituído pelo conector *e*, o que reforça sua natureza aditiva e evidência a coexistência de diferentes elementos desempenhando funções semelhantes dentro do mesmo domínio gramatical.

Com base nessa análise, podemos asseverar que o processo de gramaticalização do item *então*, que inicialmente era um advérbio temporal e se tornou um conector, exemplifica o segundo princípio proposto por Hopper (1991), conhecido como princípio da *divergência*. Esse princípio indica que, durante o processo de gramaticalização, a forma lexical original continua a ser utilizada de forma autônoma, ao mesmo tempo, em que adquire novas funções gramaticais. Assim, o item *então* apresenta múltiplas funções derivadas de sua origem etimológica, embora essas funções sejam divergentes entre si.

Além disso, podemos relacionar esse processo ao princípio de *descategorização*, apresentado por Hopper (1991). Esse princípio se refere à perda ou redução do *status* categorial da função de origem. Isso significa que, quando o item se desloca de uma categoria para outra, isto é, para uma função alvo, ele perde as características da sua função original. No caso específico do *então*, uma vez que ele deixa de ser utilizado como um advérbio temporal, podemos observar a sua descategorização, tendo em vista que os usos atuais evidenciam o seu papel como um conector, com suas diversas subfunções já mencionadas ao longo dessa análise, e sua atual inserção em contextos inovadores de abertura ou encerramento de turno. A seguir, temos um exemplo em que ocorre a decategorização, mas sem a perda total do sentido original do termo:

(66) ...vai ser sobre os quadrinhos na Paraíba, **então** quem tiver interesse, ou querer saber um pouco mais, ou só assistir mesmo... (MIDCAST POLÍTICA

– S05E40 – PEN DRIVE, TINDER E CORTE NA EDUCAÇÃO | MIDCAST..., 2022)

No caso específico do exemplo, o *então* não está mais sendo utilizado em sua função original de advérbio temporal, mas sim como um conector que introduz opções ou possibilidades. Ele desempenha um papel de transição ou introdução entre diferentes alternativas, sem expressar uma relação temporal estrita. Essa mudança de função demonstra a descategorização do item *então*, uma vez que ele perdeu as características de sua função original. Assim, podemos observar que o uso de *então* nesse contexto está alinhado ao princípio de descategorização, uma vez que o item passou por uma transformação em sua função e atualmente exerce um papel conectivo entre diferentes opções ou ações possíveis.

Em nossa análise dos dados, também identificamos a presença do princípio de *persistência*, que está relacionado à manutenção de certos traços semânticos característicos da função original durante o processo de gramaticalização. Isso significa que, mesmo quando uma função fonte passa por mudanças e adquire novos significados e funções, ainda é possível encontrar vestígios semânticos da sua história lexical. Com base nessa explicação, vejamos a ocorrência do princípio de *persistência* que passa o item *então*, no processo de gramaticalização:

(67) **Mas então** tem coisas que você podia fazer que você não pode mais isso me angustia bastante fora a possibilidade de doença. (EMPIRICUS PURO MALTE - #119 – POLIGAMIA, MEDO DE ENVELHECER E TEMPO, TEMPO, TEMPO, 2022).

No exemplo fornecido, podemos identificar a presença da estrutura *mas então*, que combina as funções do conectivo adversativo *mas* e do conectivo conclusivo *então*. Essa combinação demonstra a coexistência de traços semânticos prototípicos das duas funções originais no mesmo item. Essa ocorrência está relacionada ao princípio de persistência, nesse caso, o *mas então* mantém vestígios semânticos tanto da função adversativa, indicando contraste ou oposição entre duas ideias, quanto da função conclusiva, indicando uma inferência ou conclusão decorrente do que foi mencionado anteriormente.

Portanto, podemos observar que o comportamento significativo desse exemplo em relação ao princípio da persistência está relacionado ao fato de que, mesmo em um contexto inovador em que o termo *mas* expressa adversidade, o termo *então* preserva suas características da função anterior, direcionando o fluxo discursivo para um desfecho ou conclusão.

Por fim, em relação ao princípio da *especialização*, que está relacionado à frequência de uso, não encontramos evidências desse processo em nossos dados de análise. O princípio da especialização postula que, à medida que uma forma se especializa em desempenhar uma determinada função, outras formas concorrentes tendem a desaparecer. No entanto, ao analisarmos o item *então* em nossos dados, observamos que ele coexiste com outros itens que desempenham a mesma função, sem que uma forma específica seja eliminada. Isso sugere que não ocorre uma especialização exclusiva do item *então*, mas sim uma convivência de múltiplas formas com funções semelhantes dentro do mesmo domínio gramatical. Essa coexistência de formas alternativas pode ser atribuída a fatores como variação regional, preferências individuais ou estilísticas, evidenciando a complexidade e a diversidade do uso linguístico.

Martelotta (2011) nos lembra que a gramaticalização é um processo unidirecional de mudança linguística, no qual itens lexicais e construções sintáticas assumem funções gramaticais em determinados contextos e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Com base nas ocorrências encontradas em nossos dados, podemos confirmar a ideia de que o processo de gramaticalização ocorre de forma gradual, indo do concreto para o abstrato. De acordo com os princípios estabelecidos por Hopper (1991), podemos observar claramente a transformação do item *então*, que passa de uma categoria lexical para categorias gramaticais e discursivas.

Após concluirmos a análise do item *então*, iremos direcionar nossa atenção para o estudo do item *tipo*, utilizando como referência os trabalhos de Laurentino (2016) e Santos (2017). Esses estudos oferecem uma base teórica consistente para compreendermos a evolução e as diversas funções desempenhadas pelo *tipo* nos dados de *podcasts* brasileiros de natureza oral.

4.3 Análise do item *tipo*

Nesta seção, iremos descrever o item *tipo*, levando em consideração sua distribuição em relação às suas funções lexicais, discursivas e textuais. É importante destacar que analisaremos a proporção de uso de *tipo* em sua categoria original e em categorias mais inovadoras, que são gramaticalizadas. Embora saibamos que o *tipo*, em sua categoria original, possui valor de substantivo, os usuários têm utilizado de maneiras diversas para se adequarem ao contexto comunicativo em que estão inseridos.

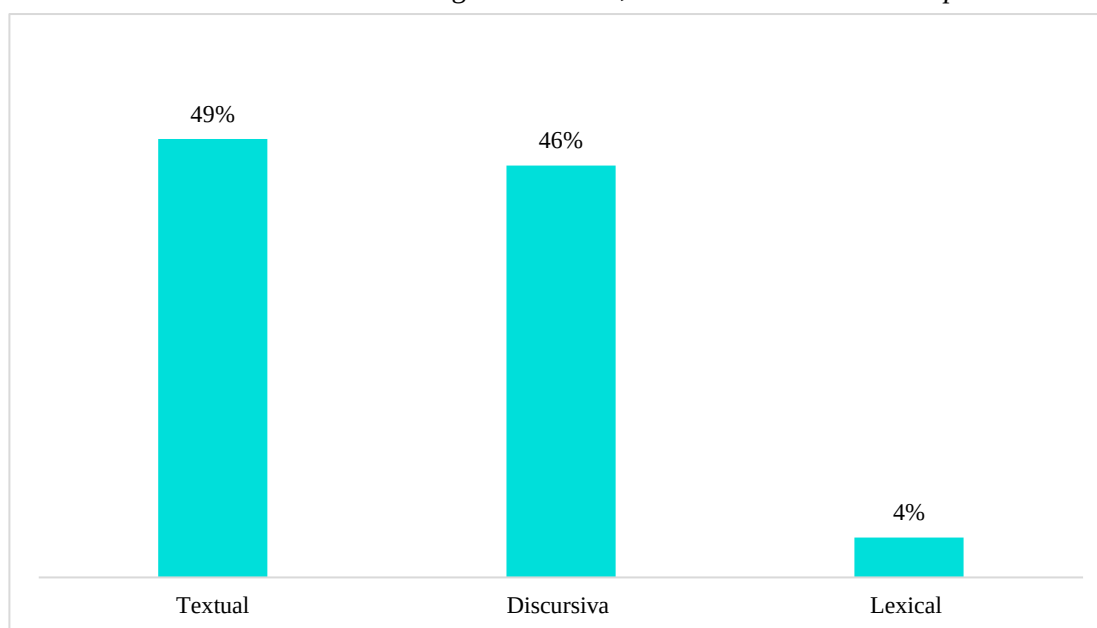
Nesse sentido, é válido lembrarmos de Hopper (1987), que redefine a gramática como sendo amparada nos usos discursivos e correspondendo a uma organização cognitiva relacionada às experiências passadas individuais de ativação discursiva do sujeito falante.

Segundo esse teórico, a noção de frequência, regularidade ou rotinização é fundamental na defesa teórica de uma gramática emergindo do discurso. Portanto, essa análise do item em questão contribui para ressaltar que ele não se comporta apenas com uma função nos dados analisados, mas também desempenha outras funções que vão além da de substantivo, no que diz respeito aos aspectos discursivos e morfossintáticos.

É importante mencionar que os estudos referentes a esse item se baseiam nos trabalhos de Laurentino (2016) e Santos (2017), visando confirmar ou contestar os resultados de acordo com nossos objetivos. É válido chamar atenção que enquanto Laurentino (2008) fez sua análise pautada nas categorias discursivas e gramaticas, Santos (2017) realizou sua análise dando destaque para as categorias lexicais e gramaticais, tendo em vista os objetivos de cada pesquisa.

Na nossa pesquisa, consideramos relevante destacar três categorias específicas: a categoria lexical, que nos permite entender como o *tipo* tem se comportado em dados provenientes da oralidade; a categoria discursiva, que revela os papéis e funções desempenhados pelo item no contexto comunicativo, levando em conta fatores como o propósito da comunicação, os interlocutores e até mesmo o *podcast* enquanto um gênero discursivo e digital; e as categorias textuais, que se referem às estruturas e padrões gramaticais presentes nas frases e sentenças analisadas.

Dessa maneira, o gráfico a seguir representa visualmente as categorias lexicais, discursivas e textuais encontradas em nossos dados. Essa representação gráfica nos proporciona uma visão panorâmica das categorias em questão, fornecendo *insights* valiosos sobre sua distribuição e relevância no contexto da nossa pesquisa.

Gráfico 04 - Categorias lexicais, discursivas e textuais do *tipo*

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao analisarmos o gráfico, verificamos que a categoria textual representa 49% (33 ocorrências). Isso indica que o item *tipo* é utilizado com mais frequência dentro de estruturas textuais, desempenhando um papel específico na construção das frases e sentenças analisadas. A categoria discursiva corresponde a 46% (31 ocorrências). O que significa que o item *tipo* vem desempenhando diversos papéis e funções no contexto comunicativo, levando em consideração fatores como o propósito da comunicação. Por fim, a categoria lexical apresenta apenas 4% (3 ocorrências). Isso sugere que o *tipo* é menos frequentemente utilizado como uma palavra em si, com um significado substantivo. No entanto, é importante investigar mais a fundo essas ocorrências para compreender as nuances e contextos em que elas surgem, como veremos mais adiante em nossa análise.

Esses resultados demonstram a importância de considerar as diferentes categorias (textual, discursiva e lexical) ao analisar o uso do item *tipo*. Essa abordagem mais abrangente nos permite compreender como o termo é empregado em diferentes contextos linguísticos e discursivos, enriquecendo nossa compreensão das suas diversas funções. Portanto, as próximas subseções abordarão a análise lexical, discursiva e textual, além do processo de mudança linguística relacionados a este item.

4.3.1 As funções lexicais do *tipo*

Esta subseção visa descrever o item *tipo* em relação à sua distribuição na categoria lexical, levando em consideração a importância de analisar a proporção do seu uso em sua categoria original. Com isso, ao examinar a distribuição deste item na categoria lexical, podemos identificar sua função prototípica, neste caso, como um substantivo. No entanto, é relevante destacar que o uso do termo *tipo* pode ir além de sua função prototípica, como veremos mais adiante. Como mencionado anteriormente, o contexto comunicativo e as necessidades dos falantes podem influenciar a maneira como o item é empregado. Isso pode resultar em um uso mais amplo e diversificado, incluindo a sua utilização em categorias mais inovadoras ou gramaticalizadas.

É relevante destacar que, nos dados provenientes da oralidade, observamos que o item *tipo* apresentou menor produtividade na categoria lexical, com apenas 4%, isto é, 3 ocorrências. Essa constatação vai de encontro à pesquisa realizada por Santos (2017), que obteve como resultado a frequência mais alta do item *tipo* como substantivo em seus dados analisados. Em nossa pesquisa, porém, observamos que outras categorias estão se destacando em relação à categoria original, o que indica que o uso do *tipo* está se expandindo para além de sua função prototípica de substantivo. Essa diversificação pode estar relacionada à adaptabilidade da palavra às necessidades comunicativas e contextuais dos falantes.

Assim, podemos asseverar que essa discrepância em relação aos resultados anteriores enfatiza a importância de investigar o uso deste item nos diferentes contextos, tendo em vista que contribui para uma análise mais abrangente, permitindo compreender as transformações que o item *tipo* pode estar passando na sua função e uso. Para uma melhor visualização desses comportamentos, selecionamos alguns exemplos retirados do nosso *corpus*, conforme seguem:

(68) eu fui pegar questões das relações humanas de outros povos que podem causar algum **tipo** de estranheza na gente que aqui do ocidente, é uma coisa muito comum no mundo árabe no mundo islâmico, é a poligamia (EMPIRICUS PURO MALTE - #119 – POLIGAMIA, MEDO DE ENVELHECER E TEMPO, TEMPO, TEMPO, 2022).

(69) Agora ele, com fundos imobiliários, com outros **tipo** de fundos, não tão elegantes também, Cadu... (POUPECAST – FUNDOS IMOBILIÁRIOS, 2022)

(70) Os fundos imobiliários são do **tipo** fechados, o que é isso, um pedacinho dele você vai comprar e vender para outra pessoa, então você vai negociar entre investidores... (POUPECAST – FUNDOS IMOBILIÁRIOS, 2022).

A análise das ocorrências fornecidas revela exemplos em que o item *tipo* é classificado como substantivo, enquadrando-se, portanto, na categoria lexical. Esses exemplos ilustram o uso deste item para se referir a diferentes tipos ou categorias de objetos, conceitos ou características. Na ocorrência (68), o *tipo* é utilizado para descrever diferentes tipos de relações humanas em diferentes povos, destacando a possibilidade de essas relações causarem estranheza na cultura ocidental. Aqui, o *tipo* é empregado como substantivo para categorizar e distinguir diferentes exemplos de relações humanas.

No exemplo (69), *tipo* é utilizado para mencionar outros tipos de fundos além dos fundos imobiliários, indicando que há diferentes categorias ou variações de fundos. Nesse contexto, o termo *tipo* é utilizado como substantivo para identificar e diferenciar categorias específicas. Já na ocorrência (70), *tipo* é usado para explicar o conceito de fundos imobiliários fechados, onde a expressão *do tipo* indica uma característica específica desses fundos. Novamente, o termo *tipo* é utilizado como substantivo para descrever e classificar uma categoria específica, no caso a de fundos imobiliários.

Esses exemplos destacam como o termo *tipo* é empregado como substantivo para categorizar e classificar diferentes exemplos, objetos ou características. Essa utilização demonstra a importância da análise lexical na compreensão das nuances e usos do termo *tipo* no contexto estudado. Assim, na próxima subseção, realizaremos a análise das funções discursivas do *tipo*.

4.3.2 As funções discursivas do tipo

Nesta subseção, realizaremos a análise das funções discursivas do item *tipo* nos dados de oralidade presentes nos *podcasts* brasileiros selecionados. Ao examinar o contexto comunicativo desses dados, analisamos como o item *tipo* é utilizado, levando em consideração os propósitos e as interações discursivas envolvidas. Essa análise nos permitirá compreender as diversas maneiras pelas quais o item contribui para a organização e expressão das informações, bem como para a construção do significado nos discursos analisados.

Como mencionado anteriormente, este estudo baseia-se nas pesquisas de Laurentino (2015) e Santos (2017). Para a nossa análise, observamos as funções discursivas delimitadas por Laurentino (2015) nos domínios funcionais da *introdução fática*, *introdução de diálogo interno*, *marcação de imprecisão informacional*, *marcação de elaboração*, *marcação de reelaboração*, *marcação de ênfase*, *marcação de sequenciação* e *delimitação aproximativa*. Nessas funções, o termo *tipo* atua como marcador discursivo, desempenhando papéis

pragmáticos e interacionais, e sinalizando relações cognitivas relacionadas ao processamento das informações. Através dessa análise, buscamos compreender de que maneira o item *tipo* desempenha essas funções discursivas nos dados analisados, enriquecendo nossa compreensão sobre seu papel na construção do discurso.

No entanto, é importante ressaltar que as fronteiras entre os domínios funcionais são frequentemente fluidas e imprecisas, o que pode levar à ambiguidade ou hibridismo funcional, bem como à sobreposição de funções. Isso ocorre devido à influência de aspectos pragmáticos compartilhados, nos quais diferentes funções podem se entrelaçar. Em outras palavras, as funções discursivas atribuídas ao *tipo* podem apresentar certa flexibilidade e interdependência, resultando em uma variedade de interpretações e usos contextuais. Essa dinâmica complexa pode ocorrer devido à natureza multifacetada do discurso e às múltiplas camadas de significado envolvidas nas interações comunicativas.

Portanto, ao analisar as funções discursivas do termo *tipo*, é fundamental considerar essa fluidez e imprecisão nas fronteiras funcionais, reconhecendo que as diferentes funções podem interagir e se sobrepor, influenciadas por fatores pragmáticos comuns. Essa perspectiva mais ampla nos permite capturar a complexidade e a riqueza do uso do item no contexto discursivo. Com isso, a tabela a seguir ilustra as funções e a quantidade de ocorrências encontradas em nossos dados:

Tabela 06 – Ocorrências do item *tipo* nas funções discursivas

FUNÇÕES DISCURSIVAS	OCORRÊNCIAS
Marcador de sequenciação	7
Marcador de reelaboração	6
Introdutor fático	5
Marcador de elaboração	5
Marcador de imprecisão informacional	4
Introdução de diálogo interno	2
Delimitação aproximativa	2
Marcador de ênfase	1
TOTAL	32

Fonte: Dados da pesquisa.

A tabela apresenta as ocorrências do item *tipo* nas diferentes funções discursivas identificadas nos dados de análise. Entre essas funções, a mais frequente é a de *marcador de sequenciação*, com 7 ocorrências, seguida pela função de *marcador de reelaboração*, com 6 ocorrências. Em terceiro lugar, temos tanto a função de *introdutor fático* quanto a de *marcador de elaboração*, cada uma com 5 ocorrências. A função de *marcador de imprecisão informacional* aparece em 4 ocorrências, enquanto a *introdução de diálogo interno* e a *delimitação aproximativa* estão presentes em 2 ocorrências cada. Por fim, a função de *marcador de ênfase* é a menos frequente, com apenas 1 ocorrência.

Ao todo, foram encontradas 32 ocorrências do item *tipo* nessas diferentes funções discursivas. Esses resultados fornecem *insights* sobre a distribuição e a relevância das funções discursivas em que este item é utilizado, permitindo uma compreensão mais aprofundada do seu papel na organização e expressão do discurso.

É interessante trabalhar com dados reais da língua, pois ao comparar nossa quantificação com os dados de Laurentino (2016), observamos que nossas pesquisas apresentam divergências, mas também se complementam, levando em consideração a diversidade dos dados analisados. No estudo de Laurentino (2016), foi observada uma frequência expressiva de usos do *tipo* no domínio da *marcação de elaboração*, com 78 (58%) correspondendo a do total. Em ordem decrescente de distribuição dos dados, foram identificados os domínios da *marcação de ênfase*, com 25 (19%) ocorrências; da *introdução fática*, com 13 (10%) ocorrências; da *marcação de imprecisão informacional* e da *marcação de sequenciação*, com 7 (5%) ocorrências cada; da *marcação de reelaboração*, com 2 (1%) ocorrências; e da *introdução de diálogo interno* e da *delimitação aproximativa*, com 1 (0,9%) ocorrência cada.

Esses resultados destacam a relevância do item *tipo* em diferentes contextos discursivos, com uma variedade de funções e proporções de ocorrência. Essa comparação entre os estudos nos permite ampliar nossa compreensão sobre as diferentes manifestações e usos do termo *tipo* na língua, evidenciando a importância de considerar a diversidade de dados linguísticos para uma análise mais abrangente e precisa. Dito isto, na sequência, vemos a análise de cada função discursiva encontrada do *tipo* em nossos dados, acompanhadas de seus exemplos.

a) Marcador de sequenciação

Como vimos em nosso capítulo de fundamentação quando estávamos mostrando as pesquisas sobre o *tipo*, vimos que Laurentino (2015) demonstra que quando o *tipo* atua como *marcador de sequência*, desempenha o papel de indicar a continuidade do discurso, isto é,

conectando partes do texto e mantendo uma ligação entre elas. A seguir, apresentamos dados exemplificadores dessa função:

(71) Ele estava ali para fazer acontecer, **tipo**, da pior maneira possível... (NERDCAST – 858 – STAR WARS: ANDOR – ENFRENTEM O IMPÉRIO!, 2022).

Nesse exemplo, o item *tipo* é utilizado para indicar uma sequência de eventos ou ações. Ele atua como um elemento de conexão entre o fato de alguém estar presente e a maneira como essa pessoa agiu, enfatizando a natureza negativa ou indesejável dessa ação. O uso de *tipo* aqui cria um vínculo entre as informações e contribui para a fluidez e coerência do discurso, além de poder ser substituído pela conjunção *e* sem alterar o sentido, sendo um indicador de sequência no turno conversacional.

(71a) Ele estava ali para fazer acontecer, **e**, da pior maneira possível... (NERDCAST – 858 – STAR WARS: ANDOR – ENFRENTEM O IMPÉRIO!, 2022).

No exemplo fornecido, o uso de *e* como conector em vez de *tipo* indica uma sequenciação mais direta e explícita. Enquanto o *e* estabelece uma conexão lógica e aditiva entre as informações, o *tipo* nesse contexto específico tem um papel, certamente, mais coloquial e informal, transmitindo um sentido de aproximação ou comparação. Vejamos outro exemplo com o *tipo* funcionando como marcador de sequenciação:

(72) Até quando ele discorda, de um jeito assim... Elegante, charmoso, cara interessante, leitor, **tipo**, ele ler o dia inteiro (EMPIRICUS PURO MALTE - #119 – POLIGAMIA, MEDO DE ENVELHECER E TEMPO, TEMPO, TEMPO, 2022).

Nesse exemplo, o item *tipo* é utilizado para introduzir uma sequência de características ou qualidades atribuídas a uma pessoa. Ele atua como uma forma de elaboração, acrescentando detalhes ou especificidades ao discurso. O uso de *tipo* aqui indica que as características mencionadas, como *elegante*, *charmoso* e *leitor*, são exemplos ou representações de como essa pessoa é. Ele cria um elo entre as características mencionadas e contribui para a progressão do discurso.

Outro exemplo relevante em relação à função discursiva de marcador de sequenciação é quando o termo *tipo* é acompanhado pelo advérbio *assim*, conferindo a ideia de continuidade no discurso. Diferentemente da pesquisa de Laurentino (2015), não descartamos essas ocorrências, pois acreditamos que representam um tipo de uso válido para a nossa análise. Vejamos o exemplo:

(73) O fundo mais caro que eu já vi, foi de R\$ 2,500 reais, e **tipo assim**, é muito específica, nem é o normal, normal.... (POUPECAST – FUNDOS IMOBILIÁRIOS, 2022).

Nesse caso, uma expressão *tipo assim* é utilizada para introduzir uma explicação ou detalhamento posterior sobre a informação apresentada anteriormente. Ela indica uma sequência de pensamentos ou exemplos que complementam a ideia principal. O uso de *tipo assim* tem a função de indicar que o que será apresentado a seguir é uma explicação ou uma sequência de informações relacionadas ao recurso mencionado. Assim, o uso de *tipo* aqui funciona como um conectivo, estabelecendo a continuidade e a relação entre as partes do discurso, e poderia ser suprimido sem alterar o seu sentido se sequenciador, tendo em vista a ideia de sequenciação sugerida pelo item *e*:

(73a) O fundo mais caro que eu já vi, foi de R\$ 2,500 reais, **e**, é muito específica, nem é o normal, normal.... (POUPECAST – FUNDOS IMOBILIÁRIOS, 2022).

Com esse exemplo, verificamos que o uso do *e* tem a função de indicar que o que será apresentado a seguir, isto é, é uma explicação ou uma sequência de informações relacionadas ao recurso mencionado. Terminadas as análises do *tipo* enquanto marcador de sequenciação, vejamos a próxima função encontrada:

b) Marcador de reelaboração

Esse tipo de função discursiva, conforme observado por Laurentino (2015), demonstra que o item *tipo* pode desempenhar o papel de introduzir uma retificação em relação a uma ideia ou até mesmo apresentar uma reformulação da estrutura anterior. Para ilustrar essa função, apresentamos os exemplos a seguir:

(74) ele fez aniversário no próximo dia 7 e eu não quero esquecer de novo. Sim, eu sei que posso acabar esquecendo, porque me conhece... então quero ajuda de vocês homens o que eu faço para recompensar ter esquecido no ano passado porque, **tipo**, eu não apenas esqueci, também marquei de sair com uma amiga no ano passado... (PRETINHO BÁSICO 02/12/2022 18H ★ NETO FAGUNDES ★ GIO LISBOA, 2022).

Esse uso específico de *tipo* permite ao falante reformular ou especificar uma informação acima mencionada. No contexto do exemplo apresentado, a palavra *tipo* é utilizada para introduzir uma explicação ou esclarecimento adicional em relação a uma situação específica, isto é, o uso de *tipo* permite ao falante esclarecer e detalhar a situação de ter esquecido o aniversário, certamente do namorado, no ano anterior. Ao introduzir a expressão *porque, tipo*, o falante sinaliza que a explicação que seguirá se relacionará diretamente com a situação mencionada acima, fornecendo uma justificativa ou detalhamento adicional para a ação de ter esquecido e também ter marcado de sair com uma amiga.

Dessa forma, o uso do item *tipo* como marcador de reelaboração contribui para a clareza e especificidade do discurso, permitindo que o falante forneça informações adicionais ou faça esclarecimentos importantes sobre uma situação em particular. A seguir, vejamos agora, a estrutura *tipo assim*, funcionando como marcador de reelaboração:

(75) eu vou sair do programa e não volto, né, porque eles perguntaram, né, **tipo assim**, pergunta o que que ele não gosta pra gente colocar na hora para ser... (QUE HISTÓRIA É ESSA, PORCHAT? – BRUNA GONÇALVES, MAURÍCIO MANFRINI E THAISSA CARVALHO, 2022).

Nesse exemplo observamos que a estrutura *tipo assim* tem a função de introduzir uma reformulação ou esclarecimento da informação apresentada anteriormente. O uso de *tipo assim* indica que o falante está oferecendo uma explicação mais detalhada ou uma reformulação do que foi mencionado anteriormente. Essa expressão permite ao falante fornecer informações adicionais, esclarecer o sentido da frase ou trazer um exemplo que ilustre a ideia mencionada.

Portanto, o uso de *tipo assim* como marcador de reelaboração contribui para a clareza do discurso, permitindo que o falante enfatize uma informação específica, e traga uma nova perspectiva ou uma explicação mais detalhada sobre o que foi dito anteriormente. Enfim, daremos continuidade a nossa análise, e a seguir, veremos o *tipo* como introdutor fático.

c) Introdutor fático

No que diz respeito ao introdutor fático, de acordo com Laurentino (2015), esse tipo de função marca o início de um novo turno de fala na interação ou conversação. Pode trazer traços modais amenizadores como uma estratégia de polidez por parte do falante, evitando uma resposta e direta brusca. Essa função discursiva, podemos relacionar ao que Urbano (1999) explica sobre marcadores conversacionais, que podem ser usados como estratégia de polidez para suavizar a resposta e contribuir para a construção da coesão e conversar no texto falado, especialmente em uma conversação. A seguir, apresentamos exemplos ilustrativos:

(76) **Tipo**, parece que você vai assistir um filme sobre o resultado de ter sofrido um atentado durante o trabalho... (MAMILOS – MAMILOS CULTURA 85: FILME – PASSAGEM – REVISITANDO TRAUMAS, 2022).

Neste exemplo, o *tipo* introdutor fático é usado para introduzir uma afirmação ou descrição, suavizando o discurso e indicando uma forma pessoal. Ele atua como um marcador conversacional que busca amenizar a resposta direta, adicionando uma abordagem mais suave e informal à fala. Essa função discursiva do *tipo* contribui para a construção da coesão e consolação na conversação, proporcionando um tom mais amigável e polido na interação.

Com isso, podemos observar como a organização conversacional, enfatizada por estudiosos como Marcuschi (2003) e Castilho (2010), desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento dos *podcasts*. Esses programas de áudio apresentam uma interação entre dois ou mais falantes, criando um ambiente propício para a troca de ideias e opiniões. A organização da conversação no contexto dos *podcasts* ocorre ao longo de um determinado período, no qual os participantes direcionam suas habilidades visuais e cognitivas para realizar uma atividade conjunta. Durante uma interação, os falantes guardam interesses comuns e reciprocidade na comunicação.

Essa dinâmica conversacional é crucial para a estruturação e fluidez dos *podcasts*, influenciando o curso que a discussão seguirá. A forma como os participantes se comunica, incluindo o uso de recursos linguísticos como o marcador *tipo* discutido anteriormente, contribui para a construção de um ambiente de diálogo envolvente e interativo, capaz de atrair a atenção e o interesse dos ouvintes. Para tanto, vejamos outro exemplo:

(77) **Tipo**, você relaxa toma uma aguinha é um exercício... (DIÁRIO DE BORDO - #447 – JESKA FAZENDO EXERCÍCIOS DA FONO E O KARMA VEIO AÍ, 2022).

Na ocorrência, o uso do introdutor fático *tipo* desempenha um papel marcador na fala do locutor. Ele introduz uma observação ou explicação que segue, trazendo um tom de amenização e informalidade à expressão. Nesse contexto, a palavra *tipo* é utilizada para suavizar a afirmação e transmitir uma ideia de aproximação ou comparação.

No exemplo citado, o locutor utiliza o introdutor fático *tipo* para introduzir uma explicação sobre como relaxar após a realização de exercícios físicos. A expressão *tipo, você relaxa toma uma aguinha é um exercício...* indica que o ato de tomar água é considerado um tipo de exercício, de forma descontraída e informal. O uso do introdutor fático *tipo* contribui para a construção da coerência e fluidez na fala, refletindo o estilo de comunicação mais informal e coloquial característico dos *podcasts*.

d) Marcador de elaboração

Conforme mencionado por Laurentino (2015), na função de introdutor fático, o termo *tipo* é empregado pelo falante como uma estratégia para manter o fluxo do discurso enquanto planeja e elabora seu texto. Nesse sentido, o uso de *tipo* tem a finalidade de preencher breves pausas e ganhar tempo para refletir sobre o que será dito e organizar as ideias de forma mais adequada. Essa função desempenhada pelo item contribui para a fluidez e a coesão discursiva, permitindo que o falante ganhe um tempo adicional necessário para a construção de seu discurso de maneira mais precisa. Para ilustrar este tipo de função, segue as ocorrências:

(78) ...Um livro tremendamente :::::: sempre de um ator que eu gosto pra caramba influenciou a maneira como eu escrevo, por exemplo, e é uma obra-prima na minha opinião, **tipo**... curtinho, né, divertido de ler fácil e é incrível como é, muito atual muito, muito, muito, muito, muito, muito, né... (OS SÓCIOS PODCAST – 108 – O PODER DA LEITURA, 2022).

Ao empregar o termo *tipo*, o falante apresenta uma série de tendências e estimativas sobre a obra, enfatizando sua opinião e destacando pontos positivos. O uso repetido do termo *muito* e a expressão *né* reforçam a intensidade e a ênfase dada à sua avaliação. Observamos também que o falante utiliza pausas e hesitações durante o discurso, indicando um processo de reflexão e formulação das informações a serem transmitidas. O uso do item *tipo* nesse contexto permite ao falante organizar suas ideias e forneça uma descrição mais completa e detalhada do livro mencionado, como *curtinho, divertido de ler, fácil e incrível*, o falante utiliza essa estratégia para dar mais ênfase às qualidades da obra e fortalecer sua opinião sobre ela.

Dessa maneira, o item *tipo* como marcador de elaboração contribui para a organização do discurso, permitindo que o falante expresse suas opiniões, faça estimativas e desenvolva suas ideias de maneira mais precisa e elaborada. Vejamos outro exemplo do *tipo* funcionando com essa função:

(79) Esse filme, **tipo**... são mais de três mil figurantes, ele foi gravado no museu, né? (RAPADURACAST – PODCAST DE CINEMA E STREAMING – 744 – OS PRIMEIROS NO CINEMA, 2022).

Nesse contexto, o falante utiliza o item *tipo* para fornecer uma explicação ou detalhamento adicional sobre o assunto em discussão. Ao dizer *Esse filme, tipo... são mais de três mil figurantes, ele foi gravado no museu, né?*, o falante utiliza o *tipo* para introduzir uma informação complementar sobre o filme em questão. Ele destaca que o filme conta com mais de três mil figurantes e foi gravado em um museu.

O uso do *tipo* nesse contexto serve para enfatizar e destacar essas informações, fornecendo uma ideia de exemplos ou características representativas do filme, sendo marcada por uma pausa. Além disso, o uso do marcador *né?* Ao final da frase sugere uma confirmação ou busca de concordância por parte do interlocutor, reforçando a interação e a troca de informações na conversa. O que de acordo com Castilho (2010), esse tipo de marcador é classificado como pragmáticos interpessoais, já que são orientados para o interlocutor.

Dessa forma, o marcador *tipo* desempenha um papel importante na elaboração do discurso, fornecendo detalhes adicionais e enriquecendo a comunicação entre os interlocutores. Ele permite que o falante compartilhe informações relevantes de forma mais casual e espontânea.

e) Marcador de imprecisão informacional

Nesta função, o *tipo* indica uma certa imprecisão em relação ao que está sendo dito. Ele apresenta traços de continuidade ou falta de interação por parte do falante, revelando nuances de planejamento ou ponderação. O uso de *tipo* pode ser acompanhado de expressões como *eu acho* ou *não sei ao certo*. A seguir, apresentamos exemplos dessa função:

(80) Mas o que eu acho, **tipo**, que o filme traz essa reflexão, é::::: rasa, né? (MAMILOS – MAMILOS CULTURA 85: FILME – PASSAGEM – REVISITANDO TRAUMAS, 2022).

Nesse exemplo, o marcador *tipo* é utilizado para introduzir uma imprecisão informacional. O falante expressa sua opinião sobre o filme, porém, ao usar *eu acho, tipo*, ele indica uma certa falta de precisão ou aceito em relação à sua afirmação. A expressão *é meio rasa* é seguida por *né*, reforçando a busca por concordância ou validação por parte dos interlocutores. O uso de *tipo* contribui para uma comunicação mais informal e coloquial, permitindo uma maior flexibilidade e nuances na expressão das ideias, tendo em vista que se trata de *podcasts* que tem a oralidade como característica principal. Segue outro exemplo:

(81) No caso, eu acho que não é ele que prova, né, eu acho, tipo, quando você vira notícia a galera do Guinness vai atrás... (DONOS DA RAZÃO – RECORDES MAIS ALEATÓRIOS DO GUINNESS BOOK | LISTA DA RAZÃO #17, 2022).

Nesse exemplo, o uso do *tipo* indica uma imprecisão informacional por parte do falante. Ele expressa sua opinião sobre o fato de que não é a pessoa mencionada que prova algo, mas ao usar *eu acho e tipo*, ele mostra que há uma falta de certeza ou declarada em sua afirmação. O uso de *né* também busca a concordância ou validação dos interlocutores, como no outro exemplo, por se tratar de uma imprecisão. Certamente, por se tratar de dados da oralidade, esses elementos criaram para uma comunicação mais casual e coloquial, permitindo que o falante expresse suas ideias de forma menos precisa e mais flexível.

f) Introdução de diálogo interno

De acordo com Laurentino (2015), o uso de *tipo* como marcador de introdução de diálogo interno tem a função de introduzir um discurso direto que expressa pensamento. Geralmente, ele é inserido no meio da estrutura frasal. A seguir, apresentamos exemplos para uma melhor compreensão:

(82) não, eu tô rindo, sabe por quê? **Tipo...** eu já lembrado aqui da treta do Crepúsculo também quase de cancelar. Quase que eu fui, eu acho que foi um dos maiores cancelamentos que eu tive... assim de Crepúsculo, e foi quando eu falei mal de Crepúsculo... (OS SÓCIOS PODCAST – 108 – O PODER DA LEITURA, 2022).

Nesse caso, o falante utiliza essa expressão para iniciar um discurso direto que expressa um pensamento pessoal. Ele menciona uma situação em que quase foi cancelado por ter falado mal de Crepúsculo, rememorando essa polêmica e compartilhando sua experiência. A utilização

de *tipo* nesse contexto serve para introduzir o pensamento interno do falante e trazer uma nuance de informalidade e espontaneidade à narrativa, assim, a expressão *Tipo... eu já lembrado aqui da treta do Crepúsculo também quase de cancelar* indica que o pensamento é uma associação que surgiu na mente do falante enquanto fala. Vejamos outra exemplificação:

(83) Mas, o por enquanto, se ele puser os pés lá ele vai preso, né? **Tipo**, não porque ele seja o de som ditador, mas porque ele é traficante o segundo homem do regime venezuelano... (OS PINGOS NOS IS – 02/12/2022 – LULA QUER MADURO/ MOURÃO A TOALHA/ ÍNDIOS CONTRA MORAES, 2022).

No exemplo, o uso de *tipo* como introdução de diálogo interno é evidenciado pela frase *Tipo, não porque ele seja o ditador, mas porque ele é traficante, o segundo homem do regime venezuelano*. Nesse contexto, o falante utiliza *tipo* para iniciar uma reflexão interna enquanto faz um comentário sobre uma situação específica. Ele apresentou uma explicação, diferenciando a razão pela qual alguém seria preso, explicando que não é por ser o ditador, mas sim por ser um traficante e ocupar uma posição de destaque no regime venezuelano. O uso de *tipo* nesse caso indica que o pensamento do falante está sendo expresso dentro do diálogo, permitindo uma análise pessoal da situação, assim, marca a transição do discurso principal para o diálogo interno do falante.

Enfim, esses exemplos mostram como o item *tipo* é utilizado para introduzir pensamentos ou falas diretas que ocorrem internamente na mente do falante. Ele contribui para dar um recurso mais coloquial e autônomo ao discurso, permitindo a expressão dos pensamentos do falante de forma mais próxima da linguagem cotidiana. Na sequência, vejamos outra função encontrada em nossos dados.

g) Delimitação aproximativa

No contexto do *tipo* com função de delimitação aproximativa, ele é utilizado para indicar uma ideia não exata em relação ao que está sendo dito. Pode ser substituído por termos como *aproximadamente*, *cerca de* e *mais ou menos*. Essa função do *tipo* transmite uma noção aproximada de algo, sem fornecer uma informação precisa ou exata. Ao utilizar o termo *tipo*, o falante expressa que está dando uma estimativa ou uma descrição aproximada, sem entrar em detalhes específicos. Vamos analisar o único exemplo desse marcador em nossos dados:

(84) Vamos falar sobre as coisas que aconteceram no universo, **tipo** assim, em 1902 foi a primeira vez que apareceu o XPTO... (RAPADURACAST –

PODCAST DE CINEMA E STREAMING – 744 – OS PRIMEIROS NO CINEMA, 2022).

No exemplo fornecido, o *tipo* é utilizado com a função de delimitação aproximativa, por introduzir uma informação que não é precisa ou exata, mas sim uma estimativa ou descrição aproximada. No contexto do *podcast* em questão, o falante está mencionando eventos que ocorreram no universo ao longo do tempo. Ao usar *tipo assim* antes de mencionar o ano de 1902, o falante indica que esse é um dado aproximado, sem fornecer uma precisão exata. É como se estivesse dizendo: *em torno de 1902* ou *por volta de 1902*. O uso do *tipo* nesse contexto contribui para transmitir uma ideia geral do período mencionado, sem se ater a detalhes específicos.

h) Marcador de ênfase

Por fim, a última função discursiva encontrada em nossos dados relacionados ao *tipo* é o seu uso como marcador de ênfase. Conforme apontado por Laurentino (2015), ele atua como um sinalizador que realça o que será dito em seguida. Geralmente, a informação que segue após o uso de *tipo* parece ser pronunciada com uma tonalidade enfática. Durante a transcrição dos *podcasts*, podemos observar esse padrão. A seguir, apresentamos a única ocorrência encontrada como exemplo:

(85) Ela tá com uma cara **TIPO** assim, me tirem desse lugar pelo amor de Deus... (MIDCAST POLÍTICA – S05E40 – PEN DRIVE, TINDER E CORTE NA EDUCAÇÃO | MIDCAST..., 2022).

Nesse caso, o uso do *tipo* funciona como um marcador de ênfase, dando destaque à expressão facial da pessoa mencionada. O termo *tipo* seguido do *assim* é usado para intensificar a descrição da expressão facial, transmitindo uma sensação de urgência ou desespero. Essa ênfase é percebida na tonalidade enfática com a qual a informação é transmitida.

Após a análise das funções discursivas encontradas do item *tipo*, podemos concluir que ele desempenha um papel crucial na coordenação e negociação dos textos. Ele funciona como elemento que conecta e organiza o texto oral, não apenas em termos de estrutura verbal cognitiva, mas também como facilitadores da interação interpessoal na conversação. Assim, este item desempenhara uma função interacional importante ao contribuir para a construção do discurso durante uma interação face a face entre os interlocutores, seja em um contexto dialogado ou em monólogos. Eles auxiliam na reelaboração das falas, na retomada de assuntos

e na introdução de novos fornecidos, proporcionando uma maior fluidez e compreensão na troca de informações.

Portanto, as funções discursivas do *tipo* funcionam com um papel essencial na conversação, confiantes para a clareza, expressividade e compreensão da comunicação entre os participantes. Elas são ferramentas linguísticas que ajudam a organizar o discurso e a estabelecer uma conexão entre os diferentes elementos textuais, promovendo uma interação mais fluida e coesa.

Dito isso, é importante também analisarmos as funções textuais que esse elemento pode desempenhar. Portanto, na próxima subseção, faremos uma análise dessas funções que foram encontradas em nossos dados.

4.3.3 As funções textuais do tipo

Nesta parte, examinaremos as funções textuais do item *tipo* nas informações orais dos *podcasts* brasileiros selecionados. Dado que o uso de *tipo* apresentou funções textuais diferentes, contabilizamos o número de ocorrências para cada função e, em seguida, descrevemos essas funções com base em alguns exemplos encontrados em nossos dados. As subfunções identificadas confirmaram a proposta de classificação de Laurentino (2015) e Santos (2017), que categorizaram *tipo* em suas pesquisas como tendo funções exemplificativas, conectivas, comparativas e marcadores discursivos.

Durante nossa análise, identificamos as funções textuais específicas propostas pelas pesquisadoras nos domínios da *exemplificação*, *comparação*, *explicação*, *conclusão* e *adição*. Observamos que o *tipo* atua como um item textual nessas funções, desempenhando um papel significativo na construção do contexto interacional. Por meio dessa análise, buscamos compreender de que maneira o item *tipo* desempenha essas funções textuais nos dados analisados, ampliando assim nossa compreensão sobre o seu papel nesse processo. Além disso, investigamos o impacto dessas funções na interação comunicativa presente nos *podcasts* brasileiros selecionados.

Portanto, ao analisar as funções textuais do item *tipo*, é fundamental considerar os *status* de mudança que esse item carrega, saindo de sua categoria de [-] gramatical, isto é, de substantivo, e passando a atuar em funções [+] gramaticais, como as funções que encontramos em nossos dados. Essa perspectiva mais abrangente nos permite compreender a complexidade e a riqueza do seu uso no contexto gramatical. A tabela a seguir apresenta as funções identificadas juntamente com a quantidade de ocorrências localizadas em nossos dados:

Tabela 07 – Ocorrências do item *tipo* nas funções textuais

FUNÇÕES TEXTUAIS	OCORRÊNCIAS
Exemplificação	11
Comparação	10
Explicação	7
Conclusão	3
Adição	2
TOTAL	33

Fonte: Dados da pesquisa.

Essa tabela nos oferece uma visão quantitativa das diferentes funções textuais assumidas pelo termo *tipo* nos nossos dados, permitindo-nos identificar padrões e tendências em seu uso. Esses números indicam a frequência com que o *tipo* foi encontrado executando cada função textual específica nos dados analisados. Nota-se que a função de *exemplificação* é a mais comum, com 11 ocorrências, seguida pela função de *comparação*, com 10 ocorrências. A função de *explicação* é identificada em 7 casos, enquanto a função de *conclusão* ocorre em 3 casos. Por fim, a função de *adição* é a menos frequente, com apenas 2 ocorrências. Essa análise quantitativa nos fornece uma compreensão inicial da distribuição do uso do item *tipo* em diferentes funções textuais.

Ao realizar a análise dos dados, identificamos um total de 33 ocorrências do *tipo* nas diferentes funções textuais mencionadas anteriormente. Essas ocorrências refletem a frequência e a relevância do termo em desempenhar múltiplas funções dentro do contexto analisado. Através dessa contagem, podemos compreender melhor a variedade de usos do *tipo* e sua importância na construção do discurso e na comunicação dentro dos podcasts brasileiros selecionados.

Ao compararmos nossa quantificação com os dados apresentados por Laurentino (2016), observamos que nossas pesquisas seguiram resultados semelhantes, apesar da diversidade dos dados analisados. No estudo da pesquisadora, foi observada uma frequência expressiva de usos do item *tipo* na função de exemplificação, representando 53% (32 ocorrências), seguido pela explicação com 20% (12 ocorrências), comparação com 17% (10 ocorrências) e conclui com 10% (6 ocorrências). É interessante notar que, além dessas funções, em nossos próprios dados também encontramos o *tipo* desempenhando a função aditiva, embora

com um pequeno número de ocorrências, mas ainda assim significativo. Essa descoberta amplia a compreensão da variedade de usos e funções do item no contexto analisado.

É importante ressaltar que a menor ocorrência de uso no último contexto mencionado pode ser justificada pelo fato de ser o mais recente ou inovador, onde o *tipo* possui menos “experiência linguística”. Por outro lado, nos outros domínios funcionais, especialmente no domínio da exemplificação, é possível que o item esteja sendo usado há mais tempo, ou seja, esteja mais gramaticalizado. Isso significa que, ao longo do tempo, o item *tipo* pode ter adquirido uma maior estabilidade e se estabelecido como uma forma mais comum e aceita em contextos específicos, como a exemplificação. Essa diferença de ocorrências nos diferentes domínios funcionais pode indicar variações no grau de gramaticalização do termo *tipo* em cada contexto específico.

Assim, esses resultados ressaltam a importância do *tipo* em diferentes contextos discursivos, com uma variedade de funções e proporções de ocorrência. A comparação entre os estudos nos permite expandir a compreensão sobre as diversas manifestações e usos do item na língua, enfatizando a necessidade de considerar a diversidade de dados linguísticos para uma análise abrangente e precisa. Nesse sentido, a seguir, apresentamos uma análise detalhada de cada função textual encontrada para o *tipo* em nossos dados, juntamente com exemplos ilustrativos.

a) Exemplificação

Para iniciar nossa análise, chamamos atenção para o *tipo* na função textual de exemplificação, a função e, termos de frequência [+] prototípica dos nossos dados. De acordo com Laurentino (2015), o item *tipo* é utilizado para introduzir exemplos que adicionam ou ilustram a ideia expressa anteriormente, com o objetivo de confirmá-la ou torná-la mais clara. Nesse caso, pode-se substituir o *tipo* pela expressão *por exemplo*. A seguir, apresentamos um exemplo ilustrativo:

(86) Cara, acho que eu tô melhorando não, eu acho que::: eu penso muito nisso por causa da natação, né? Tem os tempos, **tipo** amanhã eu vou competir, eu tô assim, caramba será que eu consigo fazer o tempo que eu fazia quando eu tinha 15 anos... (EMPIRICUS PURO MALTE - #119 – POLIGAMIA, MEDO DE ENVELHECER E TEMPO, TEMPO, TEMPO, 2022)

No exemplo, o item *tipo* é utilizado com a função de exemplificação, conforme descrito por Laurentino (2015). Nesse trecho, o falante está expressando seus pensamentos sobre o seu desempenho na natação e sua preocupação em melhorar. A frase *Tem os tempos, tipo amanhã*

eu vou competir indica que o *tipo* está apresentando um exemplo específico para ilustrar a situação. O uso de *tipo* nesse contexto serve para exemplificar o cenário em que o falante está se referindo. Ele menciona que, no contexto da natação, há uma preocupação em alcançar um tempo específico de competição, assim como o tempo que ele costumava fazer quando tinha 15 anos. O item em questão é utilizado para indicar que essa situação é um exemplo concreto que demonstra a preocupação do falante em relação ao seu desempenho.

Essa função de exemplificação do *tipo* permite que o falante dê um exemplo específico que apoie e explique o seu pensamento sobre a natação e suas expectativas em relação aos tempos de competição. Para tanto, vejamos outro excerto que ilustra essa função:

(87) Que momento da vida a pessoa fala assim, **tipo**, eu vou bater esse recorde aqui.... (DONOS DA RAZÃO – RECORDES MAIS ALEATÓRIOS DO GUINNESS BOOK | LISTA DA RAZÃO #12, 2022).

No recorte, o falante usa o *tipo* para introduzir um exemplo que ilustra um momento específico na vida em que alguém poderia falar de determinada maneira. A expressão *Que momento da vida a pessoa fala assim, tipo, eu vou bater esse registro aqui...* sugere que o item está sendo usado para exemplificar o tipo de situação em que alguém expressa a ideia de querer quebrar um recorde. Nesse contexto, o *tipo* desempenha o papel de fornecer um exemplo específico que reforça a pergunta retórica do falante sobre em que momento da vida alguém falaria de forma entusiasmada sobre querer superar um recorde. Além disso, conforme Laurentino (2016) o *tipo* nesta função pode ser substituído pela estrutura *por exemplo* sem perder o seu sentido original:

(87a) Que momento da vida a pessoa fala assim, **por exemplo**, eu vou bater esse recorde aqui.... (DONOS DA RAZÃO – RECORDES MAIS ALEATÓRIOS DO GUINNESS BOOK | LISTA DA RAZÃO #12, 2022).

No exemplo, observamos o item *tipo* sendo substituído pela expressão *por exemplo* sem perder o sentido proposto pelo falante. Com isso, podemos dizer que o uso do item aqui permite ao falante contextualizar sua reflexão e dar um exemplo concreto para ilustrar a situação em questão. Logo, a função de exemplificação do *tipo* nesse exemplo contribui para tornar a ideia mais concreta e compreensível para o interlocutor, ajudando a transmitir a mensagem desejada pelo falante.

O uso do termo *tipo* destaca sua capacidade de introduzir exemplos e fornecer detalhes específicos que enriquecem o discurso e facilitam a comunicação:

(88) Sem contar que tem umas coisas, **tipo assim**... ah, o voo mais alto da história, a maior língua da história... (DONOS DA RAZÃO – RECORDES MAIS ALEATÓRIOS DO GUINNESS BOOK | LISTA DA RAZÃO #12, 2022).

Neste exemplo, diferente dos anteriores, observamos o item *tipo* acompanhado do advérbio *assim*, contribuindo a ainda mais para a função textual de exemplificação. O falante utiliza a estrutura para introduzir exemplos que ilustram ou especificam o tipo de coisas, ou registros que está mencionando. A expressão *Sem contar que tem umas coisas, tipo assim... ah, o voo mais alto da história, a maior língua da história...* indica que o termo *tipo assim* está sendo usado para exemplificar ou especificar os exemplos mencionados. Nesse contexto, o *tipo assim* desempenha o papel de fornecer exemplos concretos que ilustram as coisas ou registros incomuns que o falante está mencionando. Ele usa *tipo assim* para adicionar detalhes específicos que enriquecem sua fala e fornecem exemplos que exemplificam a magnitude ou peculiaridade das coisas mencionadas.

Em resumo, o termo *tipo*, de maneira geral, desempenha um papel crucial na função de exemplificação ao fornecer exemplos que ilustram e especificam as características ou registros mencionados, adicionando detalhes e enriquecendo a comunicação entre os interlocutores. Vejamos, agora, a função de comparação.

b) Comparação

De acordo com Laurentino, o uso do item *tipo* na função de comparação estabelece uma relação de similaridade ou proximidade entre dois elementos, assumindo um papel semelhante às palavras *como*, *feito* e *igual*. A fim de ilustrar essa função, apresentamos o exemplo a seguir:

(89) Os personagens de Rogue One se destacam pelas diferenças, **tipo** The Force, é o personagem que se destaca, que é o personagem mais carismático... (NERDCAST – 858 – STAR WARS: ANDOR – ENFRENTEM O IMPÉRIO!, 2022).

No exemplo, o falante usa o item *tipo* para estabelecer uma relação de similaridade ou proximidade entre os personagens de Rogue One, destacando suas diferenças. A expressão *Os personagens de Rogue One se destacam pela diferença, tipo The Force, é o personagem que se destaca, que é o personagem mais carismático...* indica que o *tipo* está sendo usado para comparar e destacar a importância de um personagem específico. Nesse contexto, o *tipo* desempenhar o papel de estabelecer uma comparação entre os personagens, enfatizando a

singularidade de um deles, isto é, exemplifica a natureza única do personagem The Force, que se destaca e é considerado o mais carismático em comparação com os demais.

Assim, a função de comparação do *tipo* nesse exemplo permite ao falante destacar uma característica distintiva do personagem The Force, estabelecendo uma comparação com os outros personagens de Rogue One. Vejamos outro exemplo:

(90) ...para mim é muito mais legal assistir um jogo **tipo** do Japão que assim se perder tá tudo bem... (EMPIRICUS PURO MALTE - #119 – POLIGAMIA, MEDO DE ENVELHECER E TEMPO, TEMPO, TEMPO, 2022).

Em (90), o falante usa o item *tipo* para estabelecer uma comparação entre assistir a um jogo do Japão e uma situação em que se perder está tudo bem. A expressão “*para mim é muito mais legal assistir a um jogo tipo do Japão que assim se perder tá tudo bem...*” indica que o *tipo* está sendo usado para comparar e contrastar duas situações. Nesse contexto, o item desempenha o papel de estabelecer uma comparação entre assistir a um jogo do Japão e uma situação em que perder não tem grande importância. O falante utiliza o *tipo* para exemplificar ou especificar o tipo de jogo que ele considera mais interessante, enfatizando a ideia de que mesmo se o tempo do Japão, isso não é um problema.

A função de comparação do *tipo* nesse exemplo permite ao falante destacar uma preferência pessoal e estabelecer uma comparação entre as duas situações mencionadas. O uso do item aqui demonstra sua capacidade de estabelecer uma relação de similaridade ou proximidade entre elementos, permitindo ao falante expressar sua opinião e fazer uma comparação entre contextos diferentes. Além disso, para verificarmos a carga que o *tipo* possui de comparação, vejamos o mesmo exemplo, sendo que agora reescrito com o *como*, *feito* e *igual* para avaliarmos a função de comparação, a fim de evidenciar a gramaticalização do termo ao longo do tempo, adquirindo características de comparação:

(90a) ...para mim é muito mais legal assistir um jogo **como** do Japão que assim se perder tá tudo bem... (EMPIRICUS PURO MALTE - #119 – POLIGAMIA, MEDO DE ENVELHECER E TEMPO, TEMPO, TEMPO, 2022).

(90b) ...para mim é muito mais legal assistir um jogo **feito** do Japão que assim se perder tá tudo bem... (EMPIRICUS PURO MALTE - #119 – POLIGAMIA, MEDO DE ENVELHECER E TEMPO, TEMPO, TEMPO, 2022).

(90c) ...para mim é muito mais legal assistir um jogo **igual** do Japão que assim se perder tá tudo bem... (EMPIRICUS PURO MALTE - #119 – POLIGAMIA, MEDO DE ENVELHECER E TEMPO, TEMPO, TEMPO, 2022).

Nessas versões do exemplo, ao substituírmos *tipo* por *como*, *feito* e *igual* mantendo o sentido intacto, destacamos a tendência do termo *tipo* em se gramaticalizar e adquirir traços de comparação. A utilização de *como*, *feito* e *igual* reforça a ideia de estabelecer uma comparação entre assistir a um jogo do Japão e uma situação em que perder não é um problema. Essa reescrita demonstra que o item *tipo* está se tornando cada vez mais funcional como um marcador de comparação. Essa transformação do termo *tipo* evidencia sua evolução gramatical ao longo do tempo, no qual adquire a capacidade de estabelecer comparações de maneira mais explícita.

A análise comparativa entre o uso de *tipo* e a reescrita com *como*, *feito* e *igual* nos permite compreender a evolução e a gramaticalização do termo, evidenciando seu papel em estabelecer comparações e aquisição gradual de características específicas da função comparativa. Dito isto, vejamos na sequência a análise do *tipo* desempenhando função de explicação.

c) Explicação

O uso do item *tipo* na função de explicação tem a finalidade de introduzir uma justificativa, uma explicação ou um esclarecimento em relação ao que foi mencionado anteriormente. Em certos contextos, é possível substituir o termo *tipo* pelo *porque* explicativo, e ocasionalmente pelo *ou seja* para fortalecer ou esclarecer o sentido. A seguir, apresentamos um exemplo ilustrativo dessa função:

(91) Eu acho legal também o conceito de aliança rebelde, **tipo**..... não é um grupo, são vários grupos, né? Que se unem... (NERDCAST – 858 – STAR WARS: ANDOR – ENFRENTEM O IMPÉRIO!, 2022).

Nesse contexto, o *tipo* desempenha o papel de introduzir uma explicação para definir e diferenciar a aliança rebelde. O falante utiliza o *tipo* para exemplificar ou especificar a natureza da aliança rebelde, explicando que ela não é apenas um grupo, mas sim uma união de vários grupos. A função de explicação do item nesse exemplo permite ao falante fornecer informações adicionais e esclarecimentos sobre o conceito em discussão. O uso do termo *tipo* aqui demonstra sua capacidade de introduzir uma justificativa ou um esclarecimento, enriquecendo a compreensão do discurso e fornecendo uma melhor compreensão do conceito mencionado.

No exemplo (91), ao substituírmos o *tipo* por *porque*, mantêm o sentido original, destacando ainda mais a relação de explicação presente no contexto pelo item em estudo:

(91a) Eu acho legal também o conceito de aliança rebelde, **porque** não é um grupo, são vários grupos, né? Que se unem... (NERDCAST – 858 – STAR WARS: ANDOR – ENFRENTEM O IMPÉRIO!, 2022).

Nessa reescrita, ao utilizar o *porque* em vez de *tipo*, reforçamos a função de explicação presente na frase. A substituição enfatiza a justificativa ou o motivo por trás da afirmação anterior, que é o fato de uma aliança rebelde não ser um único grupo, mas sim uma união de vários grupos. Essa reescrita com *porque* evidencia ainda mais a intenção do falante em esclarecer e oferecer uma razão para sua opinião sobre o conceito de aliança rebelde. O termo *porque* reforça o caráter explicativo da frase, tornando-se mais claro para o interlocutor o motivo pelo qual o falante considera o conceito interessante.

(92) Vai dar merda, melhor não falar, **tipo**, porque eu tô freando o ambiente, um abraço... (CAIXA PRETA – EP. 287 – BOMBACHAS CINTILANTES, HERANÇA DA HEBE E JAPÃO, 2022).

No exemplo, o falante utiliza o *tipo* para introduzir uma justificativa ou um motivo para não falar algo que poderia causar problemas. A expressão *Vai dar merda, melhor não falar, tipo, porque eu tô freando o ambiente, um abraço...* indica que o *tipo* está sendo usado para explicar o motivo pelo qual o falante opta por não falar algo. Nesse contexto, o item desempenha o papel de introduzir uma explicação para justificar a decisão de não falar. O uso do *tipo* seguido de *porque* reforça ainda mais a função de explicação, explicando que o falante está evitando falar algo para não prejudicar o ambiente ou criar problemas.

Ao utilizar o termo *tipo* seguido de *porque*, o falante está fornecendo uma explicação direta e concisa para sua decisão. Essa função de explicação permite ao falante comunicar suas intenções e motivos de forma clara e objetiva, confiante para uma melhor compreensão do discurso.

d) Conclusão

O uso do item *tipo* na função de conclusão, conforme descrito por Laurentino (2016), tem a finalidade de encerrar a ideia previamente expressa, podendo também indicar traços semânticos de consequência e resumo, finalizando o tópico ou assunto em questão, além de desempenhar papel semelhante ao conector *enfim*. Essas características são observadas no exemplo a seguir:

(93) Bacana você abrir o seu coração, Renan, mas **tipo**, chegou a hora de escolher a sua música de beija-flor... (CHOQUE DE CULTURA – AMBIENTE DE MÚSICA – T2 EP 13 – MÚSICA DE BEIJA-FLOR, 2022).

No exemplo, o item *tipo* é utilizado na função de conclusão, tendo em vista que o falante utiliza o termo para encerrar a ideia anterior expressa e introduzir uma nova etapa ou decisão. A expressão *Bacana você abre o seu coração, Renan, mas tipo, chegou a hora de escolher a sua música de beija-flor...* indica que o *tipo* está sendo usado para concluir a reflexão sobre a abertura do coração e iniciar uma nova fase, que é a escolha da música de beija-flor. Nesse contexto, *tipo* desempenha o papel de marcar a transição entre duas ideias, encerrando uma e introduzindo a próxima. Ao utilizar o termo *tipo* nessa função de concluir, o falante está sinalizando que a discussão sobre abrir o coração está sendo finalizada e que é hora de passar para um novo assunto, no caso, a escolha da música.

Podemos ver também nesse mesmo exemplo o *tipo* sendo substituído pelo item *enfim*, que possui característica de conclusão, o que realça ainda mais essa função sendo desempenhada pelo *tipo*:

(93a) Bacana você abrir o seu coração, Renan, mas **enfim**, chegou a hora de escolher a sua música de beija-flor... (CHOQUE DE CULTURA – AMBIENTE DE MÚSICA – T2 EP 13 – MÚSICA DE BEIJA-FLOR, 2022).

De fato, no exemplo (93a), a substituição do *tipo* por *enfim* reforça a função de conclusão exercida pelo *tipo*. Verificamos que (93a) apresenta a mesma estrutura e sentido do exemplo anterior (93), indicando que tanto *tipo* quanto *enfim* são usados para encerrar a ideia anterior expressa, concluir, e introduzir uma nova etapa ou decisão. Ao substituir o item *tipo* por *enfim*, que possui características semânticas de conclusão, a frase ganha uma ênfase ainda maior na transição entre as ideias, reforçando que a discussão sobre abrir o coração está sendo finalizada e que é hora de passar para a escolha da música de beija-flor. Dessa maneira, tanto o uso do *tipo* quanto a substituição por *enfim* evidenciam a função de conclusão por esses elementos, sinalizando o desfecho de um tópico ou assunto e o início de uma nova etapa na comunicação.

Além disso, o uso do *tipo* na função de conclusão também pode indicar traços semânticos de consequência e resumo. Ele ressalta que a escolha da música é uma consequência natural ou uma conclusão lógica após a reflexão sobre abrir o coração.

e) Adição

Por fim, a última função que encontramos em nossos dados, que difere tanto dos estudos de Laurentino (2015) e Santos (2017), diz respeito a função de adição do *tipo*, ainda que com uma quantidade menor de ocorrências. A função aditiva do termo *tipo* é aquela em que ele é utilizado para adicionar informações ou exemplos complementares ao que foi mencionado anteriormente. Nesse caso, o *tipo* é como um conectivo que introduz uma extensão ou um detalhamento da ideia expressa, podendo ser substituído pelo item *e*.

(94) ...esqueceram da história, peguei o WhatsApp, mandei... uma semana, nada do retorno do Porchat... duas semanas eu falei “pô, acho que o cara não gostou” e **tipo**, também nem até olhei para ver se eu tava bloqueado (QUE HISTÓRIA É ESSA, PORCHAT? – BRUNA GONÇALVES, MAURÍCIO MANFRINI E THAISSA CARVALHO, 2022).

No exemplo, podemos identificar o uso do *tipo* com função de adição. Nesse contexto, o termo é empregado para acrescentar uma informação adicional, que complementa o que foi mencionado anteriormente. Ao utilizar *tipo*, o falante introduz uma notificação secundária, que não é essencial para a linha de comando principal, mas serve para acrescentar detalhes ou contextualizar a situação. Nesse caso, o item é utilizado para complementar uma informação, no caso, não olho se estava bloqueado no *WhatsApp*.

Ao combinar o uso da expressão aditiva *e* com o item *tipo*, o falante reforça a natureza aditiva do item, funcionando como um marcador discursivo que adiciona uma informação complementar ao relato. Podemos dizer que o uso do *e tipo* nesse contexto contribui para a expressão de um pensamento mais espontâneo e menos formal, adicionando um tom de informalidade e descontração à comunicação. Assim, a função de adição do termo *tipo* nesse exemplo demonstra sua capacidade de acrescentar informações secundárias e complementares, fornecendo uma maior riqueza de detalhes e nuances ao discurso.

Após a análise das diferentes funções textuais desempenhadas pelo item *tipo*, podemos concluir que ele desempenha um papel relevante na coordenação textual. Esse termo funciona como um elemento de conexão e organização do discurso oral, desempenhando não apenas uma função estrutural e cognitiva, mas também facilitando a interação interpessoal durante uma conversa. O item em questão desempenha uma função interacional significativa ao contribuir para a construção do discurso em face a face entre os interlocutores, seja em diálogos ou monólogos. Sua presença serve como um recurso linguístico que auxilia na coordenação do

discurso, permitindo a transição entre diferentes orientações, a introdução de exemplos, comparações, conclusões, explicações e adições.

Além de sua função estrutural, o uso do item *tipo* também pode refletir características sociais e comunicativas, como informalidade, espontaneidade e proximidade entre os interlocutores. Sua presença no discurso oral contribui para uma comunicação mais fluente e natural, estabelecendo uma interação mais dinâmica e envolvente. Portanto, o item *tipo* desempenha um papel relevante na coordenação textual, seu uso adequado e consciente enriquece a comunicação oral, para uma interação eficaz e envolvente entre os participantes da conversa.

Dessa forma, conforme observamos, o item *tipo* revelou novas funções textuais que indicam um grau de gramaticalização em seu uso. Diante disso, é essencial analisarmos, a partir desse princípio funcional, as mudanças pelas quais esse item tem passado ao longo do tempo. Nessa perspectiva, na próxima subseção, abordaremos a gramaticalização do item *tipo*.

4.3.4 A gramaticalização do *tipo*

Como vimos na subseção anterior, o *tipo* passou a exercer várias funções textuais, o que indica um certo grau de gramaticalização deste item. Diferentemente de Santos (2017) que analisa o *tipo* apenas como conector comparativo, iremos realizar a análise das cinco funções que encontramos em nosso *corpus*. Para realizar essa análise, examinaremos o comportamento do item com base nos princípios estabelecidos por Hopper (1991) e nas discussões conduzidas por linguistas funcionalistas mencionados anteriormente em nosso estudo.

Retomando a definição proposta por Martelotta (2011), a gramaticalização refere-se ao processo em que itens pertencentes a categorias lexicais, como substantivos e verbos, adquirem funções gramaticais, como o caso das conjunções. Com o objetivo de analisar as categorias resultantes nos usos inovadores do item *tipo*, vejamos um exemplo:

(95) ...mas na verdade é que o menino Andor foi muito apagado de... a gente queria Rançolo, e esse cara era **tipo** um Rançolo genérico no Rogue One... (NERDCAST – 858 – STAR WARS: ANDOR – ENFRENTEM O IMPÉRIO!, 2022).

No exemplo (95), observamos a função de comparação, o item *tipo* estabelece uma relação de similaridade ou comparação entre dois elementos (Rançolo e Rançolo genérico) . Nesse contexto, o uso de *tipo* indica uma comparação entre o personagem mencionado e a ideia

de *Rançolo* no contexto de *Rogue One*. O termo *tipo* funciona como um marcador comparativo, aproximando a descrição do personagem à ideia geral de *Rançolo*.

Vemos que, o locutor faz uso do *tipo*, que funciona mais especificamente como conector comparativo, haja vista que estão sendo articulados elementos semelhantes da mesma sentença, isto é, retomando a informação de que se esperava um *Rançolo* e é comparado a um *Rançolo* genérico no *Rogue One*.

A partir desse exemplo, fica evidente a transformação que o item *tipo* sofre, passando de uma categoria lexical plena e autônoma para uma categoria gramatical mais dependente dos outros elementos da sentença. Essa mudança implica em uma maior expressividade discursiva, em que o termo adquire um valor textual e discursivo mais significativo. Anteriormente utilizado como um substantivo, o termo *tipo* agora desempenha um papel mais interdependente, confiante de forma mais marcante para a construção do sentido no contexto comunicativo.

A função do termo *tipo* como conector comparativo torna-se ainda mais evidente quando o substituímos por uma conjunção tradicionalmente reconhecida como comparativa. Nesse caso específico, podemos substituir *tipo* pelo item conjuncional *como*, decorrente na seguinte estrutura da sentença:

(95a) ...mas na verdade é que o menino Andor foi muito apagado de... a gente queria Rançolo, e esse cara era **como** um Rançolo genérico no *Rogue One*... (NERDCAST – 858 – STAR WARS: ANDOR – ENFRENTEM O IMPÉRIO!, 2022).

Com base na teoria de unidirecionalidade na mudança de categorias cognitivas proposta por Heine (1991), que postula que as mudanças ocorrem de categorias cognitivas mais próximas do indivíduo (+concretas) para categorias cognitivas mais distantes do indivíduo (-concretas), seguindo o esquema: *pessoa* > *objeto* > *processo* > *espaço* > *tempo* > *qualidade*, Thompson (2013) propõe um esquema específico para a mudança do termo *tipo*, que segue a sequência: *pessoa* > *objeto* > *qualidade*. Segundo a autora, ao analisarmos os usos do *tipo*, podemos observar que sua trajetória de mudança vai de uma categoria (+concreta), referente a pessoas, para também abranger objetos e elementos (-concretos) e, posteriormente, passa a cumprir a função de modificador em estruturas qualitativas.

Assim, a utilização de *tipo* com função de conector, agora aditivo, também é vista na seguinte ocorrência:

(96) as pessoas vivem em um lugar de miséria, **e tipo**, para elas tá tudo bem (NERDCAST – NERDCAST 858 – STAR WARS: ANDOR – ENFRENTEM O IMPÉRIO!, 2022).

Na ocorrência, o item *tipo* é utilizado como um aditivo conectivo, adicionando informações ou exemplificando o que foi dito anteriormente. Ele indica que a declaração feita é uma extensão ou uma confirmação do que foi mencionado antes. Nesse caso, o locutor está destacando que, mesmo vivendo em condições de miséria, as pessoas conseguem encontrar algum tipo de conformidade ou satisfação. O termo *tipo* desempenha um papel de fortalecer e ampliar a ideia anterior, feliz para a fluidez e a coerência do discurso.

Além disso, é interessante observar que *tipo* é acompanhado pelo conectivo *e*, que é um conector prototípico aditivo. Essa combinação reforça ainda mais a noção de acréscimo de elementos na argumentação do locutor. Ao utilizar *tipo* em conjunto com *e*, o locutor está enfatizando a continuidade da ideia e a apresentação de novos elementos que contribuem para a sua argumentação. E como vimos, o *tipo* quando está funcionando com a função de adição, pode ser substituído pelo *e* sem perder o sentido, e é exatamente isso que ocorre nessa ocorrência:

(96a) as pessoas vivem em um lugar de miséria, **e**, para elas tá tudo bem (NERDCAST – NERDCAST 858 – STAR WARS: ANDOR – ENFRENTEM O IMPÉRIO!, 2022).

Verificamos que o *tipo* foi suprimido no exemplo, e em seu lugar, o conector *e* foi utilizado para manter a coerência e expressar a adição de informações. Essa substituição demonstra a flexibilidade do discurso oral, em que elementos podem ser omitidos sem prejuízo para a compreensão da mensagem. O conector *e* desempenha o papel de conectar duas ideias em sequência, adicionando informações complementares à frase anterior. Essa estratégia de expressão aditiva contribui para a fluidez e coesão do discurso, permitindo uma transição suave entre os elementos mencionados.

Levando em consideração a proposta de Hopper (1991), podemos afirmar que durante o processo de gramaticalização do termo *tipo*, observamos o princípio de estratificação. Isso ocorre porque uma nova camada funcional (representada pelo *tipo*) emerge dentro do domínio das conjunções comparativas e aditivas. No entanto, as impostas acima, ou seja, as conjunções comparativas e aditivas já existentes na língua, não são descartadas, e sim coexistem com a nova camada. Por exemplo, a conjunção *como* continua indicando comparação, enquanto a

conjunção *e* continua indicando adição. Dessa forma, temos uma estratificação funcional em que diferentes elementos desempenham papéis distintos dentro do mesmo domínio gramatical.

Nesse sentido, item *tipo*, com este novo significado, passa a competir com itens que já existiam associados a esses significados. Nessa ocasião, também vemos o enquadramento do *tipo* ao princípio de *estratificação*, relacionando com a função de conclusão (conector conclusivo), tendo em vista que ele pode ser substituído pelo conector *enfim*, o que reforça sua natureza conclusiva e demonstra a coexistência de diferentes elementos com funções semelhantes dentro do mesmo domínio gramatical.

(97) ...muita gente diz que ela não é filósofa na verdade, mas ela é, que... fala do pouco desse colete, vi a revolta de Altas ficou super famoso, **tipo** assim... é um livro enorme e tal (EMPIRICUS PURO MALTE - #119 – POLIGAMIA, MEDO DE ENVELHECER E TEMPO, TEMPO, TEMPO, 2022),

A expressão *tipo assim* neste contexto funciona como um marcador de conclusão, indicando que o locutor está prestes a fazer uma síntese ou encerrar um tópico. A presença de *tipo assim* no exemplo (97) reforça essa função de conclusão, pois é utilizada após a descrição de um livro enorme e famoso. Além disso, é interessante observar que *tipo assim* pode ser substituído pelo conector *enfim* sem alterar significativamente o sentido da frase:

(97a) ...muita gente diz que ela não é filósofa na verdade, mas ela é, que... fala do pouco desse colete, vi a revolta de Altas ficou super famoso, **enfim**... é um livro enorme e tal (EMPIRICUS PURO MALTE - #119 – POLIGAMIA, MEDO DE ENVELHECER E TEMPO, TEMPO, TEMPO, 2022),

Essa substituição reforça a natureza conclusiva do termo *tipo assim* e evidencia sua capacidade de encerrar uma ideia ou um pensamento. A partir dessa análise, podemos inferir que o processo de gramaticalização do termo *tipo*, que passou de substantivo para conector, ilustra o segundo princípio proposto por Hopper (1991), o princípio da divergência. Esse princípio refere-se ao fato de que, durante a gramaticalização, a forma lexical original continua a ser usada autonomamente, ao mesmo tempo, em que adquire novas funções gramaticais. Assim, *tipo* exibe funções múltiplas derivadas da mesma origem etimológica, mesmo que essas funções sejam divergentes entre si. Essa coexistência de funções divergentes em uma mesma forma lexical é uma característica marcante do processo de gramaticalização.

Além disso, podemos relacionar esse processo ao princípio de *descategorização*, apresentado por Hopper (1991). Através da gramaticalização, o termo *tipo* perde suas marcas de categoria plena e adquire características de uma categoria secundária, a de conector. Isso

implica em uma migração de uma categoria menos gramatical para uma mais gramatical. No entanto, é importante ressaltar que o sentido original de *tipo* como substantivo não desaparece completamente, conforme observado no princípio de divergência. Dessa maneira, temos um exemplo em que ocorre a decategorização, mas sem a perda total do sentido original do termo:

(98) ...não tem Business ruim lá dentro que a gente brinca, que tem muita empresa... que a empresa é boa, mas tem um negócio ruim dentro da empresa sempre, tem um negocinho, **tipo** Alpargatas (OS ECONOMISTAS PODCAST – O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA, 2022).

No caso de *tipo* nesse exemplo, ele está sendo usado como um marcador de exemplificação. Ele perde sua função original de substantivo e passa a cumprir uma função gramatical de introdução, um exemplo ou uma ilustração do que foi mencionado anteriormente. Essa descategorização é observada na medida em que *tipo* deixa de ser um substantivo com um significado específico (como no caso de *Alpargatas*, uma marca de calçados) e passa a ser um elemento mais abstrato, utilizado para indicar um exemplo geral ou representante. Portanto, o uso de *tipo* nesse contexto exemplifica o princípio de descategorização, em que o termo perde suas características de substantivo e assume uma função mais gramatical, favorável para a construção da estrutura e sentido da sentença.

Podemos observar o princípio de *persistência*, proposto por Hopper (1991), no processo de gramaticalização do item linguístico analisado, segundo esse princípio, durante esse processo, alguns traços semânticos e funcionais do sentido original do termo tendem a persistir mesmo após sua mudança de categoria. Com base no dado vejamos a ocorrência do princípio de *persistência* que passa o item *tipo*, no processo de gramaticalização:

(99) ...quinta-feira às vezes é terça, **tipo**, hoje é terça, né, é... enfim, nós somos que nem a lua em constantes mentira, exatamente... (OS SÓCIOS PODCAST – OS SÓCIOS 108 – O PODER DA LEITURA, 2022).

No contexto do exemplo, o termo *tipo* é utilizado para introduzir uma comparação do que foi mencionado anteriormente. Ele é usado para fortalecer ou ilustrar uma ideia, indicando uma situação que é semelhante à ideia principal. Ao empregar *tipo* nesse sentido, o locutor está expressando que a quinta-feira, às vezes, é como se fosse uma terça-feira, reforçando essa comparação e contextualizando a informação anterior. Assim, o uso de *tipo* nessa função indica uma persistência de seu sentido original (substantivo), envolvendo uma comparação.

Logo, a presença de *tipo* no exemplo analisado demonstra a aplicação do princípio da persistência, em que traços semânticos e funcionais do sentido original do termo persistem, mesmo após sua gramaticalização. Vejamos outro exemplo de persistência:

(100) Quando um patrocínio vai para um time, ele chamou os dois, e dão patrocínio para os dois times se não você cria uma torcida contra... e::: que.... não vai mais procurar o teu carro por conta de São Paulo, não tem problema, Rio de Janeiro não tem esse problema, **tipo** são muitas marcas... muitas marcas (PÂNICO – 02/12/2022 – APÓSTOLO ARNALDO, 2022).

No contexto do exemplo, o *tipo* é utilizado como um conector que apresenta uma explicação. Ele é empregado para ilustrar ou fortalecer a ideia mencionada anteriormente. Nesse caso, o locutor utiliza *tipo* para explicar a situação em que os patrocínios são direcionados para os dois times a fim de evitar a criação de uma torcida contra. O uso de *tipo* aqui indica uma explicação que ilustra a ideia principal. Além disso, podemos verificar o princípio da persistência quando esse recorte nos mostra que a forma *tipo* pode assumir mais de uma posição na sentença sem que o sentido se altere, por exemplo:

(100a) Quando um patrocínio vai para um time, ele chamou os dois, e dão patrocínio para os dois times se não você cria uma torcida contra... e::: que.... não vai mais procurar o teu carro por conta de São Paulo, não tem problema, Rio de Janeiro não tem esse problema, são muitas marcas... **tipo** muitas marcas... (PÂNICO – 02/12/2022 – APÓSTOLO ARNALDO, 2022).

Nesse caso, o item *tipo* revela traços remanescentes de sua atuação como substantivo, o que permite uma maior flutuação do termo na estrutura da oração. É importante ressaltar que as ocorrências analisadas aqui reforçam a ideia apresentada por Givón (1995), de que os itens linguísticos, ao serem utilizados repetidamente com uma determinada forma e função, tendem a se tornar cada vez mais regulares e a se estabelecer firmemente na língua.

Por último, em relação ao princípio da *especialização*, que está associado à frequência de uso, não encontramos evidências desse processo em nossos dados de análise. Isso ocorre porque, no princípio da especialização, uma das formas tende a desaparecer à medida que outra se especializa em desempenhar a mesma função. No entanto, com o item *tipo*, observamos que ele coexiste com outros itens desempenhando a mesma função, sem que uma forma específica seja eliminada.

As ocorrências encontradas em nossos dados confirmam a ideia de que o processo de gramaticalização ocorre de forma mais concreta para mais abstrata, como argumentado por

Neves (2007). No caso do item *tipo*, a sua função como conector possui um sentido mais abstrato em comparação com o seu uso como substantivo. Esse processo de gramaticalização, conforme estabelecido pelos princípios de Hopper (1991), revela claramente a transformação do item, movendo-se de uma categoria lexical para categorias gramaticais e discursivas, como *tipo (substantivo) > tipo (conectivo); tipo (marcador discursivo)*, no entanto, ainda convivendo de modo. No entanto, é importante destacar que o item *tipo* ainda coexiste de forma sincrônica com a sua categoria original, ou seja, a de substantivo. Dito isto, na próxima seção, veremos a análise do item *onde*.

4.4 Análise do item *onde*

Nesta seção, vamos abordar o uso do item *onde* e discutir suas funções lexicais e textuais. Além disso, vamos destacar a proporção de uso do *onde* em categorias mais inovadoras, que são gramaticalizadas. Embora saibamos que originalmente o *onde* possui valor de advérbio de acordo com os compêndios gramaticais, é importante chamar a atenção para os usos desse item nos *podcasts* brasileiros, observa-se uma ampliação de usos do *onde*, que vai além de sua função tradicional. Essa expansão de usos do *onde* nos *podcasts* brasileiros reflete a dinamicidade e a criatividade da língua falada, assim como a influência de diferentes formas de comunicação e expressão.

Nesse sentido, é possível observar a mudança no uso do *onde* através do princípio da gramaticalização. Esse processo ocorre quando um item lexical passa por uma transformação em que perde características que o definem como tal e adquire propriedades que o definem como um item gramatical. Em outras palavras, um item lexical se torna mais gramatical, adquirindo propriedades de clíticos e, eventualmente, obtendo o estatuto de afixo. De acordo com Hopper e Traugott (1997), a trajetória da gramaticalização segue um ciclo que é amplamente aceito pela maioria dos linguistas que estudam esse fenômeno. Esse ciclo apresenta a seguinte trajetória: Item lexical > item gramatical > clítico > afixo.

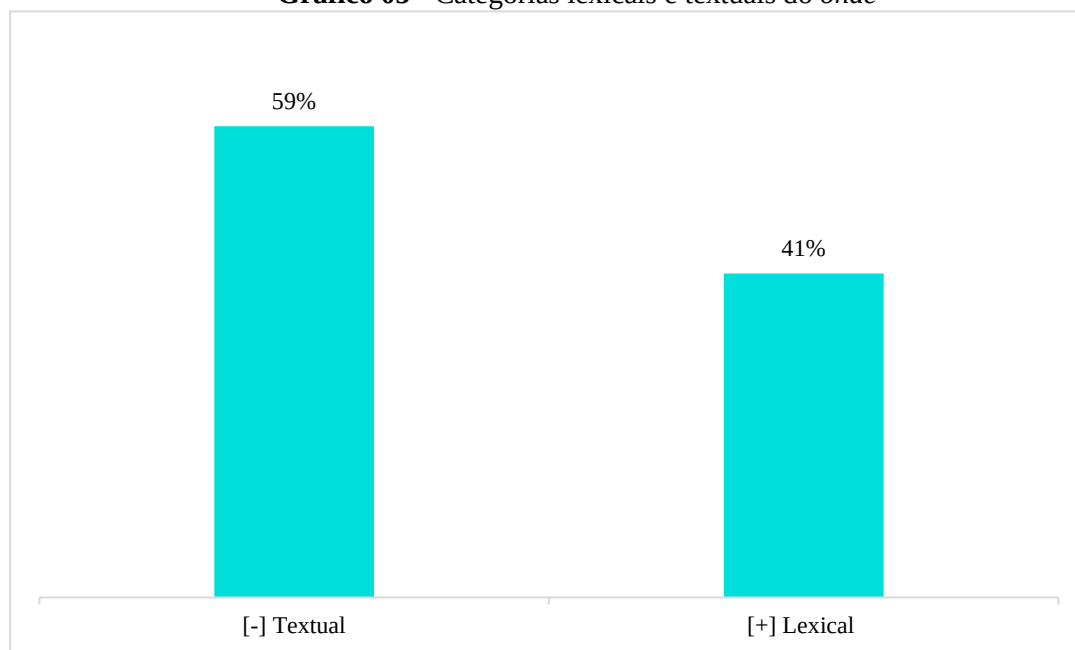
Assim, de acordo com Hopper e Traugott (1997), nesse conceito é importante ressaltar que o fenômeno ocorre de maneira gradativa, passando por etapas distintas: do item lexical ao item gramatical, posteriormente ao clítico e, por fim, ao afixo. Essa ideia de gradatividade implica que o processo de gramaticalização não ocorre de forma abrupta, mas sim em etapas sucessivas. Isso significa que um item lexical em transformação para se tornar um item gramatical pode exibir características de item lexical e também indícios de funcionalidade gramatical. À medida que o processo avança, ele pode adquirir propriedades de um clítico, se

aproximando cada vez mais de uma função gramatical. Por fim, quando atinge o estágio de afixo, o item se torna uma parte inseparável de uma palavra ou morfema, desempenhando uma função estritamente gramatical.

É válido mencionar que as investigações relacionadas a esse item são fundamentadas nas obras de Coelho (2001) e Silva (2008). Como já mencionado nas análises anteriores, nosso objetivo é confirmar ou contestar os resultados desses estudos de acordo com nossos próprios objetivos. É importante destacar que essas pesquisas se complementam mutuamente, oferecendo diferentes perspectivas sobre o assunto. Coelho (2001) realiza uma análise sintático-discursiva da partícula *onde* no português contemporâneo, baseada na abordagem funcionalista. O estudo tem natureza sincrônica, mas também considera ocorrências diacrônicas, com o intuito de demonstrar a polissemia assumida pela partícula em estudo. Por sua vez, Silva (2008) oferece uma análise do item *onde* sob a perspectiva da gramaticalização. O estudo é realizado de forma diacrônica, utilizando dados de textos escritos em português arcaico, moderno e contemporâneo, além de um *corpus* oral do dialeto mineiro.

As abordagens complementares dessas duas perspectivas oferecem uma compreensão abrangente e aprofundada do item *onde*, explorando tanto seus aspectos sintáticos e discursivos quanto sua evolução histórica e gramatical. Como resultado, o *onde* apresenta usos além daqueles tradicionalmente estabelecidos, ou seja, como pronome relativo e advérbio com referência a um lugar físico-territorial. Essa multifuncionalidade do *onde* na língua pode ser deduzida por meio dessas abordagens, indicando que ele desempenha diferentes funções. Com base em pesquisas anteriores, o *onde* pode funcionar como um item lexical, como um advérbio de lugar, evoluindo para assumir uma função gramatical como pronome relativo e, embora de forma pouco produtiva, pode ainda desempenhar uma função ainda mais gramatical como conjunção intersentencial.

Dessa maneira, o gráfico a seguir ilustra a trajetória do *onde*, partindo de sua função como item lexical (+locativo) na forma de um advérbio de lugar, e assumindo um papel (-locativo) à medida que passa a desempenhar o papel de conector, expressando outros sentidos e, conseqüentemente, adquirindo outras funções.

Gráfico 05 - Categorias lexicais e textuais do *onde*

Fonte: Dados da pesquisa

A análise do gráfico das funções do item *onde* mostra que a sua função textual corresponde a 59% (16 ocorrências) dos usos, enquanto a função lexical representa 41% (11 ocorrências) dos usos. Isso indica que o *onde* é frequentemente utilizado para indicar um lugar ou espaço físico-territorial, conforme preceituado tradicionalmente como advérbio de lugar. No entanto, também é observado um número significativo de usos em outras funções, sugerindo que o *onde* desempenha um papel mais amplo e multifuncional na língua. Essa diversidade de funções do *onde* contribui para uma compreensão mais rica e complexa do seu uso na comunicação linguística.

Com base na polissemia do item *onde*, consideramos relevante adotar a classificação proposta por Silva (2008), que divide o seu uso em quatro grupos distintos, levando em conta critérios semânticos e sintáticos. Essa classificação é importante para uma melhor compreensão das diversas nuances e usos do termo. Conforme já explorado em nosso capítulo de fundamentação teórica, apresentamos a seguir um quadro que destaca esses critérios de análise:

Quadro 26 - Grupos de classificação do item *onde*

GRUPO	SEMÂNTICA DO ITEM	SINTAXE DO ITEM
I	Onde indicando ‘espaço fisicoterritorial’, sem referência a um termo anterior (Locativo)	[Advérbio] No lugar em que
	Onde indicando ‘espaço fisicoterritorial, sem retomada de termo anterior (Locativo)	[Advérbio] Em que lugar
II	Onde retomando ‘espaço físico-territorial’ (Locativo)	[Pronome relativo] Em que
	Onde retomando ‘espaço nocional’ (Nocional)	[Pronome relativo] Em que, na qual
	Onde retomando ‘tempo’. (Temporal)	[Pronome relativo] Quando
	Onde estabelecendo uma relação de ‘continente’ e ‘conteúdo’ entre dois termos. (Genitivo)	[Pronome relativo] Cujos
III	Onde com valor consecutivo/ explicativo	[Conectivo] Por isso, de forma que
	Onde com valor consecutivo/ explicativo	[Conectivo] E, e então
	Onde com valor consecutivo/ conclusivo	[Conectivo] De forma que
	Onde com valor explicativo/ consecutivo.	[Conectivo] E dessa forma

Fonte: Silva (2008, p.16).

A partir disso, nossa análise do item em estudo está dividida em dois níveis: o lexical e o textual. No nível lexical, examinamos a natureza semântica do item por meio de seu antecedente, que geralmente expressa lugar (físico ou abstrato), tempo, evento ou instrumento, representando sua função prototípica. No nível textual, investigamos se o item atua como um anafórico ou como um elemento coesivo de outra natureza na sentença. Além disso, em outro momento, discutiremos a trajetória de gramaticalização do item *onde*, evidenciando as rotas de mudança nele implicadas. Assim, as próximas subseções abordarão a análise lexical, e gramatical, além do processo de mudança linguística.

4.4.1 As funções lexicais do *onde*

Esta subseção pretende descrever a distribuição do item *onde* na categoria lexical, analisando sua proporção de uso em relação à sua função prototípica como advérbio. Ao examinar essa distribuição, podemos identificar a predominância do *onde* como advérbio de lugar. Além disso, é importante ressaltar que o uso do item não se limita à sua função

prototípica. Ao explorar os usos do *onde* além de sua função prototípica, podemos observar a capacidade desse item em estabelecer conexões entre diferentes elementos na sentença, contribuindo para a coesão textual. Portanto, a análise da distribuição do *onde* na categoria lexical nos permite compreender tanto sua função predominante como advérbio de lugar, quanto suas possíveis extensões de uso em outros contextos linguísticos.

É importante salientar que, ao analisar os dados provenientes da oralidade dos *podcasts*, notamos que o item *onde*, embora tenha ocorrido com menor frequência na função de [+] locativo, é um dado de grande relevância. Isso porque a diferença de ocorrência não é significativa, indicando que os usuários dos *podcasts* ainda utilizam o *onde* em sua função prototípica.

Essa constatação vai de encontro à pesquisa realizada por Silva (2008), que encontrou uma frequência mais alta do item *onde* na função de [+] locativo. No entanto, em nossa pesquisa, observamos que outras categorias estão ganhando destaque em relação à categoria original, o que sugere que o uso do *onde* está se expandindo para além de sua função prototípica como advérbio de lugar. Essa diversificação pode estar relacionada à adaptabilidade da palavra às necessidades comunicativas e contextuais dos falantes.

Esses resultados apontam para o fato de que o item *onde* está passando por processos de mudança e ampliação de seu uso na língua atual, evidenciando sua flexibilidade e capacidade de se adaptar a diferentes contextos linguísticos. Para ilustrar esses comportamentos de forma mais concreta, selecionamos alguns exemplos do uso do item em sua função lexical, ou seja, em sua função prototípica, retirados do nosso *corpus*:

(101) Para você que nos escuta em outra época, hoje foi o jogo da Alemanha, da Costa Rica, da Espanha, e do Japão... o Caixa Preta é **onde** você distribui seu conteúdo (CAIXA PRETA – EP. 287 – BOMBACHAS CINTILANTES, HERANÇA DA HEBE E JAPÃO, 2022).

(102) Vamos ver **onde** o jogo amanhã? Nós vamos amanhã na beira Ali, na Beira... na Beira tem uma festa depois lá... (CAIXA PRETA – EP. 287 – BOMBACHAS CINTILANTES, HERANÇA DA HEBE E JAPÃO, 2022).

(103) É interessante o filme que ela está sempre procurando uma passagem, então eu acho... o que eu penso sobre esse primeiro ponto que você levantou, eu fico na dúvida, **onde** foi a guerra... (MAMILOS – MAMILOS CULTURA 85: FILME – PASSAGEM – REVISITANDO TRAUMAS, 2022).

(104) Como é que faz com essas perguntas manda **onde**? No WhatsApp? (PODDELAS -PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD, 2022).

Ao analisar as ocorrências fornecidas, podemos identificar exemplos nos quais o item *onde* é classificado como um advérbio, pertencendo, assim, à categoria lexical. Esses exemplos ilustram o uso desse item para referir-se a diferentes tipos ou categorias de objetos, conceitos ou características. Na ocorrência (101), o item *onde* é utilizado para indicar o lugar onde ocorre a distribuição do conteúdo, especificamente no programa chamado *Caixa Preta*. Nesse contexto, *onde* desempenha a função de advérbio de lugar, estabelecendo uma relação espacial entre a distribuição do conteúdo e o programa mencionado. Ele indica o local físico ou figurado onde algo acontece.

Na ocorrência (102) apresentada, o *onde* é utilizado para expressar um questionamento sobre o local em que ocorrerá o jogo no dia seguinte. Nesse contexto, *onde* desempenha a função de advérbio interrogativo de lugar. Ele indica a busca por informações sobre o lugar específico onde algo acontecerá, no caso, o jogo. Assim como em (103), o *onde* é utilizado para questionar ou indagar sobre o local onde ocorreu a guerra. Nesse contexto, *onde* desempenha a função de advérbio de lugar, buscando obter informações sobre o local específico onde a guerra aconteceu. Ele introduz a pergunta sobre o lugar em que algo ocorreu no passado.

Em (104) o *onde* é utilizado para perguntar sobre o meio ou canal pelo qual as perguntas devem ser enviadas. Nesse caso, *onde* desempenha a função de advérbio de lugar, mas também adquire um sentido mais amplo, referindo-se ao meio ou plataforma específica em que as perguntas devem ser enviadas, que é o *WhatsApp*. Ele introduz a pergunta sobre o local ou meio onde algo deve ocorrer, ou ser realizado.

Os exemplos apresentados evidenciam o uso predominante do *onde* como advérbio, principalmente no contexto de lugar. Essa utilização ressalta a importância da análise lexical para compreender as sutilezas e usos específicos do termo dentro do contexto estudado. Além disso, é relevante destacar que o *onde* também pode desempenhar outras funções, como pronome relativo e conjunção intersentencial. Na próxima subseção, iremos aprofundar a análise das funções textuais desempenhadas pelo item, explorando suas características. Isso nos permitirá compreender melhor a flexibilidade desse item na língua e sua capacidade de se adaptar a diferentes contextos comunicativos.

4.4.2 As funções textuais do *onde*

Nesta seção, realizaremos a análise das funções textuais do item *onde* em contextos orais dos *podcasts* brasileiros selecionados. Durante essa análise, observamos que o uso do *onde* assumiu diferentes funções, o que nos levou a contabilizar o número de ocorrências para cada

função. Em seguida, descreveremos essas funções com base em alguns exemplos encontrados em nosso conjunto de dados. As subfunções identificadas corroboram a proposta de classificação de Coelho (2001) e Silva (2008), que categorizaram o *onde* em suas pesquisas como um conector com função explicativa, conclusiva, consecutiva, temporal, causal, além do item, funcionar como pronome relativo. Essas categorias permitem uma compreensão mais abrangente das diferentes formas em que o *onde* é empregado na língua falada em *podcasts* brasileiros.

Durante nossa análise, constatamos que o *onde* desempenha um papel relevante como item textual em suas diversas funções, contribuindo para a construção do contexto intersentencial. Por meio dessa investigação, buscamos compreender de que maneira o *onde* exerce essas funções textuais nos dados analisados, a fim de ampliar nossa compreensão sobre seu papel nesse processo linguístico.

Ao explorar o impacto dessas funções do *onde* na interação comunicativa presente nos *podcasts* brasileiros selecionados, buscamos evidenciar como esse item influencia a organização e a estruturação das informações transmitidas. A análise detalhada dessas funções nos permite entender melhor como o *onde* contribui para a coesão e a coerência do discurso, bem como para a expressão de relações de lugar, tempo, causa, conclusão e outros elementos contextuais relevantes.

Portanto, ao realizar a análise das funções textuais do item *onde*, é essencial considerar sua trajetória de mudança e os diferentes *status* que ele adquire ao longo do tempo. Inicialmente, saindo de sua categoria de [-] gramatical como um item lexical, especificamente um advérbio de lugar, o *onde* evolui para assumir uma função gramatical como pronome relativo. Além disso, embora de forma menos produtiva, ele pode desempenhar uma função [+] gramatical de conjunção intersentencial. A tabela a seguir apresenta as funções identificadas juntamente com a quantidade de ocorrências encontradas em nossos dados, demonstrando a distribuição e a frequência dessas funções textuais do *onde*:

Tabela 08 – Ocorrências do item *onde* nas funções textuais

FUNÇÕES TEXTUAIS	OCORRÊNCIAS
Pronome relativo	5
Consecutivo	3
Causal	2
Temporal	2
Conclusivo	2
Explicativo	2
TOTAL	16

Fonte: Dados da pesquisa.

Essa tabela nos proporciona uma visão quantitativa das diversas funções textuais assumidas pelo *onde* em nossos dados, permitindo identificar padrões e tendências em seu uso. Os números apresentados indicam a frequência com que o *onde* foi encontrado desempenhando cada função textual específica nas análises realizadas. Observa-se que a função de *pronome relativo* é a mais frequente, com 5 ocorrências, seguida pela função *consecutiva*, com 3 ocorrências. As funções de *causa*, *tempo* e *explicação* foram identificadas em 2 ocorrências cada.

Essa análise quantitativa nos proporciona uma compreensão preliminar da distribuição do uso do termo *onde* em diferentes funções. No entanto, é importante ressaltar que a análise qualitativa também é essencial para compreender os contextos específicos em que essas funções são utilizadas e as nuances que podem estar associadas a cada ocorrência. Em resumo, as diferentes funções textuais do *onde* encontradas nos *podcasts* brasileiros analisados indicam sua versatilidade e capacidade de se adaptar a diferentes contextos comunicativos. Ele pode desempenhar papéis diversos na construção do discurso, fornecendo informações de lugar, tempo, sequência, causa, conclusão e explicação.

É relevante destacar que a maior ocorrência do *onde* como pronome relativo pode ser justificada pelo fato de essa ser a segunda função do item na trajetória de mudança. Inicialmente, o *onde* atua como um advérbio [+ locativo], referindo-se a um lugar ou espaço físico. Posteriormente, ele evolui para assumir uma função [+] gramatical de pronome relativo, ainda mantendo traços que remetem à noção de lugar. Essa trajetória de mudança no lembra da classificação das funções de grupos evidenciada por Silva (2008, p. 16):

No grupo I, estão aqueles usos que expressam um lugar físico, sem que haja retomada de algum termo citado anteriormente. No grupo II, estão os usos em que o item se refere a um antecedente que denota um espaço físico ou nocional, um espaço de tempo, um evento ou estabelecendo uma relação genitiva. Nesses casos, o *onde* funciona, sintaticamente, como um pronome relativo. A diferença entre o grupo I e o II é que no primeiro o *onde* traz em si a carga semântica de ‘lugar em que’. No grupo II, essa natureza locativa do item esmaece.

Essa transição das funções do *onde* pode explicar sua frequência mais alta como pronome relativo nos dados analisados. O processo de gramaticalização do *onde* possibilita que ele seja utilizado para estabelecer relações de dependência entre diferentes partes da sentença, substituindo um termo anteriormente mencionado. É interessante notar que, mesmo desempenhando funções textuais e gramaticais, o *onde* ainda preserva certas características relacionadas ao espaço ou lugar, o que pode contribuir para sua frequência como pronome relativo em contextos discursivos em que a referência espacial é relevante.

Essa observação reforça a importância de considerar não apenas a frequência das ocorrências, mas também o contexto e a trajetória de mudança do item, a fim de compreender plenamente as diferentes funções textuais desempenhadas pelo *onde* nos dados analisados. A seguir, realizaremos uma análise detalhada de cada função identificada para o *onde* em nossos dados, acompanhada de exemplos ilustrativos.

a) Pronome relativo

Em nossos dados de análise, a maior ocorrência do item *onde* foi na função de pronome relativo. Nesse sentido, o item, quando utilizado como pronome relativo, desempenha o papel de estabelecer uma relação de lugar ou de tempo entre duas partes da frase. Ele substitui um termo antecedente e pode descrever um local ou momento específico. Para melhor entendimento, vejamos o exemplo:

(105) No sítio eu tava, eu tava construindo o sítio **onde** eu moro, então eu vivia, fazia show, pegava o dinheiro e comprava material... (QUE HISTÓRIA É ESSA, PORCHAT? – BRUNA GONÇALVES, MAURÍCIO MANFRINI E THAISSA CARVALHO, 2022).

Na ocorrência, o *onde* funciona como pronome relativo e é utilizado para estabelecer uma relação de lugar entre a construção do sítio e o local onde o narrador mora. Ele substitui o termo antecedente *sítio* e introduz uma oração subordinada que descreve o lugar específico em que o narrador vive: *No sítio eu tava, eu tava construindo o sítio onde eu moro*. Nesse exemplo,

o pronome relativo *onde* conecta a informação sobre a construção do sítio com a informação sobre o local onde o narrador mora.

O uso do *onde* funcionando como pronome relativo nessa ocorrência contribui para a coesão textual, permitindo que o ouvinte entenda a relação de lugar entre a construção do sítio e a residência do narrador. Além disso, para confirmar ainda mais essa função, de acordo com Coelho (2001) e Silva (2008) quando o *onde* retoma para o espaço físico-territorial, pode ser substituído por *em que*:

(105a) No sítio eu tava, eu tava construindo o sítio **em que** eu moro, então eu vivia, fazia show, pegava o dinheiro e comprava material... (QUE HISTÓRIA É ESSA, PORCHAT? – BRUNA GONÇALVES, MAURÍCIO MANFRINI E THAISSA CARVALHO, 2022).

Essa substituição confirma a função de pronome relativo do *onde* na ocorrência original. No exemplo (105a), a substituição de *onde* por *em que* preserva o significado da sentença, mantendo a relação de lugar entre a construção do sítio e a residência do narrador. Essa análise reforça a ideia de que o *onde* está sendo utilizado como pronome relativo para introduzir uma oração subordinada adjetiva que indica o local onde o narrador mora. Vejamos outro exemplo do *onde* com essa função:

(106) Eu costumo dizer Daniel que o servidor público é um ser que vem de um planeta que ninguém sabe exatamente de **onde** vem e que se prolifera muito aqui... (OS PINGOS NOS IS – 02/12/2022 – LULA QUER MADURO/MOURÃO A TOALHA/ ÍNDIOS CONTRA MORAES, 2022).

Na ocorrência (106), o *onde* é utilizado como pronome relativo para introduzir a oração subordinada adjetiva *que ninguém sabe exatamente de onde vem*. Nesse contexto, o *onde* tem a função de retomar o antecedente *planeta* e indica o lugar de origem do servidor público mencionado. O uso do *onde* como pronome relativo nessa ocorrência é equivalente a *em que* ou *do qual*, que de acordo com Silva (2008) refere-se ao ‘espaço nocional’. Logo, a oração subordinada adjetiva acrescenta informações sobre a origem do servidor público, enfatizando a ideia de que ele vem de um lugar desconhecido.

É importante notar que o uso do *onde* como pronome relativo ocorre em contextos nos quais é necessário indicar uma localização espacial ou temporal precisa. Assim, nesse exemplo, o *onde* atua como um elemento coesivo que conecta a oração subordinada adjetiva à oração principal, enriquecendo o sentido da frase e contribuindo para a compreensão do texto. Na sequência, vejamos a análise do *onde* na função de consecutivo.

b) Consecutivo

O uso do *onde* como consecutivo é menos comum e ocorre quando ele é empregado para indicar uma consequência lógica ou uma relação de causa e efeito entre duas situações. Nesse contexto, o *onde* funciona como uma conjunção adverbial consecutiva, estabelecendo uma relação de continuidade entre a ação ou evento anterior e o resultado subsequente. Para melhor entendimento, vejamos o exemplo:

(107) A Eco Mais que tá numa mega promoção... são as últimas 48 horas **onde** você consegue duas vagas para você e o seu parceiro (OS SÓCIOS PODCAST – O PODER DA LEITURA, 2022).

Na ocorrência fornecida, o *onde* é utilizado como um elemento consecutivo, estabelecendo uma relação temporal entre duas situações. Ele indica que as últimas 48 horas mencionadas são o período em que é possível obter duas vagas para o ouvinte e seu parceiro na promoção da Eco Mais. Nesse contexto, o *onde* funciona como uma conjunção adverbial consecutiva, conectando a duração das últimas 48 horas à consequência de obter as vagas na promoção. Ele expressa a ideia de que a disponibilidade das vagas está diretamente relacionada ao período mencionado. Além disso, podemos trocar o *onde* por uma conjunção típica consecutiva *de modo que* sem que o sentido seja alterado:

(107a) A Eco Mais que tá numa mega promoção... são as últimas 48 horas **de modo que** você consegue duas vagas para você e o seu parceiro (OS SÓCIOS PODCAST – O PODER DA LEITURA, 2022).

Nessa nova versão, substituímos o *onde* por *de modo que*, mantendo a mesma estrutura e significado da frase original. Essa substituição evidencia que o *onde* está sendo utilizado como uma conjunção adverbial consecutiva, expressando a ideia de que as últimas 48 horas são o período em que é possível obter as vagas na promoção.

A partir das duas funções de pronome relativo e consecutivo identificadas, fica evidente a multifuncionalidade do item *onde* na língua. No entanto, além dessas duas funções, é possível observar o desempenho do *onde* em outra função: a função causal.

c) Causal

De acordo com Coelho (2001) e Silva (2008) o *onde* quando funciona como conector causal ocorre quando ele é utilizado para indicar a causa ou motivo de algo. Nesse caso, o *onde*

estabelece uma relação de causa e efeito entre duas partes da frase. Vejamos um exemplo para ilustrar essa função:

(108) Eu não pude comparecer à festa, **onde** estava muito cansado...
(TICARACATICAST – EP 211 – ZÉ LEZIN, 2022).

No contexto da frase fornecida, o *onde* está sendo utilizado como uma conjunção causal. Ele indica a causa ou motivo pelo qual a pessoa não pôde comparecer à festa, que é o cansaço. Nesse caso, o *onde* está introduzindo uma explicação causal para a impossibilidade de comparecer à festa. É interessante observar que, nesse exemplo, o *onde* não se refere a um lugar físico, como geralmente ocorre com seu uso como advérbio de lugar. Em vez disso, está sendo empregado de forma mais abstrata, indicando a situação em que a pessoa se encontrava (cansado) como a causa de sua ausência na festa.

Assim como ocorre com o *onde* consecutivo, aqui também pode ser substituído por outras expressões que expressam causalidade como, *pois*, *porque* ou *devido a*, sem alterar significativamente o sentido da frase:

(108a) Eu não pude comparecer à festa, **pois** estava muito cansado...
(TICARACATICAST – EP 211 – ZÉ LEZIN, 2022).

Nesse caso, a substituição preserva a ideia de causa e mantém o sentido original da frase. A expressão *pois* introduz a justificativa para a impossibilidade de comparecer à festa, assim como o termo *onde* o faz. Essas substituições são comuns na linguagem cotidiana e proporcionam uma maior flexibilidade na expressão de causalidade.

Através dessa análise, podemos perceber a versatilidade do termo *onde* na língua, capaz de desempenhar funções textuais diversas, para tanto, a seguir, vejamos outra função desempenhada pelo item em análise.

d) Temporal

A função do *onde* como temporal refere-se à indicação de um período específico no tempo. Nesse caso, o *onde* é usado para estabelecer uma relação temporal entre eventos ou situações mencionados na frase. Ao desempenhar o papel de *onde* temporal, o termo indica o momento em que algo aconteceu, ocorre ou ocorrerá. Ele pode ser substituído por expressões temporais mais específicas como, *quando*, *no momento em que*, *na ocasião em que*, entre outras. Para melhor visualização da função, segue o exemplo:

(109) A Iveco teve uma ação pontual pra patrocinar só aquele jogo da Libertadores **onde** o Corinthians foi campeão quando saiu da fila e também, ou seja, é o perigo de você patrocinar... (PÂNICO – 02/12/2022 – APÓSTOLO ARNALDO, 2022).

A ocorrência do *onde* nesse contexto é utilizada como um *onde* temporal, indicando o momento específico em que ocorreu um evento. No caso, o evento mencionado é o jogo da Libertadores em que o Corinthians se tornou campeão e saiu de uma sequência de derrotas. O uso do *onde* nesse contexto permite estabelecer a relação temporal entre a ação pontual da empresa Iveco, que patrocinou esse jogo específico da Libertadores, e o momento em que o Corinthians conquistou o título. O termo *onde* indica que o evento em questão ocorreu durante esse jogo da Libertadores. Para reforçar a ideia de temporalidade, podemos fazer uma substituição por *quando* para exemplificar:

(109a) A Iveco teve uma ação pontual pra Patrocinar só aquele jogo da Libertadores quando o Corinthians foi campeão e saiu da fila (PÂNICO – 02/12/2022 – APÓSTOLO ARNALDO, 2022).

Nesse caso, a substituição por *quando* mantém o sentido temporal da frase, indicando o momento específico em que o evento ocorreu. Portanto, o uso do *onde* como temporal permite situar um evento em um momento específico no tempo, fornecendo informações sobre a temporalidade da situação mencionada na frase.

e) Conclusivo

Outra função que encontramos em nossos dados, é o *onde* sendo utilizado como um conclusivo, expressando uma conclusão ou resultado em relação ao que foi mencionado anteriormente. Essa função é observada quando o *onde* é empregado para introduzir uma frase que resume, encerra ou conclui uma ideia, ou argumento, como já analisado por Coelho (2001) e Silva (2008). Assim, segue o exemplo:

(110) Você quer pegar sua moto no conforto e chegar **onde** quiser (CAFÉ BRASIL – 850 – VIDA CAÓTICA, 2022).

No contexto, o *onde* está sendo utilizado como conclusivo, uma vez que expressa a ideia de um destino ou um lugar desconhecido, ou livre de restrições. Ele indica que a pessoa pode chegar a qualquer lugar desejado, sem limitações, no caso do exemplo o item em análise serve para finalizar uma ideia, *chegar onde quiser*. Essa função do *onde* como conclusivo pode ser

substituído por expressões como *a qualquer lugar* ou *onde quer que seja* sem alterar significativamente o sentido da frase, além de poder ser substituído por um típico conector consecutivo:

(110a) Você quer pegar sua moto no conforto e chegar **de modo que** quiser (CAFÉ BRASIL – 850 – VIDA CAÓTICA, 2022).

Nesse caso, a substituição do *onde* por *de modo que* mantém o sentido de consequência ou resultado da ação. A conjunção *de modo que* reforça a ideia de que a pessoa pode chegar ao lugar desejado da maneira que preferir, proporcionando flexibilidade e liberdade de escolha na condução da moto.

f) Explicativo

Por fim, nossa última função encontrada do item *onde* em nossos dados, diz respeito dele funcionando como explicativo. De acordo com Coelho (2001) e Silva (2008) o uso do *onde* nesta função ocorre quando ele introduz uma explicação ou esclarecimento sobre um fato mencionado anteriormente. Ele fornece informações adicionais para ajudar na compreensão do contexto. Geralmente, é utilizado para esclarecer a relação espacial ou temporal entre dois elementos mencionados. Vejamos o exemplo:

(111) Ele ficou no lugar, **onde** sofreu, ela foi o mais distante possível do lugar que ela sofreu... (MAMILOS – MAMILOS CULTURA 85: FILME – PASSAGEM – REVISITANDO TRAUMAS, 2022).

A ocorrência do *onde* como explicativo no exemplo dado é usado para fornecer uma explicação ou esclarecimento sobre o local onde alguém sofreu. Ele está sendo utilizado para esclarecer a relação espacial entre o lugar mencionado anteriormente e o sofrimento mencionado. Nesse caso, o *onde* funciona introduzindo uma informação adicional sobre o lugar onde ocorreu o sofrimento. Ele auxilia na compreensão do contexto e na especificação do local em questão. Neste exemplo, podemos substituir o *onde* por uma conjunção explicativa como, *pois* ou *porque*, sem alterar significativamente o sentido da frase:

(111a) Ele ficou no lugar, **pois** sofreu, ela foi o mais distante possível do lugar que ela sofreu... (MAMILOS – MAMILOS CULTURA 85: FILME – PASSAGEM – REVISITANDO TRAUMAS, 2022).

Ao substituir *onde* por *pois*, temos uma conjunção explicativa que indica uma relação de justificativa entre o fato de ele ter ficado no lugar e o fato de ter sofrido. Essa conjunção reforça a explicação do motivo pelo qual ele permaneceu no local.

Em conclusão, a análise das funções textuais do *onde* nos *podcasts* brasileiros revelou sua multifuncionalidade na língua. De acordo com nossos dados, o *onde* foi identificado desempenhando as seguintes funções: pronome relativo, consecutivo, causal, temporal, conclusivo e explicativo. Essa diversidade de funções do *onde* nos mostra sua capacidade de adaptar-se a diferentes contextos e desempenhar papéis distintos na construção do discurso. Essa versatilidade é evidenciada pelas pesquisas de Coelho (2001) e Silva (2008), que também classificaram o *onde* em suas investigações como um item que pode funcionar como conector intersentencial.

Além disso, observamos que o *onde* está passando por uma trajetória de mudança. Originalmente, era utilizado como um simples item lexical, desempenhando o papel de advérbio de lugar. No entanto, ao longo do tempo, adquiriu novas características, assumindo funções mais complexas e se tornando um elemento crucial na estruturação do discurso. Portanto, o estudo das funções textuais do *onde* nos *podcasts* brasileiros não apenas confirma as pesquisas de Coelho (2001) e Silva (2008), mas também nos mostra a relevância desse item na língua e sua progressiva transformação de um simples advérbio de lugar para um elemento com maior carga gramatical.

Essa evolução do *onde* como um item textual demonstra a dinamicidade da língua e sua capacidade de se adaptar às necessidades comunicativas dos falantes. Ao compreender as diferentes funções do *onde*, ampliamos nossa compreensão sobre seu papel no processo de comunicação e enriquecemos nossa análise linguística. Diante disso, é essencial analisarmos, a partir do princípio funcional da gramaticalização, as mudanças pelas quais esse item tem passado ao longo do tempo. Nessa perspectiva, na próxima subseção, abordaremos a gramaticalização do item *onde*.

4.4.3 A gramaticalização do *onde*

Conforme discutido na seção anterior, podemos observar que o *onde* assumiu diferentes funções textuais, o que sugere um processo de gramaticalização em curso. Ao contrário das pesquisas de Coelho (2001) e Silva (2008), faremos uma análise das seis funções encontradas em nosso *corpus*, utilizando como base os princípios estabelecidos por Hopper (1991) e as discussões conduzidas por linguistas funcionalistas mencionados anteriormente em nosso

estudo. Essa abordagem nos permitirá examinar mais profundamente a evolução e as características do uso do *onde* nas diferentes estruturas gramaticais encontradas.

Como vimos em nossa fundamentação, de acordo com Hopper (1991), a mudança linguística está relacionada a uma graduação de abstração, influenciada pelas relações sincrônicas e diacrônicas, bem como pelos processos pragmático-discursivos. Segundo o autor, a produção da fala é moldada pelos objetivos comunicativos do falante, buscando expressar ideias inovadoras para representar conceitos concretos e familiares, a fim de facilitar a compreensão do ouvinte. Podemos ampliar essa perspectiva com as contribuições de Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), que destacam a trajetória unidirecional de mudança comum nas línguas. Essa trajetória leva os elementos gramaticais que originalmente pertenciam a uma categoria a passarem a pertencer a novas categorias, independentemente de terem passado ou não por estágios intermediários de valor temporal.

Ao analisar o uso do *onde* nas diversas funções encontradas em nosso estudo, é possível observar essa trajetória de mudança em ação. O *onde*, inicialmente um item lexical com função adverbial de lugar, está adquirindo gradualmente novas características mais amplas, como a função de pronome relativo, consecutivo, causal, temporal e conclusivo, como visto anteriormente. Essa evolução do *onde* é um exemplo claro da dinamicidade e adaptabilidade da língua, conforme sugerido pelos princípios de Hopper (1991) e pela discussão de Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991). Com o objetivo de analisar as categorias resultantes nos usos inovadores do item *onde*, vejamos um exemplo:

(112) Tem alguns lugares de prática de esporte público aqui em São Paulo, inclusive, **onde** eu e o Felipe jogamos bola aos sábados que estão com uma espécie de mostrar ali... (EMPIRICUS PURO MALTE - #119 – POLIGAMIA, MEDO DE ENVELHECER E TEMPO, TEMPO, TEMPO, 2022)

Na ocorrência, o *onde* é utilizado para indicar um lugar específico, onde o falante e Felipe jogam bola aos sábados. Nesse contexto, o *onde* mantém seu valor original como um advérbio de lugar, referindo-se ao local em que a atividade esportiva ocorre. Ele descreve o local físico em que uma ação ou evento acontece, fornecendo informações adicionais sobre o contexto da situação. Diferente do que ocorre na seguinte ocorrência:

(113) Semana com uma turma linda ou nem:.....: nem tão linda assim, Pretinho Básico está no ar para... escolha o Sicredi **onde** o dinheiro rende um mundo melhor vá em sicredi.com.br (PRETINHO BÁSICO – 02/12/2022 18H
★ NETO FAGUNDES ★ GIO LISBOA, 2022).

No exemplo, diferente do anterior, o *onde* aqui já ganha uma carga gramatical, uma vez que ele deixou de ser um item lexical, isto é, um advérbio de lugar, e passou a ser utilizado como pronome relativo, introduzindo uma oração subordinada adverbial de lugar. Ele retoma a ideia de lugar mencionada anteriormente na oração principal. Nesse caso, *onde* faz referência ao lugar em que o Sicredi está localizado e onde o dinheiro rende de forma vantajosa. Podemos ver outra ocorrência do *onde* funcionando de maneira ainda mais gramatical:

(114) Eu peguei várias minas, **onde**, eu peguei várias minas quando estava na praia, cara. (Pretinho Básico – Pretinho Básico 02/12/2022 18h ★ Neto Fagundes ★ Gio Lisboa, 2022).

Nesse contexto, o *onde* não está sendo utilizado em seu sentido original de indicar um lugar físico, mas sim como um elemento que marca uma pausa explicativa no exemplo. Ele serve para reforçar ou esclarecer a informação anteriormente mencionada, ou seja, a conquista de várias minas. Essa gramaticalização do *onde* como expressão explicativa é um fenômeno linguístico comum, em que um termo originalmente relacionado a uma noção espacial adquire novos usos e funções ao longo do tempo. No caso específico dessa ocorrência, o *onde* passa a funcionar como uma espécie de marcador discursivo, introduzindo uma explicação ou uma ampliação da informação.

Esse processo de gramaticalização evidencia a flexibilidade e adaptabilidade da língua, em que palavras e expressões podem assumir novas funções e significados ao longo do tempo, de acordo com as necessidades comunicativas dos falantes. No caso do *onde* como explicativo, ele se torna um recurso linguístico para enfatizar ou elucidar o conteúdo da sentença, indo além de sua função original como advérbio de lugar.

A partir desse exemplo, podemos observar claramente a trajetória de mudança que o item *onde* tem passado, transformando-se de uma categoria lexical plena e autônoma para uma categoria gramatical mais dependente dos outros elementos da sentença. O *onde*, que originalmente estava associado à noção de lugar, passou a desempenhar, no exemplo em questão, função de explicação. A função do termo *onde* como conector explicativo torna-se ainda mais evidente quando o substituímos por uma conjunção tradicionalmente reconhecida como explicativa. Nesse caso específico, podemos substituir *onde* pelo item conjuncional *ou seja*, resultando na seguinte estrutura da sentença:

(114a) Eu peguei várias minas, **ou seja**, eu peguei várias minas quando estava na praia, cara. (Pretinho Básico – Pretinho Básico 02/12/2022 18h ★ Neto Fagundes ★ Gio Lisboa, 2022).

Essa substituição mostra que o *onde* adquiriu uma função explicativa semelhante a outros conectores explicativos, como *ou seja*. Essa flexibilidade do *onde* em desempenhar uma função explicativa é resultado do processo de gramaticalização. Portanto, a substituição do *onde* por um conector explicativo reforça a carga semântica de explicação adquirida pelo termo e demonstra como ele se aproxima de outros elementos linguísticos com essa função.

Essas observações estão relacionadas ao princípio da *estratificação*, conforme proposto por Hopper (1991). Esse princípio destaca que formas variantes, que desempenham funções equivalentes, coexistem dentro da mesma sincronia linguística. Os usos mais recentes não substituem imediatamente os usos mais antigos. Isso cria um processo de variação no qual existem três possibilidades: (i) pode ocorrer uma variação estável entre as formas; (ii) pode ser identificada uma mudança em favor da forma gramatical mais inovadora; (iii) pode ser identificada uma mudança em favor das formas gramaticais mais antigas, impedindo assim que a variante inovadora prossiga seu caminho de gramaticalização. Isso ocorre porque não há garantia na língua de que as formas mais antigas serão substituídas pelas formas mais recentes.

No exemplo dado, a substituição do item *onde* pelo conector *ou seja* reforça a trajetória de mudança do item, indicando uma evolução gramatical em curso. Essa substituição demonstra que o uso de *onde* como explicativo está passando por uma transformação, aproximando-se de uma função mais típica de conector explicativo. Essa mudança é evidenciada pelo fato de que o sentido original da frase não é alterado significativamente pela substituição, o que reforça o princípio de estratificação elencado por Hopper (1991).

A análise dos exemplos apresentados até o momento evidencia o processo de gramaticalização do item *onde*. Inicialmente utilizado como um advérbio de lugar, o item passou a desempenhar a função de pronome relativo e, posteriormente, adquiriu o papel de conector. Essa trajetória de mudança exemplifica o segundo princípio proposto por Hopper (1991), conhecido como princípio da *divergência*.

O princípio da divergência sugere que as formas gramaticais evoluem a partir de variantes que se afastam de suas origens semânticas ou estruturais. Nesse sentido, o *onde* originalmente relacionado a noções espaciais passa a desempenhar funções gramaticais distintas, mostrando um desvio de sua função original. Esse processo de divergência reflete a

dinâmica da gramaticalização, na qual os itens linguísticos adquirem novas funções e se tornam cada vez mais gramaticais ao longo do tempo.

Ainda podemos relacionar o processo observado com o princípio de *descategorização* proposto por Hopper (1991), que nos ajuda a compreender a transformação do item *onde*. Inicialmente, o *onde* tinha uma categorização clara como advérbio de lugar, indicando um local físico específico. No entanto, ao longo do tempo, esse item passou por um processo de descategorização, perdendo sua função original e adquirindo uma natureza mais abstrata e gramaticalmente flexível. Para melhor visualização desse princípio segue o exemplo:

(115) Passar por situações **onde** será necessário realizar mais esse exercício compassivo... (Astrológicas – Previsões 2025, 2022).

No exemplo fornecido, podemos analisar a ocorrência do *onde* na função de consecutivo. Seguindo o princípio da descategorização de Hopper (1991), podemos observar que o *onde* passou por um processo de gramaticalização, perdendo sua categorização original como advérbio de lugar e adquirindo uma função mais abstrata e gramaticalmente ampla. Nesse contexto, o *onde* indica uma situação em que será necessário realizar mais um exercício compassivo. O item *onde* não se refere a um local físico específico, mas sim a um conjunto de circunstâncias ou condições que levam à necessidade de realizar o exercício.

Portanto, o *onde* atua como um conector consecutivo, estabelecendo uma relação de consequência entre a situação mencionada e a necessidade de realizar o exercício. Essa mudança de função do *onde* exemplifica o princípio da descategorização, em que um item lexical específico perde sua categorização original e adquire um significado mais gramatical e abstrato, ampliando suas possibilidades de uso.

Outro princípio proposto por Hopper (1991) que se relaciona com os nossos dados analisados é o princípio da *persistência*. Esse princípio sugere que formas gramaticais antigas têm uma tendência a persistir mesmo quando novas formas surgem. No contexto específico do uso do *onde*, observamos que essa forma persiste e adquire novas funções gramaticais ao longo do tempo. Essa persistência do *onde* evidencia como formas gramaticais estabelecidas podem resistir às mudanças linguísticas, adaptando-se e adquirindo novos usos. Mesmo com o surgimento de novas formas e estruturas, o *onde* continua a ser utilizado, expandindo seu papel na língua e atendendo às necessidades comunicativas dos falantes. Com isso, vemos a ocorrência do princípio de *persistência* que passa o item *onde*, no processo de gramaticalização:

(116) Natália, fala para mim, **onde** eu consigo um fundo para investir R\$ 10 reais, por favo... (POUPECAST – FUNDOS IMOBILIÁRIOS, 2022).

No exemplo citado, o item *onde* é utilizado consecutivo, indicando a continuação lógica da fala. O *onde* nesse contexto está sendo utilizado para expressar uma relação de consequência ou resultado, indicando que a fala de Natália resultará na obtenção de informações sobre um fundo de investimento. Nesse caso, o *onde* funciona como uma conjunção consecutiva, conectando a ação de *falar* com o resultado esperado de conseguir informações sobre o fundo.

Essa persistência do *onde* como um marcador consecutivo demonstra a capacidade da língua em manter formas antigas em uso, mesmo que novas formas estejam disponíveis. Essa característica é uma das características do processo de mudança linguística e mostra como a gramática evolui ao longo do tempo, incorporando novos usos às formas existentes.

Por fim, vale mencionar o princípio da *especialização* proposto por Hopper (1991), que está relacionado à frequência de uso das formas linguísticas. Segundo esse princípio, as formas mais frequentemente utilizadas tendem a se especializar em funções gramaticais específicas. No entanto, ao analisarmos nossos dados, não encontramos evidências desse processo em relação ao uso do *onde*. Embora tenhamos observado diferentes funções desempenhadas pelo item em nossos dados, não identificamos uma especialização clara em nenhuma delas.

Isso pode indicar que o *onde* continua em um estágio de transição, em que sua gramaticalização não está completamente consolidada em uma função específica. É possível que a frequência de uso e o contexto de uso desempenhem um papel importante na determinação da especialização futura do *onde*.

A partir da análise em relação aos princípios de gramaticalização por Hopper (1991), chamamos atenção que essa mudança mostra a flexibilidade e adaptabilidade da língua, na qual itens lexicais podem se tornar mais gramaticais, perdendo parte de sua autonomia e se integrando de forma mais estreita às estruturas sintáticas e discursivas. É um processo de evolução linguística que ocorre ao longo do tempo, moldado pelas necessidades comunicativas dos falantes e pelas dinâmicas do próprio sistema linguístico.

Assim, apesar da concepção estabelecida pela gramática tradicional que fixa o *onde* como advérbio de lugar ou pronome relativo, ambos com um sentido fundamental de lugar, nossos dados revelaram outros usos desse item, com significados diferentes do seu sentido original. Além disso, nossa análise traçou de forma resumida a trajetória do *onde*: inicialmente um item lexical locativo (advérbio) que progrediu para se tornar um elemento gramatical

(pronome relativo), e se tornou mais gramatical ainda, assumindo o papel de conector, o que ampliou seus sentidos e permitiu sua aplicação em diferentes noções gramaticais.

Lexical (advérbio de lugar) > **Gramatical** (pronome relativo) [+ concreto] > **Mais gramatical** (conector) [-abstrato]

Dessa maneira, os resultados obtidos com a análise do *onde* demonstram claramente que esse item passou por um processo de mudança, percorrendo uma trajetória que o levou de um termo predominantemente lexical para um termo cada vez mais gramatical. Essas mudanças ocorreram em resposta ao uso pelos falantes, principalmente em contextos de oralidade presentes em nossos dados. Com base nessa análise, podemos concluir que o *onde* está em um processo de gramaticalização, adquirindo novas funções e sentidos ao longo do tempo, em consonância com as necessidades comunicativas dos falantes.

Por fim, com a conclusão das nossas análises, avançaremos para o capítulo final deste estudo, que abordará as considerações finais. Nesse capítulo, serão apresentadas as reflexões e observações sobre os resultados obtidos até aqui, assim como as implicações e possíveis direções para pesquisas futuras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo final, é essencial realizar uma avaliação conclusiva de nossa pesquisa, assim faremos uma breve síntese das descobertas e conclusões obtidas por meio da análise de dados, além de verificar se alcançamos os objetivos estabelecidos ao longo do estudo. Durante nossa investigação, mergulhamos fundo em nosso *corpus* e descobrimos uma variedade surpreendente de tópicos, estilos e abordagens que os tornam um gênero discursivo e digital. Exploramos como a língua é utilizada nesse contexto, desde a narrativa envolvente até as estratégias persuasivas e retóricas empregadas pelos produtores de *podcasts*.

Ao analisar os dados coletados, identificamos que os *podcasts* são uma poderosa ferramenta de comunicação e aprendizado, capaz de cativar os ouvintes e transmitir informações de forma acessível e envolvente. Além disso, constatamos que os objetivos estabelecidos inicialmente foram alcançados com sucesso, tendo em vista que investigamos as diferentes formas de uso da língua nos *podcasts* do português brasileiro.

Nesse sentido, vale a pena relembrar os nossos objetivos da pesquisa, sendo o geral de descrever o comportamento dos itens linguísticos *onde*, *então* e *tipo* em contexto de oralidade do português brasileiro e se os itens em estudo sofreram mudanças em suas funções ao longo do tempo, ou se mantiveram as características já descritas na literatura. Já de maneira específica, atestar a frequência dos usos dos itens *onde*, *então* e *tipo* em dados de oralidade coletados de *podcasts* do português brasileiro (pt-BR), através da quantificação desses itens; identificar as motivações morfossintáticas, discursivas e semântico-pragmáticas que influenciam o uso das formas *onde*, *então* e *tipo* dentro do *podcast*; comparar os usos dos itens *onde*, *então* e *tipo* por meio de pesquisas já realizadas; identificar e analisar as multifunções dos itens *onde*, *então* e *tipo*, a partir do fenômeno de gramaticalização, em contextos orais de uso.

Durante a pesquisa, constatamos que os itens *onde*, *então* e *tipo* passam por um processo de transformação, de mudança de categoria, quando utilizados na fala. Além disso, investigamos a frequência de uso dos itens *onde*, *então* e *tipo* em contextos de oralidade, por meio de uma quantificação desses elementos. Adicionalmente, analisamos que os itens *onde*, *então* e *tipo* estão sendo utilizados com funções inovadoras pelos falantes do português brasileiro, sendo multifuncional por exercerem tanto funções discursivas quanto funções textuais.

A análise da amostra de dados revela que o contexto de uso é de fato o fator discursivo-pragmático que motiva os fenômenos de variação e mudança observados nos itens em estudo. Esse contexto abrange diversas instâncias, como as estruturais, cognitivas e sócio-históricas,

envolvendo fatores extralinguísticos. A frequência de uso de um item e sua rotinização desempenham um papel determinante nas escolhas dos falantes ou na emergência de polissemias. Dessa forma, tais fatores contribuem para o processo de gramaticalização do item, ampliando suas funções além da original.

À vista disso, ao analisar os *podcasts*, identificamos os itens mais frequentes. O item *então* se apresentou como o mais frequente de uso e sendo amplamente representativo nos *podcasts* analisados. Em seguida, temos os itens *tipo* e *onde*.

Realizamos a análise de cada item, levando em consideração pesquisas funcionais já existentes. Para o estudo do item *onde*, referenciamos as obras de Coelho (2021) e Silva (2008). Em relação ao item *então*, utilizamos as pesquisas de Tavares (2003), Rodrigues (2009) e Cavalcante (2018). Para o item *tipo*, recorremos aos estudos de Laurentino (2016) e Santos (2017).

Em relação ao item *então*, observamos que está passando por um processo de desbotamento semântico, perdendo características prototípicas espaciais e adquirindo traços gramaticais mais direcionados para a articulação textual e a argumentação. Nossos dados indicam que ele é mais utilizado dentro de estruturas textuais do que discursivas, desempenhando um papel relevante na organização textual e na argumentação. Quanto às funções discursivas do item, identificamos que ele desempenha diversas funções. A mais frequente é a de *introdutor de turno*, seguida por funções de *finalizador*, *organizador de turno* e *perspectivador*. Por outro lado, no contexto textual, encontramos a função de *sequenciadora retroativo-propulsora* a mais comum, seguida pelas funções *conclusiva*, *resumitiva*, *retomadora*, *aditiva* e *adversativa*. Essas subfunções corroboram a proposta de classificação de Tavares (2003), Rodrigues (2009) e Cavalcante (2018).

No que diz respeito à gramaticalização, os dados indicam que o item *então* está sendo utilizado em contextos funcionais diferentes de sua condição prototípica original como referenciador de espaço e tempo e como conector conclusivo. Ele está invadindo contextos que denotam ideias alternativas, adversativas e de adição. Observamos que o item encontra-se em um estágio intermediário de gramaticalização, não completando totalmente o ciclo de descategorização. O desbotamento semântico, o enfraquecimento e a neutralização parcial de seu significado são evidentes. Há uma perda parcial de transparência semântica, mas a função-alvo não anula completamente a emergência de outras funções distintas do item.

No tocante ao item *tipo*, nossa análise se concentrou em destacar três categorias específicas: a categoria lexical, a categoria discursiva e a categoria textual. Ao examinar, constatamos que o item ocorreu com maior frequência na categoria textual, seguida pela

categoria discursiva e, por último, a categoria lexical. Isso sugere que *tipo* é menos frequentemente utilizado como uma palavra em si, com um significado substantivo.

Quanto à categoria discursiva, identificamos nove funções distintas: a mais frequente é a de *marcador de sequenciação*, seguida pela função de *marcador de reelaboração*, *introdutor fático*, *marcador de elaboração*, *marcador de imprecisão informacional*, *introdução de diálogo interno* e *delimitação aproximativa*. A função de *marcador de ênfase* foi a menos frequente. Ao comparar nossas análises com os dados de Laurentino (2016) e Santos (2017), observamos divergências e semelhanças, considerando a diversidade dos dados analisados. Ao analisar as funções textuais do item foi essencial considerar o seu *status* de mudança, saindo de sua categoria [-] gramatical original, substantivo, e passando a desempenhar funções [+] gramaticais. A função de *exemplificação* é a mais comum, seguida pela função de *comparação*, *explicação* e *conclusão*. A função de *adição* é a menos frequente.

As ocorrências encontradas confirmam que o item *tipo* passou por um processo de gramaticalização, onde sua função como conector adquiriu um sentido mais abstrato em comparação com seu uso original como substantivo. Esse processo revelou a transformação do item, movendo-se de uma categoria lexical para categorias gramaticais e discursivas, como *tipo* (substantivo) > *tipo* (conectivo) > *tipo* (marcador discursivo). No entanto, é importante ressaltar que o item *tipo* ainda coexiste sincronicamente com sua categoria original, ou seja, como substantivo.

Em relação ao item *onde* analisarmos quanto às suas funções textuais e lexicais, e a função textual foi a mais frequente, indicando que o *onde* desempenha um papel mais amplo e multifuncional na língua. Essa constatação foi de encontro à pesquisa realizada por Silva (2008), que encontrou uma frequência mais alta do item na função lexical. Com isso, identificamos as diferentes funções textuais desempenhadas pelo *onde* em nossos dados, sendo a de *pronome relativo* à função mais comum, seguido das funções *consecutiva*, *causal*, *temporal* e *explicativa*. A partir disso, reafirmamos que o estudo das funções textuais do *onde* nos podcasts brasileiros não apenas confirma as pesquisas de Coelho (2001) e Silva (2008), mas também evidencia a importância desse item na língua e sua progressiva transformação de advérbio de lugar para um elemento com maior peso de coesão entre as orações.

Ao considerarmos os princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991), ressaltamos que essa mudança observada no *onde* demonstra a flexibilidade e adaptabilidade da língua. Nesse processo, identificamos que o item tornou-se [+] gramatical, perdendo parte de sua autonomia e se integrando de maneira mais estreita às estruturas sintáticas e discursivas. Assim, nossa análise traçou resumidamente a trajetória do *onde*: inicialmente, um item lexical

locativo (advérbio) que evoluiu para se tornar um elemento gramatical (pronomes relativos), e posteriormente assumiu um papel de conector, ampliando seus sentidos e permitindo sua aplicação em diferentes noções gramaticais.

Ao final da pesquisa, confirmamos a hipótese que motivou este estudo: as tecnologias digitais podem facilitar a construção do conhecimento e, portanto, a oralidade presente nos *podcasts*, associada à mudança linguística, pode contribuir para o processo de atualização da gramática do português brasileiro (pt-BR). Além disso, os falantes da língua podem ser motivados por necessidades comunicativas e contextuais específicas que os levam a recategorizar os itens linguísticos, atribuindo-lhes novas funções dentro do contexto discursivo. E os itens *onde*, *então* e *tipo* estão sendo utilizados com funções inovadoras pelos falantes do português brasileiro, sendo multifuncional por exercerem tanto funções [+ lexicais] como funções [+ gramaticais].

Cabe ressaltar que os trabalhos selecionados representam apenas uma parcela significativa das pesquisas existentes sobre *podcast* e os elementos linguísticos em análise. Ao revisar esses estudos, buscamos obter uma visão abrangente das abordagens e contribuições acadêmicas relacionadas ao tema, fornecendo uma base sólida para nossa própria pesquisa. Além disso, considerando que nosso foco é o *podcast*, é importante enfatizar que embora a oralidade seja uma característica proeminente dos *podcasts*, a escrita também desempenha um papel crucial, especialmente na elaboração de pautas e roteiros de cada episódio durante o planejamento. Isso evidencia uma inversão do processo usual, onde a escrita é utilizada como ponto de partida para a produção oral.

Em suma, mediante uma análise cuidadosa, obtivemos valiosas conclusões e cumprimos nossos objetivos. No entanto, essa jornada é contínua, e convidamos futuros pesquisadores a explorar ainda mais os usos da linguagem nos *podcasts*, desvendando os mistérios e possibilidades que esse fascinante meio de comunicação oferece.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como elaborar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 5 Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ARAÚJO, Rafael; FEDICZKO, Igor. Impactos do mp3 na música: reprodutibilidade, compartilhamento e regressão. **Revista autora**, n. 12, p. 163-175, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/7418/5401>>. Acesso 04 nov. 2023.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lauch e Iara Frateschi Vieira. 6.ed. São Paulo: Editora Huritec, 1992[1929].

BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1952-53].

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola. 2008.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAVALCANTE, Daiane Aparecida. **Diga-me com quem tu andas, então direi quem tu és: o processo de gramaticalização do então**. Dissertação (Mestrado em linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

CARVALHO, Ana Amélia Amorim; AGUIAR, Cristina; MACIEL, Romana. A Taxonomy of Podcasts and its Application to Higher Education. **ALT-C**, p. 132-140, 2009. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10040/1/Carvalho%20et%20al%20-ALT-C%202009.pdf> Acesso em: 26 nov. 2021.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A gramaticalização. **Cadernos de estudos linguísticos e literários**. n. 19, p. 25-63, 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/issue/view/1125> Acesso em 27 abr. 2022.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, Edson Rosa (org.). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012. P. 17-42.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2021.

COELHO, Sueli Maria. **Uma análise funcional do onde no português contemporâneo**: da sintaxe ao discurso. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Minas Gerais, 2001.

COSERIU, Eugenio. **Teoria del language y lingüística general**. Madrid: Gredos, 1967.

COSTA, José da Luz da. A categorização do gênero gramatical: uma leitura crítica para o ensino de português. FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, Maria Alice. **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal, RN : EDUFRRN, 2016. p. 149-164.

ESTEBAN, Maria Teresa; AFONSO, Almerindo. **Olhares e interfaces**: reflexões críticas sobre a avaliação. São Paulo: Cortez, 2010.

FÁVERO, Leonor.; ANDRADE, Maria Lúcia C. V.; AQUINO, Zilda. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angelica; OLIVEIRA, Mariangela Rios; VOTRE, Sebastião. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. **D.E.L.T.A.** São Paulo, v. 15, n. 1, p. 85-111, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/nrVsH3sHTcMqLy5z6gjVkVR/?lang=pt> Acesso em 02 mai. 2022.

FURADO DA CUNHA, Maria Angelica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angelica (orgs.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013. p. 39.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angelica; COSTA, Marcos Antonio; CEZÁRIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. FURTADO DA CUNHA, Maria Angelica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de (orgs.). **Linguística funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola editorial, 2015. p. 21-47.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angelica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 157-176.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Conceito educativo de podcast: um olhar para além do foco técnico. **Educação, Formação & Tecnologias**, v. 6, n. 1, p. 35-51, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5021361> Acesso em: 29 nov. 2021.

GIVÓN, Talmy. Serial verbs and mental reality of “event”: grammatical vs. cognitive packaging. In: TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 81-128.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; CARVALHO, Cristina dos Santos. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicações. São Paulo: Parábola editorial, 2007. p.67-90.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; CARVALHO, Cristina dos Santos. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicações**. São Paulo: Parábola editorial, 2007. p. 15-66.

HEINE, Bernd. CLAUDI, Ulrike. HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: A conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul J. Emergent grammar. In: **BLS**. V. 13, p. 139-157, 1987. Doi: <https://doi.org/10.3765/bls.v13i0.1834>.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17- 36.

HOPPER, Paul J; TRAUGOTT, Elisabeth. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

JESUS, Wagner Brito de. **Podcast e educação: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Biociências) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2014.

KHOSROW-POUR, M. **Dictionary of information science and technology**. Londres: Idea Group Reference, 2007.

LAURENTINO, Josele Julião. **Funções morfossintáticas do tipo na fala de jovens natalenses**. Dissertação (Mestrado em Estudos da linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

LEHMANN, Christian. **Thoughts on grammaticalization**. Munique: Lincom Europa, (1995[1982]).

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna**. São Paulo: Parábola, 2004.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. O *Podcast* no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 13, Caxias do Sul, 2010, **Anais...** Caxias do Sul: Intercom, 2010, p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-0302-1.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2021.

LUIZ, Lucio. **Reflexões sobre o podcast**. Marsupial Editora: Nova Iguaçu, RJ, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. In: **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro/UFRJ, 1996. p. 24-40.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Unidirecionalidade na gramaticalização. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli. **Estudos de processo de gramaticalização em português**: metodologias e aplicações. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010. p. 139-171.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; KENEDY, Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Linguística funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola editorial, 2015. p. 11-20.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. A mudança linguística. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Linguística funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola editorial, 2015. p. 49-61.

MATOS, Denilson Pereira de. **FVNexA**: Ferramentas Virtuais Não exclusivas à Aprendizagem em tempos de covid-19. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

MATOS, Denilson Pereira de. **FVNexA**: agentes, contextos e ItemNet. Curitiba: CRV, 2022.

MEDEIROS, Marcello Santos de. Podcasting: Um Antípoda Radiofônico. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29., 2006, Brasília. **Anais...** Brasília: Intercom, 2006. p. 1-11. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/109425410741320594702700363707183744831.pdf> Acesso em: 26 nov. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma visão geral da gramática funcional. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo. v. 38, p. 109-127, 1994. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3959>. Acesso em: 26 abr. 2022.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, Paula Cristina Janay Alves de. **Tretas e textões em áudio**: Historicidades, tecnicidades e sensibilidades de podcasts brasileiros. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

RODRIGUES, Fernanda Costa Demier. **Padrões de uso e gramaticalização de agora e então**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

SANTOS, Aymmé Silveira. **A gramaticalização dos itens *tipo e feito* em função de conector comparativo**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SANTOS, Ricardo Yamashita. Wittgenstein e a teoria dos protótipos sob a ótica da linguística sociocognitiva. **Revista Linguagem**, DL/UFSCAR. 14.ed. v.3, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 34.ed. São Paulo, Cultrix, 2012.

SILVA, Camilo Rosa. **Mas tem um porém...**: mapeamento da oposição e seus conectores em editoriais jornalísticos. 2005. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2005.

SILVA, Fernanda Cunha Pinheiro da. **O percurso de mudança do item onde na perspectiva da gramaticalização**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SOUZA, Adílio Junior; MATOS, Denilson Pereira de. O objeto de estudo da linguística: interserções e distanciamento entre uma perspectiva formal e funcional. In: MATOS, Denilson Pereira de. **Morfossintaxe e léxico**: abordagens funcionalistas. João Pessoa: UFPB, 2017. p. 277-301.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de e, aí, daí e então**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-retroativo-propulsora de informações propulsora – um estudo sociofuncionalista. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, Maria Alice. Gramática Emergente e o recorte de uma construção gramatical. SOUZA, Edson Rosa. **Funcionalismo linguístico**: análise e descrição. São Paulo: Contexto, 2012. p. 33-50.

THOMPSON, Heloise Vasconcellos Gomes. **Do léxico à gramática**: os diferentes usos de tipo. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2013.

TRAUGOTT, Elisabeth. Pragmatic strengthening and grammaticalization. In: AXMAKER, S; JESSIER, A; SINGMASTER, H (eds.). **General session and parasession on grammaticalization**. Berkeley linguistics society, 1988. p. 389-405.

UCHÔA, José Mauro Souza. **O gênero podcast educacional**: descrição do conteúdo temático, estilo e construção composicional. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2010.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 4. Ed. – São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999. p.81-102.

VITRAL, Lorenzo. VIEGAS, Maria do Carmo. OLIVEIRA, Alan Jardel de. Inovação versus mudança: a interseção gramaticalização/teoria da variação e mudança. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli (orgs.). **Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 201-228.

WCOSTA, José Walbérico da S.; MATOS, Denilson Pereira de.; FURTADO DA CUNHA, Maria Angelica. Usos do item lexical “coisa” no português falado de João Pessoa – PB. In: MATOS, Denilson Pereira de (org.). **Sintaxe na linguística funcional**. João Pessoa: Editora UFPB, 202. P. 37-57.

ANEXOS

ANEXO I

EPISÓDIOS DE *PODCASTS* MAIS OUVIDOS

Período de colheita: 28 de novembro a 05 de dezembro de 2022

Quadro 27 – Episódios mais ouvidos de *podcasts* brasileiros

Nº	TÍTULO DO CANAL	NOME DO EPISÓDIO	TIPO	LINK
1	Foro de Teresina	Bolsonaro calado vira alvo	Notícias / Informação	11nq.com/Izrfl
2	Xadrez Verbal	Xadrez Verbal #318 Protestos na China	Notícias / Informação	11nq.com/f0GgI
3	NerdCast	NerdCast 858 – Star Wars: Andor – Enfrentem o Império!	Entretenimento	11nq.com/Ifqsf
4	NerdCast	Vai te Catar 14 – Alergia a Camarões!	Entretenimento	11nq.com/SKPJ4
5	Posse de Bola	#Copa14: Messi leva Argentina às quartas e seleção brasileira perde Alex Talles e Gabriel Jesus	Notícias / Informação	11nq.com/w7aaZ
6	Medo e Delírio em Brasília	Dias 1.430 e 1.431 Deu errado 28 e 29/11/22	Notícias / Informação	11nq.com/NM5Vg
7	O Assunto	A nova geração na seleção brasileira	Notícias / Informação	11nq.com/sRQQ2
8	Projeto Humanos	21 – O Advogado [S05E21]	História	11nq.com/upCeC
9	Posse de Bola	#Copa13: Brasil com os reservas perde para Camarões. Preocupação contra a Coreia?	Notícias / Informação	11nq.com/QuiWS
10	Modus Operandi	#143 – Josef Fritzl: O Monstro de Amstetten	História	11nq.com/gZ7aj
11	NerdCast	Vai te Catar 15 – O Messi é brabo!	Entretenimento	11nq.com/28E3i

12	Pico dos Marins: O Caso do Escoteiro Marco Aurélio	6. A caixa	História	11nq.com/FtS5n
13	Não Inviabilize	PROCEDIMENTO	História	11nq.com/RwG1E
14	MacMagazine no Ar	MacMagazine no Ar #504: Apple Music Replay, Apple vs. Twitter, Oceanic+, (Red) e mais.	Funcional	11nq.com/z4gkX
15	Pânico	PÂNICO – 02/12/2022 – Apóstolo Arnaldo	Entretenimento	11nq.com/FLr6Q
16	Histórias em Inglês com Duolingo	College Life (Vida na universidade)	História	11nq.com/ekiRH
17	Braincast	O futebol na Era do Streaming	Notícias / Informação	11nq.com/Yp2He
18	NerdCast	NerdTech 82 – Desbravando o Vale do Silício, big techs e a carteira	Entretenimento	11nq.com/mlHfI
19	O Assunto	A revolta das iranianas	Notícias / Informação	11nq.com/Bwgn4
20	Stock Pickers	#174 Commodities vão sobreviver ao lockdown da China? Como o ibov é afetado	Informativo	11nq.com/y6VnJ
21	Petit Journal	BP 402 – Sanna Marin e Jacinda Ardern; Pedro Castillo	Notícias / Informação	11nq.com/u6AZ9
22	NerdCast	Vai te Catar 13 – Adeus Alemanha!	Entretenimento	11nq.com/uKFAY
23	Fim de Expediente	O time do Brasil é limitado’, afirma Oscar Ulisses	Notícias / Informação	11nq.com/kMZtN
24	Xadrez Verbal	Xadrez Verbal #317 Da COP à Copa	Notícias / Informação	11nq.com/GtKvS
25	Café Crime e Chocolate	O Misterioso Assassinato de Mike Emert	História	11nq.com/kQDH0
26	Medo e Delírio em Brasília	Dias 1.427, 1.428 e 1.429 Calado é um poeta 25, 26 e 27/11/22	Notícias / Informação	11nq.com/cVz37

27	Os Sócios Podcast	Os Sócios 108 – O PODER DA LEITURA	Entretenimento	11nq.com/NF44M
28	99Vidas – Nostalgia e Videogames	99Vidas 544 – Fumito Ueda	Informativo	11nq.com/sWIU1
29	Futebol no Mundo	Futebol no Mundo #174 – Dia 14: Messi marca, Emiliano Martinez salva Argentina estão nas oitavas; Holanda passa pelos EUA e enfrenta os argentinos	Notícias / Informação	11nq.com/TvUlr
30	O Assunto	Militares e Lula: o futuro da relação	Notícias / Informação	11nq.com/cpqnC
31	Pânico	PÂNICO – 01/12/2022 – Fernando Holiday	Entretenimento	11nq.com/yRbEb
32	Durma com essa	Extratos da semana do apoio do PT a Lira	Notícias / Informação	11nq.com/MEDDR
33	Que História É Essa, Porchat?	Bruna Gonçalves, Maurício Manfrini e Thaissa Carvalho	Entretenimento	11nq.com/5mp06
34	Ilustríssima Conversa	Denise Ferreira da Silva: Não há modernidade sem violência racial	Entretenimento	11nq.com/FQrRb
35	Rádio Novelo Apresenta	Tudo acaba	História	11nq.com/H20ig
36	NerdCast	NerdCast 857 – Qual é a pauta? Notas de uva, TV Pow e o golpe do mau	Entretenimento	11nq.com/vs6FB
37	Não Inviabilize	COINCIDÊNCIA	História	11nq.com/MERxy
38	NerdCast	Caneca de Mamicas 83 – Alô delícia! Me chama que eu vou!	Entretenimento	11nq.com/UV4MT
39	Caixa Preta	Ep. 287 – Bombachas Cintilantes, herança da Hebe e JAPÃO	Entretenimento	11nq.com/81RJ5
40	Futebol no Mundo	Futebol no Mundo #173 – Dia 13: Brasil perde, mas tem caminho menos complicado até a semi; Coreia do Sul	Notícias / Informação	11nq.com/DY8yV

		vence Portugal e elimina Uruguai		
41	Posse de Bola	#Copa12: Alemanha eliminada, Espanha sem vontade? Daniel Alves transcende o futebol?	Notícias / Informação	11nq.com/cdvp2
42	Não Inviabilize	MANGUEIRINHA	História	11nq.com/GPEMN
43	A Mesa	A Mesa na Copa #14 – Argentina leva susto no fim, mas vence e pega Holanda nas quartas de final	Notícias / Informação	11nq.com/l1yRy
44	Market Makers	#23 “O final do filme a gente já sabe”; por que a Legacy está short no Lula 3	Informativo	11nq.com/L12mu
45	Área de Transferência	304: Eu Queria Uma Instância Desse Biscoito	Informativo	11nq.com/Coz6b
46	Oêa: Copa 2022	KR 2-1 PT / GH 0-2 UY / RS 2-3CH/ CM 1-0 BR	Notícias / Informação	11nq.com/Mdxjy
47	Oêa: Copa 2022	NL 3-1 US / AR 2-1 AU	Notícias / Informação	11nq.com/dVxKP
48	Pretinho Básico	Pretinho Básico 02/12/2022 18h ★ Neto Fagundes ★ Gio Lisboa	Entretenimento	11nq.com/TEMnZ
49	A Mesa	A Mesa na Copa #13 – Um resultado que não abala, mas liga o alerta	Notícias / Informação	11nq.com/Soi7u
50	Choque de Cultura – Ambiente de Música	T2 EP 14 – Rap	Entretenimento	11nq.com/Ze9PM
51	Christo Nihil Praeponere	Homilia Pregar sobre o Inferno é um ato de misericórdia (2º domingo do advento)	Funcional	11nq.com/kIH7U
52	The Daily	Who Pays the Bill for Climate Change?	Notícias / Informação	11nq.com/mt1DW

53	Trivela	Trivela Na Copa 2022 #14 Argentina e Holanda avançam	Notícias / Informação	11nq.com/7dohw
54	NerdCast	Vai te Catar 12 – Polônia e sua atuação vergonhosa!	Entretenimento	11nq.com/PoD1s
55	Podcast Para Tudo	#112 – Retrospectiva ouvintes, Inteligência Artificial e Natal	Entretenimento	11nq.com/ianCy
56	Estadão Notícias	A volta de Lula a Brasília, a disputa por cargos e Haddad na fazenda	Notícias / Informação	11nq.com/s9DUB
57	Foro de Teresina	Truco! 6! 9! ZapXandão	Notícias / Informação	11nq.com/oTEyV
58	Mamilos	Mamilos Cultura 85: Filme – Passagem – revisitando traumas	Entretenimento	11nq.com/X21g0
59	TICARACATICAS T	EP 218 – JOEL JOTA	Entretenimento	11nq.com/hWcfl
60	Jujubacast	Especial Copa 2022 – Jujubacast 104	História	11nq.com/gOz1y
61	Trivela	Trivela Na Copa 2022 #13 Reservas do Brasil perdem	Notícias / Informação	11nq.com/OiYQk
62	Ao Ponto (podcast de O Globo)	Transição de governo: planos para a Previdência e o diálogo com os militares	Notícias / Informação	11nq.com/FC1eO
63	Guga Chacra, Ariel Palacios e Fernando Andrade – O Mundo em Meia Hora	Partida entre EUA e Irã na Copa remonta ao regime de Shah e à Revolução Islâmica	Notícias / Informação	11nq.com/OSJZq
64	Os Pingos nos Is	Os Pingos nos Is – 02/12/2022 – Lula quer Maduro/ Mourão a toalha/ Índios contra Moraes	Entretenimento	11nq.com/JZvFB
65	Durma com essa	Bolsonaro mostra que manda no orçamento secreto. E o Lula, hein?	Notícias / Informação	11nq.com/2M4hL

66	Sinapse	Sinapse #94 – Como contar até o infinito?	Informativo	11nq.com/chGgv
67	Não Inviabilize	PONEISAKI NINJA	História	11nq.com/AHOvb
68	Fora da Política Não há Salvação	Tá todo mundo louco? com Sérgio Freire 156	Programa	11nq.com/Di5dl
69	O Assunto	China – a onda de protestos	Notícias / Informação	11nq.com/vMGmp
70	Projeto Humanos	20 – Os Relatos [S05E20]	História	11nq.com/j8x9p
71	Flow Podcast	VIVENDO MUNDO AFORA [+ GIANZÃO] – Flow #146	Programa	11nq.com/QI0l0
72	Pretinho Básico	Pretinho Básico 02/12/2022 13h ★ Cris Pereira	Entretenimento	11nq.com/0CRBi
73	Pelada na Net	Pelada na Net #589 – Acabou O Show E O Espetáculo	Entretenimento	11nq.com/yiPPZ
74	Política	Orçamento secreto entra na pauta do STF; julgamento pode afetar reeleições de Lira e Pacheco	Notícias / Informação	11nq.com/BPALi
75	GE Flamengo	GE FLAMENGO #294 – Episódio traz Vitor Pereira perto do anúncio , renovações, saídas...	Notícias / Informação	11nq.com/8dUWF
76	Fábrica de Crimes	86. Dois Crimes Cariocas – O Feijão Nosso de Cada Dia	História	11nq.com/nRv25
77	Flow Podcast	ROBERTA DUARTE [+ SERGIO SACANI] – Flow #144	Programa	11nq.com/hzqZ5
78	Inteligência Ltda.	685 – JAKSON FOLLMANN	Entretenimento	11nq.com/2WGxL
79	NerdCast	Caneca de Mamicas 82 – Legalize Jah	Entretenimento	11nq.com/sDhVL
80	Pânico	PÂNICO – 30/11/2022 – Paulo Vieira	Entretenimento	11nq.com/VKK5Q
81	BrunetCast	BrunetCast #209 – Pessoas que aceleram o teu milagre	Educacional	11nq.com/dM6NQ

82	Dia a Dia da Economia – Míriam Leitão	‘Nessa semana muita coisa andou desde que Lula chegou em Brasil	Informativo	11nq.com/Z4EJQ
83	Palestras Filosóficas Nova Acrópole	#533 – CHAVES DE SINCRONICIDADE – Existe coincidência? Lúcia Helena Galvão...	Educacional	11nq.com/iIKso
84	Global News Podcast	Russian oil cap ‘weak’ says Zelensky	Notícias / Informação	11nq.com/1wq6f
85	Modus Operandi	#142 – Alice Kyteler: bruxa ou serial killer?	História	11nq.com/PbIsx
86	Christo Nihil Praeponere	Homilia Diária A praga do contratestemunho (Memória de São Francisco Xavier, Presbítero	Funcional	11nq.com/ek7CF
87	Podpah	BEBETO – Podpah #520	História	11nq.com/J8hkN
88	Tecnocast	Livros ao pé do ouvido	Informativo	11nq.com/1D7BQ
89	Rádio Escafandro	81: Sobre chacinas e milícias	Programa	11nq.com/djeRK
90	Os Economistas Podcast	O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA (Guepardo Investimentos)...	Entretenimento	11nq.com/kf77h
91	Estadão Notícias	Tecnologia #249: #Start Eldorado: os últimos avanços em biometria digital	Notícias / Informação	11nq.com/RxqwU
92	Empiricus Puro Malte	#119 – Poligamia, medo de envelhecer e tempo, tempo, tempo	Entretenimento	11nq.com/EtdBA
93	Os Pingos nos Is	Os Pingos nos Is – 01/12/2022 – Um mês de povo na rua/ Ministério de Bolsonaro...	Entretenimento	11nq.com/tTYCy
94	RELOADING – Atualize-se, gamer!	Reloading #389 – Vamos Testar Nesse...	Informativo	11nq.com/8wcZh
95	Boletim Folha	Governo teme ficar sem dinheiro para o INSS e	Notícias / Informação	11nq.com/vnV9W

		consulta TCU sobre pagamento fora do teto		
96	Scicast	História das Copas do Mundo – 1974 – 1998 (SciCast #513)	Educacional	11nq.com/oOMGq
97	PODDELAS	PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD	Entretenimento	11nq.com/9gi6G
98	Bola Nas Costas	BOLA NA COPA #10	Entretenimento	11nq.com/J00M8
99	A Mulher da Casa Abandonada	A Mulher	História	11nq.com/yxuRU
100	Petit Journal	BP 401 – Macron visita Biden; Economia alemã	Notícias / Informação	11nq.com/uXgFT
101	Global News Podcast	EU imposes Russian oil price cap	Notícias / Informação	11nq.com/ePsMC
102	Mais Que 8 Minutos – Podcast	#240 – Wendel Bezerra (Dublador)	Entretenimento	11nq.com/HDx8P
103	Não Inviabilize	CONTA MÉDICA	História	11nq.com/hIHgV
104	Os Sócios Podcast	Os Sócios 107 – O Segredo para Viver de Dividendos	Entretenimento	11nq.com/9Ib7U
105	Pretinho Básico	Pretinho Básico 01/12/2022 18h 🌟 Gio Lisboa 🌟 Lelê	Entretenimento	11nq.com/8ZkmK
106	Pico dos Marins: O Caso do Escoteiro Marco Aurélio	5. Marco Aurélio vivo?	História	11nq.com/pHmnE
107	Futebol no Mundo	Futebol no Mundo #172 – Dia 12: Alemanha e Bélgica eliminadas!	Notícias / Informação	11nq.com/XKLkQ
108	RapaduraCast – Podcast de Cinema e Streaming	RapaduraCast 744 – Os Primeiros no Cinema	Entretenimento	11nq.com/2CcoH
109	Caixa Preta	Ep. 286 – Bebê com cauda, Vingança do Joli e Passeio no Qatar	Entretenimento	11nq.com/TZKXH

110	Posse de Bola	#Copa11: Argentina nas oitavas, França perde, VAR apronta e Brasil com reservas	Notícias / Informação	l1nq.com/LSSRx
111	Economia Falada	Episódio #87 – Reformas necessárias já no próximo ano	Informativo	l1nq.com/pWPXR
112	Bem-Estar & Movimento – Marcio Atalla	#72 – Qual a importância do fortalecimento muscular para quem corre?	Entretenimento	l1nq.com/MPjdQ
113	Mamilos	O que os psicodélicos podem fazer pela nossa saúde mental?	Entretenimento	l1nq.com/OEVFM
114	ResumoCast Livros para Empreendedores	T4#19 O fator confiança Marco Fabossi	Informativo	l1nq.com/Lr2RT
115	TICARACATICAS T	MAMA BRUSCHETTA – TICARACATICAST EP 217	Entretenimento	l1nq.com/QZGQN
116	Autoconsciente Podcast	No. 1 – O viciante pingue-pongue da atenção	Funcional	l1nq.com/Btof3
117	Rádio Novelo Apresenta	Fora de contexto	História	l1nq.com/hc6at
118	Jota Podcast	COMO CICI NAVARRO TRANSFORMOU 2 MIL REAIS EM 60 MILHÕES	Funcional	l1nq.com/MIngV
119	Café Belgrado	Derrota para Camarões + O povo fala (by Wodysey)	Informativo	l1nq.com/nPecw
120	Pro Football NFL	 Ep 18: Prévia da Semana 13 da NFL	Entretenimento	l1nq.com/2H9XW
121	Panorama CBN	Brasil perde para Camarões e vai pegar a Coreia; Lula faz segredo sobre nomes para ministérios	Notícias / Informação	l1nq.com/XSiSK
122	NerdCast	Vai te Catar 11 – Já passamos da metade!	Entretenimento	l1nq.com/DwJgc
123	MacMagazine no Ar	MacMagazine no Ar #503: TC, “iPhone 15”, Foxconn e	Funcional	l1nq.com/53PFp

		China, governo vs. Apple e mais!		
124	Medo e Delírio em Brasília	Dias 1.425 e 1.426 Urnas, golpe, multas e sinucas de bico...	Notícias / Informação	11nq.com/JatKO
125	Quatro em Campo	Explicação da derrota do Brasil para Camarões não passa pela escalação de um time reserva	Notícias / Informação	11nq.com/uhElo
126	A Mesa	A Mesa na Copa #12 – Adeus, carrascos!	Notícias / Informação	11nq.com/SRKbh
127	História FM	117 Renascimento: a história do movimento e seus desdobramentos	Educacional	11nq.com/X4c1n
128	Andréia Sadi – Conversa de Política	‘Lula chegou chegando em Brasília’	Notícias / Informação	11nq.com/MUYLt
129	Política	Sobre orçamento secreto, ‘Lula segue pelo campo do acordo para garantir governabilidade	Notícias / Informação	11nq.com/b1MvF
130	Inédita Pamonha	Inédita Pamonha 137 – Pensamento positivo	Funcional	11nq.com/bq6xf
131	Bola Presa	Como o ataque do Boston Celtics domina a NBA [Podcast #387]	Informativo	11nq.com/I0Lih
132	Oêa: Copa 2022	HR 0-0 BE / CA 1-2 MA / JP 2-1 ES / CR 2-4 DE	Notícias / Informação	11nq.com/z34bH
133	NerdCast	NerdCast 856 – Wakanda Forever: Sin amor, sin perdón	Entretenimento	11nq.com/OriSv
134	Quinta Misteriosa	O assassino do programa de namoro Caso Rodney Alcala	História	11nq.com/XJ1PX
135	Alexandre Garcia – Vozes – Gazeta do Povo	Ministros do STF querem ainda mais mordça para juízes	Notícias / Informação	11nq.com/czdII

136	Outliers	#89 – Jive Mauá: Grandes oportunidades no setor imobiliário	Entretenimento	11nq.com/lewx1
137	Café Brasil	Cafezinho 546 – Os X Men	Entretenimento	11nq.com/Y2z6x
138	Stock Pickers	Juros, inflação, recessão? O que esperar da economia amer...	Informativo	11nq.com/txUOA
139	O Assunto	A meia-volta da política armamentista	Notícias / Informação	11nq.com/EmPzi
140	Lado B do Rio	Lado B do Rio #259 – Caixinha de sugestões dos apoiadores	Entretenimento	11nq.com/dGOx4
141	Pico dos Marins: O Caso do Escoteiro Marco Aurélio	2. O segredo da montanha	História	11nq.com/rJ3kS
142	Papo de Segunda	A Favela Venceu O Futuro Pertence A Mim Unidos Do Contra - Konrad Dantas	Entretenimento	11nq.com/SzD9g
143	Resumão Diário	Sexta-feira, 2 de dezembro	Notícias / Informação	11nq.com/IQ9yP
144	MuzyCAST	FAZER CARDIO QUEIMA A GORDURA?	Entretenimento	11nq.com/AnQW7
145	Trivela	Trivela Na Copa 2022 #12 Japão e Marrocos arrebatam	Notícias / Informação	11nq.com/ZwhCp
146	Pico dos Marins: O Caso do Escoteiro Marco Aurélio	4. A portas fechadas	História	11nq.com/boabu
147	Pico dos Marins: O Caso do Escoteiro Marco Aurélio	3. Procura-se um suspeito	História	11nq.com/nQIiw
148	Economia	O que significa a nova regra para atualização dos ativos de crédito?	Informativo	11nq.com/bvDCM
149	Christo Nihil Praeponere	Homilia Diária O Coração de Cristo e o Advento (Sexta-feira da 1.ª Semana do Advento)	Funcional	11nq.com/OJ6Ra

150	Nós na História	#57 por que você é hipócrita torcendo por seleções na cop...	Programa	11nq.com/1kKCo
151	FodCast	#03 – HÁBITOS QUE VÃO FAZER VOCÊ VENDER MAIS! Feat. GERONIMO THEML	Entretenimento	11nq.com/Exwmf
152	Estadão Notícias	A aliança entre Lula e Lira e a reação de Bolsonaro	Notícias / Informação	11nq.com/zv78c
153	Braincast	O Império do Choquei: por que perfis amadores incomodam o jornalismo?	Notícias / Informação	11nq.com/K0FqT
154	Me conte uma fofoca	#50: A trend dos desenhos, a nova Gisele e caos em grupo de K-pop	Entretenimento	11nq.com/4Ulj4
155	The Daily	A Landmark Jan. 6 Verdict	Notícias / Informação	11nq.com/0TXyl
156	Academia CBN – Mario Sergio Cortella	A gente tem que travar essa condição de modo mais intenso, diz Cortella sobre adoração...	Entretenimento	11nq.com/1WzQO
157	Podcast Canaltech	Governos internacionais pressionam big techs em diferente países	Notícias / Informação	11nq.com/8KbTc
158	Não Inviabilize	LONGE	História	11nq.com/2LU5u
159	Inglês Todos os Dias	Ganhei do meu irmão no pingue-pongue. Inglês Todos os D...	Educacional	11nq.com/uNhEz
160	Modus Operandi	#141 – Bobby Joe Long e Lisa McVey: O sequestrador e a sobrevivente	História	11nq.com/zFrXZ
161	Medo e Delírio em Brasília	Dias 1.423 e 1.424 A tentativa de golpe mais atrapalhada da história	Notícias / Informação	11nq.com/6KM4y
162	Pretinho Básico	Pretinho Básico 01/12/2022 13h 🌟 Cris Pereira	Entretenimento	11nq.com/Tt7wo
163	Astrológicas	Previsões 2023	Entretenimento	11nq.com/IyHcG

164	Pretinho Básico	Pretinho Básico 30/11/2022 18h ★ Neto Fagundes ★ Lelê	Entretenimento	11nq.com/OFBCi
165	Revista Piauí	#229: Bolsonaro calado vira alvo	Notícias / Informação	11nq.com/RstV5
166	Flow Podcast	WANDERLEY ABREU [+ GABRIEL PATO] – Flow #143	Programa	11nq.com/bLhlJ
167	Rádio Novelo Apresenta	Ouvindo vozes	História	11nq.com/kbUo5
168	Flow Podcast	MARIAM CHAMI E SHEIKH JIHAD [+ YASMIN ALI] – Flow #145	Programa	11nq.com/ljvx7
169	Noites Gregas	As sereias	Educacional	11nq.com/9j2Rq
170	Hoje Sim	Hoje Sim #178 – Análise e resumo da fase de grupos da Copa do Catar...	Entretenimento	11nq.com/RdW5K
171	INVESTIGAÇÃO CRIMINAL	O PALHAÇO E O SERIAL KILLER – JOHN WAYNE GACY – INVESTIGAÇÃO...	História	11nq.com/nY0AP
172	Pico dos Marins: O Caso do Escoteiro Marco Aurélio	1. Uma cova sem resposta	História	11nq.com/Zh3hO
173	Caso Bizarro	#06 – Um vizinho serial killer e a carreta furacão Foquinho e André	História	11nq.com/ntusl
174	Petit Journal	BP 400 – Protestos na China; Irã vs EUA	Notícias / Informação	11nq.com/e2qXB
175	Podcast MdM – Melhores do Mundo	Novo MdM #6: Cavaleiros do Zodíaco + Guardiões da Galáxia 3	Entretenimento	11nq.com/gVtkY
176	Não Inviabilize	C.S.I.	História	11nq.com/uAzIZ
177	6 Minute English	Can music mend a broken heart?	Educacional	11nq.com/AakgH

178	All-In with Chamath, Jason, Sacks & Friedberg	E106: SBF's media strategy, FTX culpability, ChatGPT, Saa...	Informativo	11nq.com/mBdFu
179	Podpah	MC LOMA, MIRELLA & MARIELY – Podpah #519	História	11nq.com/rOY3y
180	Podcast 45 Minutos	ÁLBUM DA COPA 2022 – DIA #13	Entretenimento	11nq.com/kuIXN
181	MIDCast Política	S05E40 – Pen Drive, Tinder e Corte na Educação MIDCast ...	Entretenimento	11nq.com/hUSTu
182	Boletim Folha	Revisão da vida toda do INSS é aprovada no STF por 6 votos a 5	Notícias / Informação	11nq.com/3OUPj
183	Do Zero ao Topo	#145 – Softplan: um negócio que começou nas 'horas vagas' e vai faturar 600	História	11nq.com/39YTJ
184	Podcast 45 Minutos	ÁLBUM DA COPA 2022 – DIA #14	Entretenimento	11nq.com/c34Ub
185	NerdCast	Vai te Catar 10 – O Daniel Alves foi pra passear?	Entretenimento	11nq.com/aGqlg
186	Política	'Lula chegou chegando em Brasília'	Notícias / Informação	11nq.com/VG6Ke
187	99Vidas – Nostalgia e Videogames	99Vidas 543 – Astro's Playroom	Informativo	11nq.com/9ZmsB
188	JB Carvalho	#393 – Suas Circunstâncias vão se Dobrar Diante da Promessa...	Funcional	11nq.com/eluxA
189	E Tem Mais	Protestos na China: manifestações expõem dúvidas sobre futuro do governo Chinês	Notícias / Informação	11nq.com/Fnubr
190	BrunetCast	BrunetCast #208 – Você precisa de uma reforma	Educacional	11nq.com/9sIpe
191	O Assunto	Bolsonaro-Lula: a transição anormal	Notícias / Informação	11nq.com/vBYj3
192	TICARACATICAS T	EP 216 – MARCOS QUINTELA	Entretenimento	11nq.com/o1wuL

193	PoupeCast	Fundos Imobiliários	Entretenimento	11nq.com/w0G4k
194	Maria Cristina Fernandes – Tudo é Política	Orçamento secreto entra na pauta do STF; julgamento pode afetar reeleição de Lira e Pacheco	Notícias / Informação	11nq.com/kHimR
195	Ao Ponto (podcast de O Globo)	O protagonismo de Trump e grupos extremistas na política ...	Notícias / Informação	11nq.com/mzJqq
196	Projeto Humanos	19 – A Testemunha de Defesa [S05E19]	História	11nq.com/FB4Aw
197	Expresso Ilustrada	Copa 2022: como Qatar tenta limpar imagem, sob protestos ...	História	11nq.com/K97aO
198	Relatos do Além	Relatos do Além #022 – Projeção Astral, Paralisia do Sono e experiências extracorporais	Entretenimento	11nq.com/uMVyH
199	O Antagonista	CD Talks #09: Alcione Pereira	Entretenimento	11nq.com/CQEyG
200	Economia	#T02 E47: Como usar as famosas milhas? Rodrigo Góes responde!	Informativo	11nq.com/zanRe
201	Política	Transição projeta exoneração de militares de Bolsonaro; ‘prioridade é fazer limpa no Planalto	Notícias / Informação	11nq.com/rzHYM
202	Podcast Jesuscopy	YAGO MARTINS – JesusCopy Podcast #110	Entretenimento	11nq.com/Uf5pq
203	Não Inviabilize	BICHO SOLTO	História	11nq.com/Z4S9y
204	Tecnocracia	LGPD, LAI e o blecaute de transparência do Governo Bolsonaro	Entretenimento	11nq.com/Oasq3
205	THIS IS BRAZIL	Camarões 1 x 0 Brasil – Copa do Mundo TIB	Entretenimento	11nq.com/lz7zV
206	NerdCast	Lá do Bunker 72 – Rebelde da Rebeldia	Entretenimento	11nq.com/wqtZn

207	THIS IS BRAZIL	A risada mortal do peru – Episódio 81	Entretenimento	11nq.com/HEAsL
208	FATOS DO DIA CNN	Lula diz que tem ‘80% dos ministérios’ na cabeça	Notícias / Informação	11nq.com/Mn3kT
209	Durma com essa	Tarifa zero em 2023? O avanço da demanda que acendeu as ruas	Notícias / Informação	11nq.com/ko9tR
210	PrimoCast	PrimoCast 70 – Como ela chegou a 360 franquias começando do zero	Entretenimento	11nq.com/IqzM4
211	Roda Viva	Roda Viva Rodrigo Garcia 28/11/2022	Programa	11nq.com/FWcKt
212	Projeto Humanos	18 – As Surpresas [S05E18]	História	11nq.com/aeP5E
213	Fim de Expediente	Eliminação da seleção alemã é o gongo da semana	Notícias / Informação	11nq.com/O40Nq
214	Foro de Teresina	Dois presidentes, nenhum governo	Notícias / Informação	11nq.com/H5Kfb
215	Guga Chacra, Ariel Palacios e Fernando Andrade – O Mundo em Meia Hora	Copa do Mundo move ‘fronteiras’ e renasce cumprimentos entre rivais geopolíticos...	Notícias / Informação	11nq.com/K8Zzg
216	Podcast Canaltech	Avatar por IA: como o Lensa consegue criar essas imagens por texto?	Notícias / Informação	11nq.com/3iJtc
217	Cartas de um Terapeuta	#030 – Como o mundo percebe uma mulher que não consegue engravidar	Informativo	11nq.com/sMxU8
218	Projeto Querino	A grande aposta	História	11nq.com/VrQpk
219	Sua Manhã +Positiva	#196 – A sujeira que não te deixa enxergar a sua conquista	Educacional	11nq.com/7jnVr
220	Política	Orçamento secreto entra na pauta do STF; julgamento pode ...	Notícias / Informação	11nq.com/hKwjH

221	UOL News	Bolsonaro e aposentadoria; pobreza bate recorde, governo ...	Notícias / Informação	11nq.com/REM2Q
222	Não Inviabilize	VOVOZINHA	História	11nq.com/5rlx8
223	Semana NFL	Semana NFL #66 – Prévia da Semana 13: Tantos jogos bons q...	Entretenimento	11nq.com/G0f3x
224	Café Brasil	Café Brasil 850 – Vida caótica	Entretenimento	11nq.com/9Y9bu
225	Flow Podcast	JORGE DE SOUZA [+ LITO AVIÕES E MÚSICAS] – Flow #142	Programa	11nq.com/R1C0U
226	WW – William Waack	A reclusão de Jair Bolsonaro	Informativo	11nq.com/LeZcJ
227	Inteligência Ltda.	684 – JOÃO KLÉBER	Entretenimento	11nq.com/XuwhL
228	The Economist Podcasts	Checks and Balance: Sitting ducks	Informativo	11nq.com/m00xU
229	Política	Se dentro do PT tem respaldo, fora dele Lula precisa discutir ministérios com partidos aliados	Notícias / Informação	11nq.com/fqUGc
230	BrunetCast	BrunetCast #206 – Como saber quando é Deus falando comigo	Educacional	11nq.com/fsr3E
231	Jogabilidade (Games)	Vértice #359: Pokémon Scarlet/Violet, Pentiment, Yuji Nak...	Entretenimento	11nq.com/bsB1a
232	Dia a Dia da Economia – Míriam Leitão	Embate entre ambientalistas e ruralistas na transição de governo é preocupante	Informativo	11nq.com/9QymO
233	Não Inviabilize	GRISALHA	História	11nq.com/YYZoV
234	Estadão Notícias	‘Cenários com Sonia Racy’: O futuro do meio ambiente no Brasil	Notícias / Informação	11nq.com/uHBlx
235	Pauta Pública Agência Pública	55 Neofascismo em campo (mais uma vez) – com Odilon Caldeira	Entretenimento	11nq.com/mJWYQ

236	All Ears English Podcast	Having Said That, You Need this Extremely Useful English ...	Educacional	1nq.com/z7Ane
237	Autoconsciente Podcast	128. Cinco anos de aprendizados	Funcional	1nq.com/hgCre
238	Donos da Razão	RECORDES MAIS ALEATÓRIOS DO GUINNESS BOOK Lista da Razão #09	Entretenimento	1nq.com/I83R2
239	Suno Notícias	STF VAI JULGAR O ORÇAMENTO SECRETO André Esteves e o aval...	Entretenimento	1nq.com/7FEDk
240	Histórias em Inglês com Duolingo	College Life (Vida na universidade)	História	1nq.com/goiuY
241	Choque de Cultura – Ambiente de Música	T2 EP 13 – Música de Beija-Flor	Entretenimento	1nq.com/fBq5F
242	Modus Operandi	#139 – Jim Jones e o Massacre em Jonestown	História	1nq.com/S7oAQ
243	CARACATICAST	EP 211 – ZÉ LEZIN	Entretenimento	1nq.com/Odvir
244	Bola Nas Costas	BOLA NA COPA #9	Entretenimento	1nq.com/A4nv0
245	Os funk mais tocadas no tik tok Brasil	Os funk mais tocadas no tik tok Brasil	Entretenimento	1nq.com/9gvBq
246	O assunto	Bolsonaro desencastelado – ou quase	Notícias / Informação	1nq.com/z6U4w
247	DIÁRIO DE BORDO	#447 – Jeska fazendo exercícios da fono e o karma veio aí	Entretenimento	1nq.com/P4KRJ
248	RESUMIDO	#189 — Criaturas digitalizadas	Entretenimento	1nq.com/DctG9
249	Autoconsciente Podcast	No. 3 – Para onde está indo o seu tempo?	Funcional	1nq.com/DTWwI
250	Autoconsciente Podcast	No. 2 – As armadilhas da multitarefa	Funcional	1nq.com/OBRQQ

* Não há uma sequência a ser seguida, porque só trabalhamos com o recorte delimitado na pesquisa, *podcasts* de língua portuguesa.

ANEXO II

Transcrição dos dados de análise

Quadro 28 - Transcrição das ocorrências por ordem de episódio

Nº	NOME DO EPISÓDIO	CANAL	TRANSCRIÇÃO	ITEM LINGÜÍSTICO
1	NerdCast 858 – Star Wars: Andor – Enfrentem o Império!	Nerdcast	O Nerdcast tá gigante, então , ó, e-mail vai ficar para semana que vem...	Então
2	NerdCast 858 – Star Wars: Andor – Enfrentem o Império!	Nerdcast	Então , eles tem que fazer o medo, porque eles sabem que a galera... a galera perder o medo, é muito mais gente...	Então
3	NerdCast 858 – Star Wars: Andor – Enfrentem o Império!	Nerdcast	Você as vezes tem que se aliar ao divergente para combater o antagonista, sacou? Então assim... na hora que você tem um governo de uma direita...	Então
4	NerdCast 858 – Star Wars: Andor – Enfrentem o Império!	Nerdcast	mas na verdade é que o menino Andor foi muito apagado de ... a gente queria rançolo, e esse cara era tipo um rançolo genérico no number one	Tipo
5	NerdCast 858 – Star Wars: Andor – Enfrentem o Império!	Nerdcast	...não é que a gente não gostou, é que tipo , o filme é legal, mas ele não é um destaque no filme, ele é um cara....	Tipo
6	NerdCast 858 – Star Wars: Andor – Enfrentem o Império!	Nerdcast	Os personagens de Rogue One se destacam pelas diferenças, tipo The Force, é o personagem que se destaca, que é o personagem mais carismático...	Tipo
7	NerdCast 858 – Star Wars: Andor – Enfrentem o Império!	Nerdcast	Ele estava ali para fazer acontecer, tipo da pior maneira possível...	Tipo
8	NerdCast 858 – Star Wars: Andor – Enfrentem o Império!	Nerdcast	As pessoas vivem em um lugar de miséria, e tipo , para elas tá tudo bem...	Tipo

9	NerdCast 858 – Star Wars: Andor – Enfrentem o Império!	Nerdcast	Eu acho legal também o conceito de aliança rebelde, tipo não é um grupo, são vários grupos, né? Que se unem...	Tipo
10	NerdCast 858 – Star Wars: Andor – Enfrentem o Império!	Nerdcast	Tipo , quando aparece o sol guerreiro em wONE a gente achou foda para caralho, porque ele era diferente de tudo que a gente conhecia de aliança rebelde, né?...	Tipo
11	NerdCast 858 – Star Wars: Andor – Enfrentem o Império!	Nerdcast	O que eu achei brilhante Caquinho, é tipo , eles não precisam de gerente na prisão, os presos se organizam para diminuir a sua própria pena...	Tipo
12	NerdCast 858 – Star Wars: Andor – Enfrentem o Império!	Nerdcast	porque tipo assim, como ele vai convencer ele de que ele realmente comprou a briga, comprou a causa, e que ele ia até o final, até as últimas consequências?	Tipo
13	NerdCast 858 – Star Wars: Andor – Enfrentem o Império!	Nerdcast	É legal, tipo , você ver a construção dessa cena, ele aparece com o holograma do pai, o pai foi o que morreu, era o dono da loja, né?	Tipo
14	Os Sócios 108 – O PODER DA LEITURA	Os Sócios Podcast	...em conhecimento e eu acho que vai ser muito legal é então para quem quiser fazer parte há um link aqui na descrição	Então
15	Os Sócios 108 – O PODER DA LEITURA	Os Sócios Podcast	então é normal então foi com 21 anos de idade eu comecei tá meio sozinho né eu	Então
16	Os Sócios 108 – O PODER DA LEITURA	Os Sócios Podcast	Entendi, então foi basicamente isso, assim desde lá então desde lá eu comecei a privilegiar literatura né porque eu li	Então
17	Os Sócios 108 – O PODER DA LEITURA	Os Sócios Podcast	Então , vai nessa galera procura aí vai na internet pesquisa bons livros né o Raul fez recentemente uma lista de livros né para para ler 77 livros bom	Então
19	Os Sócios 108 – O PODER DA LEITURA	Os Sócios Podcast	Então , assim, você pega uma pessoa que você gosta e se admira que você sabe que tem um que que poderia te ajudar com isso, ou fica essa pessoa diz, né, ouve aí o que o Raul tá falando sobre a Literatura clássica vai nessa galera entendeu	Então

19	Os Sócios 108 – O PODER DA LEITURA	Os Sócios Podcast	...na verdade, meus pais, eles... eles... tinham muitos livros em casa, mas eram livros de teologia, tipo , meus pais... eles... minha mãe se converteu para a assembleia o reteté, né, o fogo do manto e meu pai também foi com ela...	Tipo
20	Os Sócios 108 – O PODER DA LEITURA	Os Sócios Podcast	...entendeu? já para quem não tem absolutamente nenhum tipo de distração aí um dia eu falei que era melhor você ler livros físicos é uma galera fala...	Tipo
21	Os Sócios 108 – O PODER DA LEITURA	Os Sócios Podcast	faz muita diferença entendeu, tipo faz o cheirinho né maior gostoso	Tipo
22	Os Sócios 108 – O PODER DA LEITURA	Os Sócios Podcast	nada não ia falar nada até entrando nessa parte de seleção das obras, tipo aproveitando o comentário do Raul hoje você tem uma abundância gigantesca em termos de obras o que não existia no passado	Tipo
23	Os Sócios 108 – O PODER DA LEITURA	Os Sócios Podcast	não, eu tô rindo, sabe por quê? Tipo ... eu já lembrado aqui da treta do Crepúsculo também quase de cancelar. Quase que eu fui, eu acho que foi um dos maiores cancelamentos que eu tive... assim de Crepúsculo, e foi quando eu falei mal de Crepúsculo...	Tipo
24	Os Sócios 108 – O PODER DA LEITURA	Os Sócios Podcast	Quem estiver interessado vai no Instagram lá, tipo , eu vou falar sobre o clube todo santo dia até as inscrições e quaisquer dúvidas só me mandar pelo Direct que eu talvez veja eu talvez responda tá gente...	Tipo
25	Os Sócios 108 – O PODER DA LEITURA	Os Sócios Podcast	...Um livro tremendamente :::::: sempre de um ator que eu gosto pra caramba influenciou a maneira como eu escrevo, por exemplo, e é uma obra-prima na minha opinião, tipo ... curtinho, né, divertido de ler fácil e é incrível como é, muito atual muito, muito, muito, muito, muito, muito, muito, né...	Tipo
26	Os Sócios 108 – O PODER DA LEITURA	Os Sócios Podcast	...quinta-feira às vezes é terça, tipo , hoje é terça, né, é... enfim, nós somos que nem a lua em constantes mentira, exatamente...	Tipo

27	Os Sócios 108 – O PODER DA LEITURA	Os Sócios Podcast	A Eco Mais que tá numa mega promoção... são as últimas 48 horas onde você consegue duas vagas para você e o seu parceiro	Onde
28	Bruna Gonçalves, Maurício Manfrini e Thaissa Carvalho	Que História É Essa, Porchat?	As mensagens que eles mandam para você, que mandam para mim, então ela que dava uma olhada, né, e eu tranquilo completamente...	Então
29	Bruna Gonçalves, Maurício Manfrini e Thaissa Carvalho	Que História É Essa, Porchat?	...ver dificuldade que é da mulher do Lixo, então ela fala meia, mas é lindo...	Então
30	Bruna Gonçalves, Maurício Manfrini e Thaissa Carvalho	Que História É Essa, Porchat?	Ah... tá eu ia falar isso, então eu falei assim, eu tinha feito um teste para uma novela e eu falei “gente, eu preciso tentar falar com alguém, fazer isso acontecer, fazendo vários testes e nada...	Então
31	Bruna Gonçalves, Maurício Manfrini e Thaissa Carvalho	Que História É Essa, Porchat?	Você deu sorte menina, porque eu tenho uma reunião e eu tenho um tempinho até minha reunião, então até minha reunião você pode falar comigo...	Então
32	Bruna Gonçalves, Maurício Manfrini e Thaissa Carvalho	Que História É Essa, Porchat?	...quando ele morre, ele fica ele fica um negócio meio assim... com aquelas almofadinhas... assim...é um negócio meio nojento, eu não sei como se cada um gosta do que, né, então eu fui fazer um trabalho de colégio..	Então
33	Bruna Gonçalves, Maurício Manfrini e Thaissa Carvalho	Que História É Essa, Porchat?	Gente, se você abrir meus Stories e populações, gente... e gente... gente... eu sempre começo com “gente” eu não consigo começar uma frase e falar “gente” então gente, pagamento pagar é bom demais essa também...	Então
34	Bruna Gonçalves, Maurício Manfrini e Thaissa Carvalho	Que História É Essa, Porchat?	...esqueceram da história, peguei o WhatsApp, mandei... uma semana, nada do retorno do Porchat... duas semanas eu falei “pô, acho que o cara não gostou” e tipo , também nem até olhei para ver se eu tava bloqueado...	Tipo
35	Bruna Gonçalves, Maurício Manfrini e Thaissa Carvalho	Que História É Essa, Porchat?	...eu vou sair do programa e não volto né porque eles perguntaram, né, tipo assim, pergunta o que que ele não gosta pra gente colocar na hora para ser	Tipo

36	Bruna Gonçalves, Maurício Manfrini e Thaissa Carvalho	Que História É Essa, Porchat?	No sítio eu tava, eu tava construindo o sítio onde eu moro, então eu vivia, fazia show, pegava o dinheiro e comprava material...	Onde
37	Denise Ferreira da Silva: Não há modernidade sem violência racial	Ilustríssima Conversa	A lógica básica das explicações sobre a subjugação racial, culpam os subalternos raciais pela sua própria situação política e econômica, então a explicação fundamental das ciências sociais que já aparecem no começo do século XX...	Então
38	Denise Ferreira da Silva: Não há modernidade sem violência racial	Ilustríssima Conversa	E então , essa explicação além de não ser suficiente ela é fundamentalmente violenta, né?	Então
39	Denise Ferreira da Silva: Não há modernidade sem violência racial	Ilustríssima Conversa	E outras elaborações dessas explicações que gerou ao longo do tempo, tanto em meados do século XX, quanto no final do século XX, embora elas tenham mudado tenham tirado a ênfase dos aspectos físicos e colocado a ênfase mais nas condições sociais, elas continuam culpando os subjugados raciais pela sua condição, então se as pessoas discriminam uma pessoa preta porque ela vive numa comunidade, em território preto, numa favela...	Então
40	Denise Ferreira da Silva: Não há modernidade sem violência racial	Ilustríssima Conversa	E outras elaborações dessas explicações que gerou ao longo do tempo, tanto em meados do século XX, quando no final do século XX, embora elas tenham mudado tenham tirado a ênfase dos aspectos físicos e colocado a ênfase mais nas condições sociais, elas continuam culpando os subjugados raciais pela sua condição, então se as pessoas discriminam uma pessoa preta porque ela vive numa comunidade, em território preto, numa favela, então a razão pela discriminação é por conta da pessoa ser preta e ser pobre...	Então
41	Denise Ferreira da Silva: Não há modernidade sem violência racial	Ilustríssima Conversa	Então , essa necessidade, esse sentido de necessidade, é oposto da visão do humano, que o humano, né? De acordo com a moralidade, do conhecimento da moralidade é marcado pela liberdade.	Então
42	Denise Ferreira da Silva: Não há	Ilustríssima Conversa	De acordo com a moralidade, do conhecimento da moralidade é marcado pela	Então

	modernidade sem violência racial		liberdade. Então a ciência só conhece através de uma noção de necessidade de lei, de imposição...	
43	Denise Ferreira da Silva: Não há modernidade sem violência racial	Ilustríssima Conversa	Então , até a saída hegeliana de dois gênios não podem se encontrar, a ciência era uma ameaça humana...	Então
44	Denise Ferreira da Silva: Não há modernidade sem violência racial	Ilustríssima Conversa	As coisas funcionam de maneira orgânica, né? Então , as partes do corpo humano funcionam de forma a manter esse corpo vivo	Então
45	Denise Ferreira da Silva: Não há modernidade sem violência racial	Ilustríssima Conversa	Então , é importante abrir espaços para mudanças do sistema, e ao mesmo tempo criar proteções...	Então
46	Denise Ferreira da Silva: Não há modernidade sem violência racial	Ilustríssima Conversa	Obrigada, Eduardo, obrigada por me convidar e obrigada pelas perguntas. Foram fantásticas, ótimas, me deixaram positiva, então ...	Então
47	Ep. 287 – Bombachas Cintilantes, herança da Hebe e JAPÃO	Caixa Preta	Olha aí, água com gelo, então , aqui ó, a gente tá no Encore e o Encore é a plataforma oficial do Spotify que distribui, né, o nosso conteúdo para o Spotify para outras plataformas também, mas a gente gosta mais no Spotify...	Então
48	Ep. 287 – Bombachas Cintilantes, herança da Hebe e JAPÃO	Caixa Preta	Ele pode assistir dentro do Spotify, a gente tá em vídeo, então :::.... tu tira o telefone do bolso, dá uma olhada por ali, e o Spotify todo ano no final do ano ele entrega as pessoas	Então
49	Ep. 287 – Bombachas Cintilantes, herança da Hebe e JAPÃO	Caixa Preta	Facebook não são muito bom não, somos não somos, é isso aí tá bom, então tá bom, tá bom, tá bom, e agora acabou você foi, então tá esse óculos que eu quebrei aquela lente boa original...	Então
50	Ep. 287 – Bombachas Cintilantes, herança da Hebe e JAPÃO	Caixa Preta	Facebook não são muito bom não, somos não somos, é isso aí tá bom, então tá bom, tá bom, tá bom, e agora acabou você foi, então tá esse óculos que eu quebrei aquela lente boa original...	Então
51	Ep. 287 – Bombachas	Caixa Preta	Nossa vez estamos de volta na terça feira mesmo jogo do Brasil não é jogo do Brasil,	Então

	Cintilantes, herança da Hebe e JAPÃO		hein, segunda-feira jogo do Brasil de novo, então nós voltamos na terça e vamos nessa Camarões, né...	
52	Ep. 287 – Bombachas Cintilantes, herança da Hebe e JAPÃO	Caixa Preta	Vai dar merda, melhor não falar, tipo , porque eu tô freando o ambiente um abraço	Tipo
53	Ep. 287 – Bombachas Cintilantes, herança da Hebe e JAPÃO	Caixa Preta	Para você que nos escuta em outra época, hoje foi o jogo da Alemanha, da Costa Rica, da Espanha, do Japão, é onde você distribui seu conteúdo já tá no Caixa Preta	Onde
54	Ep. 287 – Bombachas Cintilantes, herança da Hebe e JAPÃO	Caixa Preta	Olha aí, água com gelo, então aqui ó, a gente tá no Encore e o Encore é a plataforma oficial do Spotify que distribui, né, o nosso conteúdo para o Spotify para outras plataformas também, mas a gente gosta mais no Spotify, porque é onde a gente entrega uma experiência mais agradável para o ouvinte, ele pode tanto ouvir como...	Onde
55	Ep. 287 – Bombachas Cintilantes, herança da Hebe e JAPÃO	Caixa Preta	...um templo budista na Tailândia que é a Europa é onde reúne os os budistas, né...	Onde
56	Ep. 287 – Bombachas Cintilantes, herança da Hebe e JAPÃO	Caixa Preta	Vamos ver onde o jogo amanhã? Nós vamos amanhã na beira Ali, na Beira... na Beira tem uma festa depois lá...	Onde
57	Pretinho Básico 02/12/2022 18h ★ Neto Fagundes ★ Gio Lisboa	Pretinho Básico	...conosco hoje, Lelê vai, então , vamos dar boa tarde @ hoje, Lisboa, boa tarde, boa tarde	Então
58	Pretinho Básico 02/12/2022 18h ★ Neto Fagundes ★ Gio Lisboa	Pretinho Básico	O aniversário do meu namorado está chegando e ano passado eu esqueci, Nós moramos juntos trabalhamos juntos e passamos 24 horas por dia juntos. Então eu vou te contar uma coisa se você... vocês vão separar é porque a memória dela é uma merda... não... não tem como tu trabalhar junto morar junto e 24 horas por dia...	Então
59	Pretinho Básico 02/12/2022 18h ★	Pretinho Básico	...ele fez aniversário no próximo dia 7 e eu não quero esquecer de novo... Sim eu sei que	Então

	Neto Fagundes ★ Gio Lisboa		posso acabar esquecendo, porque me conhece... então quero ajuda de vocês homens o que eu faço para recompensar...	
60	Pretinho Básico 02/12/2022 18h ★ Neto Fagundes ★ Gio Lisboa	Pretinho Básico	A gente falou e eles precisam arrecadar só R\$ 10.000 de arrecadação quase dois, então vamos ajudar... vou botar lá no meus stories também....	Então
61	Pretinho Básico 02/12/2022 18h ★ Neto Fagundes ★ Gio Lisboa	Pretinho Básico	...ele fez aniversário no próximo dia 7 e eu não quero esquecer de novo... Sim eu sei que posso acabar esquecendo, porque me conhece... então quero ajuda de vocês homens o que eu faço para recompensar ter esquecido no ano passado porque, tipo , eu não apenas esqueci, também marquei de sair com uma amiga no ano passado...	Tipo
62	Pretinho Básico 02/12/2022 18h ★ Neto Fagundes ★ Gio Lisboa	Pretinho Básico	Semana com uma turma linda ou nem::::::::::::: nem tão linda assim, Pretinho Básico está no ar para... escolha o Sicredi onde o dinheiro rende um mundo melhor vá em sicredi.com.br	Onde
63	Pretinho Básico 02/12/2022 18h ★ Neto Fagundes ★ Gio Lisboa	Pretinho Básico	Amanhã eu falei Sisu às 8:00 da noite... símbolo.com.br.... Criciúma .domingão no buteco Comedy em Canoas, onde eu caí do palco sem queda de luz já falamos lá com o João Felipe...	Onde
64	Pretinho Básico 02/12/2022 18h ★ Neto Fagundes ★ Gio Lisboa	Pretinho Básico	Eu peguei várias minas, onde , eu peguei várias minas quando estava na praia, cara.	Onde
65	#112 – Retrospectiva ouvintes, Inteligência Artificial e Natal	Podcast Para Tudo	Aqui é um lugar para falar sobre tudo, um lugar para a gente comentar aquilo que aconteceu na semana, pensamentos aleatórios, dicas interessantes ou não, eu sou Lorelay Fox, então vem comigo.	Então
66	#112 – Retrospectiva ouvintes, Inteligência Artificial e Natal	Podcast Para Tudo	eu vou na sexta na comunicom, então se você for na sexta, me encontra lá...	Então

67	#112 – Retrospectiva ouvintes, Inteligência Artificial e Natal	Podcast Para Tudo	mas assim, tipo existe mesmo essa lei de murphy, né? Porque no dia que eu vou lavar roupa, eu não tenho vergonha nenhuma de dizer que eu sou a pessoa que deixa a roupa estendida por oito dias...	Tipo
68	#112 – Retrospectiva ouvintes, Inteligência Artificial e Natal	Podcast Para Tudo	Sabe, tipo , só na próxima lavagem que eu vou tirar essa roupa do varal, eu não ligo...	Tipo
69	Mamilos Cultura 85: Filme – Passagem – revisitando traumas	Mamilos	É interessante o filme que ela está sempre procurando uma passagem, então eu acho... o que eu penso sobre esse primeiro ponto que você levantou, eu fico na dúvida, onde foi a guerra...	Então
70	Mamilos Cultura 85: Filme – Passagem – revisitando traumas	Mamilos	As cenas vão se repetindo, Né? Então como que você rompe com o ciclo? Só sair não basta...	Então
71	Mamilos Cultura 85: Filme – Passagem – revisitando traumas	Mamilos	...como que você rompe com o ciclo? Só sair não basta... mas ficar tem um peso muito grande. Então eu gosto porque me traz as camadas que tem para ir...	Então
72	Mamilos Cultura 85: Filme – Passagem – revisitando traumas	Mamilos	Tipo , parece que você vai assistir um filme sobre o resultado de ter sofrido um atentado durante o trabalho	Tipo
73	Mamilos Cultura 85: Filme – Passagem – revisitando traumas	Mamilos	Mas o que eu acho, tipo , que o filme traz essa reflexão, é... rasa, né?	Tipo
74	Mamilos Cultura 85: Filme – Passagem – revisitando traumas	Mamilos	É interessante o filme que ela está sempre procurando uma passagem, então eu acho... o que eu penso sobre esse primeiro ponto que você levantou, eu fico na dúvida, onde foi a guerra...	Onde
75	Mamilos Cultura 85: Filme – Passagem – revisitando traumas	Mamilos	Ele ficou no lugar, onde sofreu, ela foi o mais distante possível do lugar que ela sofreu...	Onde
76	O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA	Os Economistas Podcast	...iniciou a carreira na própria gestora é isso e só que só trampou lá desde então ... desde então só lá caramba tá ligado...	Então

	BOLSA (Guepardo Investimentos)...			
77	O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA (Guepardo Investimentos)...	Os Economistas Podcast	Você tem dois dias de ganhar dinheiro um jeito na contramão e o outro jeito é achar alguma coisa desconhecida que ninguém conhece... por exemplo... a nossa maior posicionada guepardo eu vou cabrar. Então quando você encontra uma empresa que o mercado não acompanha os analistas...	Então
78	O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA (Guepardo Investimentos)...	Os Economistas Podcast	A maior marca do Brasil a número um de tênis da marca Nike em volume de pares... e então se você somasse três marcas dela em tênis ela vende...	Então
79	O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA (Guepardo Investimentos)...	Os Economistas Podcast	É a maior a que mais cresce é desalavancada, quer dizer, é uma empresa geradora de caixa pagadora de dividendos, então assim é uma empresa assim redondinha com marcas Tops...	Então
80	O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA (Guepardo Investimentos)...	Os Economistas Podcast	É uma porcaria, então todo mundo, a gente brinca aqui, desculpa o palavrão, mas sorvete de creme com merda quando você junta o sorvete de creme com merda por mais sorvete de creme que você coloque sempre tem merda lá então não adianta então.	Então
81	O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA (Guepardo Investimentos)...	Os Economistas Podcast	...por mais sorvete de creme que você coloque sempre tem merda lá, então não adianta, então .	Então
82	O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA (Guepardo Investimentos)...	Os Economistas Podcast	...isso destruir a valor lá dentro... a Petrobras fazer aquele monte de coisa que fazia e não fazia bosta nenhuma... então exato mas não vou	Então
83	O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA (Guepardo Investimentos)...	Os Economistas Podcast	Então se o cara vendeu para a gente, já falou de estoque livrou, se livrou, e na época o mercado ainda ficou com preconceito...	Então

84	O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA (Guepardo Investimentos)...	Os Economistas Podcast	Esses são os vereadores, então comenta muito dinheiro só do quando sai muito dinheiro, acaba caindo...	Então
85	O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA (Guepardo Investimentos)...	Os Economistas Podcast	Então , se vocês que entraram na guepardo vocês me acham lá....	Então
86	O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA (Guepardo Investimentos)...	Os Economistas Podcast	Então , para vocês terem uma ideia, tá isso aqui só para acabar bem o programa o pessoal dormir feliz...	Então
87	O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA (Guepardo Investimentos)...	Os Economistas Podcast	Então assim, para vocês terem uma ideia do tamanho do problema que foi criado na Venezuela...	Então
88	O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA (Guepardo Investimentos)...	Os Economistas Podcast	Então , é isso que tem que passar longe para o mercado continuar funcionando, a bolsa, a renda variável, e a gente continua continuar ganhando...	Então
89	O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA (Guepardo Investimentos)...	Os Economistas Podcast	Mais um episódio do podcast os economistas ou melhor podcast economia do Brasil nesse formato tá, tipo tem outros podcast as vezes com mais audiência outros com menos, mas nesse formato...	Tipo
90	O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA (Guepardo Investimentos)...	Os Economistas Podcast	...não tem Business ruim lá dentro que a gente brinca, que tem muita empresa... que a empresa é boa, mas tem um negócio ruim dentro da empresa sempre, tem um negocinho, tipo Alpargatas	Tipo
91	O SEGREDO PARA GANHAR DINHEIRO NA BOLSA (Guepardo Investimentos)...	Os Economistas Podcast	...é onde eu posto qualquer coisa mas daí eu falo do socialismo porque que é ruim eu falo	Onde

92	Os Pingos nos Is – 02/12/2022 – Lula quer Maduro/ Mourão a toalha/ Índios contra Moraes	Os Pingos nos Is	Gente, todo mundo esqueceu do principal armadura é uma criatura do Lula... Então... É... não precisa de muita outra explicação para isso quer dizer...	Então
93	Os Pingos nos Is – 02/12/2022 – Lula quer Maduro/ Mourão a toalha/ Índios contra Moraes	Os Pingos nos Is	Mas você vai ter que engolir, você vai ter que conviver com isso, então o que nos resta é a perspectiva de futuro e a perspectiva de futuro é que você só terá condição de reconstituir o mínimo das proteções dos direitos individuais do cidadãos	Então
94	Os Pingos nos Is – 02/12/2022 – Lula quer Maduro/ Mourão a toalha/ Índios contra Moraes	Os Pingos nos Is	Mas, o por enquanto, se ele puser os pés lá ele vai preso, né? Tipo , não porque ele seja o de som ditador mas porque ele é traficante o segundo homem do regime venezuelano...	Tipo
95	Os Pingos nos Is – 02/12/2022 – Lula quer Maduro/ Mourão a toalha/ Índios contra Moraes	Os Pingos nos Is	Eu costumo dizer Daniel que o servidor público é um ser que vem de um planeta que ninguém sabe exatamente de onde vem e que se prolifera muito aqui...	Onde
96	Os Pingos nos Is – 02/12/2022 – Lula quer Maduro/ Mourão a toalha/ Índios contra Moraes	Os Pingos nos Is	...justamente para que para conter essas vaidades delirantes esses ditadores de alma, né? Contraposição contra os seus direitos que devem ter um peso onde você pode recorrer...	Onde
97	PÂNICO – 02/12/2022 – Apóstolo Arnaldo	Pânico	Esse é o e-mail para você contratar já a agenda aberta para o ano que vem tá certo, então você pode mandar o seu e-mail para levar para sua cidade contato	Então
98	PÂNICO – 02/12/2022 – Apóstolo Arnaldo	Pânico	...faz bastante tempo, ai veio pra minha igreja... nós tá aceitando veado, então aí deu uma realizada pessoal...	Então
99	PÂNICO – 02/12/2022 – Apóstolo Arnaldo	Pânico	...A Nissan também ela foi o carro oficial das olimpíadas aqui no Brasil, então você pescar com ele e parece que tão entregando uma Frontier para você também	Então

100	PÂNICO – 02/12/2022 – Apóstolo Arnaldo	Pânico	Quando um patrocínio vai para um time, ele chamou os dois, e dão patrocínio para os dois times se não você cria uma torcida contra... e::::: que.... não vai mais procurar o teu carro por conta de São Paulo, não tem problema, Rio de Janeiro não tem esse problema, tipo são muitas marcas... muitas marcas	Tipo
101	PÂNICO – 02/12/2022 – Apóstolo Arnaldo	Pânico	A Iveco teve uma ação pontual pra Patrocinar só aquele jogo da Libertadores onde o Corinthians foi campeão quando saiu da fila e também... ou seja, é o perigo de você Patrocinar...	Onde
102	#119 – Poligamia, medo de envelhecer e tempo, tempo, tempo	Empiricus Puro Malte	...meio maluco ser considerado uma pessoa de 65 anos hoje inválida, o meu pai tem mais de 70 anos e trabalha, e assim, a coisa que ele mais ama fazer na vida dele é trabalhar. Então acho que isso isso está mudando e vai mudar para melhor...	Então
103	#119 – Poligamia, medo de envelhecer e tempo, tempo, tempo	Empiricus Puro Malte	...vai chegar uma hora que não vai rolar mais, se você olha lá os recordes mundiais eles vão caindo a cada... cada... categoria eles são mais fracos, né? Então vou piorar mesmo e eu acho que vai ser muito difícil...	Então
104	#119 – Poligamia, medo de envelhecer e tempo, tempo, tempo	Empiricus Puro Malte	...o que eu acho de o medo de envelhecer, eu acho que são uma das coisas para mim, pelo menos, é começam a diminuir suas possibilidades sabe? Então hoje eu ainda sinto que, embora, nem seja verdade, mas parece que a gente tem a vida inteira pela frente né?	Então
105	#119 – Poligamia, medo de envelhecer e tempo, tempo, tempo	Empiricus Puro Malte	Mas então tem coisas que você podia fazer que você não pode mais isso me angustia bastante fora a possibilidade de doença.	Então
106	#119 – Poligamia, medo de envelhecer e tempo, tempo, tempo	Empiricus Puro Malte	Como... como espécie, você vai morrer antes e talvez a espécie evolucionária que::::: que o gene me parece dominante de gostar da vida, né, então eu acredito que o ato de envelhecer me aproximava da Morte	Então
107	#119 – Poligamia, medo de envelhecer	Empiricus Puro Malte	Além daquela série do Wall que eu comentei da casa dos Campeões tem uma série de reportagem sobre a TV e a Copa então eu li	Então

	e tempo, tempo, tempo		ontem uma matéria sobre o a história do etetra do Galvão	
108	#119 – Poligamia, medo de envelhecer e tempo, tempo, tempo	Empiricus Puro Malte	... então ele conta do dia o Arnaldo Pelé aí depois vi uma daquele Fernando Vanutti que morreu já eu nem sabia da história que acho que ele apresentou bêbado um dia...	Então
109	#119 – Poligamia, medo de envelhecer e tempo, tempo, tempo	Empiricus Puro Malte	Então , você quer dizer que se não tivesse tão frio vamos analisar o contra factual você tá dizendo que não tivesse frio os nazistas seriam ganhando a guerra..	Então
110	#119 – Poligamia, medo de envelhecer e tempo, tempo, tempo	Empiricus Puro Malte	...ia dar essa dica também, mas então eu vou dar a farmácia de um livrinho curto que resume a sintetiza as ideias que é uma filósofa americana...	Então
111	#119 – Poligamia, medo de envelhecer e tempo, tempo, tempo	Empiricus Puro Malte	Eu confio muito no Rodolfo, tipo o Rodolfo tá na frente de todo mundo no bolão da empresa...	Tipo
112	#119 – Poligamia, medo de envelhecer e tempo, tempo, tempo	Empiricus Puro Malte	...para mim é muito mais legal assistir um jogo tipo do Japão que assim se perder tá tudo bem...	Tipo
113	#119 – Poligamia, medo de envelhecer e tempo, tempo, tempo	Empiricus Puro Malte	...eu fui pegar questões das relações humanas de outros povos que podem causar algum tipo de estranheza na gente que aqui do ocidente e uma coisa muito comum no mundo árabe no mundo islâmico é a poligamia	Tipo
114	#119 – Poligamia, medo de envelhecer e tempo, tempo, tempo	Empiricus Puro Malte	Cara, acho que eu tô melhorando não, eu acho que:::::: eu penso muito nisso por causa da natação, né? Tem os tempos, tipo amanhã eu vou competir, eu tô assim, caramba será que eu consigo fazer o tempo que eu fazia quando eu tinha 15 anos...	Tipo
115	#119 – Poligamia, medo de envelhecer e tempo, tempo, tempo	Empiricus Puro Malte	Até quando ele discorda, de um jeito assim... Elegante, charmoso, cara interessante, leitor, tipo , ele ler o dia inteiro	Tipo
116	#119 – Poligamia, medo de envelhecer	Empiricus Puro Malte	...muita gente diz que ela não é filósofa na verdade, mas ela é, que... fala do pouco desse	Tipo

	e tempo, tempo, tempo		colete, vi a revolta de Altas ficou super famoso, tipo assim... é um livro enorme e tal.	
117	#119 – Poligamia, medo de envelhecer e tempo, tempo, tempo	Empiricus Puro Malte	...tem alguns lugares de prática de esporte Público aqui em São Paulo, inclusive onde eu e o Felipe jogamos bola aos sábados que estão com uma espécie de mostrar ali...	Onde
118	PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD	PODDELAS	a gente vai falar muito das previsões de dezembro, a gente vai falar de cada SIGNO, tá? Então , manda para as amigas, manda para os amigos, compartilha no no grupo de WhatsApp...	Então
119	PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD	PODDELAS	já Mande o nome da pessoa também completo, cadastro nascimento da pessoa também, Beleza? Então , ó, não se esqueça disso não, e a pergunta...	Então
120	PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD	PODDELAS	...a lua é que vai comandar o planeta, então nós fizemos ontem um especial né? Nossa...	Então
121	PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD	PODDELAS	Cara, eu tô até triste, porque é muito trabalho, né? Então assim, hoje eu levantei às 6:30 da manhã, já fui fazer um job e já voltei, já tô aqui	Então
122	PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD	PODDELAS	Então a pessoa me pergunta, eu nem gosto que fique viciada em mim, que eu acho um saco, sabe? Mas assim, eu lá eu falo a verdade.	Então
123	PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD	PODDELAS	Depois da gente fazer aniversário, você tá no caos, então é a época de você, por exemplo, pede um anho...	Então
124	PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD	PODDELAS	Ou você entra no lugar de energia baixa, ou então com o espírito você começa a abrir a boca, ou então quando você tá com sono, né?	Então
125	PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM	PODDELAS	Nós estamos conversando aqui, tem quantas pessoas aí? Um monte de gente ligado na	Então

	MÁRCIA SENSITIVA – POD		gente, muita energia, né? Então essa energia você pode sentir de um outro aí...	
126	PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD	PODDELAS	É tem que tipo eu trabalho com isso...	Tipo
127	PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD	PODDELAS	Cara, que deu tudo vai mandar, embora é tipo essas coisas devo pedir demissão ou não essas coisas...	Tipo
128	PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD	PODDELAS	Eu quero saber, de tipo , o mês de dezembro, assim... normalmente eu não sei se é porque eu presto mais atenção, mas tem muita tragédia, não tem... não sei... normalmente vai ter muita tragédia....	Tipo
129	PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD	PODDELAS	Diz que tava no Einstein hoje, que tipo assim, quando vai fazer aniversário que alguém fala para ela onde ela tem que estar por conta dos ácidos tem que fazer o mapa...	Tipo
130	PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD	PODDELAS	não é pudor de vergonha por dor assim eu vou fazer mesmo vocês podem me chamar de que for eu vou fazer tipo a Rihanna...	Tipo
131	PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD	PODDELAS	Como é que faz com essas perguntas manda onde no WhatsApp?	Onde
132	PREVISÕES PARA DEZEMBRO COM MÁRCIA SENSITIVA – POD	PODDELAS	quando vai fazer aniversário que alguém fala para ela onde ela tem que estar por conta dos ácidos tem que fazer o mapa...	Onde
133	RapaduraCast 744 – Os Primeiros no Cinema	RapaduraCast – Podcast de Cinema e Streaming	Você tinha que gravar e colocar nas fintas, então é bizarro...	Então

134	RapaduraCast 744 – Os Primeiros no Cinema	RapaduraCast – Podcast de Cinema e Streaming	Vamos falar sobre as coisas que aconteceram no universo, tipo assim, em 1902 foi a primeira vez que apareceu o XPTO...	Tipo
135	RapaduraCast 744 – Os Primeiros no Cinema	RapaduraCast – Podcast de Cinema e Streaming	Esse filme, tipo , são mais de três mil figurantes, ele foi gravado no museu, né?	Tipo
136	RapaduraCast 744 – Os Primeiros no Cinema	RapaduraCast – Podcast de Cinema e Streaming	Os personagens meio que vão andando pelos corredores, tipo , esse filme é muito lindo, mas vou confessar aqui que ele é chatinho	Tipo
137	#50: A trend dos desenhos, a nova Gisele e caos em grupo de K-pop	Me conte uma fofoca	Mona, eu tenho uma fofoca babado para te contar... Então me conta essa fofoca...	Então
138	#50: A trend dos desenhos, a nova Gisele e caos em grupo de K-pop	Me conte uma fofoca	Você paga uma determinada quantia, pode dar nome ao bicho, e sempre recebe notícias de como está o animal, ai que bonitinho! Richarlyson, então escolheu e adotou uma delas que carinhosamente chamou de Acerola...	Então
139	#50: A trend dos desenhos, a nova Gisele e caos em grupo de K-pop	Me conte uma fofoca	Durante todo esse tempo que a Gisele saiu não existiu o modelo, sabe, e que essa menina é tipo tudo diferente que tudo foi feito, sabe?	Tipo
140	#50: A trend dos desenhos, a nova Gisele e caos em grupo de K-pop	Me conte uma fofoca	Eu tô falando sério, essa menina printou vários sites e tipo assim, todos os títulos era conheça a Sara, a modelo que está revolucionando o cenário...	Tipo
141	#50: A trend dos desenhos, a nova Gisele e caos em grupo de K-pop	Me conte uma fofoca	Colocaram que a menina racializada e aí a menina tipo assim tem uma avó que é mentira são muitas camadas essa fofoca sabe?	Tipo
142	#50: A trend dos desenhos, a nova Gisele e caos em grupo de K-pop	Me conte uma fofoca	...são muitas camadas essa fofoca, sabe, muito tipo assim, com o apoio do Paulo Borges lá do São Paulo Fashion Week...	Tipo
143	Previsões 2023	Astrológicas	Quando a gente faz uma análise de tendencias sobre o ano, a gente avalia os planetas que	Então

			vão ingressar nos signos, que vão fazer novos movimentos, a gente olha assim para esse primeiro de janeiro do ano, porque afinal de contas porque o réveillon ele traz umas preces ali, tá todo mundo ali sintonizando um novo ano, novas energias, então óbvio que esse momento é importante...	
144	Previsões 2023	Astrológicas	Pode ser situações que afetam as pessoas, pode inclusive vir pelas águas, pode ser, né, muita chuva, até mesmo algo pelo mar, então esse saturno em peixes será um grande exercício para todos nós...	Então
145	Previsões 2023	Astrológicas	E com isso, a gente tem uma quantidade de episódios enormes para que as pessoas continuem ouvindo a gente, e são episódios para ouvir e ouvir de novo porque são verdadeiras aulas como a gente falou , né, então quem quer se aprofundar, quem quer saber mais, vai ter aí esse episódio de agora, e mais os especiais de saturno...	Então
146	Previsões 2023	Astrológicas	Passar por situações onde será necessário realizar mais esse exercício compassivo...	Onde
147	Café Brasil 850 – Vida caótica	Café Brasil	Então chega mais, eu quero fazer uma perguntinha para você....	Então
148	Café Brasil 850 – Vida caótica	Café Brasil	Quer chegar sempre numa boa? Aí então não se esqueça, peça ao seu mecânico de confiança uma revisão ou quando precisar daquele reparo...	Então
149	Café Brasil 850 – Vida caótica	Café Brasil	Você quer pegar sua moto no conforto e chegar onde quiser?	Onde
150	Café Brasil 850 – Vida caótica	Café Brasil	De onde vem esse programa, tem muito mais, muito mais, acesse o cafebrasil.com e torne-se um assinante...	Onde
151	S05E40 – Pen Drive, Tinder e Corte na Educação MIDCast...	MIDCast Política	Agora, vamos encerrar por aqui, então o momento cômico, mas voltaremos em breve....	Então
152	S05E40 – Pen Drive, Tinder e	MIDCast Política	... vai ser sobre os quadrinhos na Paraíba, então quem tiver interesse, ou querer saber um pouco mais, ou só assistir mesmo...	Então

	Corte na Educação MIDCast...			
153	S05E40 – Pen Drive, Tinder e Corte na Educação MIDCast...	MIDCast Política	Então a galera tem uma história muito longa nos quadrinhos, e vale a pena conhecer um pouco melhor...	Então
154	S05E40 – Pen Drive, Tinder e Corte na Educação MIDCast...	MIDCast Política	Então , se você já leu e quer conhecer o episódio, se você não leu, sugiro que leia, porque é um livro, muito, muito, muito foda...	Então
155	S05E40 – Pen Drive, Tinder e Corte na Educação MIDCast...	MIDCast Política	Aqui, na moral, as foto dela agora, tipo , não parece uma exposição experimental de museu de artes	Tipo
156	S05E40 – Pen Drive, Tinder e Corte na Educação MIDCast...	MIDCast Política	Ela tá com uma cara TIPO assim, me tirem desse lugar pelo amor de Deus...	Tipo
157	S05E40 – Pen Drive, Tinder e Corte na Educação MIDCast...	MIDCast Política	Bom, hoje não temos Diego, Adyr, por onde anda Adyr, não sabemos, simplesmente não sabemos...	Onde
158	Fundos Imobiliários	PoupeCast	Então quer dizer que a black Friday acabou, mas a de fundos imobiliários continua, é tipo isso...	Então
159	Fundos Imobiliários	PoupeCast	Os fundos imobiliários são do tipo fechados, o que é isso, um pedacinho dele você vai comprar e vender para outra pessoa, então você vai negociar entre investidores...	Então
160	Fundos Imobiliários	PoupeCast	Agora ele, com fundos imobiliários, com outros tipos de fundos, não tão elegantes também, Cadu...	Tipo
161	Fundos Imobiliários	PoupeCast	Então quer dizer que a black Friday acabou, mas a de fundos imobiliários continua, é tipo isso?	Tipo
162	Fundos Imobiliários	PoupeCast	Prof, quanto de dinheiro um pessoa precisa ter para investir no fundo imobiliário, tipo , no mínimo?	Tipo
163	Fundos Imobiliários	PoupeCast	Os fundos imobiliários são do tipo fechados, o que é isso, um pedacinho dele você vai	Tipo

			comprar e vender para outra pessoa, então você vai negociar entre investidores...	
164	Fundos Imobiliários	PoupeCast	O fundo mais caro que eu já vi, foi de R\$ 2,500 reais, e tipo assim, é muito específica, nem é o normal, normal....	Tipo
165	Fundos Imobiliários	PoupeCast	Natália, fala para mim, onde eu consigo um fundo para investir R\$ 10 reais, por favor....	Onde
166	CD Talks #09: Alcione Pereira	O Antagonista	...vai falar sobre isso hoje com instituições que promovem alimentação para para população de rua, né? Então , olha só que bacana eu quando li...	Então
167	CD Talks #09: Alcione Pereira	O Antagonista	Eu sou formada em engenharia de alimentos, então muito naturalmente entrei no mercado corporativo, né?	Então
168	CD Talks #09: Alcione Pereira	O Antagonista	...seguindo a sua carreira e vai sendo promovida, né? Então , eu me adaptei muito bem, né, ao mundo corporativo.	Então
169	CD Talks #09: Alcione Pereira	O Antagonista	...para redução do desperdício de alimentos no Brasil, então eu criei o servido aqui no Brasil junto com parceiro da Embrapa...	Então
170	RECORDES MAIS ALEATÓRIOS DO GUINNESS BOOK Lista da Razão #09	Donos da Razão	É tipo uma nova roupagem, né?	Tipo
171	RECORDES MAIS ALEATÓRIOS DO GUINNESS BOOK Lista da Razão #09	Donos da Razão	Que momento da vida a pessoa fala assim, tipo , eu vou bater esse recorde aqui....	Tipo
172	RECORDES MAIS ALEATÓRIOS DO GUINNESS BOOK Lista da Razão #09	Donos da Razão	E é uns recordes malucos, a pessoa ficou tipo , a pessoa que estourou mais bexiga em menos de um minutos....	Tipo
173	RECORDES MAIS ALEATÓRIOS DO GUINNESS BOOK Lista da Razão #09	Donos da Razão	Sem contar que tem umas coisas, tipo assim, ah, o voo mais alto da história, a maior língua da história...	Tipo
174	RECORDES MAIS ALEATÓRIOS DO	Donos da Razão	...eu nunca imagino um raio, tipo , cair em uma pessoa...	Tipo

	GUINNESS BOOK Lista da Razão #09			
175	RECORDES MAIS ALEATÓRIOS DO GUINNESS BOOK Lista da Razão #09	Donos da Razão	No caso eu acho que não é ele que prova, né, eu acho, tipo , quando você vira notícia a galera do Guinness vai atrás...	Tipo
176	T2 EP 13 – Música de Beija-Flor	Choque de Cultura – Ambiente de Música	Aquela música lá do Charles Brown que parecia inofensiva, então capaz de ser sobre um beija-flor...	Então
177	T2 EP 13 – Música de Beija-Flor	Choque de Cultura – Ambiente de Música	Então tivemos uma música exaltando a maconha, Natiruts, e outra perigosa exaltando o amor, do Cazuza...	Então
178	T2 EP 13 – Música de Beija-Flor	Choque de Cultura – Ambiente de Música	Vamos encerrar, então , vamos encerrar...	Então
179	T2 EP 13 – Música de Beija-Flor	Choque de Cultura – Ambiente de Música	Bacana você abrir o seu coração, Renan, mas tipo , chegou a hora de escolher a sua música de beija-flor...	Tipo
180	T2 EP 13 – Música de Beija-Flor	Choque de Cultura – Ambiente de Música	Que papai do céu o abençoe onde ele estiver, né?	Onde
181	EP 211 – ZÉ LEZIN	TICARACATIC AST	Então , é isso, lembrando que também temos o super chat e você pode participar...	Então
182	EP 211 – ZÉ LEZIN	TICARACATIC AST	O que foi que eu fiz da minha vida artística eu privilegiei o Nordeste, então eu vou para todo canto, o show que eu faço nas capitais, nos centros Convenções...	Então
183	EP 211 – ZÉ LEZIN	TICARACATIC AST	...uma filha a quem eu amo de paixão e eu tenho que proteger ela e a mãe dela também, tipo , porque minha filha ela é autista..	Tipo
184	EP 211 – ZÉ LEZIN	TICARACATIC AST	Dependendo de onde tiver o celular...	Onde
185	EP 211 – ZÉ LEZIN	TICARACATIC AST	Eu não pude comparecer à festa, onde estava muito cansado ...	Onde

186	EP 211 – ZÉ LEZIN	TICARACATIC AST	Onde fica, aí chegaram em casa, chegaram em casa o telefone começou a tocar, a velha foi para cozinha, “ôme pela amor de Deus, atenda pelo menos o telefone...	Onde
187	#447 – Jeska fazendo exercícios da fono e o karma veio aí	DIÁRIO DE BORDO	Os exercícios de áudio, tipo , enfim..	Tipo
188	#447 – Jeska fazendo exercícios da fono e o karma veio aí	DIÁRIO DE BORDO	Tipo , você relaxa toma uma agulha é um exercício...	Tipo
189	#447 – Jeska fazendo exercícios da fono e o karma veio aí	DIÁRIO DE BORDO	Daí ele tira o pigarro, e tipo assim, as vezes eu tô com o pigarro e vendo TV...	Tipo
190	#447 – Jeska fazendo exercícios da fono e o karma veio aí	DIÁRIO DE BORDO	E Porto Alegre quando é verão, e tipo assim, você sua para caralho...	Tipo

Fonte: A pesquisadora.